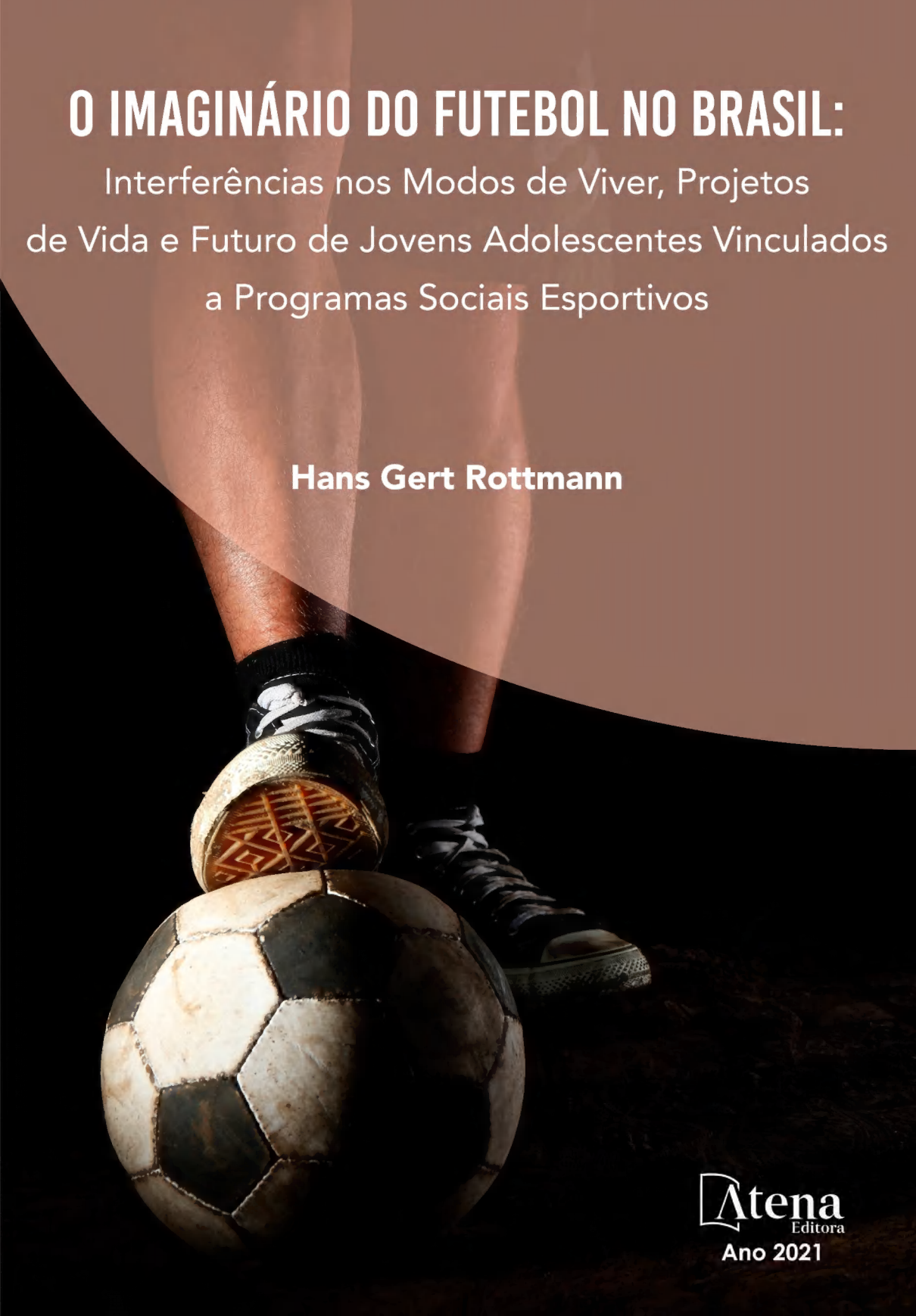
O IMAGINÁRIO DO FUTEBOL NO BRASIL:

Interferências nos Modos de Viver, Projetos de Vida e Futuro de Jovens Adolescentes Vinculados a Programas Sociais Esportivos

Hans Gert Rottmann



Atena Editora
Ano 2021

O IMAGINÁRIO DO FUTEBOL NO BRASIL:

Interferências nos Modos de Viver, Projetos de Vida e Futuro de Jovens Adolescentes Vinculados a Programas Sociais Esportivos

Hans Gert Rottmann

Atena Editora
Ano 2021

Editora Chefe
Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Assistentes Editoriais
Natalia Oliveira
Bruno Oliveira
Flávia Roberta Barão
Bibliotecária
Janaina Ramos
Projeto Gráfico e Diagramação
Natália Sandrini de Azevedo
Camila Alves de Cremo
Luiza Alves Batista
Maria Alice Pinheiro
Imagens da Capa
Shutterstock
Edição de Arte
Luiza Alves Batista
Revisão
O Autor

2021 *by Atena Editora*
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2021 Os autores
Copyright da Edição © 2021 Atena Editora
Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial
Ciências Humanas e Sociais Aplicadas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Atena Editora
Ano 2021

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant'Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Atena Editora
Ano 2021

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde
Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias
Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes
Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico
Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Atena
Editora
Ano 2021

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Atena Editora
Ano 2021

O imaginário do futebol no Brasil: interferências nos modos de viver, projetos de vida e futuro de jovens adolescentes vinculados a programas sociais esportivos

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: O Autor
Autor: Hans Gert Rottmann

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R851 Rottmann, Hans Gert
O imaginário do futebol no Brasil: interferências nos modos de viver, projetos de vida e futuro de jovens adolescentes vinculados a programas sociais esportivos / Hans Gert Rottmann. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-702-4
DOI 10.22533/at.ed.024211201

1. Futebol. 2. Brasil. 3. Juventudes. 4. Imaginário. 5. Programas sociais. 6. Projetos sociais. 7. Práticas educativas. I. Rottmann, Hans Gert. II. Título.
CDD 796.3340981

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena Editora
Ano 2021

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

DECLARAÇÃO DO AUTOR

O autor desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao manuscrito científico publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção do respectivo manuscrito, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certifica que o manuscrito científico publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

PREFÁCIO

O presente livro, baseado em minha Tese de Doutorado em Educação, apresenta as possíveis interferências do imaginário acerca do futebol no país, sobre modos de viver, projetos de vida e futuro de jovens adolescentes praticantes dessa modalidade no contexto de três Programas/Projetos Sociais Esportivos (PPSE) da Grande Porto Alegre. Para isso, foram realizados grupos de discussão com jovens adolescentes e entrevistas com monitores, professores e gestores em três programas/projetos sociais diferentes que desenvolvem estratégias e ações educativas por meio de atividades ligadas ao futebol. O estudo, de caráter exploratório descritivo, eminentemente qualitativo, na forma de um estudo de caso, possui uma perspectiva fenomenológica hermenêutica e se serviu da análise textual discursiva para tratamento dos materiais produzidos. A análise sobre o imaginário do futebol entre jovens adolescentes utilizou-se principalmente dos pressupostos teóricos de Cornelius Castoriadis (1982, 1987 e 2007) e Michel Maffesoli (1996, 2005 e 2006). Com o intuito de entender como o futebol se consolidou como o esporte de maior importância no país, a pesquisa resgatou a história desse esporte no mundo até sua chegada ao Brasil, transformando-se em símbolo nacional. O campo de pesquisa envolveu encontros realizados em três Programas/Projetos Sociais localizados na Grande Porto Alegre, a partir de observações registradas em grupos de discussão com os jovens, em notas de campo e entrevistas semiestruturadas com educadores. Disso resultaram cinco linhas de sentido a partir das quais foi montada a compreensão geral do fenômeno estudado, a saber: a) Futebol, imaginário, carreira e dinheiro; b) Ídolos do futebol, clubes, identificações e heroísmo; c) Sociabilidades esportivas, redes de convivência, interatividade e riscos sociais; d) Espaços para aprendizagens, valorização da escola, inclusão e reconhecimento; e) Futebol: símbolo nacional, paixão, herança e subjetividades. A pesquisa desenvolvida resultou nesta tese, segundo a qual as narrativas dos jovens adolescentes que praticam futebol, no contexto de Programas/Projetos Sociais Esportivos, expressam, em grande medida, o imaginário do futebol no país - construído hegemonicamente por discursos e representações midiáticas -, sobre o qual as práticas educativas desempenham um papel de mediação que pode interferir positivamente nos modos de ser e viver, nos projetos de vida e futuro dos jovens adolescentes.

Hans Gert Rottmann

PREFACE

This book, based on my doctoral thesis in education, presents the possible interference of the imaginary concerning soccer in the country, about the ways of living, life projects and future of young teenagers practicing that modality in the context of sporting social programs/ projects (SSPP) of Porto Alegre surroundings. For that, one accomplished discussion groups with young teenagers and interviews with monitors, teachers and managers in three different social programs/projects that develop strategies and educational actions by means of activities linked to soccer. The study of an exploratory descriptive character, eminently qualitative, in the form of a case study, it gets a hermeneutic phenomenological perspective and has used the discursive textual analysis to treat the produced materials. The analysis about the imaginary of soccer among young teenagers was mainly based on the theoretical assumptions of Cornelius Castoriadis (1982, 1987 e 2007) and Michel Maffesoli (1996, 2005 e 2006). In order to understand how soccer has consolidated itself as the most important sport in the country, the research brought back the history of this sport in the world until its coming to Brazil and then becoming a national symbol. The research field involved meetings held in three social programs/projects located in Porto Alegre surroundings, based on observations recorded in discussion groups with young people, field notes and semi-structured interviews with educators. From this resulted five lines of meaning from which the general understanding of the studied phenomenon was set up, namely: a) Soccer, imaginary, career and money; b) Soccer idols, clubs, identifications and heroism; c) Sporting sociability, living together networks, interactivity and social risks; d) Spaces for learning, appreciation of the school, inclusion and recognition; e) Soccer: national symbol, passion, inheritance and subjectivities. This thesis resulted from the research developed, according to which the narratives of the young teenagers who practice soccer, in the context of sporting social programs/projects, largely express, the imaginary of soccer in the country – hegemonically constructed by speeches and media representations –, in which educational practices play a mediating role that can positively interfere in the ways of being and living, in the life projects and future of young teenagers

Hans Gert Rottmann

PREFACIO

El presente libro, basado em mi Tesis Doctoral em Educación, presenta las posibles interferencias del imaginario cerca del fútbol en el país, sobre modos de vivir, proyectos de vida y futuro de jóvenes adolescentes practicantes de esa modalidad en el contexto de tres programas/proyectos sociales deportivos (PPSE) de la Grande Porto Alegre. Para eso, fueron realizados grupos de discusiones con jóvenes adolescentes y encuestas con monitores, profesores y gestores en tres programas/ proyectos sociales diferentes que desarrollan estrategias y acciones educativas por medio de actividades relacionadas al fútbol. El estudio, de carácter exploratorio descriptivo, eminentemente cualitativo, en la forma de un estudio de caso, posee una perspectiva fenomenológica hermenéutica y se sirvió del análisis textual discursivo para tratamiento de los materiales producidos. El análisis sobre el imaginario del fútbol entre jóvenes adolescentes se utilizó principalmente de los presupuestos teóricos de Cornelius Castoriadis (1982, 1987 e 2007) y Michel Maffesoli (1996, 2005 e 2006). Con el intuito de entender como el fútbol se consolidó como el deporte de mayor importancia en el país, la búsqueda rescató la historia de ese deporte en el mundo hasta su llegada al Brasil, transformándose en símbolo nacional. El campo de investigación envolvió encuentros realizados en tres programas/proyectos sociales ubicados en la Grande Porto Alegre, a partir de observaciones registradas en grupos de discusiones con os jóvenes, en notas de campo y encuestas semiestructuradas con educadores. De eso resultaron cinco líneas de sentido a partir de las cuales fue construida la comprensión general del fenómeno estudiado, a saber: a) Fútbol, imaginario, carrera y dinero; b) Ídolos del fútbol, clubes, identificaciones y heroísmo; c) Sociabilidades deportivas, redes de convivencia, interactividad y riesgos sociales; d) Espacios para aprendizajes, valoración de la escuela, inclusión y reconocimiento; e) Fútbol: símbolo nacional, pasión, herencia y subjetividades. De la investigación desarrollada resultó esta tesis, segundo la cual las narrativas de los jóvenes adolescentes que practican fútbol, en el contexto de programas/ proyectos sociales deportivos, expresan, en gran medida, el imaginario del fútbol en el país – construido hegemónicamente por discursos y representaciones mediáticas –, en lo cual las prácticas educativas desempeñan un papel de mediación que puede interferir positivamente en los modos de ser y vivir, en los proyectos de vida y futuro de los jóvenes adolescentes.

Hans Gert Rottmann

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 1

PERCURSO METODOLÓGICO 14

2.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO 15

2.2 PROGRAMAS/PROJETOS SOCIAIS ONDE O FUTEBOL É DESENVOLVIDO: UNIDADES DE ANÁLISE DO ESTUDO DE CASO 17

2.2.1 Os Programas/Projetos Sociais Esportivos escolhidos 18

Programa Esporte Integral (PEI) – São Leopoldo RS 19

Projeto Escolinhas Comunitárias e Ginástica Vida Saudável – Sapucaia do Sul 19

Projeto Futsal Social – Novo Hamburgo 20

2.3 JOVENS E A PRÁTICA DO FUTEBOL: QUEM SÃO OS PARTICIPANTES DO ESTUDO 21

2.4 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA E ANÁLISE DO MATERIAL 23

MARCO TEÓRICO DE REFERÊNCIA 25

3.1 CONSTRUÇÃO DE ESTADO DE CONHECIMENTO: PESQUISAS JÁ DESENVOLVIDAS DENTRO DO TEMA "FUTEBOL E EDUCAÇÃO" 25

3.2 A HISTÓRIA SOCIAL DO FUTEBOL NO MUNDO E NO BRASIL: OS DIFERENTES SENTIDOS QUE O FUTEBOL CONQUISTOU COM O PASSAR DO TEMPO 30

3.2.1 O surgimento do futebol 30

3.2.2 O começo da história do futebol no Brasil 35

3.2.3 A Copa do Mundo 38

3.2.4 O Brasil nas Copas: as decepções em casa e os títulos mundiais 41

3.2.5 Pátria das chuteiras: A construção histórica da ideia de sucesso do futebol brasileiro 44

3.2.6 O crescimento e as transformações no futebol: Do lazer à mercantilização 48

3.3 Educação e Esporte: A prática do futebol em espaços educativos 60

3.3.1 Educação Física, esportes e a escola: A inserção e consolidação do futebol nas aulas 60

3.3.2 O futebol em outros espaços educativos: os Programas/Projetos Sociais Esportivos ... 66

3.4 JUVENTUDES: UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL 74

3.5 REPRESENTAÇÕES E IMAGINÁRIO 80

3.6 O FUTEBOL E AS MÍDIAS 88

LINHAS DE ANÁLISE: PALAVRAS INTRODUTÓRIAS 98

4.1 FUTEBOL, IMAGINÁRIO, CARREIRA E DINHEIRO 100

4.2 ÍDOLOS DO FUTEBOL, CLUBES, IDENTIFICAÇÕES E HEROÍSMO 112

4.3 SOCIABILIDADES ESPORTIVAS, REDES DE CONVIVÊNCIA, INTERATIVIDADE E RISCOS SOCIAIS 124

4.4 ESPAÇOS PARA APRENDIZAGENS, VALORIZAÇÃO DA ESCOLA, INCLUSÃO E RECONHECIMENTO 133

4.5 FUTEBOL: SÍMBOLO NACIONAL, PAIXÃO, HERANÇA E SUBJETIVIDADES 148

CONSIDERAÇÕES FINAIS 161

REFERÊNCIAS 167

ANEXOS 187

SOBRE O AUTOR 206

INTRODUÇÃO

Ao traçar as linhas introdutórias deste estudo, atravessado por períodos significativos de minha vida pessoal e profissional, não poderia deixar de iniciá-lo olhando lá para trás, quando temas importantes para esta pesquisa começaram a fazer parte da minha vida, como o futebol, os estudos e as projeções para meu futuro. Lembro, como pesquisador, que toda pesquisa para ser relevante precisa considerar pelo menos três dimensões: a relevância pessoal-profissional, a relevância acadêmico-científica e a relevância social.

> Se o papel do pesquisador era sobremaneira o de um sujeito de "fora", nos últimos dez anos tem havido uma grande valorização do olhar "de dentro", fazendo surgir muitos trabalhos em que se analisa a experiência do próprio pesquisador ou em que este desenvolve a pesquisa com a colaboração dos participantes (ANDRE, 2001, p. 54, grifo do autor).

Assim, lembro bem de minha infância e juventude, residindo em uma casa dentro de um complexo esportivo que pertencia a um campus universitário, onde rapidamente me identifiquei tanto com os esportes, principalmente o futebol, como com a vida acadêmica.

Aos quinze anos, quando era atleta de um clube amador de futebol, recebi o convite para ir jogar em um grande clube de Porto Alegre. O convite nunca foi aceito, já que naquela oportunidade, para que eu pudesse passar a me dedicar mais ao futebol, teria que abandonar os estudos, o que imagino que não teria a aprovação de meus pais. Elias e Dunning (1992), em uma publicação datada mais ou menos da mesma época em que isso aconteceu em minha vida, escreveram o seguinte sobre o desporto:

> [...] é considerado como algo que se encontra situado no lado que se avalia de modo negativo no completo dicotômico de sobreposição convencionalmente aceita, como, por exemplo, entre os fenômenos de "trabalho" e "lazer", "espírito" e "corpo", "seriedade" e "prazer", "econômico" e "não econômico". Isto é, no quadro da tendência que orienta o pensamento reducionista ocidental, o desporto é entendido como uma coisa vulgar, uma atividade de lazer orientada para o prazer, que envolve o corpo mais do que a mente, e sem valor econômico (p. 17, grifo dos autores).

Mal sabia eu que a decisão de não tentar a carreira como jogador profissional de futebol acabaria nunca mais sendo esquecida por mim, pelo contrário, tantas vezes voltaria em minha mente junto com dúvidas se essa teria sido a decisão acertada. Pergunto-me se isso não seria uma forma de arrependimento, decorrente da influência dos discursos que frequentemente giram pelas principais mídias sobre o mundo do futebol e seus profissionais, sempre dispostas a anunciar e comentar a respeito dos milhões de dólares amarrados em contratos profissionais futebolísticos ou das aquisições de carros superesportivos, iates e até aviões, por jogadores de futebol. Fato é que o caminho profissional por mim escolhido acabou sendo o dos estudos e, assim, minha história com o esporte não acabou dentro dos campos de futebol, mas do lado de fora dos campos e quadras, na função de educador, técnico esportivo e gestor.

Após realizar o Curso de Licenciatura Plena em Educação Física, tive a oportunidade de lecionar em escolas e universidades nas regiões Sul, Norte e Nordeste do Brasil, onde desenvolvi diferentes projetos de iniciação esportiva e atuei como técnico esportivo nas

categorias de base, bem como em equipes profissionais.

Tendo meus interesses sempre ligados ao esporte, busquei aperfeiçoamento nessa área na Alemanha, onde realizei cursos de capacitação na área da Educação Física e esportes na "*StaatlicheSportakademie*", na cidade de Ludwigsburg. Envolvido com discussões ligadas à formação de atletas e ao esporte, realizei o Curso de Pós-Graduação em Educação Física com ênfase nos esportes. Nesse período, recebi uma proposta para trabalhar com a gestão esportiva no Centro Universitário Luterano de Palmas, Tocantins (CEULP/ULBRA), onde, mais tarde, estruturei uma coordenação voltada para a área esportivo-acadêmica. Na oportunidade, criei um programa de esportes para acadêmicos e para a comunidade local, possibilitando que eles realizassem não somente práticas esportivas, mas fizessem parte de treinamentos sistemáticos e ainda participassem de competições. Naquela época, passei a receber e trabalhar com promessas esportivas daquela região. Pude presenciar, então, como era possível, por meio do esporte, estabelecer uma aproximação maior de jovens com o Ensino Superior, principalmente através de programas de incentivo ao estudo por meio da Bolsa Atleta, cedida pelo governo federal. Ainda em ambiente universitário, tive a oportunidade de atuar como professor, coordenador de curso, gestor e técnico esportivo.

A partir da realização do curso de Mestrado em Educação, meu interesse e leituras voltaram-se cada vez mais para a área do futebol, educação e mídias. No desenvolvimento de minha dissertação, percebi como questões sobre o futebol, principalmente o brasileiro, estão diariamente estampadas nos mais variados tipos de mídias, sejam os tradicionais como revistas, jornais, rádio e televisão ou aquelas em formato digital, como sites, portais de notícias, blogs, etc. Foi a partir disso que, aos poucos, comecei a perceber como algumas transformações começaram a operar no contexto do futebol, desde o seu surgimento até os dias de hoje. Tais mudanças, ao que parece, alcançaram uma dimensão enorme, envolvendo não somente atletas profissionais, clubes, patrocinadores e as mídias, mas também os amantes da bola, como torcedores, jogadores de "peladas" de periferias, assim como crianças e jovens de escolas, programas e projetos sociais.

No ano de 2012, fui contemplado com uma bolsa de estudos na *University of Education*, na cidade de *Karlsruhe*, Alemanha, onde pude realizar novos estudos, pesquisas e outras atividades na área da educação, educação física, mídias e futebol. A investigação realizada nos materiais publicados e produzidos fora do país, ou seja, criados a partir de um olhar de fora, estrangeiro, sobre o futebol brasileiro, levaram-me a novas inquietações e motivações, instigando-me para outras investigações e pesquisa dentro deste tema. Assim, após a conclusão de minha pesquisa de mestrado, senti necessidade de novas abordagens e estudos que pudessem me trazer maior aprofundamento nesses campos do conhecimento.

Percebendo o futebol como um dos principais fenômenos no Brasil – país no qual esse esporte passou a ter uma relação tão próxima, a ponto de constituir uma "cultura" nacional, ocupando, como mencionado antes, um lugar de destaque nas mídias, nas aulas de educação física e, ainda, firmando-se como principal tema em rodas de bate-papo – senti-me provocado a pesquisar a respeito, não somente por uma curiosidade acadêmica, mas por uma história de vida e carreira profissional relacionada com essa área.

A partir do meu envolvimento profissional com as juventudes, educação, iniciação

esportiva e o esporte de alto rendimento, bem como por meio da imersão em pesquisas e materiais que tratam sobre tais assuntos e sobre o futebol, procurei desenvolver um olhar mais aguçado e crítico para produzir textos e pesquisas que pudessem favorecer novas reflexões e, quem sabe, trazer contribuições teóricas e práticas para o desenvolvimento de futuras pesquisas, ou, até mesmo, para auxiliar na reflexão e ação docente de educadores e técnicos esportivos.

Foi assim que esta pesquisa, do tipo Estudo de Caso, com foco investigativo no imaginário de jovens adolescentes de Programas/Projetos Sociais Esportivos[1] (PPSE) sobre o futebol, começou a ganhar forma.

O estudo realizado se inseriu na linha de pesquisa Culturas, Linguagens e Tecnologias na Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade La Salle- UNILASALLE.

Reconhecidamente, o esporte mais popular do mundo, o futebol, ao que tudo indica, é a modalidade esportiva que mais amantes e praticantes possui. De acordo com informações publicadas pela Federação Internacional de Futebol[2] – FIFA, no mundo inteiro, existem 265 milhões de atletas ativos, número que envolve homens e mulheres. Se somados ainda os profissionais que exercem suas funções vinculadas a esse esporte, como árbitros, técnicos, preparadores físicos e outros funcionários, o número de pessoas que trabalha com o futebol chega a 270 milhões.

Tendo sua história vinculada a práticas esportivas que aconteceram a milhares de anos, estudiosos relatam que as atividades que deram origem ao futebol podem ter acontecido simultaneamente em várias regiões do mundo, envolvendo diferentes povos e raças. Com o passar dos anos, tais atividades foram se transformando até chegar ao formato do atual futebol (VOSER; GUIMARÃES; RIBEIRO, 2010).

Cabe lembrar que, muito diferente da importância e apreciação que o futebol tinha nos anos seguintes a sua chegada ao Brasil em 1894, por intermédio de Charles Miller, com o passar dos anos, o futebol alcançou uma popularidade gigantesca por aqui, tão grande que o Brasil começou a designar-se como o "país do futebol." Murad (2012), ao falar sobre o valor dado pelos brasileiros ao futebol, destaca:

> O futebol é uma verdadeira paixão coletiva e mexe com quase todas as pessoas, de diferentes grupos e classes sociais, de variados padrões de renda e escolaridade, culturas e regiões. É um símbolo de valores culturais e representa a sociedade, o nosso modo de ser. Sem dúvida, é uma das identidades coletivas brasileiras mais pregnantes (p. 18).

É interessante perceber que, com o tempo, além de o Brasil se considerar o país do futebol, esta fama e identidade passaram a ser reconhecidas no mundo inteiro. Para ilustrar o que estou falando, apresento como exemplo o que um jornal da longínqua República de Uganda[3] publicou sobre o talento de jogadores de futebol brasileiros. Na reportagem, são

1. A pesquisa teve como referência os programas e projetos sociais em que o esporte é considerado o eixo norteador para ações e estratégias para desenvolver com jovens adolescentes. Ainda convém destacar que o interesse se deu para PPSE onde a modalidade do futebol ocupa espaço de destaque.
2. Os números apresentados foram publicados pela FIFA a partir da pesquisa Big Count, realizada com as 207 associações que são ligadas a ela.
3. País localizado no leste da África que tem como uma das línguas oficiais o inglês.

lembrados os nomes de craques brasileiros do passado, destacada a diversidade de raças no país e, ainda, a beleza dos brasileiros e o carnaval:

> Brazil: The land of soccer, beauty and carnivals: There is also a school of thought that the legendary list of footballers to have come out of Brazil, the Peles, Garrinchas, Ronaldos, Ronaldinhos, Tostaos, Didis and Socrates, is down to the integration of the many races that gave birth to extraordinary human talent (NAMANYA, 2014, p.1).

Mesmo possuindo uma imagem de esporte conservador, principalmente por ter um conjunto de regras que não se modifica há mais de uma centena de anos, hoje ainda existem transformações no futebol, porém, estas mais voltadas ao contexto dos jogos e às relações existentes entre os personagens que integram o "mundo da bola". Ao afirmar isso, quero dizer que, ao mesmo tempo em que o futebol é praticado em espaços como as ruas, praças, terrenos desocupados e parques como uma forma de lazer e diversão, também é praticado em ambientes educativos e em escolinhas esportivas, e ainda desenvolvido por um número incalculável de equipes de rendimento esportivo, onde profissionais de diferentes áreas de atuação, buscam não somente títulos, mas gerir com sucesso um negócio que pode proporcionar lucros em grande escala.

Próxima a completar 100 anos da sua primeira edição, a Copa do Mundo[4] de futebol, competição aclamada por alguns como o maior evento do planeta, segue acontecendo regularmente e mobilizando diferentes nações em busca do título mundial. Netto e Chade (2009, p. 1) em reportagem publicada no Jornal O Estadão de S. Paulo, apropriaram-se das palavras do então presidente da FIFA, Joseph Blatter, para chamar esta competição de "o maior evento do mundo".

Em 2014[5], novamente o Brasil teve a oportunidade de sediar a Copa do Mundo. Aquela fora a segunda vez que o país recebeu esta competição, tendo sido a primeira no ano de 1950. A expectativa com a realização do importante evento no país foi enorme, envolvendo boa parte da população brasileira, já que diariamente, em vários lugares do vasto território brasileiro, foi possível observar a contagem regressiva do número de dias que faltavam para o início da competição. Como Melo (2008) indicou:

> [...] o Brasil é considerado o País do futebol {e}, para compreender esta idolatria, basta perceber como o País pára a cada quatro anos, quando são realizadas as Copas do Mundo, para acompanhar e torcer pela seleção. Os brasileiros mudam suas rotinas e entram em campo com o time canarinho (p.2).

Sendo o Brasil o único país a participar de todas as edições da Copa do Mundo e ainda ser o detentor do maior número de conquistas desta, a realização da competição novamente em solo brasileiro, reafirmou como a população brasileira se envolve com o futebol e reforçou o sentimento de brasilidade[6] por meio dessa modalidade.

Dienstmann e Denardin (1999) comentaram sobre a relação que se estabelece entre

4. A Copa do Mundo de futebol é considerada a competição mais importante desta modalidade. O evento também é conhecido como campeonato mundial de futebol e acontece de quatro em quatro anos. Sua primeira edição foi em 1930, no Uruguai.

5. Entre os dias 12 de junho e 13 de julho de 2014, o Brasil sediou a Copa do Mundo.

6. O conceito "brasilidade" refere-se à cultura brasileira, e diz respeito também ao modo e jeito de ser dos brasileiros.

o futebol e a nação brasileira, fazendo um paralelo entre a maneira que outras equipes são chamadas em seus países e o modo que a equipe brasileira de futebol é tratada:

> O Brasil apresenta uma relação singular com o futebol, e a equipe nacional do País é um exemplo dessa singularidade. Os combinados representativos de outras nações são indicados simplesmente pelo seu próprio nome – Argentina, Áustria, Colômbia, Polônia; o time da Alemanha é o "mannschaft" (grupo), a Itália é "squadra", a Inglaterra "englishteam" [...]. Só no Brasil é "Seleção" – que, neste caso, significa a "escolha", o "máximo", "depuração". E não é aplicado em outros esportes. O futebol passa a ser a essência do país. Pretende-se dizer que os jogadores da Seleção Brasileira são os eleitos da raça (DIENSTMANN; DENARDIN, 1999, p.2, grifo dos autores).

A seleção brasileira, quando entra em campo, normalmente mobiliza multidões de pessoas nos estádios ou em frente à televisão. Contudo, a ligação dos brasileiros com o futebol não se restringe a sua equipe principal e aos movimentos de torcedores apaixonados. Atualmente, o Brasil é um dos principais "fornecedores" de jogadores de futebol para clubes do mundo todo. Milhares de jogadores brasileiros parecem encantar pessoas de variadas nações, mostrando suas habilidades com a bola em equipes de todos continentes. Por vezes, tais jogadores brasileiros chegam a naturalizarem-se em outros países para poder participar de competições internacionais, representando outras nações. Foi assim também na última edição da Copa, realizada na Rússia, em 2018, quando cinco jogadores brasileiros acabaram atuando nas equipes da Rússia, Portugal, Espanha e Polônia.

Em um tempo marcado pelas novas tecnologias, diminuição das distâncias e aumento da velocidade das informações, a trajetória de craques brasileiros e de outros países pode ser acompanhada praticamente em tempo real, mesmo estando eles do outro lado do planeta.

> Efetivamente, a velocidade com que a mídia eletrônica se transforma está fazendo com que pessoas e discursos estejam em muitos lugares ao mesmo tempo, distâncias sejam abreviadas, imagens e sons circulem vertiginosamente, capitais se reúnam, pessoas se "aproximem" virtualmente e, por que não dizer, "realmente" (GARBIN, 2003, p. 120, grifo do autor).

O número de informações, vídeos, reportagens e jogos disponíveis nas mídias estão cada vez mais acessíveis aos admiradores, torcedores e praticantes de futebol. Aliás, embaladas pelo forte apelo que o futebol tem no país, as mídias parecem ajudar também na construção de um interesse ainda maior da população brasileira pelo futebol, clubes e seus jogadores. Durante a realização da Copa do Mundo de 2014, por exemplo, foi possível identificar como as mídias aproveitaram a oportunidade para desenvolver programas, reportagens, entrevistas, documentários, e também veicular anúncios e promoções relacionadas não somente à seleção brasileira, mas ao futebol e a todo o espetáculo que nele se estrutura. Em matéria publicada no Portal UOL[7], é possível encontrar números que expressam o tamanho do interesse da população em eventos de futebol, por meio da mídia televisiva, por exemplo. A reportagem trata sobre o recorde de audiência alcançado na

7. O *UOL* é o maior provedor de acesso à Internet do Brasil. É também o maior provedor de conteúdo em Língua Portuguesa do mundo.

realização do jogo final da Copa das Confederações[8], realizado no país no dia 30 de junho de 2013, entre Brasil e Espanha.

> A final da Copa das Confederações entre Brasil e Espanha no último domingo bateu o recorde de audiência na TV [...]. Segundo a Fifa, 69,3 milhões de pessoas acompanharam a vitória brasileira [...] A final da Copa das Confederações teve a maior audiência do ano na televisão esportiva brasileira [...] A edição brasileira do torneio foi a com mais telespectadores da história. No Brasil, foram mais de 42 milhões de telespectadores ligados na final.[9]

Todo interesse e importância dados pela sociedade na realização desse evento possibilita afirmar que o futebol se configurou como um dos principais fenômenos socioculturais do século XXI, proporcionando aos sujeitos uma gama diferente de sensações, emoções, expectativas e paixões.

Ao analisar essa espécie de atração e paixão pela modalidade de futebol no Brasil, é possível constatar como, na maioria das vezes, ela se procede cedo na vida dos brasileiros. Parece até ser uma prática comum, gestantes ganharem de presente roupinhas de bebês com escudos de times de futebol brasileiros. Também seguidamente, crianças que ainda nem aprenderam a caminhar possuem bolas de futebol dentro de seus berços.

Sem dificuldade, é possível encontrar na internet vídeos de crianças e jovens imitando lances ocorridos em partidas de futebol, mesmo que estes tenham sido em outros países. Em escala bem maior, imagina-se que milhares de pequenos jogadores, diariamente, imitem jogadores como Messi ou Neymar nos pátios de suas residências, no recreio da escola ou no meio da rua, onde acontecem as "peladas" com os amigos. É interessante destacar que tal aproximação e identificação dessas crianças e jovens com seus ídolos do futebol podem ser maiores do que se imagina. Além da imitação da comemoração de gols, por exemplo, a influência desses craques sobre crianças e jovens pode definir seus novos cortes de cabelo e penteados, seus estilos de se vestir e comportar, seus modos de se ver e perceber o mundo.

Atentos ao que acontece em torno do mundo da bola, dia após dia, parecem pairar no imaginário de crianças e jovens sonhos e expectativas com o futebol. Mais do que imitar ídolos e comemorar seus gols, tudo indica que são construídos sonhos não só de jovens, mas de suas famílias inteiras, a partir de apostas de uma possível ascensão social e ganho de fortuna por meio da bola. Neto e Santos (2015) falam que existe todo um investimento e organização das famílias, direcionado a busca de sucesso das crianças no esporte, podendo ocorrer até mesmo uma migração destas para apoiar a futura carreira de seus filhos como atletas.

Não por coincidência, a matéria publicada no site UOL Esporte[10] no Dia das Crianças, em 12 de outubro de 2016, evidencia como tem ocorrido o envolvimento prematuro de

8.A Copa das Confederações é uma competição organizada pela Federação Internacional de Futebol entre seleções nacionais a cada quatro anos. Os participantes são os seis campeões continentais mais o país-sede e o campeão mundial, perfazendo um total de oito países. A partir de 2005, a competição passou a servir como um teste e preparação para o país escolhido sediar a Copa do Mundo seguinte.

9. Disponível em: <http://uolesportevetv.blogosfera.uol.com.br/2013/07/04/final-entre-brasil-e-espanha-bate-recorde--de-audiencia-na-tv/>. Acesso em: 24 mai. 2015.

10. Reportagem publicada no site UOL Esportes, do dia 12 de outubro de 2016. Disponível em: <http://uolesporte.blogosfera.uol.com.br/2016/10/12/10-criancas-que-ja-estao-valorizadas-no-mundo-da-bola/.> Acesso em: 31 out. 2016.

crianças e adolescentes em diferentes países, com os clubes de futebol, não somente na condição de torcedores ou atletas das categorias de base, mas como futuras promessas que, cada vez mais cedo, parecem estar amarradas aos interesses dos clubes. A reportagem, por meio de exemplos, sinaliza claramente a velocidade e precocidade que acontece isso. O título da matéria, aliás, indica de forma explícita o que estou tentando alertar: "Nasceu, andou, abriu, chutou e já assinou um contrato: no Dia das Crianças, confira os casos mais impressionantes de meninos-prodígios do futebol". Entre os casos pontuados na matéria jornalística, destaco alguns:

> O japonês apelidado de "Pipi" chegou ao Real Madrid quando tinha apenas 9 anos e seus vídeos na internet já impressionavam pela habilidade. Foi contratado com status de "novo Messi" [...] Aos nove anos, já mostrava sua habilidade, o que levou a Roma a contratá-lo com status de estrela. Após vencer a concorrência com clubes como Barcelona, Real Madrid e Manchester United, o clube italiano anunciou a contratação de Pietro com muita pompa [...] O mais novo integrante da "Geração Belga" foi contratado em 2012 quando tinha apenas 20 meses de idade pelo time da quarta divisão que tem seu avô como coordenador das categorias de base. O teste? Conseguir driblar cones com toques para a direita ou para esquerda e chutar uma bola a cinco metros de distância.

No Brasil, igualmente a paixão pelo futebol pode ser logo percebida, principalmente quando verificado o número significativo de crianças e jovens em busca de vagas em escolinhas de futebol. Um fenômeno encontrado não apenas junto a crianças e jovens de famílias de baixa renda, mas, também, em outras classes sociais. Pimenta (2006, p. 59) trata sobre isso, ao afirmar:

> Continuaremos afirmando que existe, no processo de formação de jogador, espaço para pobres. No trabalho, indicaremos que os novos instrumentos de formação do atleta de alto nível exigem algumas condições cujas afinidades esbarram no econômico. No entanto, essas exigências não são determinantes, mas relevantes.

Mas outro aspecto que não pode passar despercebido, é como o futebol habita os espaços educativos. Ora, tendo essa importância reconhecida dentro do país, não seria estranho imaginar ser o futebol o principal componente das aulas de Educação Física no Brasil, talvez inclusive, por se configurar como o conteúdo de maior interesse dos alunos. Identifico números encontrados em pesquisas sobre o tema: Drummond (2011) afirma que o conteúdo da Educação Física de maior preferência entre os alunos do Ensino Fundamental na escola pesquisada por ele, é o futsal, com quase 60% da preferência entre os alunos. Figueira (2007), realizando uma pesquisa com alunos mais novos, da 3ª e 4ª série do Ensino Fundamental de uma escola pública do interior de São Paulo, também salienta que o futebol foi o conteúdo mais lembrado e desejado pelos meninos nas aulas de Educação Física (48,51%). Em análises não sistemáticas realizadas por mim ao longo do acompanhamento do estágio curricular de acadêmicos de cursos de Educação Física, identifiquei também esta preferência em diferentes escolas das regiões Sul, Norte e Nordeste, tanto no Ensino Fundamental como no Ensino Médio.

Desse modo, o futebol se projeta na vida dos brasileiros bem cedo, seja nas escolas

ou ainda na enorme quantidade de campos ou espaços não escolares destinados para a prática dessa modalidade esportiva. Aliás, tais campos se espalham nas cidades e zonas rurais, periferias e centros, mesmo em locais improvisados especialmente para a prática do esporte. Assim, o futebol é praticado em quase todos os lugares do Brasil, seja nas escolas, fábricas, penitenciárias e até no exército (SILVA; CHAVEIRO, 2007).

Toledo (1996) apresenta outra informação importante ao apresentar, em seus escritos, uma pesquisa que mostra o grau de interesse no futebol de acordo com a faixa etária e grau de instrução dos sujeitos pesquisados. Os dados apontavam que, entre os 15 e 17 anos, 62% dos entrevistados tinham interesse pelo futebol; entre 18 e 29 anos, 56%; entre 30 e 49 anos, 51%; e, de 50 anos em diante, o interesse era de 55%. Sua avaliação sobre o grau de instrução revelou que 50% dos entrevistados que tinham interesse no futebol possuíam o primário. Entre os sujeitos que possuíam o estudo secundário, o interesse era de 57%, e entre aqueles que possuíam o nível superior, o interesse pelo futebol era de 55%.

Os dados apresentados mostram que, além do futebol ser o conteúdo mais desejado, e ao que tudo indica, o mais praticado nas aulas de Educação Física, esta modalidade também é a preferida entre os adultos, não importando a idade, a classe ou o nível de instrução.

Destaco também que diferentes Programas/Projetos Sociais Esportivos (PPSE), com atuação voltada a grupos formados por crianças e jovens em situação de risco e vulnerabilidade social, têm realizado ações importantes nesse sentido, muitas vezes, apropriando-se da modalidade do futebol como ferramenta.

> O futebol não é apenas um esporte popular de grandes multidões, mais sim uma grande estratégia no combate a exclusão social. É possível verificar a influência do futebol como fator de inclusão social, que contribui em retirar crianças carentes dos rumos equivocados que por ventura possam vir a tomar até chegarem à idade adulta (NETO; TASSA, 2014, s/p).

O número de crianças e jovens que já fizeram parte do Programa Esporte Integral[11] – PEI, na Universidade do Vale dos Sinos, por exemplo, pode dar uma breve noção do número possível de jovens que podem ser contemplados por tais atividades. Em relatórios apresentados pelo Coordenador do PEI, Augusto Dotto (em entrevista a mim concedida), desde o início do projeto, mais de doze mil crianças e jovens já participaram das atividades.

A partir das investigações, estudos e abordagens realizadas na pesquisa sobre o futebol e seus diferentes contextos no Brasil, outras formas de percepção e entendimento sobre variados aspectos em torno desta modalidade esportiva se desencadearam: Sejam em relação aos diferentes interesses vinculados a clubes, jogadores, patrocinadores, dirigentes e empresários; no envolvimento e tipos de construções que as mídias exercem sobre este esporte; ou ainda sobre o forte apelo popular que o mundo da bola parece exercer sobre boa parte da sociedade brasileira, principalmente jovens adolescentes.

Com o passar dos anos, o futebol passou por um processo de transformações e crescimento. Se antes era praticado apenas como um esporte de lazer, ou seja, para

11. O Programa Esporte Integral – PEI recebe crianças, adolescentes e jovens entre seis e 17 anos que residem em São Leopoldo, RS, oferecendo atividades esportivas, recreativas e ligadas à percussão e dança. O futebol é uma das modalidades esportivas trabalhadas no programa.

ocupar o tempo ou distrair as pessoas, hoje se transformou em um verdadeiro fenômeno mundial. Além de praticado por pessoas de quase todas as idades, em espaços públicos e privados, como forma de recreação e lazer, esta modalidade, como já sinalizado, passou a se configurar com um dos conteúdos de maior preferência nas aulas de Educação Física no Brasil, e também passou a ser uma espécie de ferramenta para despertar o interesse de crianças e jovens adolescentes em Projetos Sociais. Além disso, o futebol também se estruturou como uma forma de negócio altamente lucrativo, em que entidades socialmente reconhecidas, como federações, confederações e clubes, administram e promovem ações que evidenciam a mercantilização de jogadores, promoções de espetáculos e comercialização de uma vasta gama de aparatos e eventos que envolvem o mundo da bola.

A partir deste vasto cenário e contexto que o futebol está inserido, facilmente se pode compreender de que forma questões relativas a esse esporte passaram a se desenvolver em diferentes campos e áreas do conhecimento, como a educação, a sociologia, a antropologia e a política.

Gebara (2002), ao tratar da importância do futebol no cenário internacional, comenta que:

> Dentre os produtos culturais, o esporte, e particularmente o futebol, foi o primeiro senão o único fenômeno cuja universalização precedeu os processos de modernização das telecomunicações. Além disso, quando o mundo ainda vivia os rescaldos nacionalistas das duas grandes guerras e a Guerra Fria que se seguiu, o futebol já havia ganhado dimensão universal e se "globalizado" (p. 15, grifo do autor).

A importância do futebol, evidenciada em diferentes contextos, justifica o desenvolvimento de novas pesquisas acadêmico-científicas que possam gerar novas formas de perceber e pensar a construção e desenvolvimento dessa modalidade no "país da bola".

> Temos de compreender que os progressos do conhecimento não podem ser identificados com a eliminação da ignorância. Estamos numa nuvem de desconhecimento e de incerteza, produzida pelo conhecimento; podemos dizer que a produção desta nuvem é um dos elementos do progresso, desde que o reconheçamos. Em outras palavras, conhecer é negociar, trabalhar, discutir, debater-se com o desconhecido que se reconstitui incessantemente, porque toda solução produz nova questão (MORIN, 2008, p. 104).

Em sua história recente no futebol, o Brasil viveu uma decepção sem precedentes na Copa do Mundo, em 2014, exatamente quando ela foi realizada em território nacional, e, diferentemente do que a nação brasileira esperava, o selecionado brasileiro não conquistou um novo feito. Pelo contrário, após uma partida atípica para os padrões de jogos de semifinais desta competição, o time nacional foi derrotado pela seleção alemã pelo placar de 7 x 1. Classificada por alguns como "o maior vexame do futebol brasileiro"[12], a Copa do Mundo de 2014 acabou, mas, por vezes, parece que o "desastre" dentro de

12. Algumas manchetes esportivas, após a derrota da Seleção para a Alemanha por 7 x 1, mostram bem como repercutiu o resultado daquela partida. Portal de notícias UOL: "Maior vexame da história do futebol brasileiro coloca Alemanha na decisão"; Globo.com: "Brasil sofre o maior vexame de sua história nas Copas"; Jornal Estadão: "Brasil sofre a maior derrota em sua história de 100 anos no futebol".

campo foi rapidamente esquecido.

Passados quatro anos dessa histórica derrota da Seleção para a Alemanha, a Copa de 2018 na Rússia se ofereceu como oportunidade para os brasileiros darem a volta por cima. O evento aconteceu em um período de crise política no Brasil, marcado por greves, altos índices de desemprego, sucateamento dos serviços de saúde e educação e ainda problemas acentuados na segurança pública. Esse cenário refletiu um pouco na expectativa dos brasileiros com a competição, principalmente naqueles mais afetados pela crise. Dentro de campo, mais uma vez, a Seleção não conseguiu ir muito longe, sendo derrotada na quartas de final por 2 x 1 para a Bélgica.

Interessante perceber, porém, que, mesmo com o fracasso da seleção nas últimas Copas, o futebol no país parece continuar em alta, ocupando sempre, pelo que se pode constatar, lugar de destaque nas mídias. Eleito como tema preferido para ocupar rodas de conversas, discussões e bate-papos, o futebol, mais do que nunca, segue presente nas mídias e em centenas de milhares de espaços no Brasil. A falta de êxito dos brasileiros, dentro do campo, parece não ter influenciado as escolhas e preferências dos brasileiros pelo futebol, já que este esporte parece seguir mobilizando um número cada vez mais significativo de crianças e jovens adolescentes, principalmente.

Talvez embalados pelo apelo das mídias, que, sem cessar, elegem novas competições, craques e histórias para continuar promovendo discursos que são consumidos, admirados e também copiados por professores de Educação Física, gestores, coordenadores esportivos e demais praticantes do futebol, crianças e jovens o praticam em uma gama diferente de espaços e em ímpares contextos. Tal envolvimento autoriza afirmar que o futebol pode estar presente de modo significativo no imaginário e na vida de jovens adolescentes brasileiros, que, além de correrem atrás de uma bola, correm atrás de sonhos e realizações, produzidos culturalmente.

Tudo indica que a imagem que envolve o futebol brasileiro não é resultado somente dos títulos alcançados no passado ou de craques que surgiram no país e que hoje são ídolos em todo o mundo. Essa mobilização social, misto de paixão e magia, é culturalmente constituída, e mesmo com o insucesso da equipe brasileira nas últimas edições da Copa do Mundo, ela parece ter sido alimentada cada vez mais pelas mídias, clubes esportivos, projetos sociais, professores e técnicos esportivos, que provocam nas pessoas o interesse pelos jogos e transfere para as equipes e seus jogadores tal capacidade de representação.

Nas mídias, por exemplo, é possível perceber tal interferência ao se verificar a quantidade gigantesca de reportagens, programas, entrevistas e imagens sobre os clubes de futebol e seus jogadores, seja em jornais, revistas, sites ou na televisão.

Rottmann (2012), em suas análises, além de apontar o destaque que o futebol recebe em todas as mídias, salienta como a abordagem realizada sobre esta modalidade normalmente está ligada a aspectos voltados ao sucesso de jogadores, aos altos ganhos financeiros de alguns de seus profissionais ou, até mesmo, à velocidade com que jogadores jovens alcançam a fama e o reconhecimento no mundo todo:

> As análises realizadas apontaram para o que de certa forma, já era sabido - o futebol ganhou um espaço generoso nos textos, reportagens e imagens dos jornais, ocupando, igualmente, espaços importantes em outros tipos de mídia. Aliás, circulam nas informações endereçadas a leitores, ouvintes, telespectadores dessas mídias discursos que vinculam o futebol à obtenção de sucesso, dinheiro, glamour, patrocínios, enfim, a ganhos que passam bem além do sucesso profissional e que implicam a garantia de uma vida pautada pelo consumo de luxo, pela extravagância dos hábitos, que posicionaria estes sujeitos bem acima dos chamados "sujeitos comuns" (ROTTMANN, 2012, p. 113, grifo do autor).

Diante disso, o presente estudo buscou trazer contribuições para o avanço das discussões sobre os sentidos da prática do futebol no universo pesquisado, sobretudo, no que diz respeito à perspectiva de vida e futuro de jovens adolescentes.

A pesquisa justificou-se por ser este um momento oportuno para o desenvolvimento de novos estudos no contexto do futebol enquanto prática cultural, pontuando sua relação com o imaginário das juventudes. Lembro que estudos indicam que, por meio do esporte, os jovens ganham mais do que melhorias em suas capacidades físicas e benefícios fisiológicos, já que são desenvolvidas também habilidades socais e competências fundamentais para a construção de sua cidadania, aspectos essenciais para seu desenvolvimento.

> A envolvência no desporto pelas crianças e jovens representa para muitos/as deles, quando essa envolvência não é imposta, um contexto em que poderão realizar uma determinada atividade significativa, tanto ao nível do lazer, das expectativas futuras em relação àquela modalidade e também ao nível das sociabilidades e do próprio desenvolvimento pessoal e social (PINTO, 2013, p. 39).

Por entender que os jovens de classes sociais menos favorecidas, localizados em áreas de vulnerabilidade social, terminam sendo o grupo que mais identifica o futebol como forma de ascensão social e também se configuram, quem sabe, na parcela da população que mais carece de modelos de vida que resultem em histórias de sucesso entre seus pais ou familiares, é que o presente estudo elegeu participantes[13] de Programas/Projetos Sociais Esportivos como base para o estudo.

A partir destas considerações iniciais, a questão central apresentada nesta pesquisa está ligada ao envolvimento das juventudes com o futebol, não somente no que diz respeito a sua prática, mas na busca do entendimento de como essa modalidade esportiva pode ocupar lugar de tamanho destaque em seu imaginário.

Com base no que foi exposto e motivado a promover investigações e buscas por saberes durante o desenvolvimento da pesquisa, elenquei algumas questões preliminares

---

13 Mesmo que alguns dos PPSE escolhidos para fazerem parte da pesquisa trabalhem com jovens do sexo masculino e feminino, optei por restringir a participação no estudo a apenas jovens adolescentes do sexo masculino. A escolha proposital foi decorrente do entendimento de que o futebol acaba exercendo um fascínio maior entre meninos e rapazes no Brasil, de modo que estes terminam tendo um envolvimento maior com esta modalidade esportiva. Há de considerar também toda a cultura futebolística no país que acentua desde cedo, na vida das crianças, que o futebol é um esporte de menino. É preciso considerar também que o futebol profissional feminino não recebe tanto destaque nas mídias e que, ao contrário do futebol masculino, as atletas brasileiras de destaque não estão tão seguidamente expostas nas mídias e tampouco recebem honorários como os jogadores bem sucedidos, o que me leva a crer que são poucas jovens adolescentes que gostariam de ser jogadoras de futebol profissional.

que me mobilizaram, provocando inquietações, mas que, ao mesmo tempo, me levaram a importantes descobertas e conhecimentos para o desenvolvimento da tese. São elas: a) De que modos são configurados os jogadores e ídolos do futebol nas mídias, e de que forma tais representações podem regular condutas de educadores, bem como de crianças e jovens, em suas ações e práticas sociais?; b) Que espaço o futebol alcança nas práticas educativas nos PPSE?; c) O que pensam os educadores, monitores esportivos e gestores de PPSE ligados ao futebol sobre a profissão "jogador de futebol"?; d) Como os principais clubes de futebol e atletas do país são representados nas mídias?; e) Quais atributos e qualidades são atribuídos pelas mídias aos principais ídolos do futebol?; f) Os alunos de melhor desempenho no futebol recebem maiores oportunidades nas práticas educativas em PPSE?; g) Poderia existir um impacto de tais significados, por vezes, repetidamente mediados pelas mídias sobre os educadores e suas práticas com jovens adolescentes que vislumbram no futebol perspectivas de vida e futuro?

De modo objetivo, o problema de investigação da pesquisa se apresentou do seguinte modo: *Quais as possíveis interferências do imaginário acerca do futebol no país, sobre modos de viver, projetos de vida e futuro de jovens adolescentes praticantes desta modalidade no contexto de três Programas/Projetos Sociais Esportivos (PPSE) da Grande Porto Alegre?*

O objetivo geral da pesquisa foi: *Analisar quais são os sentidos produzidos sobre o futebol entre jovens adolescentes praticantes deste esporte em três Programas/Projetos Sociais Esportivos da Grande Porto Alegre, identificando as possíveis interferências do imaginário acerca do futebol no país, sobre seus modos de viver, seus projetos de vida e futuro.*

Os objetivos específicos, por sua vez, foram estabelecidos em: a) *Identificar, a partir das narrativas juvenis, quais são as representações que os jovens adolescentes possuem sobre o futebol*; b) *Explorar, com base nas narrativas e representações juvenis sobre o futebol, as possíveis interferências midiáticas na construção de tais representações*; c) *Refletir sobre as decorrências dos sentidos sobre o futebol para as práticas educativas e atividades esportivas desenvolvidas em PPSE*; d) *Conjecturar sobre as implicações dos sentidos sobre o futebol e sua relação com a busca de jovens adolescente por espaços para a prática do futebol*; e) *Refletir sobre os modos como o imaginário acerca do futebol, no Brasil, reverbera na construção de projetos de vida e futuro entre os jovens adolescentes.*

Feita tal exposição, registro que a pesquisa está estruturada em cinco partes. Na primeira, encontra-se a introdução e contextualização da temática investigativa. Na segunda parte, o Percurso Metodológico. Na terceira parte, é apresentado o Marco Teórico de Referência. A Análise do Material está contemplada na parte quatro, onde estão inseridos os subcapítulos referentes a cada linha de análise. A parte cinco apresenta as Considerações Finais da pesquisa. Por fim, são listadas as referências utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa, seguidas dos Anexos.

Em síntese, a pesquisa sustenta *a tese* segundo a qual *as narrativas dos jovens adolescentes que praticam futebol, no contexto de Programas/Projetos Sociais Esportivos, expressam, em grande medida, o imaginário do futebol no país - construído hegemonicamente por discursos e representações midiáticas -, sobre o qual as práticas*

educativas desempenham um papel de mediação que pode interferir positivamente nos modos de ser e viver, nos projetos de vida e futuro dos jovens adolescentes.

PERCURSO METODOLÓGICO

A fim de descrever os aspectos metodológicos da pesquisa realizada, aproprio-me de Gatti (2006), ao afirmar que:

> [...] uma tendência interessante começa, então, a perpassar a produção na pesquisa em educação: alguns grupos consolidados em várias partes do país passam a trabalhar investigativamente a partir não de problemas de porte bem delimitado, com enfoque específico e de direção única, mas sim, em torno de temas de natureza mais complexa e que demandam abordagens multi ou interdisciplinares, centrados em processos educativos e em política educacional, sob diferentes ângulos e níveis de abrangência (p. 32-33).

Assim, esta tese se constituiu como um estudo eminentemente qualitativo com uma perspectiva fenomenológica hermenêutica, que se valeu da Análise Textual Discursiva. De acordo com Dittrich e Leopardi (2015), a origem de uma hermenêutica fenomenológica é o ser humano, que vive os processos dos fatos e dos acontecimentos de sua existência, construindo-se a partir de diversas vivências, inscritas em um mundo de seres, saberes e fazeres.

De acordo com Moraes e Galiazzi (2011, p. 12):

> A análise textual discursiva pode ser compreendida como um processo auto-organizado de construção de compreensão em que novos entendimentos emergem a partir de uma sequência recursiva de três componentes: a desconstrução dos textos do "corpus", a unitarização; o estabelecimento de relações entre os elementos unitários, a categorização; o captar o emergente em que a nova compreensão é comunicada e validada (grifo dos autores).

Concordando com Gatti (2006), percebi, nesta pesquisa, bem como em outros estudos desenvolvidos na área da educação, novas intenções, rompendo com estritos campos disciplinares na procura de interfaces e diálogos que reúnem diferentes abordagens e distintos modos de teorização.

André (2013), ao tratar sobre as abordagens qualitativas em educação, destaca que é necessária a explicitação de cada passo seguido na realização da pesquisa, ou seja, a descrição clara e detalhada do caminho percorrido para alcançar os objetivos, com a justificativa de cada opção feita. Tal percurso e atenção revelam a preocupação com o rigor científico do trabalho.

Em virtude de o foco investigativo deste estudo apontar para jovens adolescentes, muitos destes oriundos de famílias carentes e áreas de vulnerabilidade social, julguei oportuno lembrar o que Weller (2006) afirmou, destacando que, nos últimos anos, aumentou de modo significativo a quantidade de pesquisas sobre a infância e a juventude. Esta autora adverte para um aspecto fundamental para o desenvolvimento de novos estudos com esse público-alvo:

> Trabalhar com grupos juvenis de contextos interculturais e sociais distintos àquele do pesquisador exige cuidado e rigor no procedimento e na escolha dos métodos a serem utilizados para a coleta de dados, assim como uma preparação para o trabalho de campo. Mesmo assim, o pesquisador será confrontado com códigos de comunicação e estilos de vida que lhe são

> alheios. A decodificação desses sistemas exige uma espécie de imersão do pesquisador no meio pesquisado e um controle metodológico permanente do processo de interpretação, de forma a evitar vieses ou afirmações distorcidas sobre a realidade social de seus entrevistados (WELLER, 2006, p. 241).

A partir disso, apresento, neste capítulo, os elementos que compuseram a metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa.

2.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Conforme descrito na breve introdução deste capítulo, a pesquisa, de cunho qualitativo, caracterizou-se por ser um estudo exploratório descritivo a partir de uma atitude fenomenológico-hermenêutica, sobre o qual, posteriormente, foi realizada a Análise Textual Discursiva.

De acordo com Gil (2008), pesquisas exploratórias têm como finalidade principal desenvolver, elucidar e modificar conceitos e ideias, possuindo o objetivo de proporcionar uma visão geral, aproximada, sobre um determinado fato. Quando o autor se refere a pesquisas descritivas, comenta que estas buscam descrever as características de uma determinada população ou um fenômeno, ou ainda, buscar o estabelecimento de relações que possam existir entre variáveis, entendendo, porém, que tipo (s) de relação pode(m) existir entre estas. A utilização de técnicas padronizadas para a coleta de dados acaba se tornando uma característica significativa desse tipo de pesquisa. Para Gil, "as pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática. São também as mais solicitadas por organizações como instituições educacionais" (GIL, 2008, p. 28).

Quanto a sua identificação, a pesquisa foi classificada como um Estudo de Caso, tendo como foco investigativo o imaginário do futebol no Brasil, no contexto de jovens adolescentes. De acordo com Goldenberg (2004), as pesquisas que se caracterizam como estudo de caso devem levar em consideração a unidade social estudada como um todo, independente se for um indivíduo, uma família, uma instituição ou até mesmo uma comunidade, com vistas a compreendê-los em seus próprios termos. Complementa a autora que o estudo de caso deve reunir o maior número possível de informações, de forma detalhada, por intermédio de técnicas variadas de pesquisa, com o objetivo de alcançar a totalidade de uma situação e poder, assim, descrever a complexidade de um caso concreto (GOLDENBERG, 2004).

Gil (2008) tem um entendimento semelhante sobre o Estudo de Caso, quando afirma que este:

> [...] é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados. [...]. O estudo de caso vem sendo utilizado com frequência cada vez maior pelos pesquisadores sociais, visto servir a pesquisas com diferentes propósitos, tais como: a) explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos; b) descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação; e c) explicar as variáveis

causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos (p.56-57).

Convém lembrar que uma pesquisa de Estudo de Caso pode envolver tanto o estudo de somente um caso quanto de casos múltiplos. Yin (2010) comenta que os estudos de caso único, bem como os de casos múltiplos, constituem-se apenas como duas diferentes variantes de projetos de estudo de caso. O autor, ao comentar que o estudo pode conter mais do que um único caso, afirma que os projetos de casos múltiplos possuem vantagens e desvantagens se comparados àqueles de caso único, mas a evidência dos casos múltiplos é, por muitas vezes, mais vigorosa. Segundo ele, as pesquisas que se apropriam de casos múltiplos devem seguir uma replicação, e não uma lógica de amostragem, na qual o pesquisador deve selecionar cada caso cuidadosamente (YIN, 2010). Ele ainda afirma que, mesmo que o projeto seja estruturado ou exija estudos de casos múltiplos, não deve ser eliminada a variação identificada antes com os casos únicos, pois cada caso individual pode ser holístico ou integrado. O que é possível de se entender assim é que um estudo de casos múltiplos pode ser composto por casos múltiplos holísticos ou de casos múltiplos integrados (YIN, 2010).

Como instrumento para a coleta de dados, o estudo apropriou-se de grupos de discussão[1] realizados com jovens adolescentes pertencentes aos Programas e Projetos Sociais Esportivos (PPSE) selecionados anteriormente. A escolha pelos grupos de discussão para a realização da pesquisa se deu por entender que este instrumento seria o mais adequado para buscar opiniões, entender percepções, bem como sentimentos, perante os temas abordados para os momentos de interação.

> Entendemos el grupo de discusión como una técnica no directiva que tiene por finalidad la producción controlada de un discurso por parte de un grupo de sujetos que son reunidos, durante un espacio de tiempo limitado, a fin de debatir sobre determinado tópico propuesto por el investigador (FLORES, 1993, p. 200-201).

De acordo com Weller (2006, p. 246), os grupos de discussão, utilizados como método de pesquisa, começaram a ser utilizados a partir da década de 1980, principalmente nas pesquisas sobre juventude. A autora lembra ainda que:

> É principalmente no grupo que o jovem trabalhará, entre outras, as experiências vividas no meio social, as experiências de desintegração e exclusão social, assim como as inseguranças geradas a partir dessas situações. Os grupos de discussão têm contribuído na análise de fenômenos típicos dessa fase do desenvolvimento (WELLER, 2006, p, 246).

Meinerz (2011), ao falar sobre a realização de pesquisas qualitativas, relata sobre a importância da prática de uma escuta atenta, sensível e que reconheça a relação estabelecida entre o investigador e o investigado, salientando ainda que deva existir uma abertura por parte do pesquisador. A autora também comenta sobre os grupos de discussão, afirmando que:

---

1. Os grupos de discussão surgiram a partir do desenvolvimento de técnicas não diretivas de entrevista no final dos anos 30, utilizados inicialmente em técnicas de terapia em grupo utilizadas na psiquiatria (FLORES, 1993, p. 201).

> Consiste em uma importante prática qualitativa de análise social, na medida em que favorece uma profundidade e permite descobrir mecanismos sociais ocultos ou latentes. A entrevista aberta e o grupo de discussão apontam para algo muito precioso oferecido por esse tipo de prática investigativa, que é a possibilidade da escuta. Acredito que a postura de saber ouvir não é apenas teórica ou metodológica, mas é também uma postura política, afetiva e ética do pesquisador, assim como do educador (MEINERZ, 2011, p. 486).

Gallego (2002) explica que a diferença do grupo de discussão em relação a outras práticas de investigação, como a observação participante e a entrevista em profundidade, por exemplo, está na circulação dos discursos. Ibañez (1989, p. 492) também assinala algo semelhante ao afirmar que nos grupos de discussão são produzidos discursos.

Lembro a importância da postura e condutas do pesquisador enquanto moderador nos encontros onde são realizados os grupos de discussão.

> [...] el moderador de la reunión, además de ser el representante del poder y la instancia investigadora, se convierte prácticamente en un conmutador de lacirculación. Es el que da paso a las intervenciones de unos y otros participantes. Pero, sobre todo, es el que da paso a unos temas y cierra el paso a otros, poco o nada relacionados con los objetivos de la investigación (GALLEGO, 2002, p. 419).

Ward, Bertrand e Brown (1991, p. 266 apud Flores 1993, p. 202), ao abordarem em seus escritos informações pertinentes aos grupos de discussão, afirmam que esses se constituem um meio altamente apropriado para se obter uma visão em profundidade das motivações que estão por trás da conduta humana.

Ao finalizar este tópico, destaco que foram produzidas notas de campo[2] (anexo) que tiveram como objetivo relatar aspectos importantes sobre o percurso realizado pelo pesquisador.

2.2 PROGRAMAS/PROJETOS SOCIAIS ONDE O FUTEBOL É DESENVOLVIDO: UNIDADES DE ANÁLISE DO ESTUDO DE CASO

Com o intuito de realizar um levantamento específico da área de abrangência da pesquisa, realizei um levantamento preliminar de municípios onde existiam, naquele momento, um ou mais PPSE que envolvessem a modalidade de futebol. Nesse sentido, foram realizados contatos por meio de telefone com os 31 municípios da região metropolitana de Porto Alegre, onde, como falado anteriormente, verifiquei a existência ou não de PPSE no qual o futebol estivesse inserido como proposta de trabalho.

A partir disso, foram selecionados três diferentes PPSE para a realização da pesquisa. Os critérios para a escolha dos locais para a realização da pesquisa foram:

1° Interesse e disponibilidade de gestores e professores dos PPSE em contribuir

2. Consagradas no trabalho sócio-antropológico como recurso fundamental ao registro e exame reflexivo das vivências, "as notas de campo são textos elaborados para produzir um relatório cotidiano da vida social que se observa e de que se participa. Tais textos, necessariamente parciais, constituem uma primeira forma de compreensão e uma das principais fontes de dados na análise subsequente. Por isso foram corretamente chamados textos liminares em contínua transformação (...)" (MALIGHETTI, 2004, p.111).

para a pesquisa;

2º Viabilidade para a realização dos encontros e desenvolvimento das atividades de pesquisa (proximidade dos municípios e acessibilidade);

3º Identificação de aspectos importantes, como número elevado de participantes ou período de existência do projeto.

2.2.1 Os Programas/Projetos Sociais Esportivos escolhidos

A partir dos critérios estabelecidos foram escolhidos os três PPSE que pareciam se adequar bem aos interesses da pesquisa. Assim, por meio de outros contatos telefônicos, foram agendados os primeiros encontros e algumas reuniões, tanto com gestores municipais como com profissionais responsáveis pelos PPGE escolhidos. Nesse sentido, entrei em contato e conversei pessoalmente com professores, supervisores e coordenadores. Nestes momentos, além de me apresentar e falar das minhas motivações para a realização da pesquisa, tive o cuidado de mostrar e explicar vários aspectos do projeto de pesquisa, destacando cada um dos passos que estavam previstos para acontecer. A partir da anuência destes profissionais, minha escolha apontou inicialmente para os seguintes PPSE e municípios:

1. Programa Em Cada Campo uma Escolinha (ECCE) – Porto Alegre/ RS;
2. Programa Esporte Integral (PEI) – São Leopoldo/ RS;
3. Projeto Escolinhas Comunitárias e Ginástica Vida Saudável – Sapucaia do Sul/ RS.

De modo semelhante ao que acontece em uma partida de futebol, quando um ou mais jogadores são substituídos por não corresponderem de modo satisfatório dentro de campo, também na pesquisa foram necessárias substituições, já que, nos times anteriormente selecionados (PPSE), o andamento que se esperava atingir com a pesquisa não foi atingido. Assim, acabaram "entrando em campo" mais dois PPSE:

4. Projeto Atleta Cidadão do Futuro (nome original e substituído no ano de 2018 para Escolinhas Esportivas) – Canoas/ RS;
5. Futsal Social – Novo Hamburgo/ RS.

Apresento, a seguir, os PPSE (3) onde foram realizadas todas as etapas desta pesquisa, com algumas informações específicas, bem como alguns números e elementos históricos destes. Logo após, apresento informações dos PPSE onde realizei somente algumas etapas da pesquisa, não tendo concluído os três encontros previstos para os grupos de discussão com os jovens adolescentes. A justificativa para a descontinuidade da pesquisa em dois PPSE e a escolha por outros, bem como a descrição de algumas situações que foram determinantes para que isso ocorresse – pois entendia que o estudo poderia ser prejudicado –, são apresentadas nos anexos, no documento que chamei de "Notas de Campo". Destaco, porém, que, mesmo não tendo realizado ou concluído os três encontros com os grupos de discussão dos jovens adolescentes nestes dois PPSE que aqui também foram destacados, optei em considerar as informações colhidas nestes, por

acreditar que elas também seriam relevantes para algumas análises posteriores. Assim, para fins de análise da pesquisa, além do material construído a partir dos três PPSE onde foram realizadas todas as etapas previstas no projeto de pesquisa, foram aproveitados também dados e elementos obtidos e construídos nos encontros realizados nos dois outros PPSE.

Programa Esporte Integral (PEI) – São Leopoldo RS

O Programa Esporte Integral (PEI) é um programa mantido pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, com parcerias com o Programa AABB[3] Comunidade, AABB São Leopoldo, Prefeitura Municipal de São Leopoldo e Federação Gaúcha de Hóquei[4]. O programa iniciou no ano de 1988 e suas atividades acontecem em São Leopoldo, tanto na UNISINOS como na AABB. A equipe técnica do PEI é composta por um coordenador executivo, uma secretária, uma psicóloga, um assistente social, uma técnica de futebol, uma técnica de hóquei e atletismo, uma coreógrafa, um percursionista, coordenação adjunta, seis estagiários bolsistas e estagiários curriculares, sendo cinco da Educação Física e um do Serviço Social. No momento de desenvolvimento da pesquisa, o programa contava com 300 alunos participantes, sendo destes, 42 jovens adolescentes. As atividades do programa aconteciam duas vezes por semana e, de acordo com seu coordenador, já teriam passado por aquele PPSE doze mil crianças e jovens adolescentes.

O programa busca promover a formação cidadã em busca de uma sociedade mais igualitária, no que se refere a oportunidades de desenvolvimento para seus participantes.

> O Programa Esporte Integral é uma iniciativa educativa, alinhada à Política Nacional da Assistência Social enquanto política de proteção social a crianças e adolescentes entre seis e dezessete anos de idade, moradores do município de São Leopoldo. Também se caracteriza por um espaço de extensão universitária, por meio do desenvolvimento integral deste público e da qualificação acadêmica. Tem como objetivo a promoção do desenvolvimento humano e social através do esporte. Visa também assegurar um espaço qualificado de convívio familiar e comunitário e o desenvolvimento de relações de afetividade e sociabilidade (DOTTO, 2016, p. 3).

Dotto (2016) ainda complementa estas informações quando comenta que, ao longo de sua existência, o PEI se consolidou como referência local, regional e nacional por meio de suas ações em educação pelo esporte, onde atua multiplicando valores e metodologias, além de inspirar outras iniciativas e pesquisas que buscam novas formas de educar e intervir na comunidade.

Projeto Escolinhas Comunitárias e Ginástica Vida Saudável – Sapucaia do Sul.

O projeto Escolinhas Comunitárias e Ginástica Vida Saudável, mantido pela Prefeitura Municipal de Sapucaia do Sul, é coordenado pela Secretaria Municipal de Esporte

3. Associação Atlética Banco do Brasil.

4. Além do futebol, o hóquei é uma das modalidades esportivas desenvolvidas no PEI, justificando a parceria do programa com a FGH.

e Lazer. Por meio do projeto, crianças e jovens adolescentes participam de aulas de futsal e futebol no contraturno escolar, enquanto aos adultos são oferecidas aulas de ginástica. O projeto surgiu em 1997 e ocorre em sete bairros/núcleos de Sapucaia do Sul. O quadro de colaboradores, durante a realização da pesquisa, era composto por professores de Educação Física concursados e professores contratados, além de estagiários e auxiliares em cada um dos núcleos. Naquele período eram atendidas 1.632 pessoas, sendo que, destas, 400 jovens adolescentes. As atividades aconteciam duas vezes por semana em cada um dos núcleos.

Projeto Futsal Social – Novo Hamburgo.

A União Jovem do Rincão (UJR) realiza desde o ano de 2004 um trabalho de inclusão social e formação esportiva para um número superior a 600 crianças e jovens no município de Novo Hamburgo. Deste total, o número de jovens adolescentes chega a 250. O projeto Futsal Social é direcionado a crianças e jovens adolescentes em diferentes bairros do município. Para manter o projeto social, além das empresas que contribuem por meio da Lei de Incentivo ao Esporte (por meio do imposto de renda), existem parcerias com a Universidade Feevale e a Secretaria Municipal de Educação de Novo Hamburgo. A equipe técnica responsável pelo projeto, durante o período em que estive acompanhando suas atividades, era composta por diferentes profissionais, como: Coordenador, pedagogo, psicólogo, assistente social, educadores físicos, acadêmicos de educação física que atuam como estagiários, psicólogo, contador e pessoal administrativo. Os encontros para realizar as atividades aconteciam duas ou três vezes por semana, e estima-se que já teriam passado pelo projeto um número superior a três mil jovens adolescentes. Paralelamente às atividades desenvolvidas com cunho social, a UJR também mantinha atividades em dois outros formatos para a prática e treinamento do futebol: a escola de futsal e as categorias de base. Não raramente, os integrantes do projeto social, conforme relatado por gestores, ascenderam para as categorias de base do clube, passando a fazer parte de suas equipes representativas. Esse caminho, de acordo com o coordenador do projeto, Zeca, já foi percorrido por aproximadamente 120 jovens adolescentes.

Santos (2016), ao falar sobre o projeto Futsal Social, afirma que as aulas são baseadas numa metodologia pedagógica que busca proporcionar o aprendizado das técnicas esportivas de forma prazerosa, então, para isso, são utilizados exercícios e dinâmicas que se aproximam da realidade do jogo. Nos encontros ocorrem estímulos para que aconteçam atitudes cooperativas, para que ocorra tanto o crescimento individual do aluno como ganhos para a coletividade. Ao sinalizar que este projeto não fica restrito às práticas ocorridas em uma quadra ou campo de futebol, a autora ainda comenta que:

> São desenvolvidas ações extra-quadra, como: visitas domiciliares, integrações, reuniões semanais de equipe, acompanhamento da escolarização e encaminhamento profissional, que são realizadas pela equipe interdisciplinar do projeto [...] Levando em conta a importância da família e da escola no desenvolvimento estruturado do sujeito, o projeto entende e articula relações entre este aprendiz e seus diferentes atores sociais que os promovem (SANTOS, 2016, p. 1).

Tendo apresentado e comentado sobre as características gerais dos PPSE onde foram realizadas todas as etapas da pesquisa, destaco também os dois PPSE em que iniciei a investigação e que posteriormente optei em não dar prosseguimento, já que acredito que agregaram também aspectos importantes para o estudo. São eles: Programa Em Cada Campo uma Escolinha (ECCE), de Porto Alegre, e o Projeto Atleta Cidadão do Futuro (nome que foi substituído em 2018 para "Escolinhas Esportivas").

O programa ECCE é mantido pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre e enquanto estive acompanhando suas atividades identifiquei que não havia qualquer tipo de parceria com outras instituições. As atividades eram realizadas nos campos de futebol de várzea de Porto Alegre. Seu início aconteceu no ano de 1994 e seu quadro de colaboradores era formado por uma coordenação, professores concursados do município e orientadores voluntários das escolinhas comunitárias. No período, existiam mil participantes naquele PPSE, sendo 250 jovens adolescentes.

O Projeto Atleta Cidadão do Futuro, desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Canoas, começou suas atividades no ano de 2010, sendo em seu formato inicial concebido para ser terceirizado. Por isso que a Fundação La Salle assumiu toda a coordenação do projeto a partir do seu surgimento e passou a desenvolver todas as suas atividades. Conforme constatado, atuavam no projeto cerca de 20 professores e dez estagiários com atuação em sete núcleos espalhados pelo município, principalmente em regiões de maior pobreza e de vulnerabilidade social. Em cada um dos núcleos eram desenvolvidas atividades ligadas ao futebol, duas vezes por semana, para três categorias diferentes, tanto no turno da manhã como da tarde. Para cada categoria e turma eram destinadas 20 vagas. No núcleo onde realizei parte da pesquisa, principalmente por ser uma região de grande densidade populacional e possuir um número elevado de crianças e jovens adolescentes interessados no projeto, as atividades aconteciam em três diferentes dias, atendendo cerca de 240 alunos. De acordo com os professores envolvidos no projeto, participavam das aulas em torno de 800 alunos, se considerados todos os núcleos.

2.3 JOVENS E A PRÁTICA DO FUTEBOL: QUEM SÃO OS PARTICIPANTES DO ESTUDO

A escolha dos jovens adolescentes obedeceu a alguns critérios e um roteiro estabelecido anteriormente.

a) Jovens adolescentes com idade entre 15 e 17 anos;

b) Alunos matriculados em escolas da rede pública;

c) Integrantes dos PPSE há pelo menos um ano;

d) Jovens adolescentes que participavam efetivamente das atividades propostas nos PPSE e que tinham disponibilidade e interesse de fazer parte da pesquisa.

Mesmo com o estabelecimento destes critérios para a escolha dos participantes do estudo, o número de jovens adolescentes disponíveis e interessados em participar da pesquisa nos PPSE foi superior ao limite estabelecido. Por esta razão, as unidades

de análises utilizadas para a pesquisa foram definidas por interesse. Desse modo, além dos jovens adolescentes que se enquadravam nos critérios estabelecidos de imediato, os participantes foram selecionados a partir da identificação de professores e gestores dos programas e projetos sociais esportivos de acordo com seu envolvimento com os temas propostos para os grupos de discussão, suas histórias de vida e participação naqueles PPSE.

Em virtude de não ter sido buscado na pesquisa resultados que identificassem representações estatísticas, os grupos de discussão foram formados a partir de unidades de análise estruturadas por conveniência. Gressler (2004, p. 144) destaca que "a amostragem por conveniência é aquela em que os participantes são escolhidos simplesmente por serem mais acessíveis ou por serem mais fáceis de serem avaliados". Porém, tendo existido a preocupação em realizar a pesquisa com aqueles jovens adolescentes que poderiam trazer importantes elementos para a pesquisa, concordo com o que Santo (1992) apresentou sobre a escolha por uma amostragem de conveniência. Segundo este autor,

> [...] fazemos uma amostragem de conveniência quando escolhemos de uma população as unidades mais convenientes para nossa observação (...) Este tipo de amostragem é aceitável quando a escolha dos membros da amostra é baseada na experiência do pesquisador. Não se trata de serem esses membros os mais acessíveis, mas sim por serem os melhores para o estudo em questão (SANTO, 1992, p. 73).

Assim, participaram da pesquisa 24[5] jovens adolescentes, sendo oito de cada um dos PPSE escolhidos para compor o estudo. A definição do número de participantes de cada PPSE para a realização do grupo focal foi baseada em Flores (1993) que alerta para o cuidado que deve existir com o número indicado de pessoas para participar dos grupos de discussão. Para o autor, os grupos devem conter entre sete e dez pessoas. Gondim (2003), ao falar de uma técnica semelhante aos grupos de discussão, os grupos focais, também sinaliza para uma quantidade semelhante de integrantes e ainda aponta outros aspectos relacionados a isso:

> O tamanho do grupo é um outro aspecto a se destacar. Apesar de se convencionar que este número varia de quatro a 10 pessoas, isto depende do nível de envolvimento com o assunto de cada participante; se este desperta o interesse de um grupo em particular, as pessoas terão mais o que falar e, neste caso, o tamanho não deve ser grande, para não diminuir as chances de todos participarem; com mais de 10 elementos, sendo o tema polêmico, fica difícil o controle do processo pelo moderador, havendo uma tendência a polarizar e entrar em conflito (GONDIM, 2003, p. 154).

5. A partir da dificuldade encontrada em um dos projetos esportivos sociais escolhidos inicialmente para realizar a pesquisa, no que se refere à frequência dos jovens adolescentes no horário e data agendados, outro projeto em um município diferente foi escolhido. Como já haviam sido realizados dois encontros com os jovens adolescentes deste primeiro projeto, bem como a entrevista com seu professor responsável, tais depoimentos não foram desconsiderados para a pesquisa. Desse modo, não seria um equívoco afirmar que participaram da pesquisa 32 jovens adolescentes, de quatro diferentes PPGE. No tópico "Jovens e a prática do futebol: quem são os participantes do estudo" optei por identificar a amostra composta por 24 jovens adolescentes porque este foi o número de participantes dos três PPGE onde foram realizados todos os encontros previstos para a realização dos grupos de discussão.

2.4 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA E ANÁLISE DO MATERIAL

De acordo com Gil (2009, p. 4), "os estudos de caso enquanto método de pesquisa envolvem procedimentos de planejamento, coleta, análise e interpretação de dados". Logo, as análises posteriores se deram por meio de uma perspectiva fenomenológica-hermenêutica, com a qual foi realizada a Análise Textual Discursiva. Moraes e Galiazzi (2011), ao comentarem sobre a Análise Textual Discursiva, falam sobre um ciclo que funciona como uma espécie de exercício de produzir e expressar sentidos. Complementam afirmando que:

> A análise textual discursiva parte de um conjunto de pressupostos em relação a leitura dos textos que examinamos. Os materiais analisados constituem um conjunto de significantes. O pesquisador atribui a eles significados a partir de seus conhecimentos, intenções e teorias. A emergência e comunicação desses novos sentidos e significados são os objetivos da análise (MORAES; GALIAZZI, 2011, p. 16).

Os dados para a realização do estudo foram colhidos por meio de:

a) *Grupos de discussão com os jovens adolescentes* (roteiro se encontra disponível no anexo "C"). Foram realizadas três sessões com cada um dos grupos, com a duração de uma hora e meia, aproximadamente, ocorrendo sempre nos próprios locais dos PPSE escolhidos. Para determinar a duração dos encontros, minha definição partiu do que Ibañez (1989) comenta sobre o tempo destinado para a realização do grupo de discussão, alertando que este não deve durar mais que uma hora e meia. Flores (1993) salienta alguns aspectos interessantes que devem ser levados em consideração para definir o tempo de duração dos encontros para a realização do grupo de discussão: "La duración de una discusión de grupo suele ser de entre una y dos horas, dependiendo de lasposibilidades del tema que se va a discutir y de la disponibilidad de tiempo con que cuentan los participantes". (FLORES, 1993, p. 206).

b) *Entrevistas semiestruturadas* com gestores e educadores dos PPSE (roteiro disponível no anexo "B"). De acordo com Boni e Quaresma (2005), as entrevistas semiestruturadas são compostas por perguntas abertas e fechadas, de modo que o informante pode discorrer sobre o tema proposto. Para estes autores, as questões abordadas na entrevista devem ser previamente definidas pelo pesquisador, porém, o modo com que são levantadas se assemelha a uma conversa informal. Caso alguma questão não tenha ficado bem esclarecida, o entrevistador poderá realizar perguntas adicionais que não tenham sido previamente estabelecidas. Assim, foram realizadas entrevistas com pelo menos três integrantes de cada um dos programas ou projetos sociais esportivos visitados, com o objetivo de identificar a experiência profissional destes, seu envolvimento com as atividades do PPSE, bem como o entendimento e visão que possuíam sobre os projetos em questão, o futebol e a profissão de jogador de futebol. Foram abordadas aqui questões que possibilitaram aos entrevistados falarem sobre a importância daquele PPSE para os jovens adolescentes.

Todos os encontros com os jovens adolescentes e as entrevistas foram gravados em vídeo por meio de uma filmadora da marca Sony e, posteriormente, este material foi

transcrito para as análises. As transcrições realizadas atingiram um total de 63 páginas, sendo o texto digitado em espaço simples. A fim de realizar o processo de transcrição de modo fidedigno, os vídeos foram assistidos inúmeras vezes, principalmente devido às dificuldades de entendimento de algumas palavras, por vezes não muito bem pronunciadas ou inclusive ditas de modo incorreto, ou ainda em virtude de algumas gírias utilizadas pelos jovens adolescentes.

MARCO TEÓRICO DE REFERÊNCIA

Neste capítulo, apresento os pressupostos teóricos que fundamentam este estudo através de uma interlocução com autores que discutem tais pressupostos. A análise sobre o imaginário do futebol entre jovens adolescentes nos remete à discussão dos seguintes eixos-conceitos estruturantes apresentados a seguir.

Na primeira subseção do capítulo, procurando construir um estado do conhecimento sobre as pesquisas que foram desenvolvidas dentro da temática "futebol e educação", e, a partir disso, identificar a gama de interesses de investigação sobre este tema no país, realizei uma busca de estudos no Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), bem como na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD).

A segunda subseção do capítulo trata sobre a história social do futebol no mundo e no Brasil, buscando compreender quais os diferentes sentidos agregados a esta modalidade esportiva, bem como identificar algumas transformações ocorridas com ela, até os nossos dias.

O tema esporte e educação ganha espaço na terceira parte deste capítulo, sendo realizada uma discussão sobre as práticas educativas que acontecem tendo o futebol como pano de fundo. Buscando entender como o futebol conquistou espaço quase cativo nas aulas de Educação Física, a abordagem prossegue também para espaços não escolares que se apropriam do futebol em suas propostas de atividades e trabalho.

Na quarta subseção do estudo deste capítulo, abordo assuntos relacionados às juventudes, ultrapassando questões conceituais e agregando elementos que as caracterizam na contemporaneidade, como a discussão sobre projetos de vida, carreira profissional e sonhos para o futuro.

Os conceitos que formam a base para esta pesquisa, e posterior análise do material, aparecem de modo mais claro na quinta subseção deste capítulo. Nessa parte, os conceitos de representação e imaginário são abordados.

A sexta parte do capítulo abordará o futebol e as mídias, buscando entender que tipo de representações são produzidas sobre a profissão de jogador de futebol, identificando atributos, qualidades e características normalmente invocados e colocados em circulação.

3.1 CONSTRUÇÃO DE ESTADO DE CONHECIMENTO: PESQUISAS JÁ DESENVOLVIDAS DENTRO DO TEMA "FUTEBOL E EDUCAÇÃO"

Para construir um estado do conhecimento sobre as pesquisas que foram desenvolvidas dentro da temática "futebol e educação", e assim conhecer melhor quais interesses de investigação já motivaram estudos e foram publicados no país, fiz uma busca de estudos no Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), abrangendo o período de 2013 a 2017.

Quando pesquisado somente o descritor "futebol", o resultado encontrado apontou para o número de 1055 estudos, porém, estes apresentavam uma variação grande de áreas e programas de pós-graduação em que estavam inseridos. Nota-se que, aqui, foram

levantados os trabalhos que respondiam ao descritor único "futebol". Com interesse em investigar este tema na área específica da educação, foram levantados exclusivamente os trabalhos cadastrados nesta área do conhecimento, e, nesse sentido, a busca apontou apenas para 26 pesquisas, sendo que 19 são dissertações de mestrado e apenas sete são teses de doutorado, uma delas de 2013, posteriormente duas de 2015, duas de 2016 e finalizando mais duas de 2017. Este número reduzido de estudos evidencia a pequena quantidade de investigações que combinam a modalidade esportiva de maior gosto e relevância entre os brasileiros com aspectos específicos ligados à educação.

Nesta primeira garimpagem, após realizar a leitura de todos os resumos das pesquisas citadas acima, chamou-me atenção a pesquisa de Silva (2013) que abordou questões raciais envolvidas com um projeto social ligado ao futebol. Nessa pesquisa em específico, estabeleci certa relação com o que propus desenvolver, já que a tese de Silva (2013) trata sobre o "empoderamento" da modalidade do futebol como um espaço que pode contribuir para a inclusão social de jovens afro-brasileiros, normalmente localizados nas camadas mais pobres da população. Outra particularidade encontrada nas pesquisas se encontra na valorização do futebol combinado com programas que exigem a formação escolar dos participantes, todos matriculados na rede pública de ensino. Sobre o programa no qual realiza seu estudo, é interessante o que o pesquisador afirma, e que coincide com algumas análises preliminares desta pesquisa:

> [...] por sua filosofia de formação de atletas, instiga seus formandos a pensarem, simultaneamente, no futebol e na elevação dos níveis de escolarização, embora saibamos, que, frequentemente, os sujeitos pobres e excluídos apostem mais no futebol como uma via mais rápida para a conquista por uma vida mais digna (SILVA, 2013, p.156).

Interessei-me também pela tese intitulada "O futebol como carreira, a escola como opção: o dilema do jovem atleta em formação", de Rocha (2017). Em sua pesquisa, este autor buscou analisar como jovens atletas percebiam as oportunidades de futuro profissional por meio do esporte e da escola, traçando, a partir disso, planos para o futuro de suas vidas. Acompanhando os estudos de Rocha, impressionei-me com a forma com que, após realizar todos os grupos de discussão previstos na pesquisa que desenvolvi, as falas dos jovens adolescentes que acompanhei se aproximavam do modo de pensar questões relativas ao futebol e o futuro de suas vidas com jovens que se encontram inseridos nas categorias de base de clubes de futebol. Aproprio-me das palavras do próprio autor desta tese (Rocha, 2017) para afirmar que "o futebol produz discursos quase que padronizados e os meninos reproduzem-no como parte de seus projetos individuais de carreira" (ROCHA, 2017, p. 65). Outros aspectos também acabaram tendo familiaridade entre as pesquisas, quando percebi que as motivações e os sonhos de uma carreira no futebol quase sempre estavam pautados pela expectativa de obtenção de muito sucesso nesse esporte e a partir disso a possibilidade de uma mobilidade social para a família dos jovens adolescentes, sejam eles atletas das categorias de base de um clube ou participantes de programas ou projetos sociais esportivos.

Rocha (2017) também apresentou em seus estudos outro elemento de importância para a pesquisa que desenvolvi, realizando um comparativo interessante entre as chances

de iniciar duas carreiras profissionais bem distintas. Ao falar dos processos de seleção de novos talentos no futebol, as chamadas peneiras, o autor realiza um comparativo com o grau de dificuldade para o ingresso no curso de graduação normalmente mais concorrido do país, Medicina. Para fazer isso, Rocha (2017) compara a quantidade de candidatos por vaga nas provas de vestibular para Medicina com a quantidade de garotos e vagas existentes em alguns clubes de futebol do Brasil. Apropriando-se da reportagem realizada por Eric Faria, apresentada no Programa Esporte Espetacular[1], o pesquisador afirma que, para o ingresso no curso de Medicina da Universidade de São Paulo, USP, de Ribeirão Preto, por exemplo, o número de candidatos por vaga em 2014 foi de 62. Quando comparados esses números com os números equivalentes à relação de candidatos por vaga para ingressos em alguns clubes de futebol no mesmo ano, o resultado impressiona.

> [...] no Sport Club Internacional, mais de 3.900 jovens tentaram ingressar nas categorias de base no clube em 2014, mas só 22 conquistaram o objetivo; já, no Fluminense Football Club, o número de pretendentes no mesmo ano era de 4.100 jovens, embora só 28 tenham obtido êxito na tentativa de ingressar nas categorias de base do clube; e no Clube Atlético Mineiro, 4.000 jovens tinham esperança em serem aprovados para as categorias de base do clube, porém, apenas 25 chegaram onde tinham desejo. Esses dados nos mostraram que a relação candidato/vagas para acesso às categorias de base de três clubes de prestígio no futebol brasileiro é aguda: a média aritmética atingiu, aproximadamente, o número de 160 pretendentes para cada vaga disponível no ano de 2014 (ROCHA, 2017, p. 67).

A partir das informações apresentadas se percebe que o número de candidatos por vaga para as peneiras em alguns clubes de futebol chega a ser mais do que dobro do que o número observado para o ingresso em um curso de Medicina, evidenciando como são poucos meninos e jovens adolescentes que conseguem iniciar esta corrida pela profissionalização no futebol. Silva (2015) em sua pesquisa intitulada "Juventudes: o projeto social como um dos espaços para a construção da socialidade juvenil" menciona alguns aspectos que me chamaram atenção também. Destaco o que a autora relata sobre a imagem de jovens pobres, perfil daqueles que também compuseram o foco de minha pesquisa.

> [...] talvez ser jovem e pobre, aumente o risco de sua inserção social, principalmente por serem também percebidos como os rebeldes, os alunos problema, os delinquentes, os violentos, os que necessitam ser "resgatados", "os últimos". E estes jovens, além de sua própria condição social, muitas vezes vivenciam situações em uma sociedade que também é conflituosa, e atravessada por mecanismos de controle social (SILVA, 2015, p. 71, grifo da autora).

Mesmo não tendo sido publicada dentro do recorte utilizado por mim para fazer este levantamento de dissertações e teses (2013-2017), destaco também aqui uma pesquisa que encontrei e que despertou meu interesse, já que possui relação direta com meus estudos. Refiro-me ao estudo desenvolvido por Koch (2012), chamado de "Marcas da futebolização na cultura e na educação brasileira". Neste estudo, o autor comenta que o

1. Programa esportivo dominical apresentado pela Rede Globo de Telecomunicações. Reportagem realizada por Eric Faria e apresentada no dia 12 de outubro de 2014.

futebol tem presença forte nas escolas do país e que, no Brasil, ocorre certa *futebolização* da cultura. Ao tratar deste tema, Koch busca mostrar como esta "futebolização" atravessa a cultura brasileira nos dias de hoje, com repercussões tanto na escola, como na vida e identidades de crianças e jovens.

> Ser colorado, gremista, flamenguista, corintiano, ou simplesmente torcedor da seleção nacional, dá um sentimento de pertencimento e identificação. Vestir a camiseta, ou qualquer adereço, de um clube ou time de futebol faz as pessoas acreditarem que fazem parte das conquistas e derrotas daquele grupo ou nação, mesmo que nunca tenham chutado uma bola ou ido ao estádio (KOCH, 2012, p. 80).

Em um segundo momento, optei por fazer cruzamentos entre o descritor "futebol" e outras expressões sugestivas para o trabalho: juventudes, imaginário, programas sociais e subjetividades.

Assim, ainda no Banco de Teses da CAPES, ao cruzar os descritores "futebol" e "juventudes" dentro da área da educação, localizei dois estudos realizados. Entre estes, a pesquisa realizada por Feltes (2017) me chamou a atenção por relacionar o jogador brasileiro de maior expressão no momento, Neymar, com aspectos que giram em torno da construção de identidade e da necessidade de pertencimento dos jovens. No estudo, a autora trabalha com temas que também abordei na pesquisa, a saber, as representações midiáticas sobre os jogadores de futebol. Ao imaginar tantas crianças e jovens adolescentes que diariamente imitam seus ídolos do futebol, seja por meio de seus modos de se vestir, uniformes personalizados, cortes de cabelo ou ainda por meio de outros comportamentos e atitudes, tão repetidamente reproduzidos nas mídias, concordo com a autora ao afirmar que:

> Já o papel dos meios de comunicação juntamente com a figura dos olimpianos, gira em torno de expor visualmente seus produtos (sejam materiais ou valores) procurando atingir os jovens a partir dessas relações entre a subjetividade dos símbolos e as linguagens que eles se apropriam (...) os jovens anseiam pelo reconhecimento e para isso adotam marcas de identidade que aumentem a possibilidade de exibirem-se e serem reconhecidos a partir disso. Assim, os indivíduos desejam mostrar-se ao outro de forma espetacularizada e, para tanto, trocam uma identidade considerada "ultrapassada" por outra que o legitime (FELTES; SANFELICE, 2017, p. 14, grifo dos autores).

Então ao cruzar os descritores "futebol" e "imaginário", no período selecionado para identificação dos estudos realizados, surgiram sete pesquisas. Entre estas, sobressaio o estudo de Fonseca (2014), que lembra que, no Brasil, é quase impossível estar imune ao futebol, lembrando que o esporte é aqui praticado por todos, sejam negros, pobres, ricos, imigrantes, sulistas, nortistas, judeus e árabes.

Fonseca (2014) lembra que em qualquer parte do país é possível conversar sobre o futebol, pois sempre há pessoas interessadas e ávidas em comentar lances de jogos recentes, gols importantes ou ainda falar sobre jogadores consagrados, times e conquistas. Como que advertindo sobre o que é possível de se ouvir e ler sobre o futebol, o autor adverte que normalmente o que as pessoas têm a dizer sobre o futebol não é dotado de posicionamento crítico, sendo meras repetições. Portanto, é preciso cuidado

no desenvolvimento de pesquisas com a temática "futebol", pois, ao ouvir o rádio, ligar a televisão ou por meio de apenas um clique em *sites*, é fácil ter acesso ao universo do futebol, mas tal material, por vezes até mesmo farto, não descarta a necessidade de uma investigação densa, leitura crítica e interpretação. O autor conclui que: "a maioria dessas conversas revela-se, aos olhares mais cuidadosos, exatamente o que elas sempre foram: papo descompromissado – e, repetindo: nem sempre bom –, e, em diversas circunstâncias, ingênuo e desprovido de crítica" (FONSECA, 2014, p. 291).

Por fim, consultei a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, na qual, por meio de uma busca nas teses e dissertações publicadas entre os anos de 2015 e 2017, localizei o seguinte número de estudos catalogados com os seguintes descritores:

Temas	Nº de estudos	Dissertações	Teses
Futebol e Juventudes	3	2	1
Futebol e Imaginário	8	5	3
Futebol e Programas Sociais	68	51	17
Futebol e Subjetividades	15	11	4

Tabela 1: Estudos catalogados, de acordo com seus descritores. Fonte: Autoria própria, 2018.

Concluída a revisão no banco de teses e dissertações do BDTD, localizei a pesquisa de Magalhães (2015) que articula de modo interessante algumas questões importantes no contexto do futebol no Brasil. De acordo com o autor, o futebol é um esporte que tem identificação forte com a cultura brasileira e mais:

> O Futebol no Brasil tem assumido um papel que vai além de uma simples modalidade esportiva, configurando-se como um fenômeno social. Pois, atingiu o status de maior esporte nacional devido ao fomento do Estado, a grande veiculação nas mídias. Isso faz com que milhares de pessoas se identifiquem com a prática dessa modalidade que desperta diferentes emoções (MAGALHÃES, 2015, p.55).

A referida pesquisa trata sobre os discursos midiáticos sobre o futebol e sua possível influência sobre os jovens, alertando sobre a necessidade de problematizar questões que podem parecer evidentes, não permitindo tomar por fato o que pode ter sido socialmente construído. Tais contribuições da pesquisa são interessantes quando falamos em projetos de futuro para jovens praticantes do futebol, já que o realçar de alguns significados, e a ocultação de outros, pode naturalizar representações e, assim, atuar nas escolhas e mobilizações dos jovens.

As leituras de resumos, algumas teses e dissertações no espaço virtual da CAPES, bem como na BDTD, foram importantes tanto para a aquisição de conhecimentos quanto para vislumbrar possibilidades e abordagens diferentes para a presente pesquisa.

3.2 A HISTÓRIA SOCIAL DO FUTEBOL NO MUNDO E NO BRASIL: OS DIFERENTES SENTIDOS QUE O FUTEBOL CONQUISTOU COM O PASSAR DO TEMPO

3.2.1 O surgimento do futebol

A condução dos estudos sobre o futebol e o direcionamento das leituras para referências na área de esportes e educação física partiu da investigação em materiais publicados em revistas, periódicos, dissertações e teses, onde foram aproveitados principalmente os escritos de autores como Rogério da Cunha Voser (2010), Ronaldo George Helal (1998; 1999; 2011; 2014; 2015), Marcos Guimarães (2010), Elio Salvador Carravetta (2006), Mauro Betti (1998; 2001), José Miguel Wisnik (2008), Carlos Alberto Máximo Pimenta (2006), Marcos Guterman (2010), Valter Bracht (1999), Manoel Tubino (2010), John Mills (2005), Wilson Gambeta (2015) e Édison Luis Gastaldo (2009). Lembro, no entanto, que outros autores também foram utilizados para a produção da tese.

Entre as diferentes modalidades esportivas existentes, há consenso de que o futebol é a mais conhecida, apreciada e praticada, praticamente em todos os lugares do mundo. Mas muito antes desta popularidade, alcançada a partir do século XX, principalmente, este esporte passou por transformações importantes ao longo da história até chegar ao seu formato atual. Nesse sentido, é importante destacar que:

> O futebol é o resultado de uma lenta evolução de diferentes jogos com bola que se processou através de milênios, partindo dos mais rudimentares modos e formas para chegar à complexidade técnica, tática e física com que hoje se apresenta. Sua aceitação fora muito grande no mundo inteiro, talvez por diferir de outros esportes que antigamente eram parte do cotidiano humano, como a natação, a corrida e lutas (VOSER; GUIMARÃES; RIBEIRO, 2010, p. 17).

Diferentes registros escritos ou desenhados sobre as primeiras manifestações e práticas esportivas que podem ter antecedido e contribuído para a posterior criação do jogo de futebol são apresentados como o "começo da história do futebol", mesmo que, por vezes, não exista total consonância sobre os locais, datas e povos envolvidos. De acordo com alguns estudiosos, como Barbieri, Benites e Neto (2009) e Rottmann (2012), milhares de anos antes de Cristo podem ter acontecido as primeiras atividades que contribuíram para o surgimento do futebol. Segundo eles, na China, aconteciam diferentes jogos com bola, em datas comemorativas, que mobilizavam uma quantidade grande de pessoas. A similaridade daqueles jogos com o futebol atual consistia nos objetivos das partidas, em que os participantes disputavam uma bola que podia ser lançada ou conduzida com os pés ou até mesmo com as mãos.

Outros registros, conforme nos relata Aspis (2006), também apontam a Ásia como precursora em jogos semelhantes ao futebol, mas, desta vez, no Japão. Segundo o autor, por volta do ano 4.500 a.C, no Japão, era praticado um jogo muito parecido com o futebol, por ser jogado com os pés. O referido jogo, chamado de "Kemari", era praticado como forma de ocupação e divertimento para homens de posição da corte, e exigia certa habilidade técnica dos participantes, em virtude do grau de dificuldade no manuseio da bola com os pés.

> Era um jogo pacífico, sem brutalidade, quase um cerimonial, e se prestava a demonstrações de habilidade, e não de eficiência, pois não contava pontos. Ninguém ganhava, ninguém perdia. A bola, de fibra de bambu, era passada de pé em pé, não podendo cair no chão. Os imperadores En-Ji e Tem-Ji entraram para a história como seus primeiros praticantes (ASPIS, 2006, p.19).

O que parece não gerar dúvida entre os estudiosos e historiadores do futebol é a importância e semelhança do jogo *Tsu Chu* com o futebol de hoje. Criado por Yang-Tsé, oficial do imperador chinês Huang-Ti, esse jogo, que em sua tradução quer dizer "chute bola", foi criado entre os anos 2.500 e 3.000 a.C como uma alternativa de treinamento para a guarda pessoal do imperador. As características e objetivos do *Tsu Chu* nos fazem acreditar que esse jogo realmente foi o antepassado do futebol, já que, além dos participantes utilizarem os pés na disputa pela bola, as partidas aconteciam com o enfrentamento de duas equipes de oito jogadores cada, sendo o objetivo principal o de fazer a bola ultrapassar a meta adversária por intermédio de chutes e passes.

Aspis (2006) comenta também sobre algumas características da área de jogo do *Tsu Chu*, sinalizando que o campo era em formato quadrado de 14m de lado, as metas feitas com estacas fixadas no chão e um fio de seda na parte superior que delimitava o espaço aéreo e o campo de jogo. A bola utilizada nas partidas tinha 22cm de diâmetro, confeccionada de couro e recheada de cabelo, crina ou fibra de bambu. Carmona e Poli (2006) trazem um aspecto curioso e macabro sobre as primeiras partidas do *Tsu Chu*, ao narrar que eram utilizados, "em vez de bolas, os crânios dos inimigos abatidos em guerras. Assim teria nascido o ancestral futebol chinês, o *Tsu Chu* [...] Os crânios foram substituídos por bolas de couro, que deveriam ser chutadas entre estacas fincadas no chão" (p. 22).

Algumas fontes bibliográficas também indicam que jogos semelhantes ao futebol eram praticados há pelo menos 3.000 anos, em diferentes lugares do mundo, como no Oriente Médio, por exemplo, onde foi descoberta uma pintura antiga feita em um túmulo que mostrava pessoas rebatendo uma bola com os pés. Já na Grécia, um jogo semelhante ao futebol também foi criado e possuía um estilo parecido com o formato atual da modalidade, uma vez que seu objetivo era conquistar pontos por meio da passagem de uma bola através da meta da equipe oposta. Para a prática deste jogo, chamado de *Epyskiros*, os gregos criaram uma bola feita com uma bexiga de boi inflada recoberta de couro. Provavelmente, a prática dos jogos com uma bola mais leve e inflada tenha proporcionado melhores condições para os jogadores e uma dinâmica de jogo maior e mais rápida.

Rottmann (2012) apresenta uma informação interessante ao explicar como o *Epyskiros* começou a ser praticado em Roma.

> Quando a Grécia foi conquistada pelos romanos, dois séculos antes de Cristo, os romanos tiveram contato com o Epyskiros. Aquele desconhecido jogo despertou interesse de imediato nos romanos que, por sua vez, o introduziram mais tarde em Roma, já com algumas alterações em suas regras e passando a chamar-se de "harpastum". O harpastum pode ser considerado como o primeiro jogo de futebol praticado com esquemas pré-estabelecidos, já existindo a preocupação em dividir os jogadores de uma mesma equipe em diferentes posições conforme suas qualidades e habilidades. Para a zona defensiva eram preteridos atletas fortes, altos e mais pesados. Os atacantes normalmente eram os jogadores mais rápidos e leves, procurando formar um

> ataque dotado de agilidade e velocidade. Ainda existia a zona intermediária, que curiosamente era ocupada por jogadores que atuavam ora para uma equipe, ora para outra (p. 25, grifo do autor).

Acredita-se que, a partir do *harpastum,* outros jogos foram criados na Idade Média, entre eles o *soule* e o "*giuoco del calcio*" ou somente "*calcio*[2]". Surgido na França, o *soule*, era uma atividade que acontecia durante festas populares e envolvia diferentes grupos de pessoas disputando uma bola. Neste jogo, que podia ser praticado com os pés ou com as mãos, até mesmo os choques e disputas violentas aconteciam. Wisnik (2008) ao comentar sobre este jogo fala em uma encarniçada disputa de bola, onde aconteciam:

> [...] emboscadas lúdicas e agressivas, espalhando-se pelas bordas de povoados e cidades, entre campos, bosques e brejos, numa disputa sem margens definidas à qual nunca faltaram contusões graves, ferimentos, fraturas e, segundo relatos, não descartadas nem propriamente raras, mortes (WISNIK, 2008, p. 77).

O *calcio*, por sua vez, surgiu na Itália. Nesse jogo, cada equipe era constituída por um número de 27 participantes e o objetivo era de fazer a bola cruzar pela meta adversária. Competiu ao "*calcio*" a introdução de sistemas táticos de jogo e a escolha e definição de jogadores de acordo com posições no campo, o que, de certo modo, pode ter proporcionado jogos mais organizados com a introdução de estratégias de jogo.

Um fato inusitado ocorreu no ano de 1530 envolvendo uma partida de "*calcio*" na cidade de Florença, Itália. Na ocasião, tropas militares do príncipe de Orange ocupavam a cidade, porém, entre eles havia interesses e divergências políticas. Buscando então resolver suas desavenças, os grupos divergentes resolveram se enfrentar por meio de uma partida de "*calcio*" para medir suas forças. O desafio aconteceu em uma praça da cidade de Florença. O episódio lembrado carrega consigo um significado marcante para a população local, já que a partir daquele jogo, realizado há quase 500 anos, até hoje, uma vez por ano, o desafio é lembrado e novamente organizado em Florença, para comemorar a união de facções políticas diferentes.

> O calcio prospera até os dias atuais, pois anualmente rememora-se no dia 24 de junho, Dia de São João, padroeiro da cidade, uma disputa de cálcio, devido à tradição. São agora quatro equipes, representantes de seus respectivos bairros (rivais por tradição), sendo elas: Santo Spirito, de branco, Santa Croce, de azul, San Giovanni, de verde e Santa Maria Novella, de vermelho [...] O palco continua sendo a Piazza Santa Croce, no retângulo de areia (100 x 50m), que divide seu espaço por duas equipes de 27 jogadores cada [...] Trancos, bloqueios, chutes, cabeçadas, emprego das mãos e dos pés são válidos, pois revive-se uma batalha (VOSER; GUIMARÃES; RIBEIRO, 2010, p. 20).

De acordo com registros sobre a criação do futebol, o "*calcio*" foi levado para a Inglaterra em meados do século XVII. Constam informações de que a adoção de uma bola inflada com ar persistia, e, em território inglês, o jogo passou a ser praticado em um terreno de 120 x 80m, com dois postes de madeira em cada um dos lados do campo que foram chamados de "gol". Foi na Inglaterra então que o desenvolvimento do futebol ganhou novo

2- O nome "*Calcio*" significa pontapé ou coice.

ritmo e alcançou um número maior de praticantes, tal crescimento pode ter sido decorrente dos locais onde o jogo começou a ganhar espaço, como escolas e universidades.

Pelo fato de ser um esporte novo, a organização dos jogos sem normativas e uma relação de regras claras sobre o modo como jogar, ou até mesmo de conduzir a bola, por exemplo, fez com que as primeiras partidas de futebol entre escolas e universidades diferentes acontecessem com grande dificuldade. Na época, a discórdia principal entre os praticantes e as equipes consistia no uso permitido ou não das mãos para o jogo. Tal desacordo teria proporcionado um grande impasse para a execução dos jogos, gerando brigas e discussões.

Segundo Ferreira (2005):

> [...] o futebol, como o entendemos nos dias de hoje, teve nas tradicionalíssimas instituições de ensino inglesas o seu ambiente inicial, servindo como um verdadeiro laboratório para a unificação das regras deste esporte. Após longas discussões com as faculdades rivais de Eton e Rugby, favoráveis à permissão de pontapés nas canelas e do uso das mãos, os alunos de Harrow tomaram a iniciativa de, em 1863, codificar as regras do chamado footballasociation (FA), enquanto que os alunos de Rugby criaram as regras do esporte batizado com o nome daquela mesma instituição de ensino (p. 1).

Assim, o dia 26 de outubro de 1863, como destacado, pode ser considerado um marco para o desenvolvimento do futebol, já que, a partir dessa data e da reunião entre líderes de escolas, em Londres, um regulamento foi criado para o futebol, tornando possível a realização de jogos com as mesmas leis e princípios. A partir desse encontro, os representantes das escolas formataram o jogo de modo que as expectativas dos escolares fossem satisfeitas e as regras do futebol pudessem se tornar universais, favorecendo a organização e realização de jogos entre diferentes escolas e universidades. Nascia assim a Federação Inglesa de Futebol (*English Football Association*), juntamente com o primeiro regulamento do futebol que consistia em 13 regras. As regras principais eram: Somente o goleiro poderia utilizar as mãos enquanto a bola estivesse em jogo, sendo que os outros jogadores apenas poderiam as utilizar para cobrar um arremesso lateral; o tamanho do campo de jogo deveria ser no máximo de 182 x 91m; quando um gol acontecia, as equipes deveriam mudar o lado do campo; a goleira (as traves) não tinha limitação superior com travessão, e seu comprimento deveria ser de 7,32m; para marcar um gol, a equipe deveria fazer a bola ultrapassar totalmente os dois postes da meta adversária, sem existir um limite superior para esta passagem.

A Inglaterra estava passando por um período de urbanização por volta da metade do século XIX, assim, os costumes e hábitos ligados ao lazer popular também precisavam ganhar nova forma. Se anteriormente os esportes praticados pareciam ter relação com a natureza e os animais, como o adestramento de cães e briga de galos, por exemplo, nos novos espaços urbanos as atividades precisariam ter um novo formato. O futebol então passou a ocupar tal espaço como forma de lazer e de ocupação para as pessoas que, em número cada vez maior, chegavam às cidades em busca de emprego. Logo, em pouco tempo esta modalidade passou a ser preferência entre a classe operária daquele país. Ao mesmo tempo em que o futebol começava a se difundir em território britânico, no exterior, as primeiras bolas infladas também começavam a ser chutadas, principalmente por

intermédio de descendentes britânicos que viajavam para outros países e apresentavam o novo esporte para seus amigos, colegas e conhecidos.

Jesus (2002), ao comentar sobre a origem e crescimento do futebol na Inglaterra, fala sobre o interesse de sujeitos de diferentes camadas sociais em sua prática, mesmo naquela época. Ao sinalizar sobre a primeira competição de futebol com repercussão naquele país, a Copa da Inglaterra, lembra que o futebol naquele momento já não era um esporte exclusivo de estudantes, mas um jogo praticado por pessoas que faziam parte de clubes elitizados, bem como pessoas da classe média. Interessante perceber então que o futebol passou a ganhar prestígio, de modo rápido, tanto entre estudantes como entre a elite britânica e, ainda, na classe operária.

Com a grande aceitação popular do futebol na Inglaterra, proprietários de fábricas inglesas promoveram o surgimento das primeiras agremiações de futebol, surgindo assim o *Manchester United,* em 1878, e o *Arsenal*, em 1886. Quando estas equipes começaram a organizar jogos e competições, o futebol começou a ganhar ainda mais espaço no coração dos ingleses, que, além de jogar futebol, começaram a prestigiá-lo nas arquibancadas e a eleger seus clubes de preferência. Conforme Mascarenhas (2001) nos informa, a partir de 1870 alguns jogos de futebol organizados na Inglaterra já atraíam um público superior a 10.000 pessoas.

O espaço que o futebol conquistou, principalmente na classe trabalhadora das fábricas, proporcionou, assim, um sentido diferente do esporte para as pessoas, construindo um sentimento de pertencimento e identidade com as equipes.

Com o crescimento e popularização do futebol, rapidamente ele passou a ser jogado profissionalmente na Inglaterra, isso aconteceu no ano de 1888. No dia 21 de maio de 1904 foi criada a Federação Internacional de Futebol Associativo (FIFA), considerada a entidade máxima da modalidade de futebol, com a participação somente de representantes europeus como Bélgica, França, Suíça, Dinamarca e Espanha. A FIFA teve grande importância para o crescimento do futebol ao redor do mundo, tanto por atuar diretamente na fundação de associações nacionais de futebol em diversos países, tais como a França, Holanda, Suíça, Espanha e Bélgica, como por criar e executar, mais tarde, programas de aperfeiçoamento em variados níveis de futebol nas federações dos continentes africano, oceânico e asiático.

O empenho e trabalho realizado pela FIFA, em conjunto com as federações nacionais, garantiu ao futebol uma popularidade maior do que a de qualquer outro esporte no mundo. Consta que, em 1999, o número de países associados à FIFA era de 203, número maior que o de países associados à Organização das Nações Unidas (ONU).

Wisnik (2008) chega a comentar que, ao lado das Nações Unidas, ou quem sabe mais do que essa, o futebol é a instituição mais autenticamente mundial que existe, já que é a única modalidade esportiva praticada em todos os lugares e por todos, mesmo que em graus diferentes, porém praticamente em todos os continentes.

Ao comentar sobre o sentido que o futebol pode dar a milhões de vidas, o escritor argentino Sebreli enfatiza que "nenhuma das grandes ideologias universais – o cristianismo, o islamismo e o socialismo em toda sua história – puderam abarcar unanimemente sociedades, culturas, continentes, raças e sistemas políticos tão diversos como o futebol" (SEBRELI, 1998, p. 307).

Dienstmann e Denardin (1999) comentam que as regras criadas pelos britânicos para o jogo de futebol foram aprimoradas em 1938 e passaram a constituir as conhecidas 17 regras do futebol moderno, observadas e cumpridas até hoje. Os autores comentam que:

> As 17 regras do futebol são perfeitas e imutáveis. Até as medidas do campo são as mesmas há mais de um século, simétricas em relação de tamanho: o gramado ideal em 105 metros de comprimento por dois terços de largura, 70 metros, e a pequena área 5,50m desde a linha de fundo, ou um terço da grande área – 16,5m; a marca de cobrança do pênalti está exatamente no meio das duas áreas, a 11 metros do fundo de campo, tendo assim dois terços da longitude da grande área e o dobro da pequena – enquanto o gol tem 2,44m de altura e o triplo de largura, 7,32m. (p.2).

3.2.2 O começo da história do futebol no Brasil

O começo da história do futebol no Brasil aconteceu em 1894, por meio de Charles Miller, brasileiro nascido em São Paulo, filho de um engenheiro escocês[3] e de uma brasileira. O país, naquela época, passava por um período de riqueza em virtude das grandes exportações de café[4], com isso, alterações significativas ocorriam em solo brasileiro, não somente no cenário econômico, mas também na vida social, muito por conta da chegada de um número alto de estrangeiros que traziam consigo uma nova cultura, hábitos e costumes.

Charles Miller permaneceu dez anos estudando na Inglaterra, e, a exemplo dos imigrantes ingleses, também trouxe novidades para o Brasil. E, assim, em sua bagagem de viagem, trouxe com ele, bem acomodadas, duas bolas de futebol e uniformes de jogo. Tendo conhecido o novo esporte na Inglaterra, Miller tinha como hábito jogar futebol, fazendo parte até mesmo de uma equipe no condado de Hampshire. Com o propósito de continuar a praticar o futebol em território brasileiro, Charles Miller não poupou esforços para alavancar a modalidade.

Aspis (2006) apresenta um relato interessante ao falar da disposição de Charles Miller em não somente jogar futebol, mas procurar espaços para sua prática e novos adeptos para que as partidas acontecessem.

> Em 1894, com vinte anos, retornou ao Brasil com a firme disposição de continuar a jogar futebol. Associou-se ao São Paulo Athletic Club – entidade onde se jogava basicamente o cricket – com o objetivo específico de se aproximar dos sócios e induzi-los a jogar futebol. Não foi feliz em sua primeira investida. Um diretor o repreendeu: "Aqui não se pode praticar porque faltam campos e aderentes" (interessados). Miller não desistiu, passou a abordar sócio por sócio e apelou para que "deixassem a monotonia do cricket e tentassem a prática do futebol" (p.37).

Assim, no ano de 1895, Charles Miller conseguiu organizar uma partida de futebol entre trabalhadores da empresa *São Paulo Railway* contra um grupo de funcionários de

3. Charles Miller era filho de John Miller e Carlota Alexandrina Fox Miller. Constam em documentos que John Miller havia vindo para o Brasil para trabalhar em uma empresa inglesa que atuava na construção de ferrovias no país. Carlota Miller era filha de ingleses (Mills, 2005).

4. Naquela época, o Brasil chegou a controlar 80% do mercado mundial do café.

uma companhia de gás inglesa situada em São Paulo também. Como é possível perceber, as primeiras partidas de futebol realizadas no Brasil tiveram como participantes uma boa parte de sujeitos ingleses em campo. Sobre essa primeira partida de futebol não existem muitas informações registradas, como a duração da partida, a existência de arbitragem e, até mesmo, quais as regras que foram observadas, porém, sabe-se que a equipe que venceu o jogo foi a formada pelos trabalhadores do *São Paulo Railway* e o placar do jogo foi 4 x 2.

Wisnik (2008) dá detalhes do lugar onde tal partida (e certamente outras tantas) foi realizada, apontando para um terreno baldio ao lado da modesta estação ferroviária da Santos-Juquiá, de propriedade do rubro-negro *São Paulo Railway*. Ao indicar que o campo quase desapareceu com o tempo, o autor relata que "a origem histórica de toda essa onda: a ferrovia inglesa, à margem da qual, num núcleo que incluiu também clubes, fábricas e várzeas, o futebol nasceu no Brasil" (WISNIK, 2008, p. 30).

Damatta (1994) lembra que quando o futebol surgiu no Brasil era um jogo de elite, praticado por jovens, filhos de industriais ingleses, que haviam despertado sua paixão pelo novo esporte quando na Inglaterra haviam estado, seja por razões de estudo ou negócios.

Rohrer (2016), por sua vez, afirma que os primeiros que jogaram futebol no Brasil foram os ingleses, como técnicos industriais e engenheiros que vieram no século XIX para participar do processo de industrialização. Este autor evidencia um aspecto interessante sobre a influência dos ingleses no futebol praticado no Brasil quando ele começou a ser praticado por aqui, destacando alguns termos utilizados que eram comuns na Inglaterra.

> [...] o futebol manteve-se como um esporte elitista de sotaque inglês (...). Expressões como field (campo), full-back (zaga), inside-right (meia-direita), refere (juiz) e linesmen (bandeirinhas), off-side (impedimento), corner (escanteio) eram comuns durante as partidas (ROHRER, 2016, p. 28).

Aos poucos, o futebol despertava o interesse de um número cada vez maior de pessoas e, assim, o número de praticantes começava a ganhar proporções rapidamente. O envolvimento e esforço de Miller fizeram com que o São Paulo Athletic Club, após constatar o gosto de seus sócios pelo novo esporte, criasse um departamento voltado somente ao futebol. Outro clube também precisa ser lembrando como um dos pioneiros na organização e crescimento do futebol no Brasil, a Associação Atlética Mackenzie[5], fundada em 1898. Diferentemente do São Paulo Athletic Club, o Mackenzie era constituído por brasileiros e buscava em suas atividades esportivas possibilitar o desenvolvimento do esporte para pessoas brasileiras.

Fica evidenciada a dificuldade de envolvimento de pessoas de origens diferentes para a prática esportiva, naquela época no Brasil, com os fatos que aconteceram com outro nome de valor destacado para o futebol brasileiro, Hans Nobiling. Assim como Miller, Nobiling praticava o futebol na Europa antes de imigrar para o Brasil, tendo sido jogador do clube Germânia, localizado na cidade de Hamburgo, Alemanha. Ao chegar ao Brasil, porém, Nobiling não conseguiu ingressar nas equipes existentes por não ser inglês e, tampouco, descendente de ingleses. Outras portas se fecharam para Hans Nobiling por ele não ser estudante. No entanto, com muita força de vontade e gosto pelo futebol, este

5. Primeiro clube brasileiro fundado para a prática do futebol e constituído somente por brasileiros.

imigrante alemão conseguiu formar uma equipe para jogar contra outras já existentes, tendo conseguido, após reunir amigos brasileiros, alemães, ingleses, franceses e portugueses, fundar um novo clube voltado à prática deste esporte.

> Nobiling e seus amigos decidiram fundar um clube, no quarto alugado de uma casa na rua Senador Queiroz, em 19 de agosto de 1899. Deram a ele o nome de Sport Club Internacional, em homenagem "ao internacionalismo dos jovens" que participavam: eram 25 rapazes de diversas nacionalidades [...] sabia que somente por meio dos clubes o futebol fincaria raízes no Brasil e deixaria de ser um mero passatempo da elite (GUTERMAN, 2010, p. 29, grifo do autor).

Mesmo sendo Nobiling o principal responsável pela criação do clube, poucos dias depois, ele se afastou daquela organização e fundou outro clube. Consta em registros históricos do futebol que sua motivação para a saída do recém-formado clube tenha sido pela discordância do nome atribuído ao clube. Desse modo, apenas 18 dias depois, Nobiling fundava outra associação, agora com o nome de sua preferência, surgindo assim o Sport Club Germânia[6].

Com a criação dos clubes voltados para a prática do futebol, esta modalidade, aos poucos, deixou de ser somente um passatempo e passou a se estruturar como um esporte de competição.

Paralelamente, na região Sul, mais precisamente na cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul, surgia, em 1900, o Sport Club Rio Grande[7]. Não diferentemente do resto do país, o surgimento do futebol no sul esteve diretamente envolvido com imigrantes. Destacando o surgimento do Sport Club Rio Grande, De Rose (1996) comenta que o clube também era conhecido como "*Fussball*"[8], denotando a influência dos alemães no desenvolvimento do futebol naquela cidade. Também foram os imigrantes alemães os responsáveis pela criação do Grêmio Porto Alegrense, clube fundado em 1903, em Porto Alegre, importante na história do futebol brasileiro.

Como é possível de identificar, começaram a surgir, nessa época, diferentes clubes e agremiações para a prática do futebol. Carravetta (2006) atenta não somente para a criação de novos clubes, mas para o vínculo do futebol com a classe operária.

> No início do século XX, as fábricas e as indústrias implantaram a prática do futebol e passaram a incentivá-lo na classe operária. A partir daí, começaram a surgir novos clubes em toda extensão do território brasileiro. No Estado do Rio Grande do Sul, nasceram o Sport Club Rio Grande, o 14 de julho de Sant'Ana do Livramento e o Grêmio Foot Ball Porto Alegrense; em São Paulo, a Associação Atlética Ponte Preta; na Bahia, o 27 de Outubro; e no Estado do Rio de Janeiro, o Fluminense Foot Ball Club (p. 24).

Assim, a profissionalização do futebol não demorou muito para acontecer, pois já a partir de 1901 foi criada a Liga de Futebol de São Paulo, e a prática de venda de ingressos para os jogos começou a acontecer. A receita arrecadada com os jogos era dividida de

6. O Sport Club Germânia se tornou, mais tarde, o Esporte Clube Pinheiros, clube existente até os dias de hoje.
7. O Sport Club Rio Grande é considerado o clube de futebol mais antigo em funcionamento do Brasil. Apelidado posteriormente de "vovô", foi fundado no dia 19 de julho de 1900. Esta data é considerada como o "Dia do Futebol Brasileiro".
8. *Fussball* quer dizer futebol, no idioma alemão.

forma que metade ficasse para os clubes e a outra metade para a liga. O que se percebeu, dessa forma, foi que o futebol começava a se expandir cada vez mais, ao mesmo tempo em que perdia seu caráter amador.

Esse período de transição marcou também outro elemento importante da história do futebol brasileiro: a introdução dos negros no esporte da bola. Ao perder seu caráter elitista e ocupar um espaço cada vez maior entre operários, os jogadores de maior habilidade e de destaque que passavam a ser os preferidos para compor as equipes das fábricas, algumas vezes, se encontravam entre pessoas negras de origem humilde. Naquele contexto, em que o futebol começava a deixar de ser exclusividade da elite, surgiu um nome que posteriormente ganharia fama de herói brasileiro, devido a suas habilidades fantásticas jogando futebol, Arthur Friedenreich (GAMBETA, 2015). Filho de um comerciante alemão e de uma ex-escrava negra, "Fried" apresentava em sua própria história de vida uma similaridade com o futebol que começava a se desenvolver no Brasil. Por um lado, herdava uma herança europeia e a possibilidade de oportunidades de formação e crescimento profissional, por outro, carregava consigo a simplicidade de sua mãe, negra, ex-escrava, que não possuía sequer o nome completo em seus registros. Tanto o futebol como Friedenreich continham, assim, dois lados bem distintos em sua história de vida no país. Mesmo tendo seu sobrenome a favor, para vencer eventuais barreiras raciais, Fried tinha traços negros que evidenciavam sua herança genética, sendo mulato com cabelos crespos. Tais marcas não lhe causavam orgulho, pelo visto, pois alguns registros apontam que, antes de entrar em campo, Fried passava um bom período de tempo alisando os cabelos.

Fato é que, ao alcançar o status de herói nacional, pelo gol convertido na partida final do torneio Sul Americano[9], disputado em território brasileiro, Fried, mesmo negando sua origem negra, estava contribuindo para um processo de aderência de diferentes raças e classes sociais, mesmo que em um espaço determinado para a prática esportiva.

> A partir desse gol de Fried, o Brasil notou que seus negros e seus pobres (o que quase dava no mesmo) podiam ter algum valor. O país, inebriado pela conquista inédita, enamorado de seu craque exótico e já com sintomas evidentes de estar tomado pela febre do futebol, concedeu que esse esporte havia transbordado as muralhas dos clubes de ricos brancos, ainda que estes não suportassem essa ideia, resistindo a ela o quanto podiam. Equipes já estavam se formando em todos os cantos, o que foi considerado uma heresia pelos clubes pioneiros (GUTERMAN, 2010, p. 46).

Cabe destacar que, pouco antes da competição internacional de futebol, organizada no país em 1914, foi fundada a Federação Brasileira de Sports, entidade que, anos mais tarde, passaria a se chamar de Confederação Brasileira de Desportes (CBD) e, a partir de 1979, de Confederação Brasileira de Futebol (CBF). No ano de 1923, a CBF passou a ser reconhecida também pela FIFA.

3.2.3 A Copa do Mundo

Reconhecido como o maior e mais importante evento do futebol, a Copa do Mundo

9. O Sul Americano de 1919 foi a primeira competição internacional que o país sediou na modalidade do futebol. O torneio aconteceu na cidade do Rio de Janeiro e contou com a participação, além do Brasil, da Argentina, Uruguai e Chile.

pode ser considerada também como um dos maiores espetáculos da terra. A competição disputada entre nações foi criada pelo então comandante da FIFA, o francês Jules Rimet, no ano de 1928, com o intuito de reunir as melhores equipes de futebol do mundo a cada quatro anos. Em virtude da criação da Copa do Mundo, os Jogos Olímpicos, que já aconteciam de quatro em quatro anos naquela época e envolviam também partidas de futebol, passaram a ser disputados somente por jogadores amadores. Os atletas profissionais, porém, podiam representar seus países nas edições da Copa do Mundo. Deste modo, no ano de 1930, foi realizada a primeira Copa do Mundo de Futebol, no Uruguai, ocasião em que treze seleções convidadas pela FIFA disputaram o título de campeão mundial. Voser, Guimarães e Ribeiro (2010) apontam um somatório de motivos pelos quais o Uruguai teria sido escolhido para sediar a primeira edição da Copa do Mundo. De acordo com estes estudiosos do futebol, além do Uruguai ter conquistado a medalha de ouro de futebol nos Jogos Olímpicos de 1924 e 1928, seu futebol, na época, era aclamado como o mais bonito e eficiente do mundo. Já não fossem tais motivos fortes o suficiente para a escolha do país como sede, o Uruguai, em 1930, iria comemorar o Centenário da Independência do país. Além disso, um ano antes da realização da Copa, cinco outros países, anteriormente candidatos a sediar o evento, haviam desistido de organizá-lo em seus territórios.

Talvez buscando prestígio mundial, valorização e desenvolvimento para o evento, a FIFA convencionou, desde 1930, que haveria um rodízio entre os países que iriam sediar a Copa do Mundo, assim, em 1934, ela aconteceu na Itália e, em 1938, na França. Rottmann (2012) lembra que:

> A Segunda Guerra Mundial impediu a realização da Copa do Mundo entre os anos de 1942 e 1946, sendo que somente no ano de 1950 a bola rolaria novamente em jogos válidos pela Copa do Mundo. Naquela oportunidade, em que pela primeira vez a competição mais importante do futebol acontecia no Brasil, toda a nação brasileira confiava na conquista do título mundial para a seleção brasileira. Tendo conquistado importantes vitórias ao longo da competição, o Brasil conseguiu chegar à final, sendo sua adversária a seleção do Uruguai. A partida mais importante da Copa naquele dia aconteceu no estádio do Maracanã, especialmente construído para receber os jogos daquela Copa do Mundo (p.30).

A busca pela realização da Copa do Mundo no Brasil, em 1950, contou com forte mobilização política, uma vez que parecia ser aquele o momento oportuno para conquistar o direito de organizar o mundial no país, principalmente em decorrência dos estragos causados pela guerra na Europa e todo período necessário para a reconstrução de muitas cidades daquele continente.

É importante ressaltar, porém, que a relação entre política e futebol, facilmente identificada no período das Copas, não teria nascido no Brasil. Já em 1930, no governo de Mussolini, na Itália, constata-se o uso do futebol para o fortalecimento do regime político fascista.

Clezar (2015) lembra que o futebol italiano foi reorganizado por Benito Mussolini, sob condução do fascismo, manifestando a própria concepção de Estado do regime político fundado por ele. De acordo com o autor:

> Além de modificar as estruturas internas do futebol italiano, o fascismo se valeu do esporte para difundir sua ideologia, e a difusão dessa ideologia se fez principalmente por formas simbólicas. O fascismo utilizou o futebol tanto como propaganda de Estado, quanto como forma de controle de massas. Sob Mussolini o futebol foi gradualmente transformado de um simples passatempo em um instrumento para a construção de uma identidade nacional (CLEZAR, 2015, p. 58).

Na oportunidade, o governo vigente investiu na construção de estádios de futebol e buscou criar uma ligação do futebol com a nação local. A expansão do futebol pelo país e o aumento da paixão dos italianos por sua seleção acabaria trazendo a esperada unidade da sociedade em todos seus patamares, ideal procurado pelo regime para a mobilização necessária para novos projetos do fascismo.

Assim, com o passar dos anos, tanto o futebol como a Copa do Mundo, passaram a despertar maior interesse da sociedade e também da classe política, que passou a enxergar no esporte de massas uma importante ferramenta para realizar os projetos e propostas das ideologias dominantes, principalmente para fortalecer um determinado líder político, partido ou até mesmo regime. No Brasil, é possível afirmar que cada Copa do Mundo chega a exercer uma espécie de deslumbramento na sociedade, já que, no período que antecede esta competição, percebem-se efeitos não somente na política, como antes mencionado, mas na economia, educação, relações de amizade, espaços de trabalho e no lazer. Com alterações em tantas esferas da vida social brasileira, não é exagero afirmar que, em períodos em que a Copa do Mundo acontece, o país parece parar para acompanhar e torcer pela seleção brasileira, ocorrendo uma verdadeira mobilização nacional em prol do futebol brasileiro.

> As Copas do Mundo constituem-se, para os brasileiros, em verdadeiros rituais nacionais, ocasiões em que se celebra a brasilidade, construção simbólica da unidade nacional, "suspendendo-se", de certo modo, as diferenças e desigualdades que permeiam a estrutura social. Para que tal processo se efetive, é necessário que nestes períodos constitua-se um tempo próprio e uma história própria. Este processo supõe a "suspensão" do tempo cotidiano, estabelecendo feriados prolongados e acionando a memória da participação dos selecionados brasileiros nas copas do mundo (GUEDES, 2002, p. 1, grifo da autora).

Para um entendimento maior da dimensão e interesse de pessoas das mais variadas partes do mundo nos jogos de Copa do Mundo, alguns números obtidos na realização do último mundial surpreendem. Ao tratar sobre a história deste evento, o *Jornal Gazeta do Povo*[10], de 23 de setembro de 2014, apresentou dados sobre o número de telespectadores que acompanharam a partida final entre Alemanha e Argentina na última Copa do Mundo realizada. Segundo a publicação, baseada em informações divulgadas pela FIFA, em Zurique, Suíça, a partida final da competição foi vista por mais de um bilhão de pessoas em todo mundo, batendo todos os recordes de um evento internacional. A reportagem dá destaque ao interesse de diferentes nações no acompanhamento da partida, salientando que, na Alemanha, Holanda, Bélgica e Estados Unidos, a competição bateu recordes de

10 Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/esportes/futebol/final-da-copa-do-mundo-foi-vista-por-mais-de--1-bilhao-de-pessoas-edzjwnnhzworaep9pqgwc0kem: Acesso em: 21 out. 2015.

audiência. Os números impressionantes não ficam restritos aos aparelhos de televisão, pois na rede social Facebook, a quantidade de pessoas que usaram o conteúdo da FIFA durante o evento chegou a 451 milhões de pessoas.

3.2.4 O Brasil nas Copas: as decepções em casa e os títulos mundiais.

Único país a participar de todas as Copas do Mundo, o Brasil é também o país que, por mais vezes, venceu essa competição, tendo já levantado a taça por cinco vezes.

Nesta seção do estudo, tratarei sobre alguns elementos históricos acerca das conquistas obtidas pela seleção brasileira em Copas do Mundo, bem como das duas edições em que esta competição aconteceu em solo brasileiro, e não culminou com o título dos anfitriões.

Após a realização da Copa de 1938, em decorrência da Segunda Guerra Mundial, o maior evento do futebol mundial ficou suspenso por doze anos. Somente no ano de 1950 o evento voltaria a ser disputado, e, na oportunidade, o Brasil acabou sendo escolhido para sediar a competição. Para receber os jogos da Copa, o governo brasileiro disponibilizou elevada quantia de dinheiro para reformar cinco estádios de futebol já existentes[11] e construir aquele que viria a ser o maior estádio de futebol do mundo, o Maracanã[12]. Tais investimentos se atrelavam a interesses políticos que buscavam valorizar a imagem do país no exterior. Após um período marcado negativamente pela ditadura militar, o futebol e a organização da Copa no país, em 1950, se ofereciam como uma excelente oportunidade para demonstrar para outras nações o poder econômico, cultural e político do Brasil. Dentro das quatro linhas de campo, o que se viu foi uma campanha regular da seleção na fase classificatória, mas a história reservava momentos de tristeza e dor para os brasileiros em 1950. Mesmo estando vencendo a partida final, precisando apenas empatar para conquistar seu primeiro título mundial, a seleção permitiu que os uruguaios virassem o jogo, vencendo a competição pela segunda vez.

Não tendo êxito nas Copas do Mundo anteriores, a preparação do selecionado brasileiro para 1958, na Suécia, foi diferenciada do que até então era realizado com as equipes brasileiras. Foram agregados à equipe um chefe de delegação, um psicólogo e um preparador físico. Uma melhor organização e planejamento da equipe, combinada com jogadores de extrema qualidade, proporcionou a conquista do primeiro título do Brasil em Copas do Mundo. A equipe que entrou para a história do futebol brasileiro contava com jogadores como Nilton Santos, Garrincha, Zagallo e Pelé, que, somente com 17 anos, disputava seu primeiro mundial.

Antes da realização da Copa do Mundo de 1962, a expectativa dos brasileiros era grande para que a seleção novamente realizasse uma boa competição, mas esse otimismo logo foi substituído por um clima de desconfiança em virtude de uma lesão séria de Pelé. O afastamento de Pelé, entretanto, possibilitou o aparecimento e crescimento do futebol

11. Na Copa de 1950, além do Rio de Janeiro, também foram escolhidas como sedes do mundial as cidades de São Paulo, Curitiba, Porto Alegre, Recife e Belo Horizonte. Para receber os jogos daquele mundial, os seguintes estádios foram reformados: Pacaembu (SP), Vila Capanema (PR), Eucaliptos (RS), Ilha do Retiro (PE) e Independência (MG).

12. O estádio Jornalista Mário Filho, popularmente chamado de Maracanã ou Maraca, foi construído no Rio de Janeiro para a realização de jogos da Copa de 1950. Quando inaugurado, o estádio comportava até duzentas mil pessoas em suas arquibancadas.

de Garrincha[13] na competição. Guterman (2010) relata de forma entusiasmada a atuação deste jogador na partida realizada contra a Inglaterra, no dia 10 de junho de 1962:

> O mundo saberia que um jogador de pernas tortas era capaz de ganhar sozinho uma Copa. Garrincha estava talvez no melhor dia de sua carreira. Jogou em todas as posições do ataque, deixou vários zagueiros no chão e, fato inédito em sua trajetória, até gol de cabeça ele marcou (p. 141).

Na partida final contra os tchecos, o selecionado brasileiro, mesmo saindo atrás no marcador, teve tranquilidade para empatar, ainda no primeiro tempo, e marcar mais duas vezes no segundo tempo. O Brasil conquistava então o bicampeonato mundial.

Na Copa de 1970, o prenúncio era de que a seleção iria reservar grandes alegrias ao povo brasileiro, já que, nas eliminatórias do torneio, a equipe brasileira venceu todas as partidas, sendo três delas por goleada. O tricampeonato tão esperado acabou se confirmando na Copa, quando o Brasil acabou vencendo todas as partidas. Denardin e Dienstmann (2002), ao comentarem sobre o feito alcançado pela Seleção na Copa de 1970, no México, evidenciam a superioridade da equipe, pois "os craques brasileiros simplesmente passaram por cima dos seus adversários. Em seus seis jogos, o Brasil sofreu sete gols – mais de um por partida –, mas marcou 19, média de 3,16, e sem jogar com um centroavante fixo" (p.45).

De acordo com relatos históricos (Soares; Salvador; Bartholo, 2004), os jogadores brasileiros estavam bem preparados fisicamente para a Copa de 70 e, na escalação da equipe, existiam jogadores de habilidade diferenciada como Jairzinho, Rivelino, Tostão e Pelé. A conquista do tricampeonato, com um placar incontestável de 4 x 1 sobre a Itália, permitiu ao Brasil ficar de vez com a taça Jules Rimet[14].

Tendo sido eliminada, prematuramente, nas oitavas de final na Copa de 1990, e realizado uma campanha marcada por partidas ruins e sustos, nas eliminatórias para a Copa de 94, a seleção brasileira, antes mesmo de partir para o mundial de 1994, nos Estados Unidos, já estava desacreditada pela população brasileira. Enquanto que, em outros mundiais, as goleadas e jogos fáceis, por vezes, se apresentavam naturalmente, para o Brasil, parecia que, naquela Copa, todas as partidas reservavam nervosismo e emoção. Assim, mesmo com placares magros e jogos complicados, o Brasil chegou à final contra a equipe da Itália. O empate no tempo normal e na prorrogação evidenciou o alto grau de dificuldade daquela partida que foi decidida nos pênaltis. O erro do capitão italiano Roberto Baggio, na última cobrança, deu ao Brasil o tetracampeonato tão sonhado por 24 anos.

O clima de incertezas tomava conta de todos que acompanhavam o futebol brasileiro para a Copa de 2002, uma vez que torcedores e a mídia nacional especializada esperavam um fracasso da equipe canarinho. Contudo, o que aconteceu posteriormente passou longe

---

13. Manuel dos Santos, Mané Garrincha ou Garrincha foi um jogador de futebol brasileiro nascido em 1933 no Rio de Janeiro. Ficou conhecido pela arte de driblar adversários com maestria, mesmo tendo pernas tortas. É considerado, por historiadores do futebol, como um dos melhores jogadores de futebol brasileiro de todos os tempos.

14. A taça entregue ao campeão da Copa do Mundo recebeu este nome para homenagear o francês Julis Rimet que ficou sob o comando da FIFA durante 33 anos e foi um dos principais apoiadores para a realização da primeira Copa do Mundo, em 1930, no Uruguai. Ao conquistar o terceiro título nesta competição, o Brasil obteve o direito de ficar com a taça em seu poder. A partir da Copa de 1974 o troféu entregue ao campeão da competição não recebeu mais este nome.

da insatisfação inicial da imprensa e torcedores, já que, logo na primeira fase, o Brasil classificou-se como a melhor campanha entre as 32 equipes participantes. Na partida final, a seleção enfrentou outra nação que havia chegado desacreditada na Copa, mas de muita tradição no futebol, a Alemanha.

> Seria a sétima final das duas seleções, que são as maiores vencedoras da história. Os dois países também são os que mais jogos disputaram em Mundiais e mais vitórias colecionaram desde a primeira Copa do Mundo. Os dois times chegaram completamente desacreditados à Ásia[15]. Enquanto o mundo falava do favoritismo de Argentina, França, Portugal, Espanha e Inglaterra, Brasil e Alemanha desembarcaram no Japão e na Coréia do Sul sem atrair muita atenção, quase coadjuvantes (VOSER, GUIMARÃES; RIBEIRO, 2010, p. 129).

Com a vitória de 2 x 0 sobre a Alemanha, na partida final, o Brasil fechava sua participação de maneira extraordinária e indiscutível no torneio, já que, pela primeira vez na história das Copas, um país conseguia vencer sete partidas em sete disputas na competição. Ronaldo[16], mesmo após passar por longo período de recuperação de uma lesão grave, foi diretamente responsável pelo êxito da equipe. O Brasil tornava-se pentacampeão mundial.

Em 2014, a maior competição do futebol aconteceu mais uma vez no Brasil. Empolgados pela competição em solo brasileiro, imprensa e torcedores imaginavam um final diferente do que aconteceu em 1950, quando ocorreu o famoso "*Maracanaço*" e o Brasil perdeu a final para o Uruguai por 2 x 1. Antes da Copa, pesquisas[17] apontavam que a torcida brasileira acreditava no hexacampeonato mundial, principalmente em decorrência do título alcançado na Copa das Confederações[18] sobre a Espanha, em 2013. Com a bola rolando, porém, a seleção não encantou, mas, mesmo assim, avançou na competição até as semifinais. Jogando em casa e com apoio do seu torcedor, na partida contra a Alemanha, a seleção pareceu não conseguir tampouco ver a bola, sofrendo o maior vexame da história do futebol brasileiro. Tendo tomado cinco gols somente no primeiro tempo, o combinado brasileiro se curvou perante um futebol alemão que, naquele momento, se apresentou melhor preparado técnica, tática e psicologicamente. A goleada sofrida, de 7 x 1, em casa, gerou perplexidade no mundo esportivo. Uma nova derrota, dessa vez para a Holanda, na disputa pelo terceiro lugar, trouxe uma nova marca para o Brasil, infelizmente nada positiva. Em nenhuma outra Copa o país tinha sofrido tantos gols como naquela: 14 no total.

15.A Copa de 2002 foi realizada em dois países do continente asiático, Japão e Coreia do Sul.

16. Ronaldo Luís Nazário de Lima, mais conhecido como Ronaldinho ou como Ronaldo Fenômeno, foi um dos maiores atacantes do futebol brasileiro. Conquistou a artilharia da Copa de 2002 com oito gols e foi eleito o melhor jogador do mundo por três vezes pela FIFA. Ao longo da carreira, foi acometido por lesões graves que o tiraram temporariamente dos campos, como no ano de 2001, quando o atleta, atuando pela Internazionale de Milão, rompeu o tendão patelar do joelho direito.

17. Pesquisa realizada pela empresa *Stochos Sports / Entertainment* registrava que 77,7% dos torcedores brasileiros acreditavam que a seleção brasileira conquistaria o hexacampeonato na Copa de 2014. O levantamento foi feitoem todos os Estados do Brasil e o Distrito Federal com 8.248 entrevistas, entre 15 de março e 30 de abril de 2014. Os resultados da pesquisa foram apresentados no Jornal Nacional no dia 26 de maio de 2014.

18. A Copa das Confederações é uma competição organizada pela Federação Internacional de Futebol □ FIFA, entre seleções nacionais a cada quatro anos. Os participantes são os seis campeões continentais mais o país-sede e o campeão mundial, perfazendo um total de oito países. A partir de 2005, a competição passou a servir como um teste e preparação para o país escolhido para sediar a Copa do Mundo seguinte.

3.2.5 Pátria das chuteiras: A construção histórica da ideia de sucesso do futebol brasileiro

Inicio esta seção apresentando o que estudiosos do futebol relataram sobre as transformações ocorridas com esse esporte principalmente no século XX.

> O futebol foi introduzido no Brasil no final do século XIX e evoluiu rapidamente ao longo do século XX, transcendendo da concepção de esporte de elite, naquela época inicial, à de futebol comercial e de espetáculo globalizado, tal como nos dias atuais. Ao longo de sua implantação e consolidação em terras brasileiras, essa modalidade esportiva afirmou-se como um dos mais importantes elementos da formação da identidade brasileira. Com distintas fases, o papel do esporte vem se alterando ao longo do tempo na sociedade brasileira. Inicia como elemento de lazer de uma pequena classe dominante e torna-se uma paixão popular integradora, atividade profissional séria, bem como um caminho de afirmação nacional (KESKE; PRODANOV; MOSER, 2012, p. 245).

Saber de onde ou a partir de que momento o Brasil passou a ser reconhecido como o país do futebol, bem como analisar quais elementos podem ter servido de base para a construção da imagem de sucesso do futebol nacional, envolve o levantamento de questões variadas em períodos históricos distintos. Se hoje o Brasil ostenta esta fama e carrega em sua história a conquista de cinco títulos mundiais, é interessante entender o processo de formação desta identidade que colocou o futebol como o maior símbolo nacional.

Desde a sua chegada ao Brasil, o futebol, ao que parece, teve características diferentes daquele praticado na Europa. Se, na Inglaterra, o jogo aparentava, desde seu surgimento, ser um esporte mais coletivo, com trocas de passes, por aqui, Charles Miller, talvez em decorrência de sua genética brasileira, experimentava os primeiros dribles e ações individuais. Teria sido naquele momento o nascimento do "futebol arte" que, décadas mais tarde, estaria encantando o mundo? Ou quem sabe Athur Friedenreich, considerado por alguns estudiosos como o primeiro herói do futebol brasileiro, tenha sido o responsável pela fama atrelada ao futebol brasileiro?

O fato é que a fama e prestígio do futebol brasileiro ganharam espaço fora do país muito antes do primeiro título mundial alcançado pela seleção em 1958. Já na Copa de 1938, realizada na França, onde o Brasil conquistaria o terceiro lugar, a seleção brasileira foi elogiada tanto pelo público como pelos cronistas esportivos. Segundo eles, a qualidade dos jogadores brasileiros surpreendia, principalmente em razão da capacidade de drible e habilidades individuais apresentadas.

O que se pretende aqui é investigar de que modo o país construiu esta imagem de sucesso no futebol, passando esta modalidade a se configurar não como um esporte qualquer, mas como um símbolo da nação, cuja identidade nacional[19] passou a carregar tal signo. O fato de o Brasil ser chamado de "país do futebol" ou "pátria das chuteiras" são exemplos claros do que se trata aqui.

Um entendimento mais simplista poderia deduzir que a fama e identidade construídas entre o futebol e o Brasil seria o resultado do surgimento de jogadores de qualidade no

19. John B. Thompson (1998) entende "identidade nacional" como um sentido de pertencimento a uma pátria ou a um país particular, onde direitos, deveres e tradições comuns são compartilhados.

país, ao longo da história recente, ou, ainda, que as diferentes conquistas obtidas pela "seleção", ao longo dos tempos, teriam impulsionado a combinação de sucesso com o futebol brasileiro. Tais acontecimentos podem ter contribuído para uma afirmação posterior da identidade do Brasil com o futebol, porém, para que se possa entender como surgiu esta mobilização social, paixão e admiração pelo futebol brasileiro, tanto dentro como fora do país, é preciso realizar um levantamento de informações históricas que podem ter contribuído para essa construção.

Mesmo o futebol tendo chegado ao Brasil por intermédio da elite, por meio de filhos de estrangeiros que tiveram suas primeiras experiências com a bola nos pés no continente europeu, de modo ligeiro, a modalidade caiu no gosto de todas as camadas sociais do país. Esse processo de expansão do futebol foi concomitante com uma série de mudanças que a sociedade brasileira começou a experimentar no começo do século XX. As principais cidades brasileiras começavam a se desenvolver, seja por meio do processo de desenvolvimento e melhoria da infraestrutura do meio urbano ou pelo aumento da população nas cidades diante instalação de novas indústrias. Esse movimento proporcionou o aumento do número de pessoas assalariadas e trouxe mudanças nas classes sociais.

Tais modificações também se refletiram no futebol, pois um número cada vez maior de pessoas começou a ter interesse em sua prática ou em assistir aos jogos organizados pelas primeiras equipes. Naquele momento, o futebol começava a se transformar, no Brasil, em um esporte de massa, com grande concentração de pessoas nos jogos e competições.

Inicialmente, praticado pelos ricos, mas cada vez mais praticado nas periferias e sofrendo um processo de profissionalização, o futebol no Brasil passou a se configurar como um fenômeno sem fronteiras, tendo alcance em todas as camadas sociais e agregando valor cada vez maior para as pessoas e para o país. É importante entender esse despertar de interesse e acolhimento do povo brasileiro pelo futebol, pois a partir desse sentimento de atração pelo esporte é que, posteriormente, o Estado viria a se apropriar dele para intervir na sociedade, mesmo que de modo oculto.

Apesar de o país, no começo do século XX, atravessar um período de desenvolvimento e crescimento, a organização social do Brasil se apresentava tensa, principalmente em razão das mudanças econômicas decorrentes de influências do capital internacional. As alterações no mercado de trabalho, a demanda maior de pessoas chegando às cidades em busca de oportunidades de colocação profissional e os riscos existentes de insatisfação e incerteza da sociedade ofereciam um cenário de risco para a ideologia dominante. Esse panorama tenso apresentava uma necessidade de ajustes na organização social, e, nesse sentido, as práticas esportivas, principalmente o futebol, ganharam força e incentivo dos governantes. Existindo a necessidade de maior disciplina e organização na sociedade para o novo momento político econômico do país, a prática do futebol, norteada pelo cumprimento de regras e postura obediente e correta, seria um caminho interessante para tal doutrinação.

Desse modo, não seria um equívoco pensar que, a partir desse período, o Estado criou e construiu a cultura do futebol no Brasil, mantendo-a como uma tradição, como uma espécie de cerne do povo brasileiro, criando assim um símbolo que carrega e combina consigo uma coletividade que resulta na formação da identidade brasileira em torno da

nação. O que se propõe então é que o futebol, enquanto símbolo da identidade nacional, foi resultado de uma invenção, de uma tradição histórica imposta ao longo dos tempos, a partir de um sistema que buscava eleger normas e valores a serem compartilhados na sociedade brasileira. Guazzelli (2010) comenta a respeito da transição política ocorrida no Brasil naquela época e sobre como o futebol passou a ser concebido de modo diferente no país:

> O futebol brasileiro se constituiu num processo no qual a transição da sociedade excludente da República Velha para aquela que se seguiu à Revolução de 1930; assim, deixou de ser um hábito restrito aos *sportmen* dos clubes da elite para tornar-se um esporte de massas, tanto como prática lúdica, quanto como espetáculo. Neste sentido foi possível transformá-lo num produto cultural que se identificasse com a nacionalidade que se tentava afirmar (p. 85).

Outro momento que merece atenção, em virtude do envolvimento do futebol com o Estado, foi durante o período da ditadura militar no Brasil. Com o golpe militar de 1964, o país começava a atravessar um período de barbaridades, repressão e censura que trazia consequências para diferentes áreas de convivência. Como o futebol já era considerado, naquela época, um esporte de massa, envolvendo e despertando o gosto dos brasileiros, o governo passou a incentivar sua prática como forma de lazer, com a qual, de modo mascarado, exercitava o controle social necessário para sustentar o regime.

Entende-se que a escolha dos espaços de lazer para a realização de uma linha de atuação do regime político vigente se justifica por ser este um ambiente de sociabilidades, de interação, envolvimento e pertencimento social. Conforme Simmel:

> Quando os interesse reais, em cooperação ou colisão, determinam a forma social, eles mesmos já cuidam para que o indivíduo não apresente sua especificidade e singularidade de modo tão ilimitado e autônomo. Mas onde essa condição não ocorre, é necessário que o refreamento se dê apenas a partir da comunhão com os outros, outra maneira de redução da primazia e da relevância da personalidade individual (SIMMEL, 2006, p. 66).

Portanto o desenvolvimento do futebol como esporte de lazer poderia, naquela época, auxiliar, de certo modo, na introdução de normas que pudessem regulamentar condutas e ações das pessoas, principalmente no sentido de coibir atitudes violentas e desrespeitosas. Ou seja, o futebol, a serviço do Estado, estava mais do que disciplinando, uma vez que procurava desenvolver uma espécie de controle, de adestramento da sociedade, garantindo, assim, a ordem social desejada pelo governo.

Chain (2014) comenta como Médici[20] se envolveu no campo esportivo logo após a sua nomeação para a presidência da República pelos militares. De acordo com o estudioso, Médici promoveu uma recepção para Pelé em Brasília, onde inclusive as escolas foram fechadas para que as crianças pudessem ver o craque do futebol brasileiro de perto. Ele destaca ainda que:

---

20. O general Emílio Garrastazu Médici foi o presidente do Brasil entre 1969 e 1974. O período em que Médici esteve na presidência do Brasil, durante a ditadura militar, foi marcado por projetos do governo que se sobrepunham aos direitos individuais, que por sua vez, nem mesmo eram garantidos na Constituição.

> Médici era calculista e estava pronto para usar a seu favor todos os frutos políticos que lhe poderiam ser produzidos pelo campo esportivo: em menos de quatro semanas de gestão, ele já havia conseguido se aproximar tanto do ícone nacional de maior poder simbólico no campo esportivo (Pelé) quanto do ícone nacional de maior poder de facto no campo esportivo (João Havelange). Este presidente (e seus assessores) tinha ciência da atração exercida pelo futebol junto à população, e não poupou energia para atrelar sua imagem ao esporte em geral, e principalmente à seleção nacional de futebol (p. 70).

Daí em diante, outras estratégias para vincular seu nome e o do governo ao futebol foram aproveitadas por Médici, como sua presença na inauguração de estádios, em amistosos internacionais da seleção e ainda na organização de um banquete no Palácio das Laranjeiras, oferecido aos jogadores que iriam representar o Brasil na Copa de 1970.

A partir de 70, fica ainda mais evidente o uso político do futebol, quando analisada a sua utilização pelo regime militar como instrumento de propaganda. Como descrito anteriormente, no Brasil, o futebol, há algumas décadas, já era considerado um símbolo nacional, isto é, carregava consigo o poder de congregar e mobilizar a sociedade brasileira ao seu redor, gerando uma espécie de sentimento de pertencimento de diferentes pessoas de uma nação.

Uma eventual conquista do tricampeonato da Copa do Mundo daria uma contribuição sem precedente para a imagem da gestão militar no país. Naquela época, o presidente Médici contava com grande "popularidade" no país, principalmente entre pessoas da classe de trabalhadores. A ideia da conquista da taça no México significaria um marco de consolidação da boa imagem de Médici entre os brasileiros e fortaleceria o regime militar no país.

Desse modo, a conquista do tricampeonato mundial no México se confirmou de fato, trazendo não somente a glória para o futebol brasileiro, mas consolidando a relação entre futebol e política no Brasil. Logo, o título e o sucesso obtido pela conquista do tricampeonato mundial foram abertamente atrelados, de modo intenso, ao apoio que a seleção teria recebido do governo militar. Naquele período, o país vivia o chamado "milagre brasileiro" e campanhas publicitárias[21] insinuavam que a conquista alcançada fora resultado exitoso das ações colocadas em prática pelo regime autoritário.

O resultado expressivo alcançado no futebol aconteceu em um momento importante para o governo militar, já que este recém havia fechado o Congresso e aumentava o controle social, não possibilitando qualquer liberdade de organização por parte da sociedade, reprimindo, perseguindo e exilando pessoas que eventualmente se opusessem. Com auxílio de empréstimos externos, o Brasil, no início dos anos 70, industrializava-se, melhorava a infraestrutura das estradas e rodovias e enxergava sua economia crescer a passos largos. A conquista do tricampeonato mundial agregava valor ao momento próspero do país, colaborando como mais uma alternativa de propaganda para o governo vigente. Com isso, "o uso político das conquistas esportivas atravessa épocas, fronteiras e ideologias. (...) não há governante que não queira receber uma delegação vitoriosa, e tanto mais interesse será quanto mais ela estiver identificada com a nação" (DAMO, 2006, p.85).

No dia 23 de junho de 1970, os atletas campeões foram recebidos com festa

21. A música "Pra frente, Brasil", veiculada intensamente no período da Copa do Mundo, é um exemplo bem conhecido.

e o país parou[22] para comemorar o feito alcançado. A partir da conquista brasileira no futebol, a articulação do sucesso nos campos seria seguidamente citada e lembrada pelos governantes militares como o símbolo do sucesso e do progresso do Brasil. Acredita-se que a intenção de Médici ao aproximar os jogadores tricampeões da população era fazer com que cada brasileiro pudesse se sentir campeão e, mais do que isso, fazer com que a sociedade brasileira compreendesse que o sucesso e a vitória brasileira eram decorrentes de um trabalho norteado pela disciplina e submissão de um comando maior. Eis os postos-chaves que os militares acreditavam ser o caminho para fazer do Brasil um país vencedor, não só no esporte, mas nas diversas esferas política, econômica e social da nação.

3.2.6 O crescimento e as transformações no futebol: Do lazer à mercantilização

Desde a sua chegada ao Brasil, em 1894, o futebol, além de apresentar um crescimento expressivo, passou por um processo de transformação e a partir disso uma gama enorme de significados e sentidos passaram a fazer parte de seu contexto. Considerando que a modalidade chegou ao solo brasileiro apenas como uma nova opção de divertimento e lazer entre jovens que procuravam criar laços de pertença entre si, hoje, o futebol é presença forte e marcante em diferentes situações e locais, praticado com diferentes objetivos e finalidades.

Rigo et al. (2010) comenta, por exemplo, que o futebol de várzea é um dos acontecimentos de lazer mais importantes das classes populares, já que movimenta uma significativa microeconomia e segue formando jogadores para o futebol profissional.

Conforme dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (BRASIL, 2017), no Brasil, o principal esporte praticado é o futebol, tendo sido esta modalidade esportiva a mais lembrada pelos brasileiros de todas as grandes regiões do país.

> Em 2015, 15,3 milhões de pessoas praticaram futebol como principal modalidade esportiva, e este número representou 39,3% dos 38,8 milhões de praticantes de algum esporte no País. Em todas as Grandes Regiões, o futebol foi o esporte mais citado (...) O futebol foi praticado prevalentemente por homens, correspondendo a 94,5% dos praticantes dessa modalidade (BRASIL, 2015, p. 32-33).

Como dito antes, ainda presente em momentos de descontração e lazer, em milhares de campinhos improvisados pelo país, o futebol agora também figura, por exemplo, como um dos principais conteúdos desenvolvidos nas aulas de Educação Física de escolas públicas e privadas do país. É interessante perceber também que, a partir do futebol tradicional na grama, outras modalidades e variações esportivas foram criadas. Tais variações[23] ou novas modalidades esportivas, hoje, inclusive, já possuem regulamentação e federações que as representam. Como exemplos é possível destacar o futebol de salão (futsal), futevôlei e o futebol de areia.

---

22. O presidente Médici decretou feriado nacional no dia 23 de junho de 1970, data de chegada da seleção de volta ao Brasil após a conquista do tricampeonato mundial na Copa do México.

23. Em um dos PPSE onde a pesquisa foi realizada, Dotto (2016) destaca que as atividades realizadas com o futebol acontecem tanto na modalidade do futebol de campo, como no futsal, complementando ainda que acontecem outras atividades e aulas a partir de variações destes formatos.

Um dos gestores de PPSE entrevistados na pesquisa, inclusive comenta sobre a importância do futsal para aquele município onde atua:

> [...] o futebol nesta região é um dos esportes mais praticados, acho que tem uma pequena distorção em relação ao projeto porque acabou se investindo demais no futebol de campo, enquanto que em Sapucaia já é provado que o futsal é o esporte de preferencia do pessoal aqui da região... deveria então ter um investimento maior em relação ao futsal, coisa que a gente tá fazendo, tá conseguindo fazer este ano, nós aumentamos o número de núcleos de futsal (BG1, 2017).

O esporte que originalmente era praticado somente em pisos gramados, ganhou assim espaços em praias, ginásios poliesportivos e praças com quadras de cimento, mostrando também sua expansão em diferentes ambientes.

Porém, as maiores transformações ocorridas no futebol parecem ter ocorrido no formato o qual esta modalidade passou a ser jogada como um esporte profissional, visando o alto rendimento, com propósitos diferentes daqueles existentes na origem do esporte. Neste formato, o futebol acaba não envolvendo somente a participação de jogadores, mas envolve clubes, empresários, representantes de jogadores, empresas de marketing, patrocinadores, o Estado, torcedores e instituições financeiras envolvidas em uma espécie de "futebol-negócio", em que as decisões são tomadas, principalmente, em decorrência das leis de mercado e de interesses econômicos. Um olhar aguçado a respeito da estrutura física e organizacional dos clubes profissionais de futebol ou sobre a relação dos diferentes profissionais, instituições e empresas envolvidas neste segmento pode mostrar de que forma podem existir diferentes interesses e objetivos entrelaçados que, por vezes, chegam até mesmo a concorrer entre si.

Para ilustrar isso, basta verificar a situação desencadeada quando um jogador desconhecido se destaca em uma competição e passa a ser valorizado pela mídia, despertando o interesse de outros clubes na sua contratação. Nessa situação, ao mesmo tempo em que o clube preocupa-se em segurá-lo na equipe, em virtude de sua importância para o rendimento do time, talvez sua negociação e venda possa ser fundamental para movimentar valores que poderiam ser utilizados na contratação de outros jogadores. Ainda nesse contexto, estariam em jogo os interesses do próprio jogador e seu procurador, buscando talvez uma possível renegociação de salário e contrato profissional.

Mas cabe lembrar, baseado em Damatta (1994, p. 12), que mesmo que o futebol seja uma atividade moderna,

> [...] um espetáculo pago, produzido e realizado por profissionais da indústria cultural, dentro dos mais extremados objetivos capitalistas ou burgueses, ele, não obstante, também orquestra componentes cívicos básicos, identidades sociais, importantes, valores culturais profundos e gostos individuais singulares.

O que se pode concluir é que o futebol de um simples jogo de lazer passou também a se constituir em um fenômeno sem igual no mundo dos negócios, contando atualmente com centenas de equipes no Brasil, muitas delas com parcerias milionárias, e milhares de clubes espalhados em todo o mundo. Como Simmel anunciara, "o dinheiro, com toda sua

ausência de cor e indiferença, torna-se o denominador comum de todos os valores; arranca irreparavelmente a essência das coisas, sua individualidade, seu valor específico e sua incomparabilidade". (SIMMEL, 1967, p. 15).

Esta profissionalização cada vez maior da modalidade provocou o aumento do número de pessoas que trabalham com este esporte. Em vistas disso, estima-se que, somente no Brasil, o número de pessoas que trabalham diretamente com o futebol chega a 300 mil (LEONCINE; SILVA, 2005). Ao que tudo indica, com o intuito de falar sobre a influência dos ídolos do futebol sobre outras pessoas ou profissionais de variadas esferas, o gestor BG1 fez a seguinte afirmação:

> Hoje tem muita coisa vinculada a profissão jogador de futebol em si. O jogador de futebol hoje, um é uma instituição, principalmente estes que chegaram ao topo da pirâmide, então esse jogador hoje ele movimenta uma série de questões, desde o pipoqueiro até a própria equipe dentro de campo (BG1, 2017).

Uma análise mais simplista poderia indicar que, em virtude do crescimento do futebol pelo mundo, um número de jogadores brasileiros, cada vez maior, passou a buscar espaços em clubes de fora do país. Ao comparar o número de clubes de futebol[24] brasileiros da primeira e segunda divisão com o número de jogadores profissionais[25] disponíveis no país, constata-se uma acentuada desproporção.

> O processo de transferência e negociação de jogadores entre os principais produtores de futebolistas da América Latina e a Europa ocorreu durante boa parte do século XX. Todavia, esse processo intensificou-se no último quartel do século anterior e, nos últimos anos, o fluxo migratório aumentou, configurando uma verdadeira indústria de exportação de serviços especializados. A crescente demanda de transferências de jogadores brasileiros para o exterior é produto de vários fatores, a saber: o limite de empregabilidade do mercado interno; os interesses competitivos e financeiros dos clubes estrangeiros com maior capital financeiro; a relação custo/ benefício na importação desses serviços especializados; a formação de um corpo de empresários ávidos a realizar negócios nos diferentes países, credenciados ou não pela FIFA (SOARES et al., 2011, p. 907-908)

Uma conta fácil indica que existe um número de jogadores muito maior do que espaços disponíveis em clubes que, eventualmente, possam oferecer contratos de trabalho com valores salariais que despertem interesse em jogadores brasileiros. Considerando um número médio de 26 jogadores por clube de futebol, a primeira e segunda divisão do futebol brasileiro dispõe de 1.040 vagas para jogadores, o que, há de se convir, é um número pequeno perante os 28.203[26] atletas registrados. Com base nesses números, apenas

24. Os melhores jogadores de futebol brasileiros atuam na primeira e segunda divisão do futebol do país, onde os salários pagos terminam sendo mais altos e oferecem uma boa condição de vida aos jogadores. Atualmente, fazem parte da primeira divisão do futebol brasileiro 20 equipes, bem como na segunda divisão, onde também fazem parte outros 20.
25. De acordo com o portal do Governo Federal sobre o futebol brasileiro, existem no país 2,1 milhões de jogadores de futebol registrados. Disponível em: <http://www.portal2014.org.br/o-futebol-brasileiro/>. Acesso em: 31 jan. 2016.
26. De acordo com o programa Globo Esporte, da Emissora Globo de Televisão, no ano de 2015, existiam no Brasil 28.203 atletas de futebol registrados na Confederação Brasileira de Futebol. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2016/02/em-relatorio-cbf-aponta-que-96-dos-atletas-ganham-menos-de-r-5-mil.html>. Acesso em: 10 mar. 2016.

0,27% dos jogadores registrados no Brasil teriam espaço na primeira ou segunda divisão do futebol brasileiro.

A exportação de jogadores de futebol brasileiros para clubes de futebol que dispõem de maior capital financeiro, visando à montagem de suas equipes, nem sempre ocorreu na proporção em que acontece atualmente. Com o passar dos anos, alterações na legislação que envolve o futebol como negócio, não somente facilitaram o empréstimo e venda de jogadores, como, na maioria das vezes, tornaram tais transações um mercado atraente para clubes, empresários, patrocinadores e jogadores. É possível afirmar que esse processo de transformação se acentuou na Europa a partir do decreto Bosman, e, aqui no Brasil, depois de decretada a Lei Pelé[27] (BRASIL, 1998).

No ano de 1995, a Corte de Justiça da Comunidade Europeia, por meio do decreto Bosman, passou a possibilitar que os jogadores, ao final de seus contratos, pudessem escolher quais os clubes da União Europeia que futuramente iriam assinar seus contratos. Os clubes deixavam assim de ter cotas de jogadores estrangeiros em seus elencos, e os jogadores, por sua vez, passaram a trocar de equipe mais facilmente nesses países.

Enquanto isso, no Brasil, vigorava a Lei nº 6.354/76 que tratava do vínculo dos jogadores de futebol com seus clubes por meio do chamado "passe". O passe era, de certo modo, o valor estipulado pelo clube sobre um jogador em troca do desenvolvimento e investimento realizado nele. Ou seja, o passe poderia consistir, por exemplo, em uma espécie de receita recebida pelo clube decorrente de empréstimo ou venda de um jogador. Assim sendo, nenhum futebolista poderia se transferir para outra equipe sem que o clube detentor de seus direitos ganhasse o valor referente ao jogador. Em outras palavras, o jogador de futebol era como uma propriedade do clube, tendo seu destino direcionado a partir da vontade e determinação de seus dirigentes. Até este período, os jogadores, algumas vezes, chegavam a jogar somente em um único clube.

Contudo, com as alterações ocorridas no cenário do futebol mundial, em que esta modalidade se tornava aos poucos uma forma interessante de negócio, em um mundo cada vez mais globalizado, algumas mudanças na legislação esportiva brasileira pareciam ser necessárias. Almeida (2007) comenta que o futebol brasileiro não conseguiria ficar ileso às transformações mundiais em torno da bola, e, por isso, um processo de adequação das leis esportivas foi iniciado naquela época. As mudanças propostas e aprovadas não traziam alterações somente no passe dos jogadores, mas na organização dos clubes, na participação de empresas e inclusive na forma do campeonato ser disputado.

Desse modo, no início dos anos de 1990, ao mesmo tempo em que o Brasil atravessava um período de abertura de sua economia, partindo para um modelo globalizado, um novo projeto de lei para o esporte nacional era apresentado, com propostas para o futebol brasileiro trilhar novas direções. Ainda que inicialmente as propostas sugeridas caminhassem para a criação de um novo modelo de contrato entre os clubes e jogadores de futebol, sinalizando para a transformação dos clubes de futebol em empresas, a Lei 8.672/93, conhecida como Lei Zico, acabou sendo alterada quando aprovada. Insatisfeitos com a versão original do projeto de lei, dirigentes dos principais clubes do país exerceram

27. A Lei nº 9.615/1998 ficou conhecida como Lei Pelé em virtude de ter sido aprovada quando Edson Arantes do Nascimento, Pelé, era Ministro do Esporte do Brasil e, ainda, o presidente do Conselho do Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto (INDESP).

pressão no meio político para que ocorressem significativas alterações no texto original. Quando aprovada, suas principais diretrizes de mudança na estrutura legal do futebol já não eram contempladas, afinal os clubes não se transformariam em empresas e nem os jogadores estariam livres da Lei do Passe.

Finalmente, no ano de 1998, por meio da Lei Pelé, a legislação esportiva, que trata da relação e vínculo empregatício dos jogadores de futebol com seus clubes, sofreu transformações expressivas. Era o fim da Lei do Passe e o início de uma condição diferente para os clubes de futebol, já que, a partir daquele momento, estes passariam a se constituir, de modo obrigatório, em empresas. Alguns aspectos gerais sobre a Lei Pelé (BRASIL, 1998) são importantes de serem destacados:

- Os jogadores de futebol começam a participar do processo decisório sobre sua permanência ou saída dos clubes, seja por empréstimo ou venda;
- Os contratos assinados entre clubes e jogadores de futebol não podem segurar (prender) os atletas a um clube, ou seja, mesmo antes que encerre o contrato, estes podem trocar de clube mediante compensação financeira ao clube;
- Passa a ser um direito tanto do clube como do jogador rescindir o contrato vigente caso exista alguma proposta atraente para uma das partes, contando que exista o pagamento de uma indenização;
- A relação jurídica que liga clube e jogador é trabalhista, por isso baseada por leis trabalhistas, leis desportivas e pelos regulamentos oficiais da Fedération Internationale de Football Association (FIFA).

A partir da vigência dessas leis e decreto mencionados, os jogadores de futebol passaram a mudar de equipe com maior frequência, tanto dentro do país como fora, ocorrendo, a partir disso, a transferência dos jogadores de maior qualidade para as equipes economicamente mais fortes do mundo.

Wisnik (2008) entende que a exportação de jogadores de futebol para o mundo todo evidencia um índice claro da fragilidade econômica, cultural e política brasileira, que se mostra incapaz de segurar os melhores jogadores. Mas, ao mesmo tempo, esse processo gera também oportunidade de emprego para os jogadores nos mais variados lugares do mundo.

Guterman (2010) destaca que a movimentação de jogadores pelos clubes, iniciada a partir da década de 80, foi aumentando significativamente na década seguinte. Comentando sobre o período posterior à Copa da Espanha, em 1982, o autor afirma:

> A ideia de que o futebol não tinha mais fronteiras definitivamente se consolidou, e menos de dez anos depois a Europa se transformaria no destino obrigatório dos maiores jogadores do mundo, fazendo do futebol uma multinacional de astronômica lucratividade [...] Em 1985, 136 atletas deixaram o país para atuar no exterior; 10 anos depois, foram 381, e o número não parou de crescer – em 2008 [...] nada menos que 1.176 jogadores foram embora (p. 231).

Em consequência disso, o volume de jogadores brasileiros que passaram a atuar

fora do Brasil acabou aumentando cada vez mais, como destacado por Rial (2008), que também comenta sobre o processo desencadeado, atentando para o fato de, atualmente, existirem cerca de quatro mil jogadores de futebol brasileiros no exterior.

> Uma consequência dessa legislação é a colocação do fator econômico no centro da circulação de jogadores entre países (extinguindo a barreira da origem nacional, que deixa de atuar assim como uma fronteira), com uma grande concentração de talentos nos clubes globais, atualmente situados na União Europeia, que dispõem de maior capital econômico, a ponto de alguns desses clubes terem equipes compostas exclusivamente por jogadores estrangeiros. (RIAL, 2008, p.26).

De acordo com o site *Transfermarkt*[28] (2018), especializado em assuntos relacionados ao mercado de jogadores profissionais de futebol em todo o mundo, e que regularmente indica as transações e transferências de atletas entre clubes de todos os continentes, apenas no ano de 2018 o valor atingido com as transações de atletas brasileiros no mundo já movimentaram mais do que R$ 3 bilhões.

A tabela abaixo, extraída do site especializado, indica o nome de jogadores brasileiros, os clubes para onde migraram e, ainda, os valores da transação em que eles estiveram envolvidos. Destaco que, para fins de ilustração, apenas a parte de cima da tabela está apresentada aqui, já que o número de transferências de jogadores brasileiros registrados no site ultrapassa a casa das centenas.

28. *Transfermarkt* é um site alemão pertencente à Editora *Axel Springer SE*, que também é proprietária do jornal alemão de maior circulação naquele país, *Bild*. O referido site é responsável por noticiar a movimentação do mercado de jogadores de futebol e clube espalhados por todo o mundo.

Detailed | Gallery

#	Player	Age	Market value	Nat.	Joined	Fee
1	Alisson Goalkeeper	25	60,00 Mill. €		Liverpool Premier League	62,50 Mill. €
2	Fred Central Midfield	25	32,00 Mill. €		Man Utd Premier League	59,00 Mill. €
3	Douglas Costa Right Winger	27	55,00 Mill. €		Juventus Serie A	40,00 Mill. €
4	Fabinho Defensive Midfield	24	45,00 Mill. €		Liverpool Premier League	45,00 Mill. €
5	Malcom Right Winger	21	45,00 Mill. €		FC Barcelona LaLiga	41,00 Mill. €
6	Vinícius Júnior Left Winger	18	35,00 Mill. €		Real Madrid LaLiga	45,00 Mill. €
7	Paulinho Central Midfield	30	40,00 Mill. €		GZ Evergrande Super League	Loan
8	Richarlison Left Winger	21	25,00 Mill. €		Everton Premier League	39,20 Mill. €
9	Felipe Anderson Right Winger	25	30,00 Mill. €		West Ham Premier League	38,00 Mill. €
10	Arthur Central Midfield	22	30,00 Mill. €		FC Barcelona LaLiga	31,00 Mill. €

Tabela 2 – Transferências de jogadores de futebol em todo o mundo na atual temporada. Lista pré-classificada por taxa de transferência e valor de mercado, onde o valor mais alto é usado para classificação.

Fonte: <https://www.transfermarkt.com/statistik/saisontransfers>. Acesso em: 20 ago. 2018.

Alguns aspectos chamam a atenção na tabela parcial apresentada. Primeiramente, o tamanho das cifras envolvidas na transação destes jogadores brasileiros, cujas somas atingem facilmente a casa dos milhões de Euros. Por segundo, como falado anteriormente, os clubes que realizaram tais aquisições são, principalmente, equipes da Europa. Na tabela, onde constam as dez maiores transações da temporada, apenas um clube não é europeu, sendo este da China. Talvez não coincidentemente, exatamente a transação envolvendo um clube de fora da Europa que foi realizada com o jogador, entre os destacados, mais velho, já na casa dos 30 anos. Ao que tudo indica, a trajetória dos novos e grandes talentos do futebol brasileiro tem como destino certo os clubes da Europa, porém, outros mercados no exterior têm cada vez mais se apresentado como alternativas, tanto para jogadores com menor expressão ou começo de trajetória ou para aqueles que já não se encontram no ápice de suas carreiras. Por final, também julgo importante destacar a pouca idade dos jogadores envolvidos nestas transações, nas quais a maioria possuía no máximo 25 anos quando transferidos. O atleta mais jovem, Vinícius Jr[29], realizou sua transferência assim

29. Vinícius José Paixão de Oliveira Júnior é um jogador de futebol brasileiro, natural de São Gonçalo, Rio de Janeiro. Tendo tido destaque no Brasil em decorrência de suas boas atuações atuando pelo Clube de Regatas do Flamengo, o jogador foi negociado prematuramente com um dos clubes de maior importância do futebol internacional, Real Madrid.

que completou 18 anos.

Koch (2012, p. 192), ao comentar sobre as transferências que ocorrem cedo na vida de alguns jogadores de futebol também salienta outro aspecto interessante, ao dizer que:

> Os jogadores têm deixado sua pátria cada vez mais jovens, percorrem diversas nações e adquirem cidadanias múltiplas – inclusive defendendo clubes de outros países –, e quando retornam ao Brasil, em geral, após duas décadas, não têm mais o vínculo identitário local, ou seja, perdem as referências da terra natal. Não são italianos, portugueses, ou espanhóis, mas parece que também não se sentem mais inteiramente brasileiros.

Neto e Santos (2015) também destacam que tem sido crescente o número de negociações com jogadores de idade precoce com o mercado nacional e internacional, seja em movimentações de compra e venda ou em trocas.

Para se protegerem de prejuízos e perdas significativas, os clubes que não conseguem mais prender jogadores em seus elencos, passaram a utilizar como alternativa legal a fixação de multas rescisórias elevadas vinculadas aos contratos dos jogadores. Desse modo, quando um jogador pertencente a um clube passa a ser pretendido por outro, ou mesmo ele próprio deseja sair, o contrato pode até ser encerrado antecipadamente, mas, para isso, é necessária que seja acertada uma compensação financeira, normalmente elevada. Informações trazidas por Carvalho (2015) mostram claramente a situação a qual está se afirmando.

> O ótimo desempenho de Luan no Brasileirão aguça o interesse de clubes europeus. [...] Barcelona e Real Madrid estariam dispostos a pagar 15 milhões de euros (R$ 61,6 milhões) para tirar o atacante do Grêmio no final do ano. Mas a negociação promete se estender. Afinal, a multa rescisória estipulada no contrato de Luan na Arena é de 60 milhões de euros (R$ 246,6 milhões).

Observa-se, neste caso, que o valor da multa rescisória é muito maior do que o próprio valor estipulado para a possível venda do jogador em questão. Esse tipo de estratégia empresarial, permitida e criada a partir de alterações de mecanismos em torno do futebol profissional, fez com que, com o passar dos anos, o futebol passasse também a se configurar com um importante negócio, um segmento profissional no qual jogadores passaram a ser considerados como produtos e mercadorias que concorrem em um mercado. Carvalho, Gonçalves e Alcântara (2005) comentam sobre isso, ao indicar que o futebol conseguiu abarcar empresas de marketing esportivo e instituições financeiras, passando a movimentar valores financeiros que jamais se imaginariam em sua origem. Complementam a informação, registrando que "submetido à lógica do mercado, esse esporte assiste à transformação de jogadores em mercadoria, de torcedores em clientes, do jogo em um ativo financeiro e dele próprio em um grande negócio" (CARVALHO; GONÇALVES; ALCÂNTARA, 2005, p. 6). Fazem parte de tal disputa clubes, empresas, patrocinadores e representantes de jogadores, em uma busca incessante de exposição, valorização e lucro.

Ao comentar sobre tal dimensão que os jogadores profissionais de futebol passaram a constituir, Pilotto (2007) afirma que estes são:

Apenas cinco dias após Vinícius Jr. ter completado 18 anos de idade, o clube espanhol já o apresentava como seu novo atleta.

> [...] marcados fisicamente por especificidades que carregam, também, as marcas da lógica do mercado. Ou seja, cada vez mais os (as) atletas funcionam como mercadorias – são comprados (as), vendidos (as), emprestados (as) e até mesmo devolvidos (as) e rejeitados (as) (p. 101).

Em função desta dimensão mercadológica que o futebol assumiu, é que a mídia passou a exercer papel determinante para jogadores e seus empresários, clubes, empresas organizadoras de eventos, parceiros, patrocinadores, equipes e jogadores. Trabalhando com o futebol de diferentes modos, a mídia, em decorrência da grande audiência de partidas ou competições, acaba fazendo dele sua maior fonte de renda. Os espaços publicitários que estão inseridos em jogos televisionados do Campeonato Brasileiro, por exemplo, valem milhões de reais.

Assim, são captados valores em dinheiro elevados por meio da venda de jogos ou de anúncios e propagandas que são veiculadas durante a programação esportiva. É importante destacar, porém, que estas cifras significativas não permanecem somente com a mídia, já que os clubes de futebol passaram a negociar diretamente com ela os direitos de transmissão de seus jogos e que, assim, acaba fazendo da venda destes direitos sua principal fonte de renda.

> Detentora dos direitos de transmissão do Brasileirão, a TV Globo repassará R$ 300 milhões a serem divididos pelos clubes a partir deste mês. Esse dinheiro é referente à venda de pacotes de pay-per-view em 2014 e distribuído a partir de pesquisa realizada pelo Ibope em conjunto com a Datafolha entre os meses de junho e julho. No último ano, foram cerca de 10 mil entrevistados, que asseguraram a manutenção de Flamengo e Corinthians na frente, com praticamente um terço de toda a receita (ALVES, 2015, s/p).

É preciso entender que com a globalização e a chegada de mídias digitais cada vez melhores e potentes, a exposição de imagens de craques, jogos e eventos de futebol que acontecem ao redor do mundo acabam sendo mais facilmente comercializadas, vendidas e consumidas pelo público que busca se aproximar de seus ídolos e times do coração.

> Eu só vejo futebol quando é jogo do Grêmio. Quando eu fui gandula do grêmio eu acompanhava mais, porque eu estava sempre lá. Eu acompanhava diretamente. Mas olhar muitos jogos, não tenho muito costume disso. Quando olho é pela televisão sempre e o que eu consigo acompanhar também pela internet. Pego o celular aí, porque o meu está conectado direto, quando o Grêmio faz um gol ele avisa, é um aplicativo que tem (AP1[30],2017).

A fala de uma das professoras de um dos PPSE é um exemplo de como hoje em dia as informações sobre o futebol circulam também nas mídias digitais, e torcedores e apaixonados por este esporte, terminam contratando tais serviços ou produtos, como aplicativos, para ficarem mais próximos e informados sobre seus clubes de coração. Durante a realização dos grupos focais com os jovens adolescentes, também percebi que a *internet* é amplamente utilizada como fonte para consultas ou acompanhamento de

30. Ao longo do trabalho utilizei algumas falas dos jovens adolescentes, educadores e gestores vinculados aos Programas/Projetos Sociais Esportivos para citações diretas ou indiretas. Nestas situações utilizei as seguintes siglas de identificação: Os diferentes PPSE identifiquei com: A, B, C e D; Os jovens adolescentes: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9; Os Gestores: G; Finalmente, os educadores: P.

notícias, informações ou eventos do futebol, clubes ou jogadores.

Se, tempos atrás, as informações chegavam com atraso, nos dias de hoje, parece que a juventude consegue seguir passo a passo, minuto a minuto, a caminhada do jogador Neymar[31], por exemplo. Nesse sentido, é possível imaginar como passou a ganhar importância a preparação de jogadores, para além das habilidades e qualidades exigidas com a bola em campo. Tão importante como o balançar das redes, por trás dos futuros ídolos do futebol, existe hoje a preocupação de prepará-los para que saibam lidar com a imprensa, administrando bem cobranças de torcedores e sendo capazes de fazer parte de diferentes campanhas de publicidade, podendo inclusive passar a obter ganhos financeiros tão altos como seus salários enquanto atletas de futebol.

Feltes (2017), pesquisadora que produziu sua dissertação de mestrado com temas ligados a juventude, publicidade e consumismo, ao falar sobre o jogador Neymar, personagem que ganha destaque em seu estudo, afirma que

> [...] todos os seus feitos estão constantemente sendo noticiados. Ou seja, há um potencial acerca dos atletas, já que não estão apenas no campo de provas e jornalismo esportivo, mas em ambientes que fogem completamente a esse sentido, sendo uma figura cada vez mais presente na vida dos consumidores (FELTES, 2017, p. 37).

Leite e Barsetti (2014), em reportagem publicada no jornal o *Estado de São Paulo,* dão pistas sobre os valores recebidos por jogadores de futebol em campanhas publicitárias. Eles ainda citam exemplos de produtos que já foram anunciadas por alguns craques.

> Neymar é, obviamente, o campeão, com seus 16 contratos de patrocínio, em que "vende" de cueca a óleo lubrificante, passando por carros e aparelho de televisão. A onda da Copa, porém, está ajudando vários atletas da seleção brasileira e o técnico Luiz Felipe Scolari a ganhar um dinheirinho extra como garotos-propaganda de todo tipo de produto [...]. Trata-se de contratos individuais, que rendem de R$ 1 milhão a R$ 3 milhões cada, dependendo de fatores como número de peças publicitárias, variação de canais de veiculação e participação em eventos[32] (s/p, grifo dos autores).

A conclusão que se chega é que as mídias, na cobertura de jogos, criação de matérias jornalísticas e programas não se restringem a transmitir ou divulgar informações sobre o futebol, mas atuam na valorização e promoção de jogadores e também desta modalidade, fazendo com que as partidas passem a se configurar como shows e espetáculos. O comentário[33] realizado por Mauricio Saraiva, comentarista da Rádio Gaúcha e da RBS TV, sobre o jogador Neymar, logo após uma partida do Brasil na Copa do Mundo da Rússia de 2018, ilustra bem essa valorização dada pela mídia aos craques. O comentarista, ao tratar exatamente da importância que esse jogador recebe pela mídia, parece engrandecer mais ainda o jogador ao afirmar: "*Neymar é notícia além do futebol. Ele é amigo do Lewis*

31. Neymar da Silva Santos Júnior é um jogador de futebol brasileiro que foi revelado pelo Santos Futebol Clube. Neymar carrega consigo o prestígio de ser o jogador mais importante da atual seleção brasileira. Atacante e com boa capacidade técnica, Neymar hoje é atleta do time do Barcelona, uma das equipes mais fortes do futebol mundial.

32. Disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,copa-do-mundo,atletas-da-selecao-brasileira-faturam-alto-com-publicidade,1507438>. Acesso em: 10 mar. 2016.

33. Comentário de Maurício Saraiva no programa Sala de Redação da Rádio gaúcha que foi ao ar no dia 3 de julho de 2018, logo depois do jogo entre Brasil e México, válido pelas oitavas de final da Copa da Rússia de 2018.

Hamilton[34], ele namora uma atriz linda da Globo. O Neymar namora a Bruna[35], o Neymar é pop star."

Este processo de construção agrega valor para a mídia assim como promove jogadores, equipes e competições, valorizando seus patrocinadores. Eis aí o exemplo claro da mercantilização do futebol, na qual parece não existir nada mais importante que o lucro. Sanfelice (s/d) comenta sobre o modo com que a mídia promove o futebol, sugerindo que são as relações de mercado que estabelecem o tipo de tratamento e envolvimento deste esporte entre público, clubes e a própria mídia. Para este autor, o futebol, enquanto espetáculo promovido pela mídia, causa impacto, emoções e sentimentos nos seus torcedores.

> A exploração do futebol pela mídia, principalmente a televisão, se faz pela forte relação de mercado. Com a Lei do Passe, os clubes brasileiros cada vez mais dependem dos meios de comunicação para sobreviverem, até porque a violência afasta os espectadores dos estádios. Os meios de comunicação trabalham com a espetacularização do futebol como forma de prender os espectadores frente aos seus televisores. (...) As mídias parecem deformar o espetáculo, o esporte, tornando-o essencialmente financeiro e promotor de marcas (SANFELICE, s/d, p. 1).

Tal esforço, na promoção de jogos e competições, é decorrente do interesse no aumento de torcedores nos estádios e telespectadores, e, mais do que isso, é centrada na busca de uma maior mobilização possível de diferentes esferas sociais em torno daquele acontecimento. Um número maior de pessoas interessadas e envolvidas com os jogos significará maior lucro nas bilheterias dos clubes e maior receita proveniente da venda de pacotes de jogos em televisão fechada, por exemplo. A equação não é complexa, afinal, quanto maior a audiência da programação, maior o alcance e exposição das marcas patrocinadoras. Naturalmente, a relação entre o tamanho da audiência e a quantidade de tempo e exposição das marcas anunciantes nos eventos, está diretamente relacionada ao preço a ser pago por estas para as empresas midiáticas.

> O futebol mundial é hoje um grande negócio. De acordo com o relatório final do Plano de Modernização do Futebol Brasileiro (2000) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), que inclui os agentes diretos, como clubes e federações, e indiretos, como indústrias de equipamentos esportivos e a mídia, o futebol mundial movimenta, em média, cerca de 250 bilhões de dólares anuais (LEONCINE; SILVA, 2005, p. 11).

Mas esta mercantilização cada vez mais escancarada no futebol não se restringe aos jogadores adultos profissionais, começando bem mais cedo do que se pode imaginar. Novos talentos do futebol estão sendo buscados cada vez mais cedo por olheiros que fazem verdadeiras varreduras em torneios de categorias de base e realizam visitas em times de menor expressão, atrás de meninos habilidosos que tenham potencial de se transformarem em craques. A história do menino "Manu", que saiu de São Luiz, Maranhão, para o Grêmio, em Porto Alegre, é um destes casos:

34. Lewis Carl Davidson Hamilton Stevenage é um piloto britânico de Fórmula 1 que já conquistou por quatro vezes o título mundial nesta categoria.

35. Bruna Reis Maia, conhecida como Bruna Marquezine é uma atriz de televisão brasileira, nascida na cidade de Duque de Caxias, estado do Rio de Janeiro.

> Já foi campeão com seis anos. Logo depois, a família viajou a São Paulo, para jogar na escolinha Pulo do Gato. Demorou quatro jogos para ser o destaque e ganhar uma camisa do melhor jogador de futsal do mundo. Paulo Cesar, ex-jogador do Grêmio, observou o garoto e o indicou para João Antônio, atual coordenador técnico das categorias de base. Manu está há 8 meses no Grêmio. E só está no clube porque escolheu jogar de azul. Foi aprovado pelo Santos e teve contato com Milton Cruz, do São Paulo (MOURA, 2015, p.1).

Quando encontradas estas "joias", normalmente os clubes procuram imediatamente os pais da criança, prometendo possibilidades de enriquecimento e fama. Neto e Santos (2015) chamam este momento de "oportunidade ou chance, mesmo que remota, de ascensão social". Ao falar sobre esta interceptação de profissionais responsáveis pela localização e representação de jogadores de futebol, os autores ainda alertam para outros aspectos que precisam ser considerados:

> O ingresso desses agentes nesse universo competitivo do futebol profissional, embora represente uma possibilidade remota, porém real de materialização de um sonho infantil e de ascensão social da criança e de sua família, exige dela uma série de interações, que, por vezes, não são condizentes com sua idade cronológica, tanto mental como fisicamente (NETO; SANTOS, 2015, p. 20).

Esta corrida para localizar talentos prematuros é justificada pela economia que pode proporcionar aos clubes interessados, já que, meninos ou adolescentes "bons de bola", que ainda não possuem vínculo com equipes profissionais, estão livres para negociação, sem necessidade de um acerto financeiro com um eventual clube de origem. O tamanho da economia pode ser enorme, pois, hoje, promessas do futebol brasileiro podem ter multas rescisórias fixadas em 40 ou até 50 milhões de reais. Assim, como jogadores profissionais, meninos talentosos também figuram como mercadorias na mão de empresários ou até mesmo "atravessadores" que, incessantemente, buscam novas promessas para o futebol, para fazer dinheiro em cima deles. Cabe lembrar que a legislação brasileira apenas possibilita a realização de contratos ou vínculo de emprego para atletas com pelo menos 16 anos. Quando estes talentos são sondados antes de completarem esta idade, não tão raramente, são realizados acordos com os pais das crianças.

Procurando talvez se preservar de possíveis perdas, os clubes mais importantes de futebol do país procuram fidelizar cada vez mais cedo seus torcedores, investindo na criação de escolinhas de futebol e categorias de base. Torna-se evidente que tais espaços também servem como fonte de renda para o clube, seja por meio das mensalidades dos alunos, seja pela venda de diferentes produtos que levam sua marca. Pimenta (2006, p.100) destaca que "o modelo, longe de ser o único, começa a ganhar corpo, apresentando-se como veículo capaz de formar atletas para reposição ao mercado e ocupar o tempo livre dos filhos da classe média".

As categorias de base se tornaram um negócio tão interessante para os clubes de futebol, que, muitos deles, acabam possuindo escolinhas de futebol em vários estados do país. Funcionando como franquias dos grandes clubes do Brasil, as escolinhas, em troca de pagamento mensal (*royalties*), são autorizadas a utilizarem o nome do clube e recebem treinamento e orientação para gerir o negócio.

Com o surgimento cada vez maior destes espaços privados para a prática do futebol orientado, como escolinhas ou franquias de clubes com suas categorias de base, é possível perceber que, atualmente, o futebol está configurado em distintos espaços e formatos. Assim, a prática do futebol, nos dias de hoje, pode ocorrer como antigamente, nas ruas, praças e terrenos baldios, mas também em escolas, condomínios e espaços privados que são criados para o fim de incentivar e praticar o futebol.

3.3 EDUCAÇÃO E ESPORTE: A PRÁTICA DO FUTEBOL EM ESPAÇOS EDUCATIVOS

Ao propor uma discussão sobre a prática do futebol em espaços educativos, corre-se o risco de restringir o debate ao ambiente escolar, apontando para as aulas curriculares de Educação Física e à abordagem do futebol como conteúdo no Ensino Fundamental ou Ensino Médio. Este capítulo, porém, ao tratar sobre o futebol em espaços educativos não se limitará às questões que envolvem o futebol na escola, buscando também, em sua segunda parte, abordar o futebol em espaços educativos não escolares, como PPSE, por exemplo, que se apropriam do futebol para o desenvolvimento de atividades com fins direcionados para a construção da cidadania, e, por isso, também, ligados à educação.

3.3.1 Educação Física, esportes e a escola: A inserção e consolidação do futebol nas aulas

Nos dias de hoje, parece difícil imaginar que em alguma escola brasileira, seja particular ou pública, o esporte não seja o conteúdo mais desenvolvido e trabalhado nas aulas de Educação Física. Basta percorrer diferentes escolas em todo país para perceber como as modalidades esportivas, principalmente o futebol, recebem destaque nas aulas dessa disciplina. Battistuzzi (2005) vai mais longe, afirmando que "a Educação Física escolar ainda pode ser confundida com o esporte, ou seja, o esporte é conteúdo de referência para muitos alunos e professores, apesar das inúmeras crises e mudanças pelas quais a mesma passou nos últimos anos" (p.2).

Entretanto, isso nem sempre foi assim. Diferentes registros dão conta que, ao longo do tempo, o esporte agregou diferentes características, talvez mais do que isso, sua prática desenvolveu-se e, por vezes, mudou de propósito e ideal. Ao contrário do esporte institucionalizado dos dias de hoje, em que modalidades esportivas são regidas por entidades como federações e confederações e sua prática, além de existir no âmbito profissional, acontece em espaços educativos ou sob a forma de participação e lazer nas praças, ruas e clubes, na Antiguidade, por exemplo, atividades como a pesca, corrida e natação eram praticadas com outros fins, já que elas terminavam sendo necessárias para a sobrevivência do homem.

Tubino (2010), um dos mais reconhecidos estudiosos da Educação Física e esportes do país, elenca três períodos distintos da história dos esportes:

> Da Antiguidade até a primeira metade do século XIX, ocorreu o Esporte Antigo. O Esporte Moderno, concebido depois de 1820 pelo inglês Thomas Arnold[36],

36. Thomas Arnold foi um professor inglês que incentivou a prática esportiva no ambiente educativo. Ele acreditava que a prática dos esportes orientada poderia favorecer o aprendizado de questões morais e ao mesmo tempo disciplinar

> começou a institucionalizar as práticas esportivas existentes, codificando-as por meio de regras e entidades. No final da década de 1980, a partir da aceitação do direito de todos ao esporte, tem início o Esporte Contemporâneo, para o qual a Carta Internacional de Educação Física[37] e Esporte foi, sem dúvida, o grande marco (p. 20).

Diante disso, que fatores poderiam ter contribuído para o esporte ter tamanha importância nas aulas de Educação Física escolares de hoje? Para que se entenda este processo, algumas questões importantes merecem destaque, como a identificação do momento em que as atividades físicas e o esporte passaram a ser reconhecidas como um dos caminhos para auxiliar na formação e desenvolvimento do homem, e, por seguinte, quando e de que modo a Educação Física passou a fazer parte do rol das disciplinas escolares.

Rubio (2002), ao sinalizar sobre as transformações ocorridas com o esporte ao longo do tempo, indica pistas do período em que ele definitivamente passou a ser apropriado também por finalidades educacionais e de desenvolvimento humano.

> Originário no período pré-histórico quando o ser humano era ainda apenas caçador, organizado na Grécia como um dos eventos mais importantes da Antiguidade e reinventado no século XIX como um novo elemento pedagógico, o esporte acompanha a história da humanidade como um elemento intrínseco à condição humana (p. 130).

Mesmo existindo inúmeros referenciais que afirmam que, a partir do século XIX, o esporte passou a se alinhar com questões voltadas à educação e formação humana, cabe ressaltar, porém, que, muito antes desse período, os esportes e a ginástica tiveram importância considerável para os antigos gregos nesse mesmo sentido. Para eles, a completude do homem passava obrigatoriamente pelo desenvolvimento da mente e de um corpo saudável. A formação do "homem ideal" para aquela sociedade atravessava, naquele momento da história, a busca constante de homens dotados de inteligência, força, beleza física e coragem. O esporte, desse modo, poderia ser um dos meios para que tais predicados pudessem ser alcançados.

Na Grécia Helênica[38], as atividades atléticas aconteciam em festas religiosas e o esporte era valorizado para a prática do lazer e educação dos gregos. A educação se pautava pela ideia do desenvolvimento das qualidades mentais, ao mesmo tempo em que se preocupava com a melhoria física dos homens. Outro aspecto particular dessa cultura foi a valorização da música, artes e oratória, mas a educação grega buscava também desenvolver questões morais e políticas nos jovens. Entende-se, dessa forma, que o caminho que os gregos acreditavam ser correto para o desenvolvimento e formação de seus jovens consistia em uma educação bastante ampla, ajustada pelo equilíbrio de atividades para o corpo e a alma, com as quais pudessem se formar cidadãos dotados de

---

os alunos.

37. A Carta Internacional da Educação Física e do Esporte foi um documento emitido pela UNESCO, no dia 21 de novembro de 1978 e serviu para declarar a importância da Educação Física e do esporte para o desenvolvimento humano. A cópia do referido documento se apresenta em anexo neste estudo (Anexo A). Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002164/216489por.pdf>. Acesso em: 24 dez. 2016.

38. A história da Grécia Antiga é dividida em cinco diferentes períodos. O período Helenístico compreendeu o período entre 338 e 146 a.C.

inteligência e sabedoria, mas também de força e vigor físico.

O que se torna interessante perceber, a partir das informações destacadas, é o fato curioso de que durante séculos após o período mencionado da Grécia Antiga, os esportes continuaram a existir, mas seu envolvimento e propósitos ligados à educação e formação humana, ao que tudo indica, não estiveram tão presentes. Tal premissa parece ser verdadeira, principalmente quando constatado o formato das atividades e conteúdos desenvolvidos nas aulas de Educação Física, quando esta passou a existir como disciplina escolar, o que sinaliza para a inexistência dos esportes.

De acordo com registros históricos, a introdução da Educação Física nas escolas brasileiras se deu por meio da reforma Couto Ferraz[39], no ano de 1854. Naquela época, as aulas de Educação Física eram chamadas de ginástica.

Bracht (1999), importante historiador da área, não somente aponta quando a Educação Física passou a fazer parte do rol de disciplinas escolares, como também fornece elementos que indicam o tipo e perfil de atividades que inicialmente eram propostas nestas aulas:

> A constituição da educação física, ou seja, a instalação dessa prática pedagógica na instituição escolar emergente dos séculos XVIII e XIX foi fortemente influenciada pela instituição militar e pela medicina. A instituição militar tinha a prática – exercícios sistematizados que foram ressignificados (no plano civil) pelo conhecimento médico. Isso vai ser feito numa perspectiva terapêutica, mas principalmente pedagógica. Educar o corpo para a produção significa promover saúde e educação para a saúde (hábitos saudáveis, higiênicos) (p.72-73).

O surgimento da Educação Física ocorreu, assim, em um primeiro momento, para auxiliar na edificação de pessoas saudáveis, na busca de valores e hábitos que promovessem a higienização dos corpos. Em outras palavras, a Educação Física passou a se responsabilizar por buscar e manter a saúde das crianças e dos jovens por meio de suas práticas pedagógicas nas escolas.

No Brasil, isso aconteceu durante um período em que o cenário da saúde pública apresentava sérios problemas, com epidemias, focos de febre tifoide, febre amarela, tuberculose, varíola e ainda outras tantas doenças que pediam maior atenção e busca de soluções. Costa, Santos e Edivaldo Junior (2014) explicam como o Estado passou então a procurar alternativas para reverter esse quadro desanimador e sombrio.

> além da urgência em aplicar os preceitos higiênicos na época, o higienismo do século XIX teve consequências de longo prazo em termos de políticas públicas e na constituição de um corpo de profissionais atrelado ao ideário da saúde. Seus diagnósticos e argumentos ajudaram a legitimar a presença do Estado no campo da saúde pública, mas também no campo educacional. Do ponto de vista médico, não eram apenas as cidades que mereciam uma pertinente transformação. A reforma dos hábitos não residia apenas nas ruas, nas avenidas, nas construções, enfim, em uma urbanização com base em preceitos da saúde. Era impreterível, para aquele discurso, a reforma dos

39. O decreto nº 1.331 A, de 17 de fevereiro de 1854, aprovado pelo Ministro do Império, Luiz Pedreira do Couto Ferraz, tratava sobre a reforma do ensino primário e secundário do Município da Corte, Rio de Janeiro. Entre as medidas propostas no documento estava a inclusão da disciplina ginástica, tanto no ensino primário, como no ensino secundário.

> corpos (...) É neste campo específico da higiene que os exercícios físicos tornaram-se foco de interesse por parte dos médicos (COSTA; SANTOS; EDIVALDO JUNIOR, 2014, s/p)

A influência militar sobre a origem da Educação Física escolar no país aconteceu também em virtude do número elevado de militares que passaram a atuar como instrutores das atividades físicas nas escolas naquele período. Em virtude de inexistir, naquela época, faculdades de Educação Física, a colocação de militares na instrução de atividades físicas se justificava por eles já possuírem experiência com a prática e ensino de atividades físicas sistematizadas no exército. Esta influência dos militares sobre a Educação Física escolar não aconteceu somente no Brasil, tendo anteriormente diferentes países europeus passado por transição semelhante, como a Alemanha, Suécia e França.

> Enfim, parece claro que os militares foram os pioneiros a incluir em seus programas de formação disciplinas ligadas a prática de exercícios físicos, tendo por isso grande influência na organização e no desenvolvimento inicial da Educação Física nas escolas e na sociedade como um todo. Junto com os imigrantes, que chegavam ao país e traziam conhecimentos adquiridos em seus países, fundamentalmente foram os militares os primeiros "professores" de Educação Física do país. Mais ainda, desde aquele momento ficava delineada a ação fundamental dos militares na difusão de doutrinas de Educação Física (os métodos ginásticos) e a ligação entre a prática de atividades físicas e visões ligadas a civismo, patriotismo e "corpo saudável" (MELO; NASCIMENTO, 2000, p.2).

Somente após passar por esse período de influência médica e militar é que a Educação Física passou a promover a prática esportiva e o treinamento de modalidades esportivas dentro de suas aulas. Isso aconteceu logo após a 2ª Guerra Mundial, em diferentes países ao redor do mundo, passando a ocorrer um processo de transformação das atividades físicas e corporais em jogos e modalidades esportivas. Já no Brasil, esse processo aconteceu mais tarde, apenas na década de 50, por meio do Método Desportivo Generalizado. Tendo como um de seus criadores Auguste Listello[40], o referido método ganhou formato no Instituto Nacional de Esportes da França e foi divulgado para além do território francês por seu criador. Seu princípio apontava para o desenvolvimento da educação para jovens e adultos por meio de jogos e esportes. Listello contribuiu significativamente para a adesão do esporte nas escolas brasileiras, já que esteve no país inúmeras vezes para falar de seu método e ministrar cursos.

Convém lembrar que, no início da década de 60, a Educação Física já ocupava certo grau de importância no contexto escolar e, por isso, foi lembrada na primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, datada de 20 de dezembro de 1961, nº 4.024. O artigo 22 da referida Lei anunciava que a disciplina de Educação Física deveria compor o currículo dos cursos primário e médio.

De acordo com Battistuzzi (2005):

> O binômio Educação Física/esporte atingiu seu auge a partir da década de 70, sofrendo importantes influências no aspecto político, com a ascensão do

40. Auguste Listello, nascido na Argélia, foi um professor que se naturalizou francês e teve grande importância na criação e divulgação do Método Desportivo Generalizado. Foi diretor do Instituto Nacional de Esportes da França.

> Regime Militar. A frase mais conhecida desta época foi "esporte é saúde", pois o objetivo do governo militar era investir na disciplina, para formar um exército composto por uma juventude forte e saudável (...). Através do Decreto n. 69.450 de 1971 foi dada ênfase à aptidão física e a iniciação esportiva na Educação Física escolar, buscando a descoberta de novos talentos, pois além da preocupação com a segurança nacional, também havia interesse que a nação trouxesse mais medalhas e grandes resultados em eventos esportivos internacionais (p. 12).

A partir deste momento então foi que o esporte passou a ocupar um espaço central nas aulas de Educação Física, nas quais o ensino das técnicas esportivas e o caráter competitivo dos jogos indicavam que a proposta da disciplina andava na formação de atletas. O professor, por sua vez, não exercia exatamente sua função de educador, mas de treinador esportivo.

Tendo as modalidades esportivas recebido atenção e espaço nas aulas de Educação Física, é interessante tentar entender o motivo, ou melhor, os motivos que podem ter colaborado para que o futebol, entre outros esportes, passasse a receber tamanha importância e centralidade em boa parte dos ambientes escolares, a partir do final de década de 60 e começo de 70.

Koch (2012, p. 11) em sua pesquisa relatou que "especialmente nas escolas, em espaços e momentos de práticas corporais, observo que o futebol exerce uma condição hegemônica sobre as demais modalidades esportivas".

Cardoso (2003) explica de modo simples as razões pelas quais a modalidade esportiva futebol passou a ocupar espaços importantes nas aulas de Educação Física no Brasil. Para a autora:

> Nenhum povo é reconhecido no mundo como o brasileiro pelo futebol. Nenhum país no mundo tem uma relação tão umbilical, formativa e existencial, como a relação do brasileiro com o futebol [...]. Neste cenário, o apelo pedagógico do ensino do futebol nas aulas de Educação Física é de obviedade inegável. É de vital importância que nas aulas de Educação Física se tematize o futebol (p. 43)

Portanto, sendo o futebol o esporte mais popular do país, foi natural que, a partir do momento em que ocorreu uma valorização da prática esportiva em ambientes escolares, ele terminasse conquistando uma predominância natural ante os outros esportes e variados conteúdos da Educação Física escolar.

Outros fatos ocorridos na época também podem ter colaborado para a ascensão do futebol não só nas escolas, mas em projetos sociais e no surgimento de escolinhas de futebol. Naquela época, o futebol brasileiro era dotava de prestígio dentro e fora do país, principalmente em razão das conquistas das Copas de 1958 e 1962. A expectativa e otimismo para a conquista do tricampeonato mundial, em 1966, na Inglaterra, eram fortes. O que aconteceu naquela Copa, porém, foi uma grande decepção para os torcedores, jogadores, técnicos, jornalistas e governantes brasileiros. Após campanha pífia dos brasileiros e uma prematura eliminação da competição, o caminho natural seria encontrar quais os aspectos que poderiam ter sido determinantes para aquele fracasso. Valentin e Coelho (2005), além de explicar com clareza o que teria acontecido para o revés brasileiro,

indicam quais alternativas foram apontadas para que no futuro não ocorressem novas desilusões para o futebol nacional:

> A preocupação pedagógica em gerir e controlar os hábitos e o estilo de vida dos jogadores de futebol brasileiros surgiu, ainda que embrionariamente, a partir da derrota do Brasil na Copa do Mundo de 1966, realizada na Inglaterra. O principal fator apontado pelos treinadores e pela mídia esportiva como motivo da derrota massacrante da Seleção brasileira na Copa de 1966 foi o insuficiente preparo físico e os maus hábitos, vícios e demais hedonismos apresentados pelos jogadores (p. 186).

Tais considerações são importantes nesta discussão a partir do momento em que se percebe que questões relacionadas à aquisição de valores e costumes estão ligadas à formação e educação de jovens e novos talentos. A partir disso, justificou-se a valorização do esporte de base, tanto nas escolas, como no surgimento de novos espaços pedagógicos ligados ao ensino do esporte, como escolinhas de futebol que começaram a surgir naquele período. Tais medidas mostravam que existia a crença de que tais lugares seriam potenciais espaços de formação de novos jogadores de futebol dotados de um perfil adequado para representar a nação.

Evidentemente que tais preocupações, cuidados e objetivos voltados à formação de futuros jogadores de futebol faziam parte de um projeto de longo prazo, afinal, os efeitos desejados e a melhora dos resultados dentro de campo não aconteceriam da noite para o dia. Coincidência ou não, os acontecimentos seguintes na história do futebol brasileiro estão registrados como os mais marcantes, vitoriosos, emocionantes e bonitos do futebol mundial.

A famosa seleção[41] que conquistou o tricampeonato mundial na Copa do México, em 1970, fez história. Considerada por muitos admiradores e estudiosos do futebol como a melhor equipe de todos os tempos, a equipe brasileira daquele mundial ficou famosa por seus craques, lances, jogadas bonitas e até pelos gols que não marcou.

Voser, Guimarães e Ribeiro (2010) deixam transparecer em seus escritos a qualidade daquela equipe e a admiração provocada:

> O Brasil venceu por 4 x 1 e convenceu com o último gol da partida, marcado por Carlos Alberto, depois de uma linda jogada de Clodoaldo. A jogada e o gol foram considerados como o lance mais bonito de todas as Copas [...] Pelé[42] mostrou ao mundo que era o verdadeiro Rei do futebol. Líder do time brasileiro, Pelé foi superior a muitos outros craques e marou par sempre o Mundial com lances fabulosos, que demonstraram sua habilidade única. Lances diante da Tchecoslováquia, Inglaterra, Uruguai, e Itália imortalizaram toda capacidade e categoria de Pelé (p. 81).

As consequências, em virtude da conquista do tricampeonato mundial, ultrapassaram

41. Em 1970 o Brasil conquistou o tricampeonato mundial de futebol no México. Para grande parte dos estudiosos e torcedores do futebol, aquela equipe brasileira foi a melhor de todos os tempos, agregando um modo de jogar futebol bonito e vitorioso. Atletas como Pelé, Rivelino, Tostão e Jairzinho fizeram parte daquele time.

42. Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, foi um jogador de futebol brasileiro, considerado o maior jogador de futebol da história. Dotado de muita qualidade técnica, Pelé ajudou o Brasil a conquistar três títulos mundiais no futebol. Em sua carreira marcou mais de mil gols e por seus feitos e habilidades é considerado no país um herói, recebendo o apelido de Rei do futebol.

as esferas políticas[43], econômicas, culturais e sociais no país. Nesse sentido, imagina-se que esta página da história vitoriosa do futebol brasileiro contribuiu significativamente para o aumento do interesse popular por este esporte, seja em ambientes educativos ou não.

Na década de 80, novos estudos e discussões na área da Educação Física surgiram, com estudiosos questionando seu objeto de estudo, principalmente criticando a realização do modelo de aula baseado no esporte de rendimento na escola. A partir de então, foram propostas outras formas de ensinar, partindo de uma abordagem sociológica. Como a presente pesquisa não tem como foco principal o estudo das diferentes abordagens pedagógicas da Educação Física, não se deteve em contemplá-las aqui. Buscou, porém, identificar o momento histórico em que o esporte passou a se configurar como seu principal conteúdo, e, ao que tudo indica, mesmo com o desenvolvimento de estudos e correntes pedagógicas contrárias a isso, continua até os dias de hoje ocupando lugar de destaque.

> As práticas pedagógicas da Educação Física Escolar vem se constituindo para professores e pesquisadores da área num amplo campo de estudos e reflexões, tanto no que se refere à metodologia das aulas, avaliação do processo ensino-aprendizagem e organização dos conteúdos, quanto na homogeneização das práticas pedagógicas em torno do conteúdo esporte. Assim, as manifestações da cultura de movimento e o objetivo da Educação Física de tratar pedagogicamente dessas manifestações estão cada vez mais, sendo subsumidas pela hegemonia do esporte. E o futebol é o maior representante dessa hegemonia, uma vez que é amplamente praticado no contexto escolar (BASEI; VIEIRA, 2007, p. 1).

Como observado, o esporte, a partir de sua entrada nos espaços escolares, passou a ocupar centralidade e destaque perante outras manifestações da cultura de movimento. O futebol, por sua vez, talvez em virtude de possuir tamanha relevância social e cultural no Brasil, aparentemente, se posiciona em um patamar ainda acima de todas as outras modalidades esportivas.

3.3.2 O futebol em outros espaços educativos: os Programas/Projetos Sociais Esportivos

Ao propor a discussão sobre as práticas que envolvem a modalidade do futebol em PPSE é importante que se entenda o que são políticas sociais, bem como situar o momento em que se deu a implementação de programas sociais no mundo e no Brasil.

Cunha e Cunha (2002) lembram que política social é um tipo de política pública que se caracteriza por meio de um conjunto de princípios, diretrizes, objetivos e normas que guiam as ações do poder público em uma determinada área.

Höfling (2001), por sua vez, afirma que:

> Políticas sociais se relacionam a ações que determinam o padrão de proteção social implementado pelo Estado, voltadas, em princípio, para a redistribuição dos benefícios sociais visando a diminuição das desigualdades estruturais produzidas pelo desenvolvimento socioeconômico (...) São formas de interferência do Estado, visando a manutenção das relações sociais de determinada formação social (p. 31).

43. A conquista do tricampeonato mundial de futebol pelo Brasil foi incansavelmente utilizada como propaganda do regime militar no país.

Assim, é possível lembrar que as políticas sociais começaram a ser postas em prática em decorrência da composição de novas funções do Estado capitalista, com a produção, estabelecimento e a distribuição de bens e serviços sociais enquanto direitos de cidadania. Estas se constituem em políticas ligadas a um tipo de organização social e política que despontaram no final do século XIX e que procuravam desenvolver um sistema de proteção social que daria ao Estado a responsabilidade pelo bem-estar dos cidadãos.

Piana (2009) concorda que as políticas sociais nasceram no capitalismo, através das mobilizações operárias a partir do século XIX, complementando ainda que, por meio dos movimentos populares, é que esta foi compreendida como estratégia governamental. De acordo com a estudiosa, a Revolução Industrial, que aconteceu até a metade do século XIX, provocou consequências como uma acentuada urbanização e o aumento da taxa de natalidade. Naquele período, surgiram então as organizações proletárias, cooperativas e sindicatos.

Teixeira (2007, p. 46), ao comentar sobre políticas sociais, fala de um sistema de proteção social, afirmando que este surgiu a partir das:

> pressões das lutas sociais que agregam e adensam reivindicações, trazendo à cena pública os problemas sociais transformados em demandas políticas, introduzindo-as no campo das disputas políticas e das prioridades de políticas públicas (...) a formulação pública de um problema social pode surgir do próprio campo político, que encontra, nas expressões numéricas dos problemas, ou nas estimativas futuras, uma causa de interesse geral a ser defendida (TEIXEIRA, 2007, p.46).

Ou seja, a preocupação e o surgimento de políticas sociais, no mundo, ocorreram como estratégia de governos na regulação do Estado com a Sociedade Civil, com finalidades políticas, sociais e econômicas.

No Brasil, mesmo que tenham surgido de modo discreto anteriormente, foi no governo de Getúlio Vargas que a história dos programas sociais voltados a grupos vulneráveis começou a ganhar mais forma. Vargas (2007) salienta que o Estado passou a intervir nas questões que envolvem os riscos sociais e as relações de trabalho a partir da estruturação da sociedade baseada no trabalho de indivíduos assalariados, concluindo que:

> O período entre 1930 e 1940 é considerado um marco na História brasileira, pois a questão social foi vinculada à emergência de políticas sociais voltadas, sobretudo, à população urbano-industrial. Getúlio Vargas liderou e associou seu nome à modernização social, marcando o início de uma novidade política e institucional no mundo do trabalho, imprimindo mudanças ao criar as legislações trabalhistas e ao ampliar o conceito de cidadania (p. 33).

Quando constatadas e analisadas, porém, as políticas públicas voltadas para as juventudes evidenciam que os registros de PPSE que já tenham acontecido ou que ainda acontecem são de data bem mais recente, o que, de certo modo, mostra uma preocupação tardia com essa categoria. Santos (2011) destaca quando isso aconteceu:

> É, sobretudo, no decorrer desta última década, que o Brasil vem promovendo iniciativas no campo das políticas públicas nas quais os jovens aparecem como sujeitos prioritários das ações sociais. Um período em que outra

> força política assumiu a gestão do governo federal, na qual surgiram novas expectativas acerca das respostas aos problemas sociais. Isso, na verdade, significa dizer que o país colocou tardiamente o tema da juventude na agenda pública, o que, por um lado, tem trazido uma série de programas no intuito talvez de se "recuperar o tempo perdido"; de outro, exigido uma reflexão sobre os caminhos trilhados e as escolhas realizadas (p. 6).

Após definir o que são políticas sociais e o período em que estas começaram a ganhar forma no Brasil e no mundo, cabe realçar que, ao longo da história, principalmente em decorrência das diferenças do cenário político e econômico de cada nação, tais políticas perdem ou ganham força. Santos (2011) comenta que cada país estabelece suas próprias trajetórias e maneiras de realizar intervenções sociais, lembrando que mesmo que as políticas sociais sejam direcionadas a áreas similares, suas particularidades operacionais e os tipos de programa e seu acesso podem apresentar muitas diferenças. Silva complementa, afirmando que "os modelos de proteção social variaram conforme o nível de industrialização e urbanização de cada Estado, a capacidade de pressão da classe trabalhadora e as características do regime político" (2011, p. 47).

Outras vezes, porém, podem existir movimentos semelhantes em diferentes nações, conforme o que aconteceu especificamente com os países da América Latina, a partir do cenário estabelecido após a crise econômica de 1980, quando as condições de vida da população estavam cada vez piores e a desigualdade social aumentava cada vez mais. Estando as famílias em situação econômica comprometida e a oferta de trabalho reduzida, existiram "movimentos compensatórios das dotações das verbas públicas para as políticas sociais" (OMETTO; FURTUOSO; SILVA, 1995, p. 404), sendo essa uma estratégia comum para atenuar os efeitos e consequências da crise sobre a população.

Cunha e Cunha (2002) indicam ainda outros aspectos que podem se repetir no âmbito das políticas sociais em diferentes países:

> As respostas políticas dos diversos países à questão social, embora diferenciadas, apresentam algumas medidas comuns, entre elas: o corte de benefícios ou a introdução de medidas de flexibilização do acesso a elas; a maior seletividade (não se aplica a todos) e a focalização das politicas sociais (atendem aos mais pobres entre os pobres), tornando-as residuais e casuais, ou seja, os programas não são contínuos nem abrangentes e atingem pequenos grupos por determinado tempo; a privatização de programas de bem-estar social, isentando o Estado da garantia dos mínimos sociais necessários à sobrevivência humana; e o desmonte da rede de proteção social antes mantida pelo Estado (p. 13)

Em virtude do foco de investigação do estudo direcionar-se para programas sociais que atuem com as juventudes e a modalidade do futebol, o objetivo desta seção não caminha para realizar uma abordagem sobre os diferentes programas sociais existentes no Brasil, principalmente por entender que entre eles existem especificidades e diferentes fins, que não são de interesse da presente pesquisa.

Ao tratar de programas sociais que envolvem a prática de esportes, o professor Claudio Kravchychyn lembra-se que:

> Datam da década de 1980 os primeiros registros de projetos sociais tendo o esporte educacional como eixo norteador, destinados ao atendimento de crianças, adolescentes e jovens brasileiros. Consolidando-se a partir da Constituição de 1988 e de leis infraconstitucionais, os projetos e programas sociais esportivos (PPSE) expandiram-se significativamente a partir da década seguinte, processo que naturalmente atraiu a atenção da comunidade científica (KRAVCHYCHYN, 2014, p. 47).

Valentin e Coelho (2005, p. 188) também informam que foi na década de 90 que os programas esportivos educacionais começam a ganhar força no Brasil, lembrando que o contexto apresentava um aprofundamento das políticas neoliberais do país, como veículos de ascensão sócio-econômica, bem como de inserção e inclusão social, com o intuito de tirar os jovens das ruas e redimensionar suas práticas na esfera esportiva.

> A partir da década de noventa, consolida-se uma política nacional que vai paulatinamente se voltando para o discurso de inserção, inclusão e ascensão de crianças e jovens através da prática esportiva, assim como outras práticas (Ex: capoeira, dança, ginástica, etc.) que se encontram comumente ligadas a projetos estatais e não-estatais, sendo estes últimos normalmente veiculados a partir da atuação política das ONGs (VALENTIN; COELHO, p. 2005, p. 188).

Aliás, é oportuno lembrar o que diz o artigo 217 da Constituição Federal (BRASIL, 1988), que indica ser "dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não formais, como direito de cada um". Consta ainda, na referida lei, que o Poder Público deverá incentivar o lazer, como forma de promoção social e também deverá destinar recursos públicos para a promoção prioritária do desporto educacional. É possível concluir então que o esporte educacional acaba sendo prioridade para o Estado. Nogueira (2014), ao falar sobre a Política Nacional do Esporte, indica que este deve estar aliado ao preceito fundamental da cidadania, constituindo-se como um direito de todos e dever do Estado. Para o autor, o esporte não pode ser dissociado de elementos como o direito a trabalho, moradia, segurança, previdência social, educação e saúde (NOGUEIRA, 2014). Assim, o esporte, bem como estes outros elementos, passa a servir também como ferramenta para superar as injustiças, exclusões e vulnerabilidade social que cerca a sociedade brasileira.

Esse panorama político em torno do esporte pode influenciar no surgimento de unidades de PPSE voltados para crianças e jovens brasileiros. Hecktheuer (2012) fala em seus estudos a respeito do aumento do número de projetos sociais que desenvolvem atividades por meio do esporte:

> Tais projetos têm-se multiplicado na sociedade brasileira; em sua maioria, veiculam pretensões "salvacionistas" em relação aos indivíduos considerados em situação ou estado de vulnerabilidade social. Os indivíduos assim posicionados são visados por intervenções que se utilizam do esporte como meio para tingir seus objetivos (p. 6).

Neto, Dantas e Maia (2015) também escreveram sobre o aumento do número de PPSE. Para eles, há uma evidência da importância dos esportes na formação e desenvolvimento das pessoas, sendo que o crescente número de projetos esportivos direcionados as juventudes menos favorecidas é decorrente do reconhecimento do esporte como canal de socialização ou inclusão social (NETO; DANTAS; MAIA, 2015, p.109-110).

Ao tratar sobre socialização, reporto ao que Simmel (2006, p. 17) escreveu sobre a sociedade. Segundo o autor, a vida que acontece na sociedade se realiza em um fluxo incessante, onde os indivíduos estão ligados uns aos outros pela influência mútua que exercem sobre si, bem como pela determinação recíproca que exercem uns sobre os outros. Para Simmel (2006), a sociedade é o resultado das interações que ocorrem entre os indivíduos, onde ocorrem e são estabelecidos contatos e interações sociais. Ao falar do caráter funcional da sociedade, o autor utiliza o termo "sociação", indicando que as pessoas, ao mesmo tempo em que fazem algo, podem sofrer por isso, ocasionando relações que podem ser marcadas por interesses comuns ou conflitos.

> Sociedade é, assim, somente o nome para um círculo de indivíduos que estão, de uma maneira determinada, ligados uns aos outros por efeito das relações mútuas, e que por isso podem ser caracterizados como uma unidade – da mesma maneira que se considera uma unidade um sistema de massas corporais que, em seu comportamento, se determinam plenamente por meio de suas influências recíprocas (SIMMEL, 2006, P. 18).

Mas ao falar dos PPSE, é interessante e pertinente destacar alguns que aconteciam regularmente no país durante a realização desta pesquisa. Dentre estes, mantidos pelo Governo Federal[44], destaco aqui alguns que envolviam (ou ainda envolvem) um número significativo de jovens, segundo dados do site do Ministério de Esportes[45]. São eles:

* *Centro de Iniciação ao Esporte*: Os Centros de Iniciação ao Esporte têm como objetivo ampliar a oferta de infraestrutura de equipamento público esportivo de qualidade, incentivando a iniciação esportiva em territórios de vulnerabilidade social das grandes cidades brasileiras. Esse programa acontece em 233 unidades, de 223 municípios. O foco é direcionado a 13 modalidades olímpicas, seis paraolímpicas e uma não olímpica. Os espaços são oferecidos para o desenvolvimento do esporte de base, bem como do alto rendimento.

* *Segundo Tempo*: O Segundo Tempo busca democratizar o acesso à prática e à cultura do esporte, procurando promover o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens, como fator de formação da cidadania e melhoria da qualidade de vida. Este programa visa, de modo prioritário, áreas de vulnerabilidade social. A base pedagógica do Programa Segundo Tempo está voltada a oferta de variadas vivências esportivas, como o basquete, futsal, futebol de campo, voleibol, handebol e voleibol, entre outras, e desenvolvidas na perspectiva do esporte educacional, direcionado ao desenvolvimento integral das crianças e jovens. Este programa busca, por intermédio de planejamento e ações efetivas, trabalhar a inclusão e a ludicidade proporcionando um estilo de vida ativo em seus participantes.

---

44. Por meio da parceria entre o Ministério do Esporte e o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA) existe a possibilidade da captação de recursos junto a pessoas físicas ou jurídicas para Projetos Esportivos Sociais aprovados pelo Ministério do Esporte, conforme a preferência do doador. Os recursos são direcionados para uma conta bancária do Fundo Nacional para a Criança e o Adolescente (Art. 260 do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA).
45. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/>. Acesso em: 28 dez. 2016.

* *Esporte e Lazer da Cidade (Pelc)*: O Programa Esporte e Lazer da cidade proporciona a prática de atividades físicas, culturais e de lazer, envolvendo todas as faixas etárias, bem como pessoas portadoras de deficiência. Tem como objetivos estimular a convivência social e a formação de gestores e lideranças comunitárias. Busca favorecer também a pesquisa e a socialização do conhecimento, contribuindo para que o esporte e lazer sejam tratados como políticas e direito de todos. Dois eixos centrais regem o programa, sendo o primeiro deles direcionado a implantação e desenvolvimento de núcleos de esporte recreativo e de lazer em diversas regiões do Brasil, e o segundo, voltado à formação continuada de diferentes sujeitos que possam estar engajados na implementação de políticas públicas de lazer, inclusão social ou ligadas ao desenvolvimento da cultura.

* *Jogos Escolares da Juventude*: Esse programa foi estruturado percebendo as competições estudantis como uma oportunidade de estímulo ao espírito esportivo, buscando, com isso, difundir os valores do esporte entre os jovens. De acordo com o Comitê Olímpico do Brasil (BRASIL, 2017a), os Jogos Escolares da Juventude são a maior competição estudantil do país, reunindo jovens dos 12 aos 17 anos, alunos tanto de escolas públicas como privadas. Nesta competição são realizadas disputas em 14 modalidades esportivas diferentes e atualmente, se contadas as fases seletivas que ocorrem nos municípios e estados, mais de dois milhões de jovens participam, representando 40.000 escolas de 3.950 municípios do Brasil.

* *Sistema Nacional do Esporte*: Esse programa é tido pelo governo federal como fundamental para consolidar o esporte como uma política pública estruturante, cuja visão de futuro é alçar o Brasil à condição de potência esportiva sustentável. O programa tem como um de seus objetivos tornar o Brasil uma potência esportiva, garantindo a democratização do acesso ao esporte para todos, independente da classe social, gênero, condição individual e cor, ao longo da vida, buscando provar o potencial dos atletas brasileiros, desde a base até o alto rendimento (BRASIL, 2017b).

Mesmo entendendo que os PPSE deveriam ser norteados pelo desporto educacional, imagino que, por vezes, essa tendência não se manifeste na prática das atividades em tais programas ou projetos. A fim de buscar suporte teórico para refletir e, posteriormente, discutir sobre tais aspectos, é fundamental que se conheça e entenda não somente o que vem a ser o desporto educacional, mas também as outras manifestações desportivas existentes no Brasil, bem como suas características. De acordo com a Lei 9.615, de 24 de março de 1998, as diferentes manifestações do desporto são assim classificadas (BRASIL, 1998):

> I - desporto educacional, praticado nos sistemas de ensino e em formas assistemáticas de educação, evitando-se a seletividade, a hipercompetitividade de seus praticantes, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para o exercício da cidadania e a prática do lazer;

> II - desporto de participação, de modo voluntário, compreendendo as modalidades desportivas praticadas com a finalidade de contribuir para a integração dos praticantes na plenitude da vida social, na promoção da saúde e educação e na preservação do meio ambiente;
>
> III - desporto de rendimento, praticado segundo normas gerais desta Lei e regras de prática desportiva, nacionais e internacionais, com a finalidade de obter resultados e integrar pessoas e comunidades do País e estas com as de outras nações.
>
> IV - desporto de formação, caracterizado pelo fomento e aquisição inicial dos conhecimentos desportivos que garantam competência técnica na intervenção desportiva, com o objetivo de promover o aperfeiçoamento qualitativo e quantitativo da prática desportiva em termos recreativos, competitivos ou de alta competição.

Tubino (2010), autor reconhecido da área da Educação Física, trata em seus estudos sobre as diferentes manifestações esportivas e salienta que o esporte educacional pode ser oferecido para crianças e jovens fora do ambiente escolar, lembrando que este deve ser voltado para a formação da cidadania e precisa estar baseado nos princípios da inclusão, cooperação, corresponsabilidade e participação. Eis o caminho para o esporte nos PPSE.

Para que estes princípios possam acontecer de modo efetivo, porém, torna-se fundamental o preparo e envolvimento de professores frente aos PPSE. Nesse sentido, Kravchychyn (2014) indica que:

> Como intervenção pedagógica, o esporte educacional carrega a missão de materializar as intencionalidades. Essa missão comporta o compromisso de repensar as formas tradicionais de ensino-aprendizagem, proporcionando ao aluno a coparticipação nas atividades e nas tomadas de decisão sobre o processo. Nessa perspectiva, o papel de agente de transformação social do professor em Projetos e Programas Sociais Esportivos é reforçado (p. 14).

Baquero e Baquero (2005) pensam de modo semelhante, afirmando que resultados de pesquisas sobre experiências educativas não formais com grupos juvenis que possuem a base de sua formação na vivência em grupo, organizados em sistemas sem hierarquias, apontam a existência de aprendizagens que favorecem o desenvolvimento de capacidades individuais e coletivas, nas quais também se estabelecem relações de confiança e ajuda mútua. Tais vivências e aprendizagens acabam se constituindo em mediações importantes para as juventudes, possibilitando a construção de atitudes como o respeito, tolerância e reconhecimento ao outro.

Honneth (2003) indica que a identidade individual dos sujeitos é estruturada através de processos intersubjetivos que são guiados pela busca de reconhecimento. Baseando sua teoria a partir de autores como Hegel[46] e Mead[47], Honneth afirma que:

---

46. Georg Wilhelm Friedrich Hegel é considerado como um dos mais importantes filósofos da história. Nascido em Stuttgart, Alemanha, está inscrito no que se chamou de Idealismo Alemão. Hegel influenciou nos estudos e publicações de um número grande de autores.

47. George Herbert Mead foi um filósofo de importância para a sociologia e a psicologia social. Nascido nos Estados Unidos, Mead integra a corrente teórica da filosofia americana chamada de pragmatismo.

> A reprodução da vida social se efetua sob o imperativo de um reconhecimento recíproco porque os sujeitos só podem chegar a uma autorrelação prática quando aprendem a se conceber, da perspectiva normativa de seus parceiros de interação, como seus destinatários sociais (HONNETH, 2003, p. 155).

Ainda para Honneth, o reconhecimento intersubjetivo é fundamental para o desenvolvimento de uma identidade positiva, favorecendo novas formas de individuação e de inclusão social. Quando reconhecido pelas pessoas próximas e com as quais interagem no seu dia a dia, o sujeito conquista novas formas de autorrelação positiva. Dessa forma é possível afirmar que somente por meio da experiência e do reconhecimento, é que as pessoas conseguem garantir sua autorrealização e ainda a integridade social (BECHI, 2015, p. 65).

Mas ao falar sobre a importância da educação voltada para a cidadania, destaco o que Gutierrez, Dotto e Allet (2016) registraram. Estes autores comentam sobre a importância do avanço e fortalecimento da democracia na sociedade atual, alertando, nesse sentido, para a importância de uma educação voltada para a cidadania, promovendo diferentes experiências de formação democrática. Lembram os autores que a cidadania não é inata ao homem, portanto, são as comunidades que devem projetar e abrir caminhos que possam fazer com que seus membros adquiram as competências cidadãs. Com o intuito de ilustrar o que afirmam, os estudiosos da área da Educação Física se apropriam de um projeto social ligado ao futebol de rua, como um exemplo bem sucedido de mobilização da juventude.

> O esporte e o lazer têm sido evocados como fenômenos de grande poder mobilizador da juventude e, portanto, produtores de espaços sociais onde a educação para a cidadania poderia e deveria acontecer [...] Desde essa perspectiva, de assumir o esporte e o lazer como espaços de educação para a juventude, que educadores de diversas partes do mundo começaram a abordar a largamente difundida cultura do futebol de rua. A partir dessa ideia, em um bairro violento dos arredores de Buenos Aires, surge o Movimento Futebol Callejero como um instrumento de mobilização e organização da juventude. A ideia fundamental é voltar às raízes do futebol de rua, uma prática desportiva de lazer autorregulada, onde regras são previamente acordadas e tacitamente respeitadas por todos os participantes de um jogo, sem a necessidade de uma regulação ou autoridade externa (GUTIERREZ; DOTTO; ALLET, 2016, p. 20).

Outros exemplos de PPSE ligados ao futebol poderiam ser destacados aqui, já que esta modalidade esportiva parece ser, não só no Brasil, mas no mundo todo, a preferida para encampar projetos ou estratégias, seja do governo ou de parcerias privadas, para minimizar situações de risco ou vulnerabilidade sociais onde jovens da sociedade se encontram submetidos.

Pimenta (2006, p. 18) tem um discurso semelhante ao falar sobre a importância do futebol no mundo no tempo que vivemos. Este autor, ao afirmar que o futebol pode ser traduzido como o maior fenômeno de massa do século XX e começo do século XXI, ainda comenta que o futebol "no mundo, caracteriza-se como importante espaço aglutinador de jovens e associa-se aos argumentos intimamente ligados às mudanças sociais de nosso tempo" (PIMENTA, 2006, p. 18).

O então presidente da entidade máxima do futebol, FIFA, Gianni Infantino, parece também entender a importância do futebol, nesse contexto, já que, em entrevista, deu a seguinte declaração:

> O futebol pode não mudar o mundo, mas possui força para contribuir para melhorar a vida de muitas pessoas. Em meu cargo de presidente, acredito que é importante que nossa instituição, como ente reitora do futebol mundial, respalde, mediante suas iniciativas de sustentabilidade, organizações que recorrem ao futebol como força catalisadora para conseguir uma mudança social positiva (TUTTOILMONDO, 2016, s/p).

Após realizar um levantamento para saber em quais municípios da área de abrangência da pesquisa existiriam um ou mais PPSE que envolvessem a modalidade de futebol, os resultados encontrados foram surpreendentes. As informações apontaram que em cada um dos municípios existe pelo menos um programa ou projeto social esportivo que se apropria do futebol para o desenvolvimento de suas atividades.

Tal informação corrobora com o que Bueno (2008) afirma em seus estudos, apontando para uma espécie de evolução institucional do esporte no Brasil, pois até mesmo o modelo e estrutura de sua gestão, no plano nacional, acabaram sofrendo mudanças. Se antes o esporte era preocupação de uma secretaria, desde 1995 ele passou a ser responsabilidade de um ministério. A partir de então é possível identificar um grau de importância maior do esporte nos planos sociais, políticos e econômicos do país.

Paralelo a esse cenário de maior implementação de PPSE no país, observa-se também uma maior preocupação com as juventudes no cenário mundial, como Malfitano (2011, p. 523) relata:

> A juventude vem ganhando discussões e ações púbicas mundiais em proporções ascendentes, caracterizada como um grupo social plural e emergente. (...) Os serviços sociais direcionados a essa população intencionam realizar seu cuidado com vistas à promoção de sua autonomia.

3.4 JUVENTUDES: UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL

O futebol, enquanto esporte mais popular do país, apresenta-se inserido na cultura nacional, fazendo-se presente no dia a dia de muitos brasileiros, principalmente do gênero masculino. Informações obtidas através de uma pesquisa encomendada pelo Ministério do Esporte sobre a prática esportiva no país (Brasil, 2013) confirmam que o futebol é o esporte preferido e mais praticado pelos brasileiros, independente da idade[48] e gênero. A pesquisa aponta que 59,8% dos entrevistados tiveram suas primeiras experiências esportivas por meio do futebol. A análise e classificação das respostas, de acordo com a faixa etária dos entrevistados, apontaram que, no ano de 2013, 54% dos jovens entre os 15 e os 19 anos afirmaram ter sido o futebol o esporte que haviam mais praticado.

Tais informações reafirmam o que se sabia, que o futebol, mesmo que em diferentes formatos e representações, é a modalidade mais presente na vida dos brasileiros, inclusive

48. A pesquisa "A prática de esporte no Brasil", encomendada pelo Ministério de Esportes do Brasil, entrevistou cidadãos brasileiros entre os 15 e 74 anos de idade.

dos jovens. É possível deduzir assim que, diariamente, milhares de jovens estão envolvidos com a prática ou treino do futebol em escolas, praças, clubes, parques, escolinhas e outros espaços onde esta prática é possível de se estabelecer.

Nesta pesquisa, ao abordar questões voltadas ao futebol e aos jovens, o recorte realizado sobre "jovens adolescentes" foi intencional, principalmente por parecer ser nesta faixa etária que ocorre uma maior incidência de garotos que se envolvem com expectativas e projeções profissionais para suas vidas ligadas a este esporte.

De acordo com a Proposta de Emenda à Constituição nº 42, de 2008, a chamada PEC da Juventude (BRASIL, 2010), são consideradas pessoas jovens aquelas que têm idade entre os 15 e os 29 anos. O referido documento classifica ainda os jovens em três diferentes fases da juventude, de acordo com sua faixa etária, chamando-as de "jovens-adolescentes" (15 a 18 anos), "jovens-jovens" (19 a 24 anos) e "jovens adultos" (25 a 29 anos).

No momento em que a categoria "jovens adolescentes" foi eleita como grupo de análise para a pesquisa, é fundamental que se entenda de antemão que esta não pode ser descrita simplesmente como um período de vida no qual os indivíduos passam da fase em que são crianças para se inserir na vida adulta. Diferentemente de uma etapa que transcorre de modo idêntico para todos os indivíduos, este período atravessa transformações importantes ligadas às vivências e condições particulares de cada um dos indivíduos dessa categoria.

> A juventude, como categoria de análise, é uma construção histórica e social na qual se cruzam as diversas posições sociais ocupadas pelos sujeitos e seu grupo de origem, as representações sociais dominantes em um dado contexto e as culturas juvenis, as experiências e as práticas produzidas pelos jovens. Não se pode, portanto, falar de uma juventude universal, mas em jovens que vivem e compartilham experiências a partir de contextos sociais específicos (LEÃO, 2011, p. 101).

Dayrell (2011) destaca que, ao abordar a categoria juventude, é preciso identificar que ela não se restringe apenas a um dado da natureza, alegando que o seu entendimento perpassa como uma condição social e uma representação. De acordo com este estudioso, por mais que exista um caráter universal em que sejam observadas transformações dos indivíduos em uma determinada idade, ocorrendo uma completude no seu desenvolvimento corporal e o enfrentamento de alterações psicológicas, a maneira que cada grupo social irá tratar e representar esse período poderá ser bem diversificada (DAYRELL, 2011).

> [...] entendemos a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona. Assim, os jovens pesquisados constroem determinados modos de ser jovem que apresentam especificidades, o que não significa, porém, que haja um único modo de ser jovem nas camadas populares (DAYRELL, 2003, p.42).

A partir disso, o autor conclui que não há apenas uma juventude, mas em virtude

de uma gama bem variada de modos de ser jovem, existem "juventudes". Em decorrência disso, os estudos que se propõem a discutir assuntos que envolvam juventudes devem identificar, anteriormente, a realidade dos jovens em questão.

Nesse sentido, Malfitano (2011) traz uma contribuição importante, informando que existe sempre uma demarcação fundamental presente na vida dos jovens que merece ser analisada e apropriada para as discussões: a classe social a que os jovens pertencem. De acordo com Malfitano (2011), o acesso aos direitos sociais como a cultura, a saúde, a educação e o acesso aos bens materiais, bem como as chances de inserção no mercado de trabalho, são questões importantes para poder refletir sobre quem vem a ser esse jovem e ainda entender quais expectativas e perspectivas existem nesse período de transição para a vida adulta.

Partilhando uma posição similar, Pais (1990) fala que nas representações correntes da juventude, os jovens são vistos como que fazendo parte de uma cultura juvenil unitária, enquanto que a questão central para ser analisada dentro dos estudos da sociologia da juventude, deveria apontar não apenas para as possíveis similaridades entre jovens, como expectativas de vida, consumos culturais e aspirações profissionais, por exemplo, mas, principalmente, para as diferenças sociais que existem entre eles.

Talvez por isso, Reguillo (2007), estudiosa das culturas juvenis, lembra em seus escritos que os jovens, enquanto categoria social construída, não possuem uma existência autônoma, mas se encontram imersos em uma rede de relações e interações múltiplas e complexas.

> En relación con los modos en que la sociedad occidental contemporánea ha construído la categoría "joven", es importante enfatizar que los jóvenes, en tanto sujeto social, constituyen un universo social cambiante y discontinuo, cuyas características son resultado de una negociación-tensión entre la categoría sociocultural asignada por la sociedad particular y la actualización subjetiva que sujetos concretos llevan a cabo a partir de la interiorización diferenciada de los esquemas de la cultura vigente (REGUILLO, 2007, p. 50).

Feixa e Nilan (2009) ressaltam alguns cuidados que precisam ser tomados ao se pesquisar as juventudes, principalmente nas escolhas de abordagens teóricas que possam refletir, de modo certo, a fluidez, variedade e hibridação que são encontradas nas culturas juvenis de hoje. Os autores afirmam, em concordância com Reguillo (2001), que:

> [...] talvez o mais grave equívoco acerca dos jovens de camadas não privilegiadas dos países em desenvolvimento seja assumir que, sem exceção, vivenciam uma entrada precoce no mundo adulto, no que se refere ao trabalho e às atividades sexuais. Isso implica uma situação cheia de importantes omissões sócio-históricas e deficiências teóricas (FEIXA; NILAN, 2009, p. 16).

Com isso, a preocupação deste estudioso se encontra no cuidado necessário ao realizar qualquer tipo de análise de práticas juvenis, principalmente por estas não se constituírem em práticas homogeneizadas ou globais. Convém lembrar, porém, o que Castells (1996; 1997 apud FEIXA; NILAN, 2009) salienta, afirmando que boa parte dos jovens da atualidade, de algum modo, está na sociedade de rede, podendo, por vezes, obter informações ou até mesmo inspiração por meio de fontes globais.

Desse modo, Pereira e Stengel (2015) comentam que:

> A juventude é marcada pelas incertezas das mudanças da transição entre a infância e a idade adulta. Paralelo às várias modificações, psíquicas e sociais, que resultam no processo de subjetivação próprio de cada indivíduo, evidenciam-se as ideias para planejar o futuro. O jovem se vê obrigado a responder as exigências da sociedade ao nível afetivo, cultural e social, a fim de adentrar na vida adulta (p. 585).

Ao falar sobre o tema "jovens e o futuro", Dias (2009) aponta para a construção de projetos de vida, salientado que estes são baseados a partir de uma visão da realidade e possibilidades e impossibilidades de futuro, na qual o jovem estabelece metas e objetivos pessoais, bem como caminhos para sua vida. De acordo com a autora, os jovens, ao construírem um projeto de vida para si, estão realizando um movimento de reflexão sobre as possibilidades do seu futuro, motivadas por intenções que levem a sua autorrealização (DIAS, 2009). Assim, ao elaborarem um projeto de vida, os jovens buscam mais do que uma identidade profissional, mas uma projeção própria para o amanhã, na qual pode ocorrer inclusive uma antecipação de uma possível trajetória.

> O projeto é a maneira pela qual o ser vai se constituindo como sujeito de acordo com um passado mais ou menos remoto, um presente de escolhas e decisões e uma expectativa de abertura sobre o futuro com sentidos e possibilidades de trabalho sempre condicionais, determinadas e determinantes, situações de risco (DIAS, 2009, p. 94).

Ao assumir a existência de uma condição de risco a partir das escolhas dos jovens, é importante que se estabeleça um paralelo com a contemporaneidade, em que se identificam dimensões de riscos em escalas muito maiores e globais, colocando em cheque mais do que a projeção de projetos individuais, mas o futuro da humanidade.

Ulrich Beck (2012) emprega o termo sociedade de riscos no período posterior ao final do século XX, alertando que a mesma tecnologia que trouxe inúmeros vantagens e benefícios à sociedade acaba sendo culpada por decorrências indesejadas. Alguns exemplos claros destas consequências dos avanços tecnológicos e da forma de organização da sociedade moderna merecem destaque: questões relacionadas ao meio ambiente, onde não somente os problemas com o desmatamento preocupam, mas também a emissão de gases poluentes e seus danos à camada de ozônio, bem como a escassez e mau uso da água; aumento das desigualdades sociais e disputas políticas e econômicas; avanço do número e do poder destrutivo de armas nucleares; surgimento e maior organização de células terroristas. O que o autor procura sinalizar, ao falar da contemporaneidade, indica que os riscos podem estar em toda parte, de modo que não existe mais a garantia de um futuro promissor ou, quem sabe, até da perpetuação dos seres vivos no planeta.

> O industrialismo, em seu estágio avançado na segunda metade do século XX, está crescentemente produzindo efeitos que não podem mais ser abarcados ou cobertos pelo cálculo do risco e do seguro. [...] Falando de modo irônico, a auto-reflexão da sociedade industrial tardia sobre o padrão de risco permanece e nos cega para a confrontação com ameaças incalculáveis, que são constantemente eufemizadas e trivializadas em riscos calculáveis. Também nos deixa cegos, para a crise institucional, a perda de fé e suas consequências e perturbações

> para o direito, a política, a economia e o que parece ser privacidade, que dessa forma fazem-se permanentes. (BECK, 1995, p. 215-216).

A partir do que tenho dito, faz-se necessário, no mínimo, o questionamento da real validade dos jovens construírem projetos de vida em longo prazo, principalmente em decorrência das incertezas que permeiam o mundo de hoje, que não apresenta garantia ou caminhos concretos que possam levar com segurança para recompensas futuras.

Feixa e Nilan (2009, p. 18) comentam que:

> O moderno processo de "individualização" significa ter poucas opções, mas também viver uma vida altamente reflexiva que se abre em direção a uma série de possibilidades futuras. Isso requer um compromisso ativo na criação de uma identidade própria, um processo muito diferente da construção da própria identidade a partir de certezas do passado (grifo dos autores).

Bauman (2007) chega a falar na falência do planejamento e da ação em longo prazo e o desaparecimento ou perda de força das estruturas sociais que poderiam ser balizadas com antecedência. Para este estudioso, tal situação leva a um desmembramento da história política e das vidas individuais que culmina em uma série de projetos e episódios de curto prazo, que, por sua vez, são diferentes de ações e experiências que lembrem a construção de uma carreira ou a própria maturação e progresso do sujeito (situações onde se percebe uma ordem de curso pré-ordenada) (BAUMAN, 2007). O que se verifica, desse modo, é uma vida fragmentada, na qual as decisões tomadas no presente não necessariamente têm relação com vivências e experiências já vivenciadas.

> Cada passo seguinte deve ser uma resposta a um diferente conjunto de oportunidades e a uma diferente distribuição de vantagens, exigindo assim um conjunto diferente de habilidades e um arranjo diferente de ativos. Sucessos passados não aumentam necessariamente a probabilidade de vitórias futuras, muito menos as garantem, enquanto meios testados com exaustão no passado precisam ser constantemente inspecionados e revistos, pois podem se mostrar inúteis ou claramente contraproducentes com a mudança de circunstancias. Um imediato e profundo ***esquecimento*** de informações defasadas e o rápido envelhecimento de hábitos pode ser mais importante para o próximo sucesso do que a memorização de lances do passado e a construção de estratégias sobre um alicerce estabelecido pelo ***aprendizado*** prévio (BAUMAN, 2007, p. 9, grifo dos autores).

Leccardi (2005) também retrata em seus estudos questões que envolvem as expectativas com o futuro na contemporaneidade. De acordo com esta autora:

> [...] quando a mudança, como ocorre em nossos dias, é extraordinariamente acelerada, e o dinamismo e a capacidade de ***performance*** são imperativos, quando o imediatismo é um parâmetro para avaliar a qualidade de uma ação, investir num futuro a longo prazo acaba parecendo tão pouco sensato quanto adiar a satisfação (p. 36).

A autora propõe que, além da renúncia a qualquer tipo de recompensa que o presente possa oferecer, torna-se oportuno às pessoas estarem prontas para aproveitar o instante e às oportunidades que de uma hora para outra possam surgir. Para Leccardi (2005), é

preciso, porém, que todos estejam preparados para os imprevistos, posicionando-se de modo otimista para o desconhecido, que por sua vez, pode estar repleto de potencialidade.

> Nesse horizonte temporal comprimido, o próprio significado da idade juvenil se transforma. Quem a vivencia tende a apreciá-la mais por aquilo que pode oferecer no presente do que pelo tempo futuro que ela virtualmente descortina. Consequentemente, os desejos e as exigências estruturam-se em relação ao presente: a "boa vida" não se baseia mais em um compromisso de longa duração (LECCARDI, 2005, p. 37, grifo da autora).

Em outras palavras, a relação com o futuro na contemporaneidade passa a ter outra dimensão, pois esse, principalmente por ser incerto e estar longe do controle das pessoas, passa a não ter tanta importância. Ganham espaço assim as inquietações com o tempo presente, principalmente no sentido da percepção das possibilidades e caminhos que levem imediatamente para a autorrealização e satisfação plena dos desejos. Em decorrência disso, projetos de vida e construção de episódios que, anteriormente, poderiam ser estruturados, experimentados e vividos tendo em vista decisões e projeções futuras submergem, perdendo valor.

Tal constatação pode sinalizar alterações significativas no modo de pensar, agir e experimentar das juventudes, principalmente se for considerado o esvaziamento de projetos de vida futura destes e suas dúvidas sobre as razões e finalidades da educação e da escola nos dias de hoje. Ora, se outrora os discursos anunciavam a escola como o único caminho para um futuro promissor de jovens, hoje, parece que tal premissa não serve mais.

Canário (2008) comenta sobre o desencanto dos jovens com a escola, nas duas últimas décadas do século XX, a partir de mudanças que afetaram os setores político, econômico e social.

> Este conjunto de mudanças profundas afetou a juventude de forma muito particular, nomeadamente, no que diz respeito à natureza da sua relação, quer com a escola, quer com o mercado de trabalho: passou-se de uma relação marcada pela previsibilidade para uma relação em que predomina a incerteza. Esta situação, se, por um lado, é objetiva, é, por outro lado, vivida subjetivamente com sofrimento, uma vez que a incerteza é o mais difícil de todos os estados psicológicos porque corresponde àquele em que não é possível fazer planos para o futuro (p. 76).

Melo et al. (2012) afirmam que, nos últimos vinte anos, aumentou de maneira expressiva o número de jovens oriundos das classes populares que frequentam o Ensino Médio. Essa informação, no entanto, deixa de ser um fato tão positivo quando se percebe que o aumento do número de jovens em salas de aula não tem sido acompanhado por melhorias na instituição escolar, uma vez que "os jovens das classes populares chegam a uma escola que, originariamente, não foi feita para eles – e essa escola tem se mostrado resistente às mudanças necessárias diante desse novo público e do próprio momento histórico que estamos vivendo" (MELO et al., 2012, p. 166).

Tal informação ganha espaço neste estudo pelo fato de os jovens de camadas populares constituírem o público-alvo de PPSE que desenvolvam a modalidade do futebol em suas atividades.

O que se percebe, assim, é o que Leccardi (2005) sinaliza como um cenário duvidoso de futuro, marcado por um período de ânsia e hesitação, em que, cada pessoa, em virtude dessa indeterminação de futuro, acaba substituindo projetos por sonhos.

> Diante do crescimento desses traços ambivalentes do futuro, parece ser fundamental a capacidade de cada um/cada uma elaborar estratégias cognitivas que garantam o controle sobre o tempo de vida, a despeito do aumento de contingência: por exemplo, desenvolvendo a habilidade de manter uma direção ou trajetória a despeito da impossibilidade de prever seu destino final (p. 51).

A partir disso, surge um "ponto-chave" para este estudo: o envolvimento das juventudes com PPSE que desenvolvam atividades com a modalidade do futebol.

Então, se por um lado a escola e outros tipos de formação de médio ou longo prazo perdem valor, não poderia o futebol, esporte de maior apelo social no país, mobilizar jovens na busca de sonhos de uma trajetória profissional de sucesso?

> O sonho de tornar um jogador de futebol profissional, adquirir "status" social e melhores condições financeiras para si mesmo e, muitas vezes, para toda sua família, está presente em todas as "peladas" nas ruas e escolas do Brasil. O destaque da mídia no lado positivo do futebol, também influencia diretamente na escolha desses adolescentes (BALSANO; MORAIS, 2012, s/p).

Ao finalizar esta seção, apresento alguns dados obtidos por meio de estudos realizados por Santos (2010), que envolvem o tema "Esporte e Juventude". A pesquisa realizada com um número significativo[49] de jovens entre os 15 e 24 anos, estudantes tanto de escolas públicas como privadas, além de indicar que o futebol é a modalidade esportiva preferida, mostrou que a maioria deles tem consciência da importância do esporte para suas vidas e, mais do que isso, que o esporte pode ser considerado como uma ferramenta de ensino.

Certamente, este reconhecimento por parte dos jovens, das potencialidades do esporte para suas vidas, pode fazer grande diferença na criação, desenvolvimento e manutenção de PPSE que elejam o futebol como eixo de desenvolvimento das atividades.

3.5 REPRESENTAÇÕES E IMAGINÁRIO

Ao abordar, nesta pesquisa, aspectos ligados à construção do imaginário de jovens adolescentes, o conceito "representação" mereceu atenção. Para tanto, encontrei nos Estudos Culturais algumas ressonâncias importantes.

Destaco o que Meyer (1999) relatou sobre este campo:

> Os estudos culturais são sempre parcialmente dirigidos pelas demandas sociais e políticas de seu contexto histórico e, nos últimos anos, teorizaram basicamente em resposta a condições sociais, históricas e materiais particulares, conectadas a problemas sociais e políticos "reais". São, nessa perspectiva, estudos engajados, os quais, mais do que buscar a verdade,

49. Fizeram parte do estudo, quinhentos jovens voluntários de ambos os sexos.

> preocupam-se com a produção de conhecimento para compreender o mundo cotidiano e as relações que nele se processam, de forma a fortalecer os movimentos e grupos sociais subordinados (p.72)

Hall e Mellino (2011) ao analisar a institucionalização e globalização dos Estudos Culturais afirmam que estes surgiram sofrendo influência, porém, de mesmo modo, exercendo influência em outros campos do conhecimento. Comentam que, além de acolher diversos temas e autores, os Estudos Culturais se constituem como um campo híbrido e transdisciplinar em constante formação.

Ao trabalhar com o conceito de representação, julgo ser importante lembrar que:

> [...] o termo representação é usado para descrever muitos fenômenos artísticos, culturais, psíquicos, sociais, históricos... Algumas vezes apresentada no corpo de terminologias diferentes, a ideia geral sugerida pela semântica da palavra "representação" comparece nos textos poéticos e filosóficos, nos estudos e teorias de muitos autores clássicos e contemporâneos. Em especial, naqueles que se debruçam sobre a Psicologia, a Linguagem e as Ciências Sociais (OLIVEIRA; CASIMIRO, 2010, p. 53).

Apoiado nos pressupostos de Hall (1997), considero que a representação está articulada com o significado que se dá às coisas, aliás, sendo ele fundamental para a constituição destas.

> É através do uso que fazemos das coisas, e o que dizemos, pensamos e sentimos acerca destes – como os representamos – que os damos significados [...] Em parte damos significados às coisas através da forma como as representamos – as palavras que usamos, as histórias que contamos acerca destas coisas, as imagens que produzimos, as emoções que associamos às mesmas, as maneiras como as classificamos e conceituamos, os valores que lhes damos (HALL, 1997, p.3).

Wortmann (2001), pesquisadora e estudiosa no campo dos Estudos Culturais, lembra que a representação é uma das práticas principais na produção da cultura, onde os significados são produzidos e se movimentam através de diversos processos e práticas. Guiada por Hall (1997), a mesma pesquisadora conclui que a representação não pode ser entendida como um reflexo dos acontecimentos no mundo, mas, por dar constituição às coisas, passa a dar sentido ao mundo, construindo significados e favorecendo o diálogo entre pessoas de forma significativa.

Apropriando-se de diferentes autores, Chartier (2002), como que sinalizando para um caminho para maiores investigações sobre o mundo social, alerta que as representações, mesmo que aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são determinadas através dos interesses de grupo que as forjam. Afirma ele:

> As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas, e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de condições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de

> dominação. As lutas de representação têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio (CHARTIER, 2002, p. 17).

Para Chartier, representar está ligado a criar ou dar sentido a alguma coisa. Assim, é importante que se perceba como a representação pode sofrer distintos sentidos, já que a realidade pode ter diferentes formas e modos de entendimento, podendo variar de acordo com cada sujeito ou grupo.

> O conceito representação foi e é um precioso apoio para que se pudessem analisar e articular [...] as diversas relações que os indivíduos ou os grupos mantém com o mundo social: em primeiro lugar, as operações de classificação e hierarquização que produzem as configurações múltiplas mediante as quais se percebe e representa a realidade; em seguida, as práticas e os signos que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um ***status,*** uma categoria social, um poder (CHARTIER, 2011, p. 20).

Moscovici (1981), por sua vez, estrutura seu conceito de representação anunciando que este pode ser um modo de construção de conhecimento, bem como de transmissão de conhecimentos adquiridos entre pessoas. O que ele procura dizer, dessa forma, é que as representações se constituem em modos de vida e formas de comunicação entre os indivíduos, e, exatamente por isso, ele as chama de representações sociais (RESES, 2003).

Nesse sentido, é interessante perceber que tanto Chartier como Moscovici compartilham alguns aspectos na elaboração de seus conceitos e teorias, já que ambos:

> [...] preocupam-se com a dinâmica existente na construção de sentidos que perpassam a sociedade. Distantes da concepção de que as representações seriam apenas reflexos de uma realidade social, ambos autores imprimem nova tonalidade aos processos interativos, às redes conversacionais e ao papel dos sujeitos, percebendo-os como construtores de significados, num exercício empreendido coletivamente, mas que apresenta mesmo assim, uma instância singular (VARTULI; SIMAN, s/d, s/p).

É possível perceber que ambos os estudiosos lançam seu olhar sobre as pessoas comuns, verificando como estas, por meio de suas atitudes e atividades do dia a dia, buscam entender e compreender os fenômenos sociais.

> Trabalham com o conceito de Representações considerando os movimentos de presença e ausência do objeto e a capacidade dos sujeitos de criarem imagens, versões e verbalizações desse mesmo objeto. Aproxima-se ainda, ao pontuarem a intrínseca relação existente entre a noção de identidade e representação, sendo que esta última irá delinear os contornos que definirão as identidades dos grupos (VARTULI; SIMAN, s/d, s/p).

Entretanto, convém lembrar que, diferentemente do foco proposto na psicologia tradicional, em que a abordagem é centrada no indivíduo ou na família, por exemplo, Moscovici (1981) entende e trata das representações em uma concepção coletiva, representações sociais, abordando e procurando interpretar a realidade por meio da dinâmica dos comportamentos existentes das pessoas com o meio, em suas ações umas

com as outras, onde atitudes não são reproduzidas, mas se moldam, moldando-se umas às outras, em um jogo de comportamentos que podem se alterar conforme os estímulos recebidos.

Ainda sobre Chartier, percebe-se em seus escritos uma visão sobre os fenômenos sociais similar ao que Pierre Bourdieu preconiza. O autor lembra que, para Bourdieu, a representação que os indivíduos e os grupos demonstram por intermédio de suas práticas, compõe sua realidade social (CHARTIER, 2002).

Após realizar este "mapa" mais geral sobre o que importantes teóricos falam sobre "representação", passo a tratá-la especificamente a partir da perspectiva de Maffesoli (1996, 2005 e 2006) e Castoriadis (1982, 1987 e 2007), estudiosos dos quais me apropriei de modo mais detido para discutir as questões ligadas ao imaginário, conceito central neste estudo. Foi necessário afinar o foco conceitual para poder demarcar um campo mais ou menos sinérgico de abordagem do imaginário, concebido para além das formulações encontradas no âmbito dos estudos sobre as representações sociais e dos Estudos Culturais. Isso significou, em resumo, dar uma importância radical para o imaginário não só como conjunto de representações, mas como campo afetivo inesgotável e de criação de sentidos.

Maffesoli ao falar sobre o homem contemporâneo utiliza em seus escritos o termo tribalismo[50], destacando o quão é importante o sentimento de pertencimento, seja a um lugar ou a um grupo. Para ele, o sentimento de pertencimento é base essencial para toda a vida social (MAFFESOLI, 2006, p. 11). Exatamente no encontro das pessoas e por meio das relações que passam a ser estabelecidas por elas, ou seja, quando passa a ser construída a coletividade destes microgrupos tribais, é que ocorre a partilha das representações. Em outras palavras, conforme Maffesoli (2006), por meio da relação dos indivíduos com os outros, mas também por meio da relação com seu (s) grupo (s) ou comunidade (s)/tribo (s), vão sendo produzidas as representações sobre o mundo, em constante transformação e metamorfose.

Quando trata sobre a força social e sua capacidade de aglutinar os indivíduos, Maffesoli usa o termo "socialidade". Para este autor, a socialidade exibe o "estar junto com" como um misto de simbolismos e razões que acabam por preencher o viver social, mesmo que com características banais e tangíveis. A socialidade[51] seriam então o "societal em ato", ou seja, refere-se a um "fazer comum" aliado a um "sentir em comum" (GIOSEFFI,

50. De acordo com Maffesoli está acontecendo certa perda de afeto pelas instituições sociais, como os partidos políticos, por exemplo, ou os sindicatos. Em contrapartida, as pessoas começaram a se agrupar em "microtribos", e, nestas, passaram a buscar novas formas de solidariedade, que, segundo ele, não são mais encontradas nas grandes instituições sociais. De acordo com Rosseto (2009, p. 6), "o tribalismo, enfatizado por Maffesoli, não é, portanto, um projeto político, pois não se inscreve em nenhuma finalidade e tem como única razão ser a preocupação com um presente vivido coletivamente e, nesta perspectiva, a pessoa (persona) representa papéis, tanto em suas respectivas atividades profissionais, quanto no seio de diversas tribos de que participa. Essa pessoa vai, de acordo com seus gostos e interesses diversos (sexuais, culturais, religiosos) assumir o seu lugar, a cada dia, nas diversas peças do *theatrum mundi*".

51. Destaco a importância em reconhecer as distinções entre a socialidade tratada por Maffesoli e a sociabilidade descrita por Simmel. Assim, complemento que para Maffesoli, a socialidade é um conjunto de práticas cotidianas, como o hedonismo, tribalismo e presenteísmo, por exemplo, que fogem ao controle social e terminam se constituindo como o substrato de toda vida em sociedade (LEMOS, 1997). Para Simmel, a sociabilidade é uma forma espontânea de interação, onde não existe uma interdependência entre os indivíduos. Complementa ainda o autor que a sociabilidade, é uma forma de interação social que não tem um fim definitivo, nem tampouco um conteúdo ou resultado externo a ela mesma (SIMMEL, 1997, 2006).

1997, p. 48).

Stefenon (2011, p. 121), que em seus estudos trabalhou com as ideias de Maffesoli, destaca que:

> [...] os microgrupos contemporâneos têm na estética o elemento que os cimenta e dá sentido à sua existência. Essa estética, a propriedade de sentir em comum, portanto, surge da partilha, no grupo, de sentimentos e emoções, que muito mais do que a própria razão, são os elementos que possibilitam a difusão das representações acerca do mundo, que vão caracterizar a identidade do grupo.

Cabe lembrar que o termo "estética", nesta discussão, se relaciona à capacidade de sentir e experimentar o mundo, passando a ter papel fundamental tanto na constituição como na manutenção dos grupos (tribos). É a partir do compartilhamento de sentimentos e emoções que se processam as representações dentro dos grupos. Mais do que isso, para que indivíduos de fora possam ser aceitos e pertencer aos grupos, o compartilhar das mesmas representações, processadas nesses, passa a ser condição indispensável.

> [...] o que melhor poderia caracterizar a pós-modernidade era o vínculo que estava sendo estabelecido entre a ética e a estética. O que pretendia dizer com isso é que eu via o novo vínculo social (ethos) surgindo a partir da emoção compartilhada ou do sentimento coletivo. Portanto, em vez de ver aí uma frivolidade qualquer à disposição de alguns, vanguarda, boêmia artística, talvez estivéssemos mais inspirados se descobríssemos nesta coletivação dos sentimentos um dos fatores essenciais da vida social que está em vias de (re) nascer nas sociedades contemporâneas (MAFFESOLI, 1998, p.3).

De acordo com Maffesoli (2006), quando integrantes de um grupo partilham hábitos, um ideal ou até mesmo uma ideologia – o que para o autor passa a determinar o "estar junto" –, este grupo acaba se protegendo contra imposições de outros grupos, independente da origem destas. Complementa o autor que a confiança que se constitui entre pessoas de um grupo se manifesta por meio de rituais, de tipos de reconhecimento específicos (MAFFESOLI, 2006).

No que tange o imaginário, em entrevista, Maffessoli (2001, p.80) aponta que:

> Quando se examina o problema com atenção, repito, vê-se que o imaginário de um indivíduo é muito pouco individual, mas sobretudo grupal, comunitário, tribal, partilhado. Na maior parte do tempo, o imaginário dito individual reflete, no plano sexual, musical, artístico, esportivo, o imaginário de um grupo. O imaginário é determinado pela ideia de fazer parte de algo. Partilha-se uma filosofia de vida, uma linguagem, uma atmosfera, uma ideia de mundo, uma visão das coisas, na encruzilhada do racional e do não-racional.

O imaginário surge, para ele, como "uma dimensão ambiental, uma matriz, uma atmosfera, aquilo que Walter Benjamin chama de aura. O imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável." (MAFFESOLI, 2001, p.75)

Para Castoriadis (1982), por sua vez, a representação é uma espécie de apresentação eterna, não pertencente ao indivíduo, mas sendo ela o próprio indivíduo.

Estamos com ela no campo do imaginário social, irredutivelmente. O imaginário é visto como força de criação social e transformação. Afirma este autor ainda que a representação não pode ser considerada uma cópia da realidade objetiva, ou seja, alguma coisa que representa imagens que possam ter sido copiadas do real, alegando que a representação é resultante do inconsciente.

> A representação não é decalque do espetáculo do mundo; ela é aquilo em que e porque se ergue, a partir de um momento, um mundo. Ela não é aquilo que fornece "imagens" empobrecidas das "coisas", mas aquilo do qual certos segmentos aumentam de um índice de "realidade" e se "estabilizam". Bem ou mal e sem que esta estabilização seja jamais definitivamente garantida, em "percepções de coisas" (CASTORIADIS, 1982, p.375, grifo do autor).

A partir desse entendimento de Castoriadis, é possível afirmar que a representação se forma *na* e *por* intermédio da "psique[52]", que é, conforme o próprio autor, a emergência das representações acompanhadas por um afeto e ao mesmo tempo inseridas em um processo intencional (CASTORIADIS, 1982). O autor conclui afirmando que a psique é na verdade uma "receptividade de impressões", que pode ser afetada por alguma coisa, mas, ao mesmo tempo, também funciona como a emergência da representação, enquanto modo de ser irredutível e único, ou seja, ela é formação e imaginação.

Portanto, como Castoriadis (1982, p. 325) mesmo afirmou, "não há nenhuma possibilidade de compreender a problemática da representação se procurarmos a origem da representação fora da própria representação", já que a representação originária, resultante da psique (onde ocorre a receptividade de impressões), servirá de embrião para novas representações.

Como Prates (2016, p. 7) afirma, Castoriadis busca colocar uma nova concepção do indivíduo para mais longe de suas relações "coisificadas" objetivamente, ou seja, para além dos objetos postos enquanto objetos perceptíveis, concluindo que a ideia de representação, segundo Castoriadis, deve ser associada não a um objeto ou coisa específica, mas a outras representações, em sua interminável abertura criativa.

Valle (2009, p.475) colocando em questão o interesse pelo conceito de imaginário no campo educacional, aponta com clareza que:

> Uma fértil resposta nos é fornecida pela obra de Cornelius Castoriadis, que faz dos conceitos de imaginário e de imaginação instrumentos, pretexto e razão para pensar a criação humana – mas sem ambiguidades: o imaginário é poder radical de criação que faz ser cada sociedade, e que não pode ser imputado a nenhuma instância supra-humana nem extra-social, a nenhum Ser, Idéia, Lei, acontecimento, indivíduo ou grupo, senão ao "coletivo anônimo" que, a cada vez, é a própria sociedade. Quanto à imaginação, ela é poder igualmente radical, mas que designa a atividade de autoconstituição do sujeito, que não pode tampouco ser reduzida a nenhuma determinação imposta pela natureza ou pelas leis sociais.

O lugar dado por Castoriadis à radicalidade da imaginação remete ao modo como

52. De acordo com Falcon (2000, p. 102), a psique, segundo Castoriadis, é a capacidade de fazer surgir uma primeira representação, uma colocação em imagem, ou seja, a psique é a "imaginação radical" que faz surgir já uma "primeira representação".

a vida social está sempre num jogo de tensão entre o instituído e o instituinte, um jogo de criação e resistência constantes. Desse modo, o imaginário não é somente a soma de representações, nem tampouco, a criação das mentes individuais. O imaginário resulta dessa força constante de imaginação criadora, capaz de dar forma à vida social, mas também capaz de transformá-la. Como ele próprio afirma,

> [...] não podemos conhecer nada se já não se conhece; mas se já conhecemos, porque diabos conheceríamos – a solução deste enigma é a seguinte: quando conhecemos, quando aprendemos, nós não copiamos a realidade... Nós reinventamos a realidade, e uma realidade que se mostra congruente em nós com uma parte da realidade que existe. Ou antes: nós reinventamos um esquema imaginário que se mostra congruente com uma parte do ser realmente dado. (CASTORIADIS, 2007, p.101)

Entretanto, apesar desse potencial criador da imaginação social, Castoriadis não deixa de fazer um importante diagnóstico do modo como entramos, de certa maneira, submetidos a forças de forte repetição ou mesmo destruição, num fechamento da imaginação criadora. Forças do instituído tendem a predominar, impedindo o fluxo da criação e da reinvenção das formas sociais e da vida coletiva.

> Não assistimos atualmente a uma fase de criação histórica, de forte instituição. No melhor dos casos, uma fase de repetição; no pior deles, que é muito mais provável, um período de destruição histórica, de destituição. [...] Entendemos por destituição o movimento do imaginário social que se retira das instituições e das significações imaginárias sociais existentes, ao menos em parte, e as desinveste, as destitui, retirando-lhes o essencial de sua validade efetiva ou de sua legitimidade – sem proceder, ao mesmo tempo, à criação de outras instituições que lhe tomariam o lugar ou de outras significações imaginárias sociais. (idem, p.16)

Embora haja distinções importantes entre a noção de imaginário a partir de Maffesoli e Castoriadis, em ambos encontramos o diagnóstico desse caráter radicalmente criador da imaginação social, sempre resultante dos encontros, das relações, da conjunção.

Oliveira (2014, p.26), em seu texto que aproxima Castoriadis e Maffesoli, aponta com maestria o valor da categoria da "criação" na obra do autor.

> A criação como uma categoria central na obra de Cornelius Castoriadis, leva-nos a conclusões filosóficas. A primeira diz respeito à ideia de indeterminação. Falar na capacidade de criação do homem não significa afirmar que tudo está indeterminado. Criação pressupõe certa indeterminação, mas parte sempre do que já é, do que já está. A dinamicidade do que é, do que está instituído, vislumbra a possibilidade de novas determinações. Territorializações/ desterritorializações/ territorializações. A potencialidade desta concepção em Castoriadis se refere à perspectiva do novo. O que é, é aberto, ou o que é, é sempre, também, a ser.

Mas também em Maffesoli essa é a questão central, aponta a autora.

> Michel Maffesoli (1998), numa outra obra provocativa intitulada "Elogio da Razão Sensível", propõe-nos decifrar o mundo a partir de outras lógicas, que não a da razão racionalizante, mas a de uma razão sensível, capaz de acionar

> as intuições, percebendo na efervescência do social, o imprevisível, o fluido. Neste outro movimento, é preciso um outro olhar, um outro corpo (grifo da autora).

Para falar sobre "imaginário", sirvo-me ainda das palavras de Laplantine e Trindade (1997) que, em seus escritos, afirmam que o imaginário se encontra "presente cada vez mais nas fantasias, e projetos, nas idealizações dos indivíduos e em outras expressões simbólicas, religiosas ou leigas, que traduzem e constroem as suas emoções em um novo contexto imaginativo" (p. 2).

Castoriadis (1982), ao tratar sobre o imaginário, indica que este não pode ser compreendido como um reflexo da realidade, ou como uma imagem que apenas é reproduzida em sua íntegra. Ao abordar este conceito, o autor fala de uma criação de figuras, formas e imagens que se constitui, por essência, indeterminada, e que possibilita somente falar de "alguma coisa". Ele conclui ainda que a "realidade" deve ser entendida como um produto do imaginário (CASTORIADIS, 1982). Lembro também que, ao falar sobre a realidade, é importante entender o que Castoriadis fala sobre outro conceito, o "simbolismo". Para este autor:

> Tudo o que nos apresenta, no mundo social-histórico, está sociavelmente entrelaçado com o simbólico. Não que se esgote nele. Os atos reais, individuais ou coletivos – o trabalho, o consumo, a guerra, o amor, a natalidade – os inumeráveis produtos materiais sem os quais nenhuma sociedade poderia viver um só momento, não são (nem sempre, não diretamente) símbolos. Mas uns e outros são impossíveis fora de uma rede simbólica. (CASTORIADIS, 1982, p. 142).

Isso quer dizer que o simbólico comporta, na maioria das vezes, um componente que Castoriadis afirma ser "racional-real", ou seja, que representa tanto o real ou aquilo que é indispensável para o pensar ou para o agir.

Lembro que as instituições da sociedade estão cheias de elementos simbólicos, e o simbolismo, por sua vez, está cheio do imaginário, que é inventado ou construído. O imaginário utiliza o simbólico, não apenas para manifestar-se, mas para existir, ultrapassando do virtual a qualquer coisa além. De igual modo, porém em sentido inverso, o simbolismo pressupõe a capacidade imaginária, já que implica na competência de ver uma coisa que ela não é, em outras palavras, de enxergar diferente do que é (CASTORIADIS, 1982).

> Falamos de imaginário quando queremos falar de alguma coisa "inventada" – quer se trate de uma invenção "absoluta" ("uma história imaginada em todas as suas partes"), ou de um deslizamento, de um deslocamento de sentido, onde símbolos já disponíveis são investidos de outras significações "normais" ou "canônicas" [...] é evidente que o imaginário se separa do real, que pretende colocar-se em seu lugar (CASTORIADIS, 1982, p. 154, grifo do autor).

Laplantine e Trindade (1997) entendem que o imaginário é a capacidade que as pessoas têm de colocar uma imagem referente a alguma coisa (apresentação), podendo estabelecer relações que, em um primeiro momento, não tenham ocorrido na percepção.

Entretanto, discordando de Castoriadis, que afirma que a produção do imaginário é resultado da construção de uma imagem que não tenha sido realizada na percepção, estes autores acreditam que a imagem estruturada no imaginário é decorrente de uma base real proveniente da percepção. Segundo eles, ocorre um deslocamento das percepções, originando novas relações que inexistem no real (LAPLANTINE; TRINDADE, 1997). O que se entende, desse modo, é que o imaginário não ignora o real, mas a partir, e por meio dele, passa a criar novas relações nele próprio, nem que, por vezes, estas se estabeleçam de maneira improvável.

> O imaginário faz parte da representação como tradução mental de uma realidade exterior percebida, mas apenas ocupa uma fração do campo da representação, à medida que ultrapassa um processo mental que vai além da representação intelectual ou cognitiva. A representação imaginária está carregada de afetividade e de emoções criadoras e poéticas (LAPLANTINE; TRINDADE, 1997, p. 8).

Ao afirmar que o imaginário é uma força social, Maffesoli (2001) quer dizer que só existe imaginário coletivo, grupal, mas que este pode repercutir em cada pessoa de modo particular. De acordo com seu entendimento, o imaginário é uma construção mental que pode ser entendida também como a cultura de um grupo (MAFFESOLI, 2001). Estabelecendo uma relação com projeções que pessoas comumente elaboram em suas vidas, Maffesoli estrutura uma definição de imaginário abrangendo inúmeros elementos. Assim, de acordo com ele, o imaginário apresenta:

> [...] um elemento racional, ou razoável, mas também outros parâmetros, como o onírico, o lúdico, a fantasia, o imaginativo, o afetivo, o não racional, o irracional, os sonhos, enfim, as construções mentais potencializadoras das chamadas práticas. De algum modo, o homem age porque sonha agir (MAFFESOLI, 2001, p. 77).

Ao finalizar esta seção, lembro que a construção do imaginário acontece em meio a discursos e representações que dialogam, dão forma, criam e estabelecem conexões entre os diferentes indivíduos e grupos da sociedade. Oliveira lembra ainda que o campo do imaginário recoloca o cotidiano a partir da necessidade de uma atenção às coisas pequenas, de modo que a escuta e um olhar aguçado possam ser acionados. A autora complementa que a observação de um pesquisador passa a ser fundamental para que seja possível uma proximidade com os movimentos dos grupos, das culturas juvenis, e das formas de produzir sentidos para as coisas da vida (OLIVEIRA, 2014).

3.6 O FUTEBOL E AS MÍDIAS

Em decorrência do entendimento de que o futebol, atualmente, parece ser o principal produto das grandes mídias[53] brasileiras, julgo pertinente destinar uma seção desta pesquisa para a discussão sobre alguns aspectos que passam a receber importância ao longo do estudo. Esclareço, porém, que o intuito não se encontra em realizar um estudo

53. Ao falar das mídias, no desenvolvimento do texto, os seguintes termos foram utilizados: "grandes mídias" para as mídias de massa; "mídias digitais" quando o tema estiver relacionado às redes sociais ou novos formatos de mídia; "mídias" quando, no decorrer do texto, o intuito for fazer uma referência aos variados tipos de mídia.

sobre as mídias, mas apenas procurar entender o porquê do futebol, com o passar do tempo, receber tanta importância nos diferentes tipos de mídia. Destaco também, nesta parte do estudo, como as grandes mídias acabam estabelecendo uma relação de proximidade do futebol com a sociedade, promovendo discursos recorrentes sobre questões relacionadas a esta modalidade e a profissão de jogador de futebol.

Por acreditar que as grandes mídias atuam de modo marcante na promoção do futebol e que, por meio de toda sua rede de informações e programação, podem influenciar indivíduos não somente que praticam o futebol, mas que acompanham seus ídolos ou até, por vezes, vislumbram um futuro ligado ao mundo da bola, tomo como ponto de partida o que Alexandre (2001) indica:

> Para os estudiosos que adotam uma concepção de ser humano historicamente construído e que enxergam a sociedade como um produto histórico-dialético, a comunicação obrigatoriamente torna-se um problema a ser pesquisado. Ela deve ser estudada como um campo de problemas, na medida em que sua prática requer a superação da própria realidade. A preocupação não é mais com o que é comunicado, mas sim com a maneira com que se comunica e com o significado que a comunicação tem para o ser humano [...] Diariamente somos bombardeados e envolvidos por informações, através de imagens e sons que, de uma forma ou de outra, tentam criar, mudar ou cristalizar atitudes ou opiniões nos indivíduos. É o efeito dos meios de comunicação de massa (MCM) em nossas relações sociais (p. 112-113).

Aliás, cada vez mais presente nos meios de comunicação, a imagem do ídolo, de acordo com Morato, Giglio e Gomes (2011, p. 1), acaba sendo um dos elementos que contribui fortemente para alimentar sonhos e despertar o fascínio pelo jogo de futebol.

Reconhecido mundialmente como o "país do futebol", seja pelo interesse e envolvimento de um número significativo de pessoas com esta modalidade no Brasil, pela qualidade de seus jogadores ou ainda pelas conquistas da seleção ou de clubes brasileiros, o futebol parece se configurar como um dos assuntos mais valorizado pelas mídias. Transmissões de jogos, matérias jornalísticas e reportagens com jogadores ou técnicos esportivos, bem como publicações de fotos e vídeos com craques desta modalidade surgem, diariamente, nas mídias massivas e digitais. Notadamente, todo esse interesse das mídias sobre o futebol, ao menos no Brasil, não se repete com outras modalidades esportivas, tanto que Betti (2001), ao falar sobre essa diferença de importância, afirma que existe uma espécie de "monocultura esportiva" relacionada ao futebol, acentuada principalmente nos últimos anos. Em uma das entrevistas que realizei para o estudo, um dos professores entrevistados chegou a comentar que sua decisão de praticar o futebol em uma escolinha esportiva foi decorrente da exposição desproporcional dessa modalidade nas mídias:

> Comecei na escolinha por influencia da mídia, eu via muito na TV. Quando eu chegava em casa e ligava a TV em programas esportivos, basicamente o que se falava era em futebol. Falava-se muito pouco em automobilismo, se falava muito pouco em vôlei, se falava muito pouco em tênis, se falava muito em futebol (DP1, 2018).

Gastaldo (2009), ao tratar sobre este tema, sugere que as grandes mídias apropriam-se com frequência do futebol em virtude de seus interesses comerciais e financeiros,

afirmando que:

> O futebol no Brasil é hoje (e tem sido nos últimos cinquenta anos) uma atividade de enorme importância social, cujas consequências transcendem as linhas do campo de jogo, tornando-se mesmo questões de Estado. Os valores e número de pessoas envolvidas com este esporte chegam ambos à casa dos milhões. Milionárias também são as cifras ostentadas pelo mercado midiático. Assim como o futebol, a mídia possui uma importância social que supera largamente a dimensão do "reclame" e dos segundos em que produtos são anunciados e notícias são veiculadas. O dinheiro proveniente da veiculação dos anúncios sustenta toda a mídia: cada emissora de rádio, jornal, revista ou rede de televisão "comerciais" depende, para sua sobrevivência no mercado, da chamada "verba publicitária" (p. 353).

Dessa forma, é possível entender que o interesse das mídias no futebol não se justifica exclusivamente por esse ser considerado um "símbolo nacional", mas porque jogos e programas que envolvem esta modalidade esportiva proporcionam altos índices de audiência, promovendo ganhos financeiros significativos para empresas midiáticas por meio de anúncios veiculados durante a programação, comerciais, campanhas publicitárias e ainda jogos vendidos em canais de TV fechada, como o Pay-per-view[54]. Kellner (2006) enfatiza tal aspecto, de modo claro, ao afirmar que:

> Os esportes há muito têm sido propícios ao espetáculo, com eventos como as Olimpíadas, World Series, Super Bowl, a Copa do Mundo [...] atraindo audiências maciças e gerando anúncios a preços astronômicos. Esses rituais culturais celebram os valores mais profundos da sociedade (por exemplo, a competição, o sucesso e o dinheiro), e as empresas estão dispostas a investir vultuosas verbas para que seus produtos se associem a tais eventos. Realmente, parece que a lógica da mercadoria do espetáculo está tão inexoravelmente entranhada nos esportes profissionais que não podem mais existir sem o acompanhamento de torcidas animadas, mascotes gigantes que brincam com os jogadores e espectadores, sorteios, promoções e competições envolvendo produtos de diversos patrocinadores (p. 128).

O futebol torna-se, assim, especificamente no Brasil, mais presente ainda na vida dos brasileiros, uma vez que, mais do que uma forma de lazer para tantos sujeitos, está inserido diariamente nas mídias, seja na transmissão de jogos ou por meio de uma gama enorme de programas e reportagens que parecem qualificar cada vez mais esta modalidade. Tal movimentação ativa das mídias sobre o futebol acaba mobilizando investimentos de patrocinadores em grande escala, justificados principalmente por cada um dos valorizados pontos de audiência conquistados por tais programas. Para compreender a dimensão da audiência alcançada com eventos desta modalidade, dados divulgados pela FIFA sobre a Copa de 2014 podem ser interessantes. Informações trazidas pelo programa Globo Esporte[55] divulgam os números de audiência alcançados durante a competição realizada

54. *Pay-per-view* traduzido para o português significa "pague para ver", é um sistema que opera nas televisões por assinatura e que permite aos seus usuários comprarem determinadas programações ou eventos, como o campeonato brasileiro de futebol ou filmes que ainda não foram disponibilizados em TV aberta, por exemplo. Estima-se que a venda de pacotes do campeonato brasileiro de futebol proporcione lucros elevadíssimos para as redes de TV, já que estas, além de pagar os direitos de exibição do torneio, premiam os clubes de futebol com cotas de alto valor, variando de acordo com o poder de audiência que cada equipe pode proporcionar.

55. O programa Globo Esporte é exibido de segundas as sextas-feiras na Rede Globo de televisão. A matéria mencio-

no Brasil:

> Foram 3,2 bilhões de espectadores ao longo da disputa, igual a de 2010, só que foram 1,013 bilhão que viram ao menos um minuto da final, vencida pela Alemanha por 1 a 0, contra a Argentina. A estimativa é que 280 milhões assistiram aos 64 jogos pela internet.[56]

Todavia, é importante perceber que não são somente os eventos internacionais que envolvam a participação da seleção que despontam números de audiência tão expressivos, já que jogos de equipes brasileiras, em competições nacionais ou sul-americanas, por vezes, alcançam audiência igual ou maior que alguns jogos do selecionado brasileiro.

Com tamanho interesse dos brasileiros pelo futebol, as grandes mídias terminam apropriando-se de acontecimentos ligados a esta modalidade para produzir notícias, gerando oportunidades de negócios altamente lucrativos para si, junto a marcas e patrocinadores. Fischer (1997) destaca que

> [...] a mídia, em nossa época, estaria funcionando como um lugar privilegiado de superposição de "verdades", um lugar por excelência de produção, circulação e veiculação de enunciados de múltiplas fontes, sejam eles criados a partir de outras formações, sejam eles gerados nos próprios meios (p. 65).

Em virtude disso, há uma constante busca para seduzir leitores, ouvintes ou telespectadores com atrações ligadas ao futebol, mesmo que, muitas vezes, os episódios a ganhar destaque terminem sendo, no mínimo, questionados por sua relevância no cenário esportivo. Guerra (2011) apresenta um episódio que revela certo exagero, e uma possível falta de limites, na produção de alguns registros das mídias no contexto futebolístico. O autor então comenta sobre a cobertura midiática realizada acerca da transferência do jogador Beckham para o clube Real Madrid[57].

> Foram 28 horas de apresentação do jogador, com dezenas de marcas associadas ao fato, fazendo merchandising de alto valor. Chegando ao extremo de ser transmitido o exame de urina do jogador ao vivo, com laboratório, a TV Real Madrid ganhando uma fábula de dinheiro (104 mil dólares) para algo inusitado na cobertura esportiva (GUERRA, 2011, p. 55).

Como é possível de perceber, "a privacidade tornada pública constitui-se uma das marcas destes tempos e coloca o campo dos meios de comunicação numa posição bastante privilegiada" (FISCHER, 1996, 282).

Entretanto, outro ponto que merece destaque, a partir desta relação entre as mídias e o futebol, encontra-se no fato desta acabar influenciando fortemente o campo social. A partir do momento em que os discursos midiáticos articulam determinados significados aos acontecimentos, ao mesmo tempo em que esconde outros, são construídas definições de realidade por meio desses discursos (GASTALDO, 2009). Aliás, Pimenta (2006) lembra que o universo onírico juvenil com o futebol está ligado, nos dias de hoje, de modo próximo às relações sociais pela imagem, mídia, marca, ou seja, pelas máquinas de produção de

nada foi ao ar no dia 16 de dezembro de 2015.

56. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/>. Acesso em: 28 nov. 2016.

57. O Real Madrid é um dos clubes de maior expressão e número de torcedores do futebol espanhol. Sua fundação foi em 1902 e sua sede fica na cidade de Madrid, na Espanha.

subjetividades.

Ao falar de imagens, é preciso lembrar o que Cunha (2008, p. 103) enuncia, quando diz que os registros imagéticos formatam as subjetividades, atuam na composição do sujeito, e, sobretudo, servem como suporte para construir e formular considerações sobre os diferentes produtos culturais que afetam a vivência e posicionam os sujeitos frente ao mundo.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais atentam para os impactos que crianças e jovens poderiam receber por conta da influência midiática:

> A mídia está presente no cotidiano dos alunos, transmitindo informações, alimentando um imaginário e construindo um entendimento de mundo. Os alunos permanecem muitas horas diante do aparelho de televisão, que hoje rivaliza com a escola e com a família como fonte de formação de valores e atitudes [...] A mídia apresenta uma concepção prevalecente do que é esporte e do que é ser esportista, muitas vezes associada a vencer na vida, cultivando como valores o esforço intenso, o dinheiro, as medalhas olímpicas e recordes (BRASIL, 1998, p. 32).

Então, mais do que transmitir jogos e reportagens relacionadas ao mundo do futebol, as mídias acabam tendo papel fundamental na valorização deste esporte, promovendo competições e transformando jogos em verdadeiros espetáculos, aspecto para o qual também contribui a valorização que recebe de seus patrocinadores. Esse conjunto de fatores termina por atuar na construção (invenção) dos jogadores como ídolos (heróis modernos), em função dos diferentes significados que passaram a existir combinados a esse esporte, seus praticantes, dirigentes, espectadores e admiradores.

Alguns exemplos recentes evidenciam esta espetacularização de jogos e jogadores de futebol, como observado em recente partida válida pela Copa Libertadores da América[58], em que a equipe do Grêmio venceu os equatorianos da LDU. No momento em que a equipe gremista fez seu quarto gol naquela partida, a narração de Pedro Ernesto Denardim[59], na Rádio Gaúcha[60], foi assim: "*você pensou que só tinha show*[61]*no Beira Rio*[62]*, tem show aqui na Arena*[63]*, é show do Grêmio, do Grêmio do Roger, do Grêmio do Bolaños, do Grêmio do Geromel, do Marcelo Grohe, estes extraordinários artistas da bola que estão fazendo 4 x 0 e estão dando um show, show muito particular*".

De modo semelhante, outro tipo de mídia descreveu o resultado alcançado naquela noite da seguinte maneira:

> Com uma carta afixada em cada uma das cadeiras da Arena, os gremistas conclamaram a torcida a abraçar a equipe diante da LDU, nesta quarta-feira, pela 2ª rodada do Grupo 6 da Libertadores. A mensagem era clara: "Teu grito

58. A Copa Libertadores da América é uma competição organizada pela Confederação Sul-americana de Futebol – CONMEBOL que acontece deste 1960. Esta competição é considerada a mais importante entre clubes de futebol na América do Sul.

59. Pedro Ernesto Denardim é jornalista, locutor esportivo e diretor de esportes da Rádio Gaúcha.

60. A Rádio Gaúcha é considerada a maior emissora de rádio do Brasil. A emissora situa-se em Porto Alegre RS e pertence ao Grupo RBS.

61. O locutor, ao citar o show no Beira Rio, referia-se a apresentação da banda britânica Rolling Stones que acontecia no mesmo horário e cidade, porém, no estádio do time de maior rivalidade do Grêmio, o Internacional.

62. Beira Rio é o nome do estádio de futebol do Sport Club Internacional.

63. Arena do Grêmio é o nome dado ao estádio de futebol do clube Grêmio Football Porto-alegrense.

> mexe com a alma". Sob chuva, a Arena rugiu, e o Grêmio lavou a alma. Com atuação de gala, a equipe de Roger Machado atropelou os equatorianos. Deu show, para se recuperar do revés na estreia: goleada por 4 x 0.[64]

Nos exemplos apresentados, é possível identificar como os jornalistas destacaram a qualidade do Grêmio, não poupando elogios para o desempenho coletivo da equipe. A referência ao show dos Rolling Stones deixa transparecer exatamente essa intenção do narrador, dando o entendimento de que, naquela noite, o time do Grêmio realizava uma *performance* tão maravilhosa como um ícone de sucesso da música pop internacional. Mas, seguidamente, as mídias também focalizam individualidades do futebol, como é possível verificar em reportagem publicada no GaúchaZH[65] (2018) logo após a primeira partida do jogador brasileiro Arthur, recém contratado pelo Barcelona.

> Estão todos encantados com Arthur em Barcelona. O ex-volante do Grêmio fez, na madrugada deste domingo, 29 de julho, sua primeira partida pelo time catalão e foi demolidor. Em 45 minutos, mostrou a qualidade de seus passes, a capacidade de movimentação e apresentou uma arma que nem apareceu tanto por aqui: o chute de fora da área.

Ou ainda em uma reportagem do Jornal Gazeta (2016) que continha o seguinte título: "Proposta do Real Madrid pode tornar Neymar o mais caro da história". O texto contido na matéria jornalística informava:

> Para seduzir o camisa 11 do Barcelona, os Merengues estão dispostos a pagar 35 milhões de euros (R$ 155,6 milhões) por temporada e fariam um contrato de cinco anos. Além disso, o Real teria que desembolsar 190 milhões de euros (R$ 845 milhões) da multa rescisória, que o transformaria no mais caro do mundo. Além dos vencimentos anuais para Neymar, o Real Madrid pagaria um prêmio pela assinatura do vínculo de 30 milhões de euros (R$ 133,4 milhões)[66]

Outros inúmeros exemplos de reportagens que destacam o sucesso, riqueza e brilhantismo de jogadores de futebol brasileiros, normalmente atuando no exterior, poderiam ser mencionados aqui, o que indica que, principalmente as grandes mídias jornalísticas, não ocupam seus espaços com histórias tristes ou fracassos esportivos, mesmo que eles aconteçam em uma incidência muito maior.

Dessa forma, é possível concluir que as mídias não se limitam a narrar fatos acontecidos, mas buscam promover cada vez mais o sucesso de jogadores de futebol, o que indica ser este um dos processos que operam na construção de ídolos, assim como na valorização de alguns atletas e clubes de futebol.

Conforme Helal (1999, p. 2) afirmou, "a quantidade de ídolos na história do futebol brasileiro é muito grande. Diferentes enquanto sujeitos, suas biografias podem ser agrupadas em alguns modelos ou arquétipos singulares, próprios da nossa cultura".

A fabricação dos ídolos esportivos acontece por meio de um processo que engloba a publicação sistemática de artigos, imagens, comentários de especialistas, narração

64. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/>. Acesso em: 10 mar. 2016.
65. GauchaZH é um site de notícias que reúne informações da Rádio Gaúcha e do Jornal Zero Hora.
66. Disponível em: <http://www.gazetaonline.com.br/_conteudo/2016/01/esportes/futebol/3925750-proposta-do-real--madrid-pode-tornar-neymar-o-mais-caro-da-historia.html>. Acesso em: 10 mar. 2016.

de jogos e textos publicitários, que, seguidamente, focalizam as qualidades e atributos diferenciados de alguns jogadores que os configuram como especiais (PILOTTO, 2000). Esse processo sucede em todas as instâncias das mídias, destacando o êxito de jogadores brasileiros nos mais variados campos de futebol do mundo.

Morato, Giglio e Gomes (2011, p. 2), ao falarem sobre o ídolo, comentam que este está unido ao tempo cotidiano, bem como à construção de sua imagem no dia a dia, sendo que isso ocorre evento após evento dentro de sequência gradativa de fatos.

Talvez o que mais desperte a atenção é o fato de que, seguidamente, as mídias, ao associar a profissão de jogador de futebol ao sucesso, acenam para a obtenção de salários altos, aquisições de sonhos de consumo e a conquista de uma vida perfeita, com luxo, glamour e fama, muito diferente da vida da maioria dos brasileiros assalariados. Alguns exemplos podem evidenciar isso, como a reportagem de Neto (2016) publicada no jornal *O Globo*.

> Mesmo após ter R$ 193 milhões bloqueados pela Justiça por sonegação fiscal, Neymar comprou um avião de US$ 9,1 milhões. [...] O jatinho mais recente do craque do Barcelona é um Cessna 680, comprado pela Neymar Sport e Marketing em agosto de 2015, com garantia hipotecária da Bir Participações. A empresa do jogador quitou a hipoteca há três meses. Curiosamente, pagou R$ 9,6 milhões (em reais, quando a compra foi em dólares), segundo a certidão de inteiro teor da aeronave a que o Panorama Esportivo teve acesso.

Outra matéria divulgada em meio digital traz informações interessantes nesse sentido, já que, ao invés de comentar as aquisições de carros esportivos ou outros bens de valor elevado por jogadores de futebol, destaca o prêmio conquistado por eles após a vitória de uma partida importante. Chama atenção que o jornalista esportivo deixa transparecer que a conquista de um prêmio assim somente é possível no meio futebolístico. Ou seja, entre as "pessoas comuns", essa conquista seria muito improvável. Nicola (2015), por meio do portal Yahoo, no título da matéria já destaca o prêmio recebido pelos jogadores: "Vitória sobre São Paulo valeu dois carros 0km para cada jogador corintiano". Parte do texto publicado após o jogo entre Corinthians e São Paulo segue abaixo:

> Você precisa trabalhar quantos meses para conseguir comprar um carro popular zero quilômetro? E dois carros então? Pois os jogadores titulares do Corinthians só precisaram de 90 minutos. A vitória por 2 a 0 sobre o São Paulo, na quarta-feira, garantiu prêmio em dinheiro de R$ 50 mil para cada atleta aproveitado [...] A bolada é suficiente para comprar dois Palios novos. Se a ideia for adquirir um veículo um pouco melhor, também dá para comprar um Punto, um C3 completo ou um Cobalt sedan. Até os jogadores alvinegros se surpreenderam com o bicho do clássico, levando em conta que a classificação na Pré-Libertadores contra o Once Caldas, na semana passada, "só" garantiu R$ 10 mil por cabeça (NICOLA, 2015, s/p, grifo do autor).

O pequeno excerto do texto ainda carrega consigo mensagens subliminares que merecem mais atenção: Para ganhar dois carros zero quilômetro somente foram necessários 90 minutos de trabalho; o prêmio conquistado pelos jogadores lhes dá a opção de comprar dois carros populares, mas, se eles preferirem, podem escolher outros carros de valor maior, quem sabe aqueles que ofereçam maior conforto ou luxo; a premiação extra, ou seja,

aquela obtida além dos altos salários, não foi exceção, já que, na semana anterior, outro prêmio em dinheiro tinha sido disponibilizado aos jogadores. Tais mensagens parecem informar que o sucesso dentro dos campos de futebol proporciona conquistas dentro e fora de campo, possibilidades de escolhas e aquisições de bens materiais, obtenção de salários altos e premiações ímpares, e, o melhor, tudo isso com pouco esforço e trabalho.

Algumas questões importantes emergem a partir destas informações, principalmente se analisadas a direção e possíveis implicações que tais reportagens e notícias podem ocasionar. Para quem estas notícias, depoimentos, reportagens, fotos e vídeos seriam endereçados? Quais seriam as eventuais consequências desta veiculação quase que diária, senão diária, nas mídias, de histórias de sucesso e obtenção de elevadas quantias de dinheiro por jogadores de futebol? Um primeiro olhar poderia apontar que tais registros são direcionados aos torcedores e amantes do futebol, ávidos em acompanhar a trajetória de seus ídolos e goleadores. Outro olhar poderia sinalizar para a importância dessas informações para os empresários e gestores dos clubes, pois, desse modo, seus jogadores são valorizados e capitalizados pelas mídias, tendo suas competências e valores atestados. Porém, o que não pode passar despercebido é o fato de que esse conjunto de informações midiáticas, que parece insistir que jogar futebol significa garantia de sucesso e obtenção de muito dinheiro, pode acabar capturando e mobilizando outros tipos de sujeitos e motivações.

A corrida por espaços nas escolinhas de futebol, a participação em projetos sociais que desenvolvam atividades com o esporte e o número expressivo de inscrições nas chamadas "peneiras" dos clubes de futebol não poderia ter relação com o contexto mencionado?

A partir disso, concordo com o que Pimenta (2006) sinaliza, quando fala sobre o que significa para o jovem ser jogador de futebol. Para esse autor, conforme o pensamento dos jovens, jogar futebol denota ter felicidade e perspectiva de reconhecimento público e fama: "A condução desta busca parece-nos ser determinada pela possibilidade de acesso aos benefícios econômicos gerados com o sucesso na carreira" (PIMENTA, 2006, p. 140). Ou seja, quando analisado o perfil de grande parte de reportagens e informações sobre o futebol que giram em todos os formatos de mídia, é possível acreditar que estas podem gerar ainda mais expectativas e projeções entre os jovens adolescentes na busca de uma carreira bem sucedida no futebol, mesmo que isso talvez seja muito improvável.

Betti (1998) comenta que a mídia acaba atuando, assim, na construção do que se entende e enxerga do esporte, produzindo, reproduzindo e construindo sentidos ligados a ele. E, nesse processo, ao que parece, termina-se por transmitir uma mensagem de possibilidade de ascensão socioeconômica por meio do esporte.

Ao finalizar esta seção, que tratou sobre a apropriação do futebol pelas mídias, sinalizando o tipo de abordagem que, de modo frequente, principalmente as grandes mídias utilizam para comentar, discutir e promover este esporte e seus jogadores, é importante que se perceba também os desdobramentos que as novas tecnologias podem gerar nesse processo, especialmente quando revelada a intenção deste estudo centralizado em jovens, que, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE[67], representa o grupo

67. De acordo com a pesquisa "Acesso à Internet e à Televisão e Posse de Telefone Móvel Celular para uso pessoal", realizada em 2013, os jovens entre 15 e 19 anos constituem-se no grupo de pessoas mais conectadas do país. O estudo

que mais utiliza os novos aparatos tecnológicos e a internet no seu dia a dia.

Kellner (2006), ao discorrer sobre o espaço que as mídias têm ocupado na sociedade de hoje, comenta que:

> à medida que avançamos no novo milênio, a mídia se torna tecnologicamente mais exuberante e está assumindo um papel cada vez maior na vida cotidiana. Sob a influência da cultura multimídia, os espetáculos sedutores fascinam os habitantes da sociedade de consumo e os envolvem nas semióticas do mundo do entretenimento, da informação e do consumo, influenciando profundamente o pensamento e a ação (p.122).

Dessa forma, é possível imaginar como crianças e jovens, hoje em dia, conseguem acompanhar o "mundo do futebol" de modo rápido, pois, "com o manejo simples do *mouse* ou do controle remoto, a criança e/ou o adolescente pode ter a informação que desejar a respeito dos jogadores e dos clubes preferidos, além de assistir aos campeonatos espanhol, alemão, inglês e italiano" (ALCANTARA, 2006, p.1).Tal constatação pode ser comprovada com o que jovens adolescentes que participaram da pesquisa afirmaram:

> eu não acompanho tanto o futebol brasileiro, prefiro acompanhar o futebol sul americano e o futebol da Europa, por que é o espelho que eu tenho, porque jogador brasileiro ele tem muita qualidade mas não tem tanto compromisso, e isso tu pode ver que os jogadores europeus tem muita qualidade e disciplina que as vezes falta aos brasileiros, se é para tu ter um espelho eu acho que tem que ser nesses caras (D9, 2018).

Uma fala parecida, porém de outro jovem pertencente a um PPSE de outro município, também deixa claro que existe interesse dos jovens no futebol praticado na Europa e que estes o acompanham pelas mídias:

> Olha, tu vê... o campeonato brasileiro comparar com o campeonato europeu, totalmente diferente. Eu não sei o que é, se é organização dos clubes, não sei o que é, eu prefiro olhar outro campeonato, inglês, europeu, do que olhar campeonato brasileiro, eu pelo menos prefiro olhar uma Liga dos Campeões (A2, 2017).

Algumas diferenças entre a mídia tradicional (grandes mídias) e as mídias digitais, porém, são necessárias de serem destacadas quando se trata da dimensão e circulação de informações, vídeos e reportagens sobre jogadores e o mundo do futebol. Mais do que outro parâmetro de velocidade de informações e das facilidades de acesso, diferentemente das notícias veiculadas em revistas, jornais impressos ou até mesmo em programas de televisão, os conteúdos que circulam pela internet, por vezes, podem permitir alguma resistência do indivíduo receptor. Isso decorre em razão de existirem, nos meios digitais, um número maior de ferramentas disponíveis para certa intervenção nas informações. As possibilidades de comentários, críticas e até mesmo posicionamentos contrários ao que foi publicado ou postado em algum site ou blog é um exemplo disso.

Por outro lado, muito além de acompanhar os principais campeonatos de futebol

---

mostrou que 75,7% dos adolescentes entre 15 e 17 anos usaram a internet em 2013 e que entre jovens de 18 a 19 anos o percentual que utilizou a internet foi de 73,8%. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/acessoainternet2013/default.shtm>. Acesso em: 18 dez. 2016.

no mundo, ao acessar as informações que circulam por todas as mídias, sejam notícias, entrevistas ou reportagens sobre jogadores e times de futebol, adolescentes e jovens compartilham tais informações em seus perfis nas redes sociais, contribuindo não somente para uma divulgação ainda maior desses registros, mas colaborando, sem sequer saber, para a fixação de sentidos ligados à profissão de jogador de futebol. Assim, não seria um exagero afirmar que as mídias digitais também exercem certo poder e influência sobre os jovens, podendo inclusive colaborar para organizar e regular suas condutas, alterando até mesmo seus modos de existir e de se relacionar. Considerando sempre, entretanto, que são relações complexas e não deterministas. Assim como o imaginário é engendrado por tecnologias, elas também são uma força potencial de recriação e imaginação criadora, se houver práticas educativas capazes de fazer tais mediações/invenções.

LINHAS DE ANÁLISE: PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

Antes de adentrar nas chamadas linhas de análise que organizei para desenvolver melhor meus apontamentos, considerações e análises sobre os temas que emergiram no desenvolvimento da pesquisa, julguei interessante traçar estas linhas iniciais para introduzir a etapa final da pesquisa. Para isso, tomo as palavras de Gatti (2006) como referência. Para esta autora:

> Não se pode tomar a palavra pesquisa de modo amplo e vago, mas é necessário toma-la em uma acepção mais acadêmica, implicando o uso de métodos específicos, preocupação com validade, rigor ou consistência metodológica, preocupação com a ampliação ou construção de novos conhecimentos sobre determinada questão (...) é preciso sair do nível do recolhimento de informações superficiais ou do senso comum, sair da "opinionatria", e buscar, com método, uma compreensão que ultrapasse nosso entendimento imediato, elaborando um conhecimento que desvende processos obscuros, subjacentes, um conhecimento que lance luz sobre fenômenos, sobre uma questão, segundo algum referencial (GATTI, 2006, p. 26).

A partir disso, lembro que o objetivo geral da tese foi o de analisar quais são os sentidos produzidos sobre o futebol entre jovens adolescentes praticantes deste esporte em três Programas/Projetos Sociais Esportivos da Grande Porto Alegre, identificando qual o imaginário existente sobre essa modalidade esportiva e os movimentos que ele pode sofrer. Para isso, foram organizados e realizados grupos de discussão com os jovens adolescentes, bem como entrevistas com professores e gestores dos PPSE escolhidos, todos eles localizados no Rio Grande do Sul[1].

Como ferramenta analítica, apropriei-me da Análise Textual Discursiva, por isso, depois de realizados todos os encontros com os jovens, professores e gestores, e a posterior transcrição do material, meu primeiro olhar se direcionou para uma "unitarização" deste, ou seja, separei os textos em diferentes unidades de significado. A partir disso, passei a estabelecer relações que surgiram entre as unidades, fazendo uma articulação de significados semelhantes, buscando questões que pudessem se aproximar. Finalmente, passei a identificar aquilo que emergia destas relações e comecei a descrever minhas compreensões e achados.

Moraes e Galiazzi (2011) afirmam que a análise textual discursiva pode ser entendida como um processo auto-organizado de construção de compreensões, onde surgem novos entendimentos. Lembram que a análise textual é realizada com base em um conjunto de documentos, os quais chamam de "corpus", e estes, são constituídos por produções textuais. Ao falar sobre tais textos, os autores destacam que estes

1. Durante a realização da pesquisa de campo e o desenvolvimento dos grupos de discussão em um dos PPSE, fui informado que este não teria continuidade a partir daquela semana em que eu realizava os primeiros encontros. A partir disso, optei por realizar a pesquisa em mais um PPSE localizado em outro município. Porém, em razão de já ter realizado até aquele momento dois encontros com os jovens adolescentes e ainda uma entrevista com um dos professores naquele PPSE que encerrava as atividades, decidi utilizar os dados construídos naquele local, agregando assim mais informações e depoimentos que poderiam ser importantes para o desenvolvimento da pesquisa. Destaco que os motivos para a descontinuidade daquele PPSE não foram revelados a mim, me parecendo que o mesmo projeto, posteriormente, continuou, porém com outro nome e outros profissionais envolvidos.

> São entendidos como produções linguísticas, referentes a determinado fenômeno e originadas em um determinado tempo e contexto. São vistos como produções que expressam discursos sobre diferentes fenômenos e que podem ser lidos, descritos e interpretados, correspondendo a uma multiplicidade de sentidos que a partir deles podem ser construídos (MORAES; GALIAZZI, 2011, p. 16).

Assim, durante o andamento da pesquisa, foi possível perceber diferentes sentidos que emergiam a partir das discussões e entrevistas realizadas, que ora combinavam com conceitos, ideias e referenciais já utilizados no estudo, mas também, em outros momentos, favoreceram a implementação de novas argumentações, teorias e autores que foram ganhando espaço no percurso da pesquisa.

Lembro que, mesmo quando estruturei, nesta seção, o espaço para tratar das análises desenvolvidas no estudo, estas não ficaram restritas somente aqui, já que diferentes percepções e concepções foram ganhando corpo ao longo do desenvolvimento de toda pesquisa, e, por isso, também ganharam espaço nas seções anteriores. Nesta seção, porém, as discussões e apontamentos realizados no campo prático do estudo receberam mais espaço, bem como o processo de interpretação e análises que foram feitos, articulados com os referenciais adotados.

A partir do que Guterman (2010) afirma, dizendo ser o futebol o maior fenômeno social do Brasil – já que, além de representar a identidade nacional, também consegue dar significado aos desejos de potência da maioria absoluta dos brasileiros –, indico que, nesta pesquisa, não me propus a discutir os benefícios ou malefícios do futebol a jovens adolescentes de programas ou projetos sociais, e sim entender o contexto e implicações que esta modalidade esportiva exerce na vida destes. Para isso, meu olhar se deu no sentido de analisar qual o imaginário construído sobre este esporte, e como ele interfere na vida destes jovens, problematizando questões que surgem a partir dessa relação como, anseios, projetos de vida, vínculos sociais, frustrações e formação de suas subjetividades. Como lembra Damatta (1994, p. 13), o esporte tem um lado instrumental que possibilita fazer coisas e promover riquezas, porém ele também tem um eixo expressivo e/ou simbólico que diz, revela quem somos.

Digo isso,

> [...] certo que a compreensão acerca das redes semânticas que organizam as representações sociais do futebol pode contribuir para um melhor entendimento sobre o papel que essa prática esportiva assume na construção dos estilos de vida e dos imaginários dos atores sociais que o manipulam simbolicamente num determinado contexto de práticas (VALENTIN; COELHO, 2005, p. 185).

Convém destacar ainda que, depois de realizados os grupos de discussão com os jovens adolescentes e as entrevistas com professores, monitores e gestores, e ter iniciado assim as transcrições, estudos e problematizações a partir do material construído, percebi que aspectos relacionados ao futebol e vinculados às mídias, seja direta ou indiretamente, encontravam-se intimamente ligados a outros temas que emergiram durante a realização dos encontros. Fischer alerta que "os adolescentes se dirigem aos peritos da mídia como depositários que são de um saber que agora se multiplica e pode ser distribuído numa

escala inimaginável" (FISCHER, 1996, p. 283).

O futebol, considerado um dos fenômenos de maior importância para a mídia, onde são demarcados significados, fronteiras e pertencimento identitário, acaba se apresentando como difusor de valores no dia a dia dos jovens. A TV termina assim sendo a principal interlocutora desta constante transformação e mutação das identidades (KOCH, 2012)

Dada essa relação próxima entre as mídias e o futebol em inúmeros temas abordados na pesquisa, optei em não criar, dentro das linhas de análise, uma linha específica sobre estas, deixando que as problematizações, considerações, discussões e referências sobre estas, circulassem, quando necessário, pelos parágrafos correspondentes aos tópicos emergentes da pesquisa.

Conforme Kellner (2006) constatou, dada a importância das mídias na atualidade, é possível afirmar que:

> A cultura da mídia não aborda apenas grandes momentos da experiência contemporânea, mas também oferece material para fantasia e sonho, modelando pensamento e comportamento, assim como construindo identidades. Seus rituais como as Olimpíadas, a Copa do Mundo, eventos esportivos de entretenimento (...) celebram os valores dominantes e validam uma sociedade baseada na competição e na vitória (KELLNER, 2006, p. 119).

Desta forma, as linhas de análise da pesquisa ficaram construídas da seguinte forma:

1. Futebol, imaginário, carreira e dinheiro;
2. Ídolos do futebol, clubes, identificações e heroísmo;
3. Sociabilidades esportivas, redes de convivência, interatividade e riscos sociais;
4. Espaços para aprendizagens, valorização da escola, inclusão e reconhecimento;
5. Futebol: símbolo nacional, paixão, herança e subjetividades.

O desenvolvimento das análises, por sua vez, permitiu sustentar a tese de que *as narrativas dos jovens adolescentes que praticam futebol, no contexto de Programas/ Projetos Sociais Esportivos, expressam, em grande medida, o imaginário do futebol no país - construído hegemonicamente por discursos e representações midiáticas -, sobre o qual as práticas educativas desempenham um papel de mediação que pode interferir positivamente nos modos de ser e viver, nos projetos de vida e futuro dos jovens adolescentes.*

4.1 FUTEBOL, IMAGINÁRIO, CARREIRA E DINHEIRO

Por se tratar de uma pesquisa sobre o tema "futebol" e o público "jovens adolescentes", naquele que é chamado de o "país do futebol", parece ser natural imaginar que esta modalidade esportiva tenha significação importante para estes, principalmente quando se pensa em suas possíveis projeções futuras, como as escolhas por uma carreira profissional ou aspirações no plano pessoal.

> A juventude constitui um momento determinado, mas que não se reduz a uma passagem. Ela assume uma importância em si mesma como um momento de exercício de inserção social, no qual o indivíduo vai se descobrindo e descortinando as possibilidades em todas as instâncias de sua vida, desde a dimensão afetiva até a profissional (DAYRELL, 2016, p. 27).

As discussões realizadas com os jovens acabaram evidenciando isso, mas de modo mais significativo e intenso que se poderia imaginar. Considerando todos os jovens adolescentes que participaram efetivamente da pesquisa, apenas um deles afirmou que não gostaria de ser jogador de futebol no futuro. Todos os outros jovens, em seus depoimentos e opiniões, no contexto das discussões, relataram que a carreira no futebol não somente era uma meta a ser alcançada, mas o principal objetivo de suas vidas. Eles próprios compartilhavam esse desejo uns com os outros, e sabiam que o interesse e busca por esta carreira era comum a praticamente todos os meninos ou jovens brasileiros. Algumas falas apresentadas abaixo deixam claro o que estou afirmando:

> eu acho que dos 100% de guris de são Leopoldo, da minha vila, 90% tem esse sonho de jogar bola, e quem não tem pelo menos sonha em ter uma carreira dentro do futebol, treinador, árbitro, alguma coisa (A2, 2017).

Depoimentos semelhantes também apareceram em outro PPSE, como é possível de identificar:

> Bom, eu, assim como todos, ainda tenho o sonho de ser jogador de futebol, ainda vou tentar bastante, não vou desistir, mas caso não der certo eu quero seguir no meio do esporte (B4, 2017).

Em outro município, se torna possível identificar o tamanho da importância e desejo nesta corrida em busca da carreira "futebolística".

> Eu faria tudo que pudesse! Tudo, tudo, tudo que eu pudesse... Acho que não tem explicação para isso, porque é uma coisa que eu amo fazer, então eu vou dar o meu máximo para conseguir (D4, 2018).

Presente fortemente como um imaginário instituído entre os jovens adolescentes, o futebol parece ter importância singular para estes, já que, quase em sua totalidade, não medem esforços para que um dia possam se transformar em jogadores profissionais deste esporte, nem que, para isso, tenham que "fazer de tudo". Como Pimenta (2006) já havia sinalizado, "os adolescentes e os jovens do Brasil, são envolvidos por esse fenômeno cultural, quer na qualidade de admirador, espectador, torcedor, quer na qualidade de aspirante ao sonho de ser atleta profissional" (PIMENTA, 2006, p. 21). Este mesmo autor indica como tal aspiração atinge uma gama enorme de jovens e ainda dá pistas do que poderia ser um dos maiores motivos para essa realização, a de tornar-se famoso.

> O sonho de ser jogador profissional atinge todo tipo de jovem, desde que esteja, de uma forma ou de outra, envolvido com a prática do esporte. Nesse sentido, pobre, rico, gordo, magro, negro, branco, amarelo, enfim, em todos aqueles que se inscreveram á prática, há um despertar, direta ou indiretamente, da expectativa de serem famosos (PIMENTA, 2006, p. 175).

E foi exatamente o que pude perceber ao longo da pesquisa, já que, independentemente da constituição física, habilidades motoras, raça e classe social[2] dos jovens adolescentes, a busca e sonho por uma carreira no futebol envolveu quase a totalidade deles. Logo, isso sinaliza para algo importante, já que talvez estejam envolvidos nestas idealizações jovens que tampouco tenham vocação para o futebol, seja em decorrência de características físicas, perfil psicológico ou ainda outros atributos que possam ser importantes para quem deseja se profissionalizar nesta modalidade esportiva.

Neto e Santos (2015), ao destacar características e qualidades desejáveis àqueles que buscam seguir carreira no futebol, ultrapassam largamente questões relacionadas ao nível técnico do indivíduo e sua condição física. Em outras palavras, os autores afirmam que não é suficiente apenas saber jogar bem o futebol para conseguir se transformar em um jogador profissional. Outros aspectos, cada vez mais, ganham importância nesse caminho, já que dia após dia parecem surgir novas demandas ligadas ao processo de formação de atletas de alto rendimento. Comentam os autores Neto e Santos (2015) que, na atualidade, para aqueles que pretendem ser jogador de futebol são necessários um conjunto de novas habilidades, com o propósito de alcançar uma formação completa dos novos atletas, como a capacidade de trabalhar em grupo, o controle emocional, autonomia e postura proativa, por exemplo. Como é possível de identificar, tais habilidades ou aptidões não são desenvolvidas unicamente com treinamentos técnicos, estando, por sua vez, relacionadas com a história e o desenvolvimento pessoal de cada criança ou jovem adolescente (NETO; SANTOS, 2015, p. 31-32).

É importante que se diga que, além dos aspectos já destacados, outros mais ainda podem estar envolvidos no caminho dos jovens pretendentes a ingressar no mundo da bola, esses externos. Hoje, é possível afirmar que alguns jovens das categorias de base, de clubes de renome, foram encontrados e "capturados" por meio de "olheiros" que estão espalhados pelo país e circulam acompanhando competições amadoras em busca de novos talentos. Ou seja, a sorte de um jovem pode mudar caso este tenha tido uma *performance* acima da média em um jogo ou competição onde um desses representantes de clube ou agente estivesse presente. De mesmo modo, nos processos de seleção realizados pelos clubes, as chamadas peneiras, me parece que apenas o talento não basta, já que a sorte precisa acompanhar os milhares de candidatos em busca das poucas vagas oferecidas. O tempo reduzido para mostrar as habilidades com a bola, a existência de outros jovens habilidosos que atuam na mesma posição de jogo e ainda a necessidade de agradar os avaliadores, são aspectos que também terminam dificultando o êxito pela conquista de um espaço dentro das categorias de base de um clube.

Koch (2012), para mostrar como, muitas vezes, um jogador de futebol ou até mesmo jovens que aspiram uma carreira sólida neste esporte dependem de fatores que nem sempre estão ao seu alcance, lembra que não são eles que administram suas carreiras,

2. Mesmo tendo sido a pesquisa realizada com jovens adolescentes ligados a PPSE, pude perceber ao longo dos encontros que alguns deles (poucos) não pertenciam a famílias de baixa renda. Essa percepção foi decorrente do tipo de roupas que os jovens usavam, posse ou não de aparelhos de celular e os próprios depoimentos de situações de vida que estes manifestaram ou comentários sobre aspectos relacionados à suas vidas e famílias. Destaco, porém, que estes eram minoria, já que foi possível perceber que a maioria dos jovens adolescentes pertencia a famílias de baixo poder aquisitivo. Em um dos PPSE chamou a atenção o fato de que sete jovens adolescentes eram filhos de mães que trabalhavam como faxineira em casas de família de classe média ou alta.

por isso são considerados como uma espécie de bens, produtos ou mercadoria que facilmente podem perder seu valor. O autor destaca outros exemplos que podem atrapalhar a caminhada e frustrar os sonhos dos jovens em busca do sucesso no futebol: "Uma lesão, uma temporada ruim, um técnico exigente e antipático ao atleta, um clube distante, a idade que avança, além de tantas outras variáveis, e tudo poderá estar perdido" (KOCH, 2012, p. 85).

A partir deste contexto, e conhecendo os números que indicam as chances remotas de um jovem conseguir ter sucesso em uma equipe da elite do futebol brasileiro, um dos professores dos PPSE, ao ser questionado se achava ser fácil ou difícil um jovem se tornar um jogador de futebol profissional, não respondeu imediatamente, parecendo refletir sobre a pergunta. Logo depois, o professor comentou que o futebol seria uma profissão como as outras, onde as pessoas teriam que ter competência para conseguir chegar a algum lugar.

> Jogador de futebol eu considero ser fácil chegar, agora um jogador de nível, de rendimento, de alto rendimento vai ser difícil como qualquer outra profissão, vai ter que ter aquelas competências como qualquer outro mercado exige para você chegar lá (BP1, 2017).

Como visto anteriormente, por todas as dificuldades impostas a um jovem para que ele consiga assinar um contrato profissional de jogador, constituindo-se nessa profissão – sendo aquela onde existe a maior desproporção de vagas por candidatos em todo país[3], causa estranheza a afirmação do professor, principalmente se pensadas as consequências dessa posição quando afirmadas para seus alunos nos PPSE, já que poderia causar uma falsa impressão. Como Neto e Santos (2015) comentam, o futebol é uma atividade esportiva onde existem milhares de aspirantes a craques no Brasil.

Contudo, é importante questionar, a partir daquilo que já foi exposto, se a busca dos jovens adolescentes pelos PPSE que desenvolvem atividades com o futebol estaria motivada por esta preocupação em buscar uma "formação mais completa", fazendo com que suas chances de ingresso no mundo do futebol se tornassem maiores. Seria esse o maior interesse dos jovens adolescentes na procura destes espaços, além do apoio de suas famílias em seu ingresso?

Como destacarei de modo mais esmiuçado em outra unidade de análise, ao que parece, sim, os jovens adolescentes apontaram como um dos principais motivos para estarem regularmente participando das atividades dos PPSE suas ambições de se desenvolverem no futebol, de se tornarem mais aptos para alcançar o sucesso nos processos seletivos de equipes e conseguirem fazer parte das categorias de base de algum clube. O depoimento de B6 evidencia isso, quando fala que:

> [...] acho q todo mundo aqui já pensou em ser jogador de futebol, eu também. Acho que é uma coisa que a gente ama, e está aqui para fazer isso. Tentar sempre melhorar e um dia ser jogador, até para me ajudar a ser alguém na vida. Eu gosto, pra ajudar, pra ajudar minha família e para eu ser feliz também (B6, 2017).

3. O sucesso na carreira é acontecimento quase impossível, se comparado com a quantidade de jovens que disponibilizam tempo e energia no sonho (PIMENTA, 2006, p. 225).

O jovem B6 deixa claro que participa do PPSE para poder ver aumentadas suas chances de se tornar um jogador de futebol no futuro, e sua fala revela que, para ele, a "felicidade" estaria condicionada ao fato de conseguir isso. Outros elementos merecem ser destacados quando os jovens comentam sobre seus projetos de vida para o futuro, como o "amor", citado por B8:

> Todo mundo aqui, eu acredito, já pensou em ser jogador de futebol; todo mundo sonha em fazer aquilo que ama e se sustentar fazendo aquilo que gosta. Eu, como todo mundo aqui, sonha em ser jogador de futebol, para me sustentar e ajudar minha família né? (B8, 2017)

Reitera-se aqui a força de um imaginário instituído hegemonicamente entre jovens adolescentes, já que, como eles mesmos sinalizaram, há esse "sonho" muito presente para o futuro onde o futebol parece ocupar lugar central. Como lembram Laplantine e Trindade (1997, p. 1), o imaginário está cada vez mais presente nos projetos, nas fantasias e nas idealizações dos indivíduos: "a imaginação tornou-se o caminho possível que nos permite não apenas atingir o real, como também vislumbrar as coisas que possam vir a tornar-se realidade".

Creio que a questão que ganha maior importância na discussão seria o entendimento das razões que levariam esses jovens adolescentes a possuir tamanha convicção de que gostariam de ser, no futuro, jogadores profissionais de futebol. De onde e/ou por onde poderiam passar tais motivações e por qual razão ganhariam tamanha importância em suas vidas, ao ponto de pensarem todos os dias nisso?

> [...]eu já pensei sim em ser jogador de futebol, penso vários dias, todos os dias praticamente. Eu quero ser jogador de futebol me esforçando para isso (B5, 2017).

Pimenta (2006) resume que o mundo do futebol é agregado e influenciado por uma confusão de ideias, ambições, valores, regras, sublimações, frustrações e memórias, combinados aos jogos de relações que são travados na sociedade e que compõem tanto os projetos individuais como coletivos, em sua própria dimensão e potencialidade.

Ao procurar identificar quais seriam as principais motivações dos jovens adolescentes para escolher o futebol como futura profissão, alguns argumentos como diversão, amor, paixão e prazer ganharam espaço nas discussões, porém, certamente a palavra mais lembrada pelos jovens foi "dinheiro". Recorro a Simmel (1967) para lembrar que o dinheiro passou a se tornar, na sociedade, o denominador de todos os valores, passando a tirar a essência das coisas, seus valores, inclusive suas incomparabilidades.

Assim, enquanto a maioria apresentava argumentos voltados a altos ganhos financeiros, outros, parecendo se preocupar em não deixar transparecer que gostariam de ser jogadores de futebol apenas por causa do dinheiro, apresentavam em suas falas inicialmente diferentes argumentos, mas depois confirmavam também que a possibilidade de enriquecer também os motivava. C1 em seu curto depoimento fala duas vezes em aspectos financeiros, como é possível identificar:

> [...] a vida de um jogador deve ser meio fácil, deve ganhar bastante dinheiro, os que jogam em time grande, mas a gente não sabe o que eles passam na vida deles, então a gente não pode falar muito. Mas a parte financeira acho que deve ser muito boa (C1, 2017).

Como o jovem deixou transparecer, em sua concepção, os jogadores de futebol, além de terem vida fácil, ganham bastante dinheiro. Castoriadis (1982), falando sobre o imaginário em seus estudos, afirma que este não pode ser entendido como um reflexo da realidade, senão como uma construção que envolve uma trama complexa de fantasias, desejos, símbolos, e tudo aquilo que constitui a vida social em sua dinâmica constante.

Neto e Santos (2015) realizaram um acompanhamento com meninos das categorias de base de um importante clube de futebol brasileiro e parecem não concordar que a vida daqueles que escolhem esta carreira seja fácil, e mais, salientam que essa dificuldade se apresenta muito cedo. Para eles, desde as escolinhas amadoras até a profissionalização, a caminhada é árdua, extenuante e muito competitiva: "Para vencer por essa dura estrada, há que se expender muito trabalho, dedicação, passando-se por muitas privações e, sobretudo, ter muita 'sorte'". (NETO; SANTOS, 2015, p. 17).

> [...] deve ser muito corrida, mas também deve ser meio barbada né? Porque futebol é um "bagulho" que todo mundo gosta de fazer. O cara ser pago bem, milhões, quase um milhão de reais para jogar bola... (C1, 2017).

É possível perceber que os jovens possuem uma ideia que os jogadores profissionais de futebol têm uma vida fácil e sempre são bem remunerados, independentemente do clube a que estão vinculados. Pelo que foi constatado, ao longo deste estudo, essa premissa é falsa, pois se analisada a quantidade de jogadores de futebol brasileiros e contabilizar aqueles que recebem altos salários, ficará evidente que estes são uma minoria, ou seja, são exceção.

Através do relatório DRT[4] 2015 apresentado pela Confederação Brasileira de Futebol – CBF (2016) é possível identificar que a maioria dos jogadores de futebol realmente não recebe altos salários. De acordo com os números deste documento, 82,40% dos jogadores registrados na entidade, ou seja, 23.238 jogadores, recebem salários até no máximo R$ 1.000,00; outros 13,68%, que equivalem a 3.859 jogadores, recebem salários que estão compreendidos entre os R$ 1.000,00 e os R$ 5.000,00. Quando analisado o outro extremo da tabela apresentada no relatório, observa-se que o percentual de jogadores que recebem salários muito altos é bem baixo.

4. Diretoria de Registro e Transferência (DRT) da CBF. A DRT, em 2015, realizou um levantamento sobre as atividades e a realidade do futebol brasileiro. No relatório apresentado, constam informações pertinentes aos salários recebidos pelos jogadores no país.

Faixa salarial	Nº de jogadores	Percentual
R$ 50.000,01 ATÉ R$ 100.000,00	112	0,40%
R$ 100.000,01 ATÉ R$ 200.000,00	78	0,28%
R$ 200.000,01 ATÉ R$ 500.000,00	35	0,12%
Acima de R$ 500.000,01	1	0,003%
Total de jogadores	28.203	100%

Tabela 3 - Faixa salarial de jogadores com maiores salários no Brasil.

Fonte: Confederação Brasileira de Futebol (2016)

As informações registradas na entidade máxima do futebol brasileiro - CBF (2016) não deixam mentir: a maioria esmagadora de jogadores de futebol no Brasil, além de não terem salários milionários (pelo contrário), ganham pouco. Outro aspecto que merece atenção é o fato de que, por vezes, os contratos de trabalho de jogadores são extremamente curtos, não raramente apenas com meses de duração, de modo que, ao final de uma curta temporada, não raramente, jogadores ficam sem clube e expostos a uma situação de instabilidade econômica e futuro profissional incerto. Aliás, reproduzindo claramente a já bastante conhecida precarização do trabalho juvenil.

Os dados apresentados poderiam levar a novas reflexões. Não estaria esta maioria de jogadores que recebem salários baixos tendo outra sorte em outras profissões? Quem sabe inclusive com salários maiores? Ou até mesmo naquelas onde não se necessite uma formação especializada ou anos de estudo?

Aos olhos dos jovens adolescentes pelo visto, não, já que esse exercício e comparação entre a remuneração adquirida no futebol e em outras profissões foi realizada por eles, como é possível acompanhar:

> No futebol se ganha "super" mais dinheiro do que alguém que vai atuar no hóquei (A8, 2017).

> [...] o interesse sempre foi meu, entendeu? Eu sempre amei o futebol, sempre gostei bastante, sempre vivi em volta disso. Meu pai podia ter sido jogador e largou a carreira para ser caminhoneiro. Ele tinha contrato no Aimoré e tudo, mas largou para ser caminhoneiro. Ele ganhava para jogar lá. Não sei ao certo se ele seria feliz jogando, mas que minha família poderia ter uma condição muito melhor, poderia: Condição financeira. (B4, 2017)

A comparação com a modalidade de hóquei (neste caso hóquei sobre grama) deve ter sido realizada em decorrência dela também existir no PPSE onde o entrevistado está inserido. No depoimento do jovem B4, observa-se que há certeza de que seu pai poderia ter dado uma condição financeira melhor para toda família caso tivesse optado em continuar jogando futebol profissionalmente, ao invés de ter escolhido a profissão de caminhoneiro.

O jovem C6 também estabelece um comparativo entre algumas profissões e o futebol:

> [...] os altos salários no futebol acabam desvalorizando um pouco o trabalho dos outros trabalhadores, como na obra. Meu pai ganha uns 2, 3 mil reais. Minha mãe, que é faxineira, ganha um salário mínimo, mais ou menos. Se mata trabalhando, e os jogadores estão lá jogando uma bola para ganhar milhões (C6, 2017).

Não é objetivo aqui estabelecer um comparativo de salários entre diversas profissões, mas cabe destacar que o valor médio[5] que um caminhoneiro ganha, por exemplo, é maior do que a maioria dos jogadores profissionais de futebol recebe no Brasil, se utilizarmos os números fornecidos pela CBF (2016). Mas por qual razão os jovens adolescentes teriam essa ilusão de que o futebol poderia lhes trazer facilmente riqueza, e, muito por conta disso, tantos deles alimentam a vontade de transformarem-se em jogadores?

Creio que a resposta para esta questão possui relação direta com o tamanho do espaço e tempo que o futebol recebe nas mídias, e também com o perfil de tais informações que parecem circular entre todas elas. O futebol, enquanto maior produto de espetáculo esportivo, está presente diariamente nas mídias, como na televisão, por exemplo, onde está inserido em qualquer horário da programação, sendo que, em alguns momentos, não raros, se percebe que a programação voltada a esta modalidade esportiva está presente em seis, sete ou oito canais ao mesmo tempo.

> Dentre os programas midiáticos da atualidade, a transmissão de um jogo de futebol tornou-se um evento dinâmico e complexo, podendo oferecer diversos outros eventos simultaneamente, como acompanhar outras partidas, estabelecer as estatísticas dos campeonatos, das equipes e dos jogadores e como os resultados dos jogos definem a classificação de um time em tempo real. Esses fatos tornam uma simples transmissão futebolística, em um complexo evento midiático, palco para a convergência de diferentes mídias como a televisão, o rádio e as diversas emissoras web, além dos novos espetáculos que são apresentados nas recentes arenas (ROHRER, 2016, p. 12).

São exatamente as mídias que parecem ensinar e divulgar a ideia de que todos os jogadores de futebol alcançam o sucesso e são bem-sucedidos em suas carreiras. Poderia ser apresentada uma coleção de exemplos, histórias e casos narrados pela mídia que combinam a profissão de jogador de futebol a altos ganhos financeiros, luxo, fama e sucesso. Para ilustrar o que proponho, porém, apresento apenas dois exemplos, onde o principal objetivo da informação parece ser exatamente esse, mostrar como o futebol pode ser o caminho para conquistar dinheiro, conquistar *status* e, ainda, favorecer uma vida de luxo pautada por bens de grande valor.

Presente diariamente nas mídias por suas atuações em partidas, gols e dribles, ou por conta da assinatura de contratos milionários no futebol ou em campanhas publicitárias, onde se torna o personagem principal, o jogador "Neymar" parece estar na mira das mídias em nossos dias. Quando não se evidencia pelos motivos destacados, ainda outros parecem

5. De acordo com pesquisa realizada pelo site Salário (2018), e com base em informações do Ministério do Trabalho e Emprego, a média de salário de um caminhoneiro no Brasil é de R$ 1.840,05. (Disponível em: <https://www.salario.com.br>). Em outras fontes de informação constam valores maiores, oscilando entre os R$ 2.000,00 e os R$ 6.000,00 (Sontra Cargo: plataforma utilizada para conectar motoristas a cargas disponíveis. Pesquisa realizada: "Perfil do Caminhoneiro Brasileiro".

despertar o interesse das lentes, câmeras e textos midiáticos, como seus relacionamentos amorosos, participação em eventos sociais ou aquisição de bens caríssimos. Assim, Neymar, que já havia sido notícia em variadas mídias por ter comprado um iate e até um avião, dessa vez foi destaque da Revista Veja.

A reportagem assinada por Lima (2017), em seu título já anunciava: "Dono de um jatinho *Citation*, Neymar compra mansão com aeroporto". Além da foto do craque em destaque, a reportagem ainda trazia detalhes da nova aquisição do jogador de futebol, uma mansão com 1250 metros quadrados, piscina, academia de ginástica, heliponto e ainda seis suítes.

Em outra reportagem, a repórter Fernanda Gentil, em matéria jornalística para o programa de televisão Esporte Espetacular, também deu destaque a um jogador de futebol brasileiro, dessa vez o goleiro Ederson[6]. A chamada para a reportagem dava sinais da tônica da matéria, pois antes mesmo da reportagem rodar, a profissão de jogador de futebol, dessa vez um goleiro, era articulada com aspectos financeiros: "o segundo goleiro mais caro do mundo". Mas não para por aí, pois a primeira imagem da reportagem, gravada no Reino Unido, já exibia, na parte inferior da tela, os valores que o clube tinha acertado para contar com aquele goleiro brasileiro para a nova temporada. A imagem a seguir mostra sobre que estou falando.

Figura 1 – Reportagem exibida no programa de televisão Esporte Espetacular que foi exibido no dia 8 de abril de 2018.

Fonte: Rede Globo, 2018.

Ao longo da exibição da reportagem com o goleiro Ederson, naquele programa de esportes dominical, diversas vezes, seja por meio das imagens ou daquilo que a repórter falava, o foco era direcionado para o padrão de vida do goleiro, onde a felicidade, luxo, riqueza e status social diferenciado se mostravam presentes.

6. Ederson Santana de Moraes é um jogador de futebol brasileiro, nascido em Osasco. Atua como goleiro e atualmente joga pelo Manchester City, equipe de futebol da Inglaterra.

A repórter, ao comentar "*a gente pode ver onde esse dinheiro foi investido né...*" mostra dois carros esportivos importados e de grande valor (Figura 2) estacionados ao lado da casa do jogador. Logo em seguida, conforme filmagem que o telespectador acompanhava na reportagem, a repórter entra na casa do jogador e começa a mostrar vários ambientes, todos com muita sofisticação e luxo.

Figura 2 – Os carros do goleiro Ederson.

Fonte: Rede Globo, 2018.

As palavras direcionadas ao sucesso e posição privilegiada alcançada pelo goleiro seguem na reportagem enquanto a jornalista conversava com o jogador e mostrava para os telespectadores a sua casa. "O cara tá bem de vida, tá bem de clube, tá bem de fase, tá bem de família... A cozinha é uma nova casa na verdade", diz a repórter se referindo ao tamanho da cozinha e toda a aparelhagem e instalação existente nela (ESPORTE ESPETACULAR, 2018). Em seguida, as filmagens realizadas no interior da residência do jogador de futebol mostram o restante da casa, com o próprio jogador comentando sobre cada um dos cômodos. Então o público consumidor de tais imagens, e ávido por notícias do mundo do futebol, pôde observar a imagem de uma piscina coberta, localizada dentro da própria casa, uma ampla sala de jogos, com mesas de sinuca e tênis de mesa e ainda outros detalhes, como uma máquina de fazer tatuagens, etc.

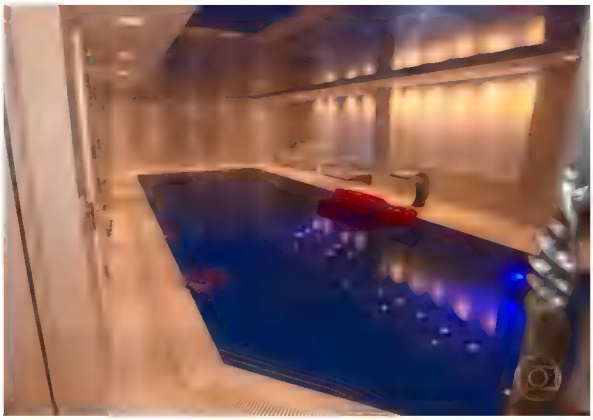


Figura 3 – Piscina coberta na casa do goleiro Ederson.

Fonte: Rede Globo, 2018.

Ao assistir a reportagem, lembrei imediatamente das palavras de um jovem que, ao ser perguntado sobre o que ele imaginava para o futuro dele, respondeu:

> Quero conseguir uma mansão para mim! (A3, 2017).

Reportagens como essas ajudam a fazer com que os jovens adolescentes pensem que a vida de jogador de futebol é normalmente rodeada de luxo, cujos salários elevados e aquisições de carros, casas e outros sonhos de consumo são comuns.

Fischer (2002, p. 89) nos alerta para o fato de que as tecnologias de comunicação são responsáveis por produzir modos de existência, estilos que se apresentam como naturais e imediatos, propondo que a familiaridade das imagens veiculadas na televisão ou em páginas de jornais e revistas, por exemplo, passam a se impor com garantia de verdade e não em uma espécie de jogo de interpretação.

Por isso concordo com Gastaldo (2000), quando comenta que, na nossa sociedade,

> este poder de definição da realidade presente no ato de enunciação está em grande parte localizado no discurso da mídia, de um modo mais explícito no chamado discurso jornalístico e de um modo mais sutil e simbólico no discurso publicitário. O discurso jornalístico tem características que fazem dele uma das maiores fontes de definição de realidade em nossa sociedade (GASTALDO, 2000, p. 107).

Quando falo em "discurso", é preciso lembrar que ele vai muito além da descrição ou definição sobre alguma coisa, como no caso de os "jogadores de futebol" ou a "profissão de jogador de futebol", já que os discursos se formam com legitimidade própria, e podem, inclusive, estabelecer redes conceituais próprias. Em outras palavras, quero dizer que os sujeitos compartilham suas ideias e também aquilo que pensam sobre as coisas por meio do discurso, e, a partir disso, dão significados para estas, assim como aos acontecimentos. É também por meio de outras práticas discursivas, ou da interferência sobre aquelas que

são predominantes, que se pode ativar forças instituintes do imaginário, sendo capaz de produzir novos sentidos, para além daqueles já estabelecidos hegemonicamente.

Hall (1997) explica bem o que estou propondo dizer, quando cita que os discursos são maneiras de se referir ou até mesmo construir o conhecimento sobre algo, como a formação ou agrupamento de ideias, práticas ou imagens que proporcionam formas de se falar de alguma coisa, e também formas de conhecimento e condutas que são associadas a determinado tópico particular ou atividade social.

Destaco também outro aspecto importante citado por Hall (1997), que aponta exatamente para os significados atribuídos aos jogadores de futebol pelos jovens adolescentes. Para Hall (1997), os indivíduos de uma mesma cultura precisam partilhar conjuntos de conceitos, ideias e imagens que os possibilitem pensar e sentir o mundo de uma maneira parecida.

Assim, tais discursos relacionados ao futebol definem aos jovens adolescentes o que seria ou não adequado para suas práticas em relação a esta modalidade esportiva e suas projeções sobre ela, ou seja, para mobilizarem-se e concentrarem todos seus esforços em busca de espaços que desenvolvem atividades com o futebol, para que, um dia, possam estar mais perto de conquistar um lugar onde possam realizar seus sonhos, muitos deles, pelo que foi visto, relacionados a altos ganhos financeiros, como a compra de mansões, carros de luxo e toda sorte de bens de consumo. Cabe lembrar que Laplantine e Trindade (1997) apontam que o imaginário está presente nas fantasias, idealizações e projetos dos indivíduos: "*No futuro eu quero ser jogador de futebol, é o que eu quero, vou me esforçar para ter isso" (B5, 2017).*

Para os jovens adolescentes, os conhecimentos gerados por tais discursos, como aqueles que indicam que a ascensão social por meio do futebol é possível de ser alcançada, são pertinentes e verdadeiros. Como Fischer (1996, p. 123) mesmo diz:

> É possível imaginar que a mídia funcionaria, em nossa época, como uma espécie de lugar de superposição de "verdades", justamente por ter-se transformado em um local privilegiado de produção, veiculação e circulação de enunciados de múltiplas fontes, sejam eles diretamente criados a partir de outras formações, sejam eles gerados nos próprios meios.

Entendendo que os jovens adolescentes estão inseridos em uma cultura onde os discursos que vinculam o futebol aos altos ganhos financeiros são espalhados pelas mídias, tornando o que poderíamos chamar de um "regime de verdade", não causa estranheza esta verdadeira corrida atrás de oportunidades no futebol que são disputadas diariamente, seja nas categorias de base de clubes, escolinhas esportivas ou até mesmo em programas e projetos sociais esportivos. É oportuno salientar, porém, que os jovens adolescentes, não são apenas "vítimas" do imaginário social, são também criadores dele, sempre sendo possíveis deslocamentos de sentidos, a partir das experimentações sociais e das próprias mediações educativas. (CASTORIADIS, 1982).

4.2 ÍDOLOS DO FUTEBOL, CLUBES, IDENTIFICAÇÕES E HEROÍSMO

Dentro da enorme variedade de temas e discussões que podem ser realizadas em torno do futebol, sem sombra de dúvidas, os assuntos relacionados aos seus craques, ídolos do futebol, certamente estão entre os mais lembrados. Lembrados por seus incríveis feitos com a bola, presentes em narrações emocionantes atribuídas a lances magistrais e gols marcados, mas também referenciados por suas atitudes de heróis, os ídolos do futebol estão diariamente retratados em fotos estampadas em uma infinidade de jornais, revistas e sites e são focalizados a todo instante por câmeras de televisão, seja durante os jogos ou em suas atividades do dia a dia. Ganham aqui destaque, o tempo e espaço destinados a esses jogadores em entrevistas, programas esportivos ou outros eventos onde, nem sempre, tais jogadores estão presentes com a finalidade de jogar o futebol propriamente dito. Esses jogadores, bem-sucedidos e personalidades do esporte, são também frequentemente os "temas" preferidos das discussões nas mais remotas esquinas do país e reproduções de informações nas redes sociais. É possível afirmar que estes jogadores, ao alcançarem a posição de ídolo, passam a figurar como personagens importantes na vida dos brasileiros, fazendo parte do imaginário social de milhares de crianças e jovens do país.

Durante a realização desta pesquisa, os jovens adolescentes, ao serem questionados sobre suas preferências por jogadores de futebol, onde poderiam destacar seus ídolos ou atletas que lhes parecessem ser bons exemplos dentro desta modalidade esportiva, indicaram alguns jogadores, explicando os motivos por suas escolhas:

> [...] o melhor exemplo é o Cristiano Ronaldo. Cinco vezes o melhor do mundo. Ele é um cara! Não pela técnica, mas pelo esforço que ele teve desde pequeno. Ele e o Messi estão nesse nível há 10 anos por muito esforço, dedicação (D4, 2018).

Este e muitos outros jovens, ao escolherem um ou mais jogadores para destacar, muitos deles seus ídolos, acabaram lembrando-se de jogadores que não são brasileiros. Morato, Giglio e Gomes (2011, p. 4) anunciaram que, em virtude das facilidades tecnológicas da atualidade, a imagem dos ídolos está cada vez mais presente para seus admiradores e torcedores, mesmo que estes sejam jogadores de países distantes, por vezes sem nenhum vínculo com os clubes de coração de seus fãs. Mas, mesmo que de maneira mais isolada, alguns brasileiros também foram lembrados, como podemos identificar na fala do jovem B4.

> Gabriel Jesus, que ele era um guri como nós, da favela. Até em 2014 estava pintando as ruas da favela dele para a copa, e um ano depois já estava jogando pelo Palmeiras, em 2016 brilhando no Palmeiras. Depois foi para o Manchester City, sempre teve o apoio da mãe dele. Sempre levou isso com humildade, e hoje tá lá. Um dos melhores atacantes do mundo, porque o cara não tirou o foco, não foi cabeça fraca, conduziu a situação com humildade e tá onde tá com o apoio da mãe dele. (B4, 2017)

Ao falarem sobre o fascínio que o futebol exerce no Brasil e no mundo, Morato, Giglio e Gomes (2011, p. 1) lembram que são diferentes elementos que interagem para gerar seu contexto, destacando alguns deles:

> [...] clubes/equipes, as torcidas, a mídia, os jogadores, técnicos e um imensurável número de outros aspectos, criaram ao longo da existência do Futebol, um "sistema" capaz de marcar a história da humanidade e de se liquefazer a ela ao se difundir pelos quatros cantos do mundo. Difusão que tem na imagem do ídolo, um dos misteriosos elementos que contribuem de forma significativa para alimentar sonhos e o fascínio exercido pelo jogo.

Como se percebe, os ídolos acabam exercendo importância destacada para a vida dos jovens adolescentes, aspecto evidenciado nos grupos de discussão, já que estes foram lembrados em diferentes momentos e variados contextos durantes os encontros.

O jovem A6, por exemplo, comenta que seu nome foi escolhido por seu pai em decorrência deste gostar muito de um determinado jogador de futebol. O curioso neste fato foi que o nome escolhido para o menino era de um jogador que não era do time pelo qual seu pai torcia, pelo contrário, era o time de maior rivalidade[7] de seu clube. Por vezes, a admiração e importância dada aos ídolos, pode ultrapassar barreiras clubistas: "*Tenho esse nome por causa de um jogador de futebol, acho que era do Grêmio. Meu pai eu acho que gostava do cara." (A6, 2017).*

Como Koch (2012) destacou, ao falar sobre a importância que os ídolos do futebol exercem sobre seus admiradores, que até mesmo os vínculos com clubes de futebol podem ocorrer por meio da força das mídias em torno de um ídolo. Para exemplificar, este estudioso apontou para os jogadores Neymar e Messi[8], que fizeram com que ocorresse uma verdadeira "onda" de novos torcedores para os clubes onde atuam. Interessante perceber que os clubes destes jogadores não são da mesma cidade ou mesmo país que estes novos torcedores.

Uma reportagem exibida no programa Bom dia Brasil[9] (2014) revelou que, em períodos em que acontecem as Copas do Mundo, alguns nomes chegam a virar moda em cartórios brasileiros. Na cidade mineira de Montes Claros, por exemplo, foram registradas 32 crianças com o nome do zagueiro da Seleção daquela Copa, David Luiz.

Helal (1999) usa o termo "ídolo-herói" para comentar como este termina transformando o universo do futebol em um espaço propício para a produção de mitos importantes para a sociedade, pois são sujeitos que carregam talento e carisma, tornando-os diferenciados dos demais e, por suas trajetórias (conhecidas) de vida, acabam servindo como modelos para os jovens adolescentes, principalmente se analisados seus anseios sociais.

Müller (2017), ao comentar que os sonhos e as fantasias levam ao herói, explica que o herói tem o poder de fascinar simplesmente porque ele personifica o desejo e a figura ideal de ser humano, servindo de modelo para as pessoas.

---

7. A rivalidade entre os dois principais clubes de futebol de Porto Alegre RS, Grêmio Football Portoalegrense e Sport Club Internacional é reconhecida como uma das maiores no futebol mundial. O depoimento do jovem adolescente deu a entender que seu pai, torcedor do Internacional, acabou dando o mesmo nome para seu filho de um dos jogadores de maior destaque do clube rival, ídolo do Grêmio. Esse fato mostra o enorme fascínio que os ídolos do futebol podem causar sobre os amantes desta modalidade.

8. Lionel Andrés Messi Cuccittini é um jogador de futebol argentino conhecido por sua grande habilidade com a bola. O jogador que atuou várias vezes por sua seleção nacional é um dos ídolos mais consagrados no *Futbol Club Barcelona*, equipe de futebol da Espanha, considerada por muitos especialistas em futebol, como um dos clubes de futebol mais importantes do mundo.

9. Bom Dia Brasil é um telejornal exibido pela Rede Globo.

Campbell (2008, p. 18) também fala sobre a importância de modelos para o ser humano, afirmando que não é fácil construir uma vida própria sem ter acesso a um modelo, destacando que são exatamente os mitos da sociedade, que terminam podendo se constituir nestes modelos.

> Como processo de compreensão da realidade, o mito não é lenda, mas verdade. Quando pensamos em verdade, é comum nos referimos à coerência lógica, garantida pelo rigor da argumentação e pela apresentação de provas. A verdade do mito, porém, é intuída, e, como tal, não necessita de comprovações, porque o critério de adesão do mito é a crença, a fé. O mito é portanto uma intuição compreensiva da realidade, cujas raízes se fundam nas emoções e na afetividade. Nesse sentido antes de interpretar o mundo, o mito expressa o que desejamos ou tememos, como somos atraídos pelas coisas ou como delas nos afastamos (ARANHA; MARTINS, 2002, p. 72).

O que as autoras afirmam, pode ser evidenciado de modo sensível no contexto do futebol, já que como Morato, Giglio e Gomes (2011) salientam, a idolatria por jogadores de futebol pode aparecer por meio de admiração ou imitação. Lembro aqui, conforme estes autores, que admirar é um modo de observar com atenção o que faz determinada pessoa e imitar é procurar realizar os seus feitos, mesmo que isso aconteça de forma simbólica: "É uma forma de se aproximar do ídolo e de se sentir em seu lugar" (MORATO; GIGLIO; GOMES, 2011, p. 4-5)

Ao falar dos ídolos recentes do futebol, aproprio-me daqueles que Morin (2007) chamou de "*olimpianos modernos*" [10], que se encontram situados entre o imaginário e o real, também podendo ser considerados os astros das mídias. Sobre eles, este intelectual de renome afirmou:

> Os novos olimpianos são, simultaneamente, magnetizados no imaginário e no real, simultaneamente, ideais inimitáveis e **modelos imitáveis** (...) a imprensa de massa, ao mesmo tempo que investe os olimpianos de um papel mitológico, mergulha em suas vidas privadas a fim de extrair delas a substancia humana que permite a identificação (MORIN, 2007, p. 106-107, grifo meu).

Estas imitações, conforme professores e gestores dos PPSE entrevistados durante a pesquisa, parecem ser comuns entre os jovens adolescentes, como é possível perceber em algumas das respostas que destaco:

> Acho que as crianças criam uma identidade com seus ídolos. A questão do cabelo principalmente né?! A gente vê os meninos nas aulas fazendo o teatro que eles veem na televisão, se atirando no chão, falando com o professor11 com as mãos para trás... A comemoração de gol, entre os pequenininhos é "sarrada", como o Cristiano Ronaldo (DP2, 2018).

Ainda, conforme um dos gestores de PPSE,

10. Morin em seus escritos trabalha com o conceito "olimpiano", estabelecendo uma relação com a mitologia grega. Nesse sentido, relaciona os deuses gregos que habitavam o Monte Olimpo com o que seriam os "deuses", heróis e celebridades da atualidade, os quais ele chama de olimpianos modernos, como atletas campeões, astros do cinema, reis ou artistas célebres (MORIN, 2007, p. 105).

11. O professor entrevistado relata que o modo com que os jovens adolescentes se dirigem aos professores durante os jogos nos PPSE se assemelha a maneira com que os jogadores profissionais de futebol se dirigem aos árbitros das partidas.

> Com certeza as crianças e jovens vestem a identidade de seus ídolos do futebol. Eles vestem as camisetas dos clubes como Barcelona, Real Madrid, eles cortam o cabelo como o Neymar cortava, eles realmente incorporam essa questão que encanta eles (DG1, 2018).

E aqui é preciso ressaltar que essa imitação dos ídolos não fica restrita apenas ao uso de uma ou outra camiseta personalizada ou com a numeração específica de um jogador, já que os ídolos do futebol acabam quase lançando modas para o público jovem, seja a partir dos seus modos de comemorar os gols, se comportarem ou até pentearem seus cabelos. Lembro também que uma gama de produtos e artefatos ligados a clubes ou jogadores de futebol é oferecida para serem comprados, como bonés, mochilas, faixas, bolas, etc. A partir destas aquisições, os jovens sentem-se mais próximos de seus jogadores, e também criam vínculos de pertença a seus grupos sociais. Como Maffesoli (2006) afirma, os integrantes de um grupo partilham hábitos que passam a significar e determinar o "estar junto".

É possível afirmar assim que, para que sejam reconhecidos, os jovens adolescentes adquirem e passam a adotar marcas de identidade, podendo assim ter maiores chances de se exibirem e a partir disso serem reconhecidos também no seu meio. Isso foi possível confirmar a partir do relato de DP1 sobre este tema, quando afirmou que:

> As crianças assumem a identidade destes craques de modo muito grande. Pela razão dos craques serem muito valorizados, as crianças talvez pensem que imitando suas atitudes também serão muito valorizadas. Talvez seja alguma coisa psicológica. A criança viu que aquilo que o atleta fez deu certo, então ela acaba assumindo esse papel... Até a questão de vestimenta, de estar na moda, de estar bem (DP1, 2018).

Koch (2012) vai mais longe, alegando ser essa busca de aproximação dos jovens com os ídolos esportivos uma necessidade vital:

> Não há dúvida que crianças e jovens buscam referências identitárias quando procuram se aproximar dos comportamentos, roupas, linguagem e estilos das celebridades, sejam estas do esporte, da música ou dos seriados e novelas da TV. Mesmo sem haver um contato direto, para a grande maioria desses infantes, os padrões que astros e estrelas da cena contemporânea difundem com auxílio da mídia – mas não só através dela – adquirem aspectos de necessidades vitais. (KOCH, 2012, p. 169).

Wisnik (2008) assinala que, em virtude do esporte ser uma poderosa estrutura de entretenimento, possuindo jogadores como estrelas, permite que eles, independente de sua origem social, se tornem astros publicitários, já que além de possuírem contratos milionários com clubes, principalmente da Europa, são celebridades globais que participam dos lucros recebidos por produtos com seus nomes.

> O futebol é posto a participar, pela sua capacidade única de fisgar o desejo dos sujeitos, num regime de realimentação imaginária em que seus ícones são induzidos a se confundirem com as logomarcas, que se confundem circularmente com os ícones do jogo (WISNIK, 2008, p. 161).

Feltes (2017), ao comentar sobre a influência do jogador Neymar sobre as crianças

e jovens, afirma em seus estudos que percebeu nitidamente a relação entre os seus alunos e a imagem deste jogador. A pesquisadora ilustra essa situação ao falar do uso de determinados pertences e chuteiras pelos jovens e ainda seus modos de se expressar. Segundo ela, muitas vezes esta imitação e estilo adotados pelos jovens não são percebidos por eles próprios, pois se trata do resultado daquilo que a mídia divulga e evidencia de um jogador específico, bem como do espaço que tais informações ganham no seu dia a dia (FELTES, 2017, p. 9). Um dos professores afirmou exatamente isso, comentando que:

> Às vezes sem perceber, as crianças imitam muito os ídolos, o atleta que aparece na mídia, no Instagram, no Face book, na TV, eles imitam tudo. Querem ser parecidos. Toda ação ou atitude do atleta, dentro e fora do campo, nos pequenos detalhes são imitadas. As crianças vão imitar, vão querer ter alguma relação com estas atitudes (DP1, 2018)

Hall (1997, p. 3) comenta que, por meio do uso que fazemos das coisas, o que dizemos, pensamos e sentimos sobre estas, como as representamos, é que lhe damos significados. Nesse sentido, são dados significados aos objetos, pessoas e eventos por meio da estrutura de interpretação que levamos conosco e tendemos a reproduzi-la. Para o autor, são dados significados para as coisas por meio da forma que as utilizamos ou passamos a integrá-las nas nossas práticas do dia a dia.

> Em parte damos significado às coisas através da forma como as representamos – as palavras que usamos, as historias que contamos acerca destas coisas, as imagens que produzimos, as emoções que associamos às mesmas, as maneiras como as classificamos e conceituamos, os valores que lhes damos (HALL, 1997, p. 3).

Ora, é possível assim começar a entender como os discursos midiáticos atuam no imaginário por meio da representação que estes terminam construindo sobre seus ídolos do futebol. Cabe lembrar que, conforme Castoriadis (1982), a representação não deve ser considerada uma cópia da realidade objetiva, já que ela está relacionada com a psique do sujeito, ou seja, as representações são acompanhadas por redes afetivas e ao mesmo tempo inseridas em um processo intencional, sempre potencialmente aberto à transformação.

Assim, são construídos significados sobre a profissão de jogador de futebol; significados estes ligados a emoções e a tudo aquilo que é pensado e dito sobre tal carreira, seja por meio dos discursos midiáticos ou por meio daquilo que é dito ou compartilhado por pessoas de uma mesma cultura.

Para Maffesoli (2001), o imaginário é algo que ultrapassa o indivíduo, que envolve o coletivo ou, pelo menos uma parte do coletivo. Ainda conforme este autor, o imaginário funciona por meio da interação, uma espécie de sensação partilhada. Complementa dizendo que:

> O imaginário, mesmo que seja difícil defini-lo, apresenta, claro, um elemento racional, ou razoável, mas também outros parâmetros, como o onírico, o lúdico, a fantasia, o imaginativo, o afetivo, o não racional, o irracional, os sonhos, enfim, as construções mentais potencializadoras das chamadas práticas (MAFFESOLI, 2001, p. 76-77).

O que estou propondo dizer é que a partir das histórias de vida dos ídolos do futebol, seguidamente narradas nas mídias, na maioria das vezes marcadas por dramas e superação antes que tenham alcançado o sucesso, fama e riqueza, são criadas e reafirmadas representações e sentidos que circulam entre os jovens adolescentes e parecem afirmar que, através de muito esforço e perseverança, todos poderão "chegar lá".

Conforme Rubio (2002, p. 1), os atletas profissionais da nossa época, em virtude do poder e influência que os meios de comunicação detêm sobre o espetáculo esportivo, são reconhecidos e tratados como personalidades, ídolos e heróis, e , mais do que isso, acabam constituindo-se como ideais de ego de boa parte da juventude, já que sua imagem está associada ao sucesso, fama e vida gloriosa, exatamente os valores que são cultivados e desejados pela sociedade de hoje.

Então o futebol passa a ser percebido como o caminho mais fácil e oportuno para a tão desejada ascensão social e o estrelato. Os jogadores consagrados, ídolos e heróis dos jovens, com suas vidas ligadas ao luxo, riquezas e acompanhados de suas belas mulheres, se constituem em modelos e carregam consigo ideais de vida para os jovens adolescentes, principalmente pelo fato de parecerem viver de modo fácil e tendo conquistado a tão sonhada felicidade.

> Quero jogar futebol mais pela condição financeira, para ajudar da minha família, e também porque quero mostrar para os outros que todo mundo pode, que nem eu, não venho da elite econômica do país, eu venho mais de baixo, daí eu quero mostrar que todo mundo pode chegar lá, eu quero ir, chegar, eu quero poder fazer isso, e é uma coisa que eu gosto de fazer. Eu quero mostrar! (D6, 2018).

Ao tratar nesta linha de análise sobre a importância que os ídolos do futebol possuem para os jovens adolescentes, discorro a seguir sobre outras questões que emergiram fortemente entre os jovens e por isso se tornaram importantes para esta linha. Naturalmente, jogadores habilidosos e reconhecidos por serem goleadores em seus clubes ou nas seleções nacionais foram lembrados e citados ao longo das discussões. Porém, ao abordar os jovens sobre quais seriam os jogadores e/ou que tipo de características que estes deveriam ter para serem considerados bons exemplos de futebolistas, elementos, qualidades e atributos diferentes que o número de gols marcados ou conquistas esportivas ganharam o mesmo, ou maior destaque, entre os jovens. Para os jovens adolescentes, tais jogadores e suas qualidades, conforme alguns exemplos a seguir, são referenciais para a profissão de jogador de futebol, e estes, são os melhores exemplos de bons futebolistas.

> Em todo o mundo habitado, em todas as épocas e sob todas as circunstâncias, os mitos humanos têm florescido; da mesma forma, esses mitos têm sido a viva inspiração de todos os demais produtos possíveis das atividades do corpo e da mente humanos (CAMPBEL, 1997, p. 3).

Como Helal (1998, p. 2-3) percebe, a mídia, público, fãs, pessoas anônimas, ídolos e audiência, mesmo que pertencentes a dimensões sócio-existenciais diferentes, acabam coexistindo dentro de um universo integrado em que uma parte termina não fazendo sentido sem a outra.

A partir de agora apresento uma sequência de falas nas quais selecionei e que

evidencia de modo reiterado o que afirmei anteriormente.

> Cristiano Ronaldo perdeu o pai quando era pequeno, foi expulso da escola porque tocou uma cadeira na professora. A professora disse para ele que o futebol nunca iria dar para ele o que comer, daí ele pegou e tocou a cadeira na professora. ***Hoje em dia, não fez tatuagem para doar sangue, ele doa parte do salário dele para ONG***. (A4, 2017. Grifos meus).

Cristiano Ronaldo foi um dos jogadores mais lembrados pelos jovens adolescentes, neste caso, destacado por suas dificuldades enquanto criança, sem um pai e com a professora alertando que não seria o futebol quem lhe daria um futuro seguro e com bom retorno financeiro. Outro aspecto lembrado por A4 foram os atos de bondade do atleta, seja sendo doador de sangue ou destinando parte de seus ganhos para instituições de caridade. Outro jogador, também estrangeiro, foi de mesmo modo lembrado por causa das dificuldades passadas em sua infância, "muito pobre", e por hoje, depois de alcançar a fama e muito dinheiro, também realizar atos de caridade.

> Balotelli[12] para mim é um exemplo de bom jogador. Italiano, naturalizado. Eu vi entrevistas de vários jogadores, ele entende que futebol é a profissão dele. ***Metade do salário dele ele doa para crianças carentes lá da comunidade dele***, *ele ajuda*. ***De onde ele veio, era uma coisa muito pobre*** e ele teve que se naturalizar italiano. Não lembro o país que ele veio, ***mas então metade do salário dele ele ajuda***, a outra metade é dele é claro (A2, 2017. Grifos meus).

É possível identificar como algumas histórias narradas pelos jovens se repetem. Novamente lembro, a partir de Maffesoli (2001), que o imaginário ultrapassa o indivíduo, podendo tomar conta do coletivo. Neste caso, as histórias repetiram-se com os mesmos personagens e com o mesmo teor de dramaticidade e superação. Algumas delas apresentam mínimos detalhes, informações que deixam evidenciar o quanto tais histórias têm significação importante para os jovens e são lembradas por eles, narradas com emoção.

> Cristiano Ronaldo é um bom exemplo de bom jogador, ***quando era menor ele perdeu um pai, teve problema, não sei se foi no coração***, *não sei muito bem*. ***Era muito miudinho***, quando ele treinava, treinava com peso de academia, tipo aqueles peso de areia nas pernas (...). Hoje em dia ele treina e tem tudo que quer, consegue ser um bom jogador de futebol porque pensou nisso sempre, era o que queria para a vida dele. ***Os problemas que ele tinha, conseguiu esquecer com o futebol***. Não faz tatuagem porque doa sangue semanalmente. Outro exemplo seria o Samuel Etoo. Não faz nem um mês que ele fez isso... Não lembro qual era o país, mas tinha uns refugiados lá. ***Ele pagou um avião para os refugiados***, tinha uns quatrocentos e pouco, e levou para outro país, não lembro qual, levou eles para um abrigo. Hoje eles estão bem, com médico um monte de coisas. (B5, 2017. Grifos meus).

Como é possível perceber, mais uma vez, Cristiano Ronaldo foi lembrado, e novamente foi o personagem principal em um depoimento que evidencia as dificuldades deste atleta na infância e sua caminhada de superação. Os temas "dinheiro" e "bondade"

12. Mario Balotelli é um jogador de futebol italiano, porém filho de pais nascidos em Gana, país ocidental da Africa. Quando criança, em virtude das dificuldades financeiras de seus pais e sua condição de saúde frágil, foi adotado por outra família.

também surgem de novo. Desta vez indicando que outro jogador, Samuel Eto'o[13], teria sido o redentor, o salvador de centenas de refugiados que, graças a ele, hoje não passam mais dificuldades, estão bem.

Outros depoimentos referentes a Cristiano Ronaldo ganharam destaque nas discussões:

> Ronaldo ***veio de uma família humilde*** em Portugal ***e se esforçou***. Falam que ele nasceu para o esporte, como o Messi, mas aquele lá é um craque. O Cristiano Ronaldo não era assim. Com ele, foi ***mais esforço***. Ele foi treinar, ele foi atrás e até hoje, com 33 anos, ele continua na melhor fase da carreira dele, de forma física. Treina, treina... (B8, 2017. Grifos meus).

> O grande exemplo é Cristiano Ronaldo. Sempre gostei dele, por ser o melhor do mundo e ***por ser o melhor do mundo também com as pessoas***. Vi no face que ele é ***o jogador mais caridoso do mundo***, que ***ajuda as pessoas com câncer***, esses problemas aí. (C1, 2017. Grifos meus).

> Cristiano Ronaldo, porque ele é humilde. Teve uma vez que ele acertou a bola no neném e o neném chorou. Ele foi lá e deu a bola com assinatura e a camiseta dele, eu acho que ***foi um ato de bondade***. Eu vejo os vídeos dele, e ***ele ajuda igrejas, ajuda pessoas com câncer*** e eu acho isso um ato bom (C4, 2017. Grifos meus).

Por fim, apresento uma fala de um dos jovens que, além de apresentar aspectos semelhantes aos depoimentos anteriores, traz outro elemento interessante, o fato de o jogador citado ter iniciado sua carreira em um projeto social. Mesmo sendo Manuel Neuer um jogador que atua em uma posição onde não é comum o reconhecimento e a fama – goleiro, pelo contrário, normalmente lembrado por suas falhas –, o jovem D9 falou:

> Manuel Neuer. **Ele veio de baixo, começou em um projeto social** na Alemanha, um exemplo de postura e de caráter também. **Ajuda muito as pessoas que estão em hospitais**, ele está **sempre fazendo caridade**, ele é um exemplo a ser seguido para mim. Eu tenho essas informações porque ele é meu jogador preferido e eu gosto de pesquisar (D9, 2018. *Grifos meus).*

A intenção de mostrar tantos exemplos para esta etapa das análises se deu de modo intencional; primeiramente para evidenciar que, não coincidentemente, o jogador mais lembrado pelos jovens adolescentes foi Cristiano Ronaldo, jogador que foi eleito cinco vezes o melhor do mundo[14], o que certamente indica ser ele um dos atletas mais presente nas mídias, tanto em decorrência de sua *performance* nas partidas, campanhas publicitárias ou ainda em outros tipos de notícias ou informações, dentro ou fora do futebol. Este atleta foi lembrado em todos os PPSE, tanto pelos jovens como pelos professores. Como Pilotto (2000, p.2) informou, este processo de exposição centralizada em um ou mais jogadores, pode acontecer antes mesmo da consagração de um jogador de futebol, já que

13. Samuel Eto'o é um jogador de futebol nascido em Camarões. Durante muitos anos fez sucesso no futebol europeu, atuando em clubes importantes como o Real Madrid (início da carreira) e Barcelona, onde conquistou muito sucesso devido a seus gols e grande velocidade nos arranques. Atualmente o jogador atua no Qatar Sports Club, clube de futebol do Oriente Médio.

14. Cristiano Ronaldo foi eleito o melhor jogador do mundo pela Federação Internacional de Futebol cinco vezes, 2008, 2013, 2014, 2016 e 2017.

acaba servindo por vezes para a fabricação dos ídolos.

> A fabricação dos ídolos esportivos (como de outros ídolos) ocorre em um processo que envolve publicação sistemática de artigos, textos publicitários, narração de jogos, comentários de especialistas, etc que põe em destaque qualidades e atributos distintos desses sujeitos e que os configuram como especiais. Tal processo de fabricação ocorre em todas essas instâncias da mídia (PILOTTO, 2000, p.2).

Ao destacar como Cristiano Ronaldo foi lembrado pelos jovens adolescentes, recordo o que Maffesoli (2006) comenta sobre os microgrupos tribais da atualidade, o que podemos dizer que representam também os grupos formados por estes jovens no interior dos PPSE. De acordo com Maffesoli (2006), no nosso tempo, emoção e ritual se confundem, onde o culto a algum herói, por exemplo, desempenha um papel de reforçador da identidade e da coesão do grupo, o que vem a contribuir para a constituição das ideias compartilhadas entre seus integrantes.

Foi possível identificar um aspecto de relevância para a discussão, esse localizado nos argumentos que os jovens destacaram para eleger aqueles jogadores que, para eles, serviriam de exemplos como bons jogadores de futebol. Cabe ressaltar que ao introduzir este tema nos grupos de discussão, foi explicado que ao tratar daqueles que os jovens considerassem seus ídolos ou bons exemplos de jogadores de futebol, os jovens poderiam falar de todos os aspectos e qualidades que julgassem importantes, fossem estes ligados a habilidades técnicas, capacidades físicas ou ainda outras coisas que poderiam lhe chamar a atenção.

Conforme visto no grande número de depoimentos apresentados, nem mesmo aquele jogador que foi considerado o melhor do mundo cinco vezes, foi lembrando por sua capacidade técnica, dribles desconcertantes, recordes de gols marcados ou conquistas, mas foi aclamado por sua trajetória de superação de dificuldades enfrentadas ao longo de sua infância e carreira, e de modo bem evidente, por sua conduta fora de campo, principalmente no que se refere às causas sociais.

Helal (1999) lembra que os ídolos do esporte são considerados heróis, e como tal, de acordo com Morin (1980), estes (os heróis) devem agir com a intenção de redimir a sociedade.

Conforme Campbell (1990), o herói é aquele ser que deu sua própria vida por alguma coisa maior que ele mesmo, realizando coisas e passando por experiências que poucas pessoas passaram. Os ídolos do futebol, já idolatrados por suas jogadas e façanhas dentro de campo, após terem reconhecidas suas jornadas de superação e ainda dedicação e esforço a causas maiores, como atos de bondade, generosidade e compaixão, passam a ser venerados como heróis, passando a ocupar lugar de contemplação e respeito por uma infinidade de torcedores e apaixonados pelo futebol. Como Helal (1999, p. 3) lembra, "o herói tem de preencher outros requisitos - tais como perseverança, determinação, luta, honestidade, altruísmo - para se firmar no posto".

As difíceis trajetórias de vida de alguns jogadores de futebol (exceções) que "chegaram lá" parecem se multiplicar nas mídias, sendo narradas de forma mítica, muitas vezes em produções que parecem dar mais drama ainda a tais conquistas. Durante o

período que antecedeu a Copa do Mundo de 2018, a história de vida do jogador belga Romelu Lukako[15] ganhou repercussão, transformando-se inclusive em um documentário[16]. Transcrevo abaixo alguns trechos, narrados por ele próprio, que ganharam repercussão em diferentes redes de televisão, rádios, revistas, jornais e sites, obtendo também milhares de compartilhamentos nas redes sociais.

> Eu lembro exatamente do momento em que **estávamos sem dinheiro**. Eu consigo visualizar o rosto da minha mãe (...) estava misturando água com leite. (...) **Nós não tínhamos nada. Não éramos só pobres, não tínhamos nada (...) Sem eletricidade** por duas ou três semanas às vezes. (...) Minha mãe pegava uma chaleira com água, aquecia no fogão e eu ficava com uma caneca para derrubar a água quente em mim e poder tomar banho. (...) Os padeiros conheciam eu e meu irmão, então eles deixavam pegar um pouco do pão na segunda-feira e pagar na sexta-feira (...) **Essa era a nossa vida**. (...) juro por Deus, que fiz uma promessa a mim mesmo (...) Eu sabia exatamente o que tinha que fazer e o que ia fazer. Eu não poderia ver minha mãe vivendo assim. Não, não, não. (...) eu lembro de sentar no escuro com meu irmão e minha mãe fazendo a nossa prece e **pensando, acreditando, sabendo**... que ia acontecer (...) finalmente, um dia, eu contei a ela: "Mãe, as coisas vão mudar. Você vai ver. **Eu vou jogar futebol** pelo Anderlecht, e vai acontecer logo. Eu e meu irmão **vamos nos dar bem**. Você não vai precisar se preocupar". Eu queria ser o melhor jogador da história da Bélgica. Aquele era meu objetivo. Não um jogador bom. Não um ótimo jogador. O melhor. Eu jogava com tanta raiva por causa de tanta coisa. **Pelos ratos que entravam no nosso apartamento (...) Eu tinha uma missão.** (...) Um dia eu fui conversar com meu avô, o pai da minha mãe (...) Ele disse: "você pode me fazer um favor?". **Ele falou: "Pode cuidar da minha filha, por favor?"** Eu lembro de estar muito confuso, pensando "o que o vovô tá falando?" (...) Ele disse: "Você pode me prometer? Cuida da minha filha por mim, ok?" Eu falei: "Ok, vô, pode deixar. Eu prometo". Cinco dias depois, **ele faleceu**. Aí eu entendi o que ele quis dizer." (Grifos meus).

A história de vida de Lukako, tornada pública e divulgada nas mídias, apresenta elementos fortes de dramaticidade, privações, perdas, sofrimento e dor. Tais sentimentos ganham mais corpo quando a narrativa é do próprio jogador. O futebol passa a entrar em cena na história com apelos divinos, como o caminho da salvação, não só de Lukako, mas de sua família. Disponível em inúmeras mídias, essa história não termina com a promessa feita pelo jogador, mas com a narração de toda sua caminhada de superação e sucesso, destacando os clubes por onde o atleta passou, seu reconhecimento, até sua consolidação como craque, representante da seleção de seu país.

A empresa *Sportingbet.tv*, também apropriando-se de um ídolo do futebol, desta vez brasileiro, o meio-campista da Seleção, Paulinho, criou um comercial chamado de "qual é a chance?". O comercial[17], veiculado repetidas vezes nos canais de esportes da TV e

15. Romelu Lukako é um jogador de futebol nascido na Bélgica. Atacante e dotado de muita força física, na Copa de 2018 foi considerado um dos jogadores mais importantes da competição.

16. O Texto original leva o nome de *I've Got Some Things to Say* e se encontra no site The Players Tribune. Disponível em: <https://www.theplayerstribune.com/en-us/articles/romelu-lukaku-ive-got-some-things-to-say>. Acesso realizado em: 20 nov. 2018. Em um vídeo disponibilizado no *YouTube*, o mesmo texto se encontra narrado em português, enquanto que imagens do jogador Lukako são projetadas. O número de visualizações deste vídeo que narra a história do jogador ultrapassou a casa dos dois milhões.

17. O comercial foi exibido na televisão e também em diferentes sites, como no Portal Press. Além de um texto explica-

ainda nas redes sociais, mostra Paulinho correndo dentro do meio urbano, com velocidade, transparecendo realizar muito esforço. Ao chegar a um ambiente escuro, o jogador abre uma porta e segue cabisbaixo, caminhando no escuro. Depois, várias imagens trazem o jogador fazendo exercícios físicos fortes, subindo grandes escadas, superando obstáculos e desafios difíceis. Ao final, a glória, sendo o jogador reconhecido e famoso, colocado junto à bandeira nacional, onde aparece sua foto estampada em uma propaganda de outdoor em um país distante. Como se não bastassem às imagens e toda simbologia contida nelas, o comercial ainda é exibido enquanto o seguinte texto é narrado:

> Qual é a chance de um brasileiro ser jogador de futebol? De cara começar com tudo. Qual a chance de ver o sonho de jogar na Europa se tornar realidade? De chegar lá e dar tudo errado. Qual é a chance dele voltar, começar de novo. Qual a chance dele subir, vencer, ser considerado por duas vezes o melhor do Brasil. Qual é a chance dele conquistar a América e logo depois o mundo, de voltar para a Europa. Qual a chance dele fazer um negócio da China, e quando ninguém mais botasse fé, voltar com tudo pra vestir a maior camisa do futebol do mundo. Pode acreditar, brasileiro sempre chega, todo mundo tem uma chance. *Sportingbet.tv*. Aproveite a sua!

Aproveite a sua chance! Essa parece ser realmente a busca e pensamento dos jovens adolescentes pertencentes aos PPSE onde a pesquisa foi realizada, pois independente do tipo de atividades desenvolvidas com o futebol nestes espaços, a preocupação e expectativa que estes jovens possuem em relação a seu futuro e encaminhamento profissional caminha primeiramente para a tentativa em ser jogador de futebol, e mais do que isso, ser um grande ídolo do futebol.

Dayrell (2016, p. 258), ao falar da juventude, lembra-se da importância de reconhecer esse período como uma fase importante de formação, onde os jovens tendem a se descobrir e enxergar as possibilidades em diferentes instâncias de suas vidas, tanto na dimensão afetiva, como na profissional.

Como Pimenta (2006, p. 225) diz, "a mídia, ao veicular somente a história dos vencedores, amolda a projeção do sonho, da fama e, consequentemente, cria expectativa em relação aos benefícios de uma carreira de sucesso". Tais ídolos esportivos, como dito antes, se tornam tipos ideais a serem seguidos, principalmente por estarem tão perto daquilo que é projetado na vida dos jovens adolescentes como uma boa e verdadeira vida.

> As estrelas, em suas vidas de lazer, de jogo, de espetáculo, de amor, de luxo, e na sua busca incessante da felicidade simbolizam os tipos ideais da cultura de massa. Heróis e heroínas da vida privada, os astros e estrelas são da ala ativa da grande corte dos olimpianos, que animam a imagem da ***verdadeira vida***. (MORIN, 2007, p. 108).

São como heróis, que, além de fascinar as pessoas, permitem que estas se identifiquem com seus medos, sofrimentos, lutas e derrotas pela sobrevivência. O herói serve de consolo nos tempos difíceis e, ao mesmo tempo, dá esperança de que mesmo com todas as adversidades, será possível conseguir algo, até mesmo quando já não há mais saída (MÜLLER, 2017).

---

tivo sobre a propaganda, este site também disponibiliza o vídeo completo que era exibido na televisão. Disponível em: <http://voxnews.com.br/sportingbet-tv-e-paulinho-qual-a-chance/>. Acesso em: 12 out. 2018.

Os jovens adolescentes, não por acaso, escolheram como exemplos de futebolistas para si, atletas famosos e muito ricos, que possuem em suas histórias de vida uma luta contra toda sorte de adversidades e pobreza antes de alcançarem o sucesso. Exatamente nestas histórias de superação e ascensão social que os jovens se enxergam (identificam), acreditando que também poderão realizar o mesmo caminho percorrido por seus ídolos, vencendo a pobreza e superando todas as dificuldades que passaram na infância ou juventude. Os ídolos e suas histórias narradas nas mídias fazem com que os jovens percebam no futebol a melhor oportunidade par vencer na vida e também um dia se tornarem ídolos, seja no Brasil ou no mundo todo.

Segundo Debus e Oliveira (2013, p. 363), "o próprio Imaginário possibilita isso, permitindo que se reconheça no outro o "eu", formando uma atmosfera de igualdade, mesmo que por algum tempo". Mas cabe lembrar que, de acordo Maffesoli (2001), o imaginário, sendo uma construção mental e ambígua, é perceptível, porém não quantificável, opondo-se ao real, ao verdadeiro, ou seja, o imaginário pode ser compreendido como alguma coisa sem necessária consistência ou realidade.

Ao falarem sobre um eventual sucesso financeiro por meio do futebol, assim como na história de Lukako, os jovens expuseram suas preocupações com suas famílias. Afirmaram que, caso isso acontecesse, poderiam dar uma condição de vida melhor para seus familiares, principalmente suas mães.

> Gostaria de ser jogador de futebol pra ajudar a família a ter uma condição melhor, a parte financeira faz diferença na vida. Eu acho que jogador de futebol ganha bem (C1, 2017).

> ... pra ajudar a família, porque eu gosto, não me sinto mal fazendo, me sinto bem, e as condições são boas de um jogador de futebol, porque eu acho que eles ganham bem. (C4, 2017).

Ora, fica notório que o futebol, no imaginário social vivido por jovens adolescentes, está inserido em um contexto semelhante às histórias de vida de seus ídolos-heróis que, mesmo após a realização de façanhas e grandes feitos no esporte, não se esqueceram das pessoas comuns, agindo em favor dos menos favorecidos, principalmente seus familiares. Percebe-se que o futebol no imaginário destes jovens adolescentes está entrelaçado com suas relações afetivas, envolto de paixões. Seus heróis esportivos, ídolos do futebol, mais do que exemplos, parecem apontar para a direção correta de suas vidas e de suas expectativas. Como Silva (2006, p.12) indica,

> [...] o imaginário é um sonho que realiza a realidade, uma força que impulsiona indivíduos ou grupos. Funciona como catalisador, estimulador e estruturador dos limites das práticas. O imaginário é a marca digital simbólica do indivíduo ou do grupo na matéria do vivido. Como reservatório, o imaginário é essa impressão digital do ser no mundo. Como motor, é o acelerador que imprime velocidade à possibilidade de ação. O homem age (concretiza) porque está mergulhado em correntes imaginárias que o empurram contra ou a favor dos ventos.

4.3 SOCIABILIDADES ESPORTIVAS, REDES DE CONVIVÊNCIA, INTERATIVIDADE E RISCOS SOCIAIS

Dada a importância reconhecida que o futebol tem para os brasileiros, não poderia ser diferente esta modalidade esportiva dotar de boa vocação para o desenvolvimento de sociabilidades e ser responsável pela formação de diferentes redes de convivência, onde a amizade e o sentimento de pertença podem ser aflorados.

Rottmann (2012, p. 43) afirma que, devido à popularização enorme que o futebol alcançou, ele se tornou um fenômeno sem igual, principalmente no que se refere ao número de pessoas que o praticam em vários lugares pelo mundo, e que se aproximam e desenvolvem um sentimento de pertencimento e proximidade em virtude de suas paixões pelo esporte.

Costa (1999, p. 10) ilustra bem em seus escritos a espécie de "poder" que o futebol acaba podendo exercer sobre seus participantes, quando afirma que se fosse dada uma bola de futebol para onze jogadores, mesmo que de onze países diferentes, falando línguas diferentes e ainda pertencendo a distintas raças e religiões, a possibilidade de que eles se entendessem, jogassem e se divertissem seria grande, com grande chance, acabariam sendo amigos.

Por tratar de jovens adolescentes pertencentes à PPSE que tenham envolvimento com o futebol, também convém lembrar o que Brenner, Dayrell e Carrano (2005) destacam ao falarem sobre práticas juvenis, lembrando da importância do lazer como produtor de sociabilidade e como espaço para a consolidação de relacionamentos. Para estes autores,

> A convivência em grupos possibilita a criação de relações de confiança; desse modo, a aprendizagem das relações sociais serve também de espelho para a construção de identidades coletivas e individuais (...) Nos espaços de lazer os jovens podem encontrar as possibilidades de experimentação de sua individualidade e das múltiplas identidades necessárias ao convívio cidadão nas suas várias esferas de inserção social (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2005, p. 177)

Ao falar sobre atividades de lazer para jovens adolescentes, é preciso lembrar que, em nenhum outro momento da história, a gama de ofertas de atividades com esse intuito, principalmente aquelas oriundas das novas tecnologias, se ofereceu com tamanha voracidade para estes. Assim, é possível afirmar que o modo com que os jovens ocupavam seu tempo livre e faziam suas opções por atividades de lazer em outras épocas, certamente se distingue de hoje, já que os costumes e preferências eram diferenciados se comparados com os dias de hoje. Certamente, as atividades esportivas não recebiam tamanha concorrência de centenas de jogos eletrônicos, aplicativos, redes sociais e outra gama de passatempos que estão vinculadas a Internet e parecem ocupar cada vez mais crianças e jovens de hoje, mesmo aquelas de classes sociais menos favorecidas.

Aproprio-me de Abramovay et. al. (2015, p. 141) ao afirmarem, por meio de um programa de estudos sobre as juventudes, que, para todos os jovens, a Internet, especificamente o *Facebook*, acabe sendo o principal divertimento, bem como um instrumento de aprendizagem, que dá sentido de pertencimento através das redes e

possibilita a troca de ideias.

Setton (2005) já anunciava que o contato com outros universos parece estar presente cada vez mais cedo na vida das pessoas, muito além dos familiares. Essa autora, ao comentar sobre o surgimento de um mercado difusor de informações e entretenimento, com caráter socializador, mais notado a partir da década de 70 no Brasil, tanto a família como a escola, aos poucos perdem sua influência na construção de identidades sociais e individuais das pessoas. A autora refere-se ao surgimento da cultura de massa, que se apresenta com diversidade e aparato tecnológico, e consegue tornar público conselhos e estilos de vida (SETTON, 2005, p. 346).

Não parece ter sido em tempo tão distante o começo da influência das novas tecnologias na vida dos jovens adolescentes. De acordo com o relato de B5, jovem com apenas 15 anos de idade, é possível identificar isso.

> Que nem eu. Na minha época, antigamente não tinha muito internet, o pessoal da rua da minha casa não tinha muito celular, a gente jogava bola na esquina da minha casa, quase todo dia, (B5, 2017).

Cabe perguntar, em meio a essa realidade, os jovens adolescentes também estariam perdendo o interesse pelo futebol em decorrência dessas novas ofertas de lazer, passatempo e entretenimento? Essa é uma boa questão para reflexão. O jovem D9 ao tratar desse assunto deu a seguinte declaração:

> Não é porque eu tenho videogame em casa, onde eu vou jogar o FIFA (jogo do Playstation) que eu vou deixar de jogar bola de verdade mesmo, prefiro mil vezes estar aqui jogando do que estar na frente do computador, do videogame (D9, 2018).

Mas estaria o interesse dos jovens pelo futebol vinculado apenas aos sonhos de transformarem-se em jogadores profissionais desse esporte? Para estas respostas é preciso recordar o que Guterman (2010, p. 9) relata, lembrando que "o futebol é o maior fenômeno social do Brasil. Representa a identidade nacional e também consegue dar significado aos desejos de potência da maioria absoluta dos brasileiros".

Como foi possível de identificar nos encontros com os jovens, parte deles possuem o hábito de usar os serviços disponíveis na internet, como aplicativos de telefones celulares. Lembro, no entanto, que não foi feito um levantamento para identificar quantos jovens adolescentes tinham *smartphones* ou não, sendo que foi possível identificar que alguns não tinham qualquer tipo de telefone móvel.

Dayrell (2016, p. 259) aponta que:

> A relação quase orgânica existente com as tecnologias de informação e comunicação também potencializa as possibilidades de expressão juvenis, com suporte de dispositivos móveis (celulares, tablets etc.) e das redes sociais, que ganham cada vez maior centralidade nas práticas sociais contemporâneas. Os jovens se constituem um ícone dessa cibercultura (DAYRELL, 2016, p. 259).

Ao serem questionados sobre os locais que eventualmente buscam informações sobre o futebol, os jovens de um dos PPSE responderam, quase simultaneamente, que

recorrem à internet. Aliás, foi possível perceber que os assuntos relacionados ao futebol realmente são importantes para os jovens, que passaram a utilizar também a internet para estarem mais próximos desta modalidade, seja para acompanharem notícias sobre suas equipes e ídolos ou apenas para terem acesso a uma variedade de informações ou materiais disponíveis para leitura, apreciação ou compartilhamento.

> Acompanho futebol na TV todos os dias, na internet eu olho também. Futebol é o que eu mais olho na TV, e também o que eu mais procuro na internet. Tudo que é relacionado ao futsal e ao futebol eu estou sempre buscando. (D1, 2018).

A importância dada a esta modalidade se percebe neste depoimento, quando o jovem relata que, além de acompanhar diariamente notícias sobre o futebol, também busca na internet mais informações. Outro jovem destaca a facilidade da internet para o acesso as informações sobre o futebol: "*Se eu não consigo acompanhar futebol pela televisão, eu procuro pela internet, que é o meio mais fácil de conseguir" (D4, 2018).*

Os espaços onde os jovens destacaram buscar tais informações sobre o futebol foram variados, mostrando aquilo que já venho anunciando anteriormente, que as notícias, informações e imagens relacionadas ao futebol, circulam nas mídias, ajudando a produzir significados relacionados a esta modalidade esportiva e seus jogadores. O jovem D6 em seu relato deixa transparecer isso.

> Eu acompanho o futebol mais pelas redes sociais, nem tanto pela TV. Pego o telefone e tem sempre notícia. Quando meu time ganha, o cara fica no outro dia mais feliz, tem mais motivação para fazer as coisas e dá para debochar dos outros, fazer piadinhas (D6, 2018).

Maffesoli (2001, p. 80) estabeleceu uma relação entre as tecnologias, interatividade e o imaginário, o que certamente tem alterado os modos de ser e existir dos jovens nos dias de hoje.

> O imaginário é alimentado por tecnologias. A técnica é um fator de estimulação imaginal. Não é por acaso que o termo imaginário encontra tanta repercussão neste momento histórico de intenso desenvolvimento tecnológico, ainda mais nas tecnologias de comunicação, pois o imaginário, enquanto comunhão, é sempre comunicação. Internet é uma tecnologia da interatividade que alimenta e é alimentada por imaginários.

Concordo assim com Abramovay et. al. (2015, p. 33) quando comentam que os meios de comunicação de massa, como a TV, rádio e a Internet, com todo respaldo surgido a partir das novas tecnologias de informação, começaram a se fortalecer como agentes de socialização, passando a adquirir grande importância para as culturas juvenis, as redes sociais.

Reguillo (2007), com propriedade, desenvolveu importantes contribuições sobre as culturas juvenis, destacando que os jovens não possuem uma existência autônoma, pelo contrário, se encontram inseridos em uma rede de relações e interações múltiplas e complexas. De mesmo modo, é preciso lembrar-se do que Manuel Castells (1996; 1997 apud FEIXA; NILAN, 2009) falou sobre os jovens dos dias de hoje, quando afirma que

estes, de certo modo, se encontram na sociedade de rede, o que indica que eles podem ter acesso e obter diferentes informações e inspirações através de fontes globais.

Garbin (2003), por sua vez, ao falar da velocidade da mídia eletrônica, alerta para o fato de que pessoas e discursos acabam estando em diferentes lugares ao mesmo tempo, e as pessoas conseguem se aproximar, mesmo que virtualmente.

Mas, como anunciado no início desta linha de análise, o futebol (não o virtual[18]) pode ainda se constituir em um importante espaço de sociabilidade para os jovens adolescentes, dada sua *multivocalidade*, termo utilizado por Damatta (1994).

Wisnik (2008, p. 52) chega a falar que o futebol se inclui, de certo modo, entre aquelas formações de hipnose compartilhada, onde a pessoa se identifica cegamente, ao lado de outras, compartilhando identificações, reconhecendo seus ideais, sejam esses os clubes desta modalidade esportiva ou seus ídolos.

A partir disso, conforme Castoriadis, é possível compreender que os jovens adolescentes partilham uma identificação imaginária em torno de determinados jogadores de futebol, ficando fascinados por estes que passam a reger e orientar suas vidas na direção de uma eventual e improvável carreira nesse esporte. Os riscos nesse processo desencadeado passam a existir no momento em que há uma desconexão com a realidade destes jovens, onde estes inclusive podem passar a negar suas origens, sua história.

O imaginário em torno dos ídolos do futebol passa a ditar padrões de conduta e orientar escolhas, não somente individuais, mas de grupos, de coletividades. Como lembrado por Prates (2016, p. 8), que deu importantes contribuições sobre a obra de Castoriadis, o imaginário não é algo abstrato nem fantasioso, pelo contrário, ele é concreto e instituído, e passa a ter alcance e desdobramento no plano das interações, nas relações sociais. Para Castoriadis, porém, o imaginário não se restringe ao real, mas agrega um entendimento de perfeição e completude.

Barbier (1994), que desenvolveu estudos sobre o que se entendia por "imaginário" em diferentes épocas da história e conforme vários autores, afirma, a partir de Castoriadis (1982), que quando se fala em imaginário, se fala em algo inventado, ou trata-se de uma invenção absoluta ou deslizamento, onde ocorre um deslocamento de sentido, onde símbolos já disponíveis passam a ser investidos de outras diferentes significações.

> [...] fica claro que o imaginário se separa do real, que ele pretende se colocar em seu lugar (uma mentira) ou que ele não o pretende (um romance). Para Castoriadis, o imaginário deve utilizar o simbólico, não somente para se exprimir, mas para existir e, inversamente, o simbólico pressupõe a capacidade imaginária: ver numa coisa o que ela não é, vê-la outra que ela não é (BARBIER, 1994, p. 20).

Os jovens adolescentes "imersos" nesse imaginário construído sobre os jogadores de futebol, motivados por significações como a fama, glamour, riqueza e felicidade terminam, como descritos por Wisnik (2008), compartilhando uma espécie de hipnose, já que seus pensamentos, olhares e atitudes se voltam unicamente para essa corrida pelos espaços

18. De grande aceitação entre crianças e jovens adolescentes, atualmente existem inúmeros jogos de futebol disponíveis para videogame, como o FIFA, PES e *PureFutbol*. Alguns jogos existentes possibilitam que as partidas sejam jogadas em ambiente virtual, com adversários em locais diferentes.

que lhes possam servir como caminhos para o futebol profissional. Reafirmo novamente os riscos existentes a partir destas escolhas, pois como descrito antes, o imaginário proporciona uma forma de representação sobre uma coisa ou relações que não existem necessariamente, daí resultando seu potencial inventivo, mas também "alucinante".

Ao falar de compartilhar e estar junto, cabe lembrar o que Dayrell afirma sobre as relações sociais. Para ele, o desenvolvimento pleno do ser humano passa obrigatoriamente pela qualidade destas relações.

> O homem se constitui como ser biológico, social e cultural, dimensões totalmente interligadas, que se desenvolvem com base nas relações que estabelece com o outro, no meio social concreto em que se insere. Podemos concluir que o pleno desenvolvimento ou não das potencialidades que caracterizam o ser humano vai depender da qualidade das relações sociais desse meio no qual se insere (DAYRELL, 2003, p. 43).

Ao serem indagados sobre o que identificavam como mais importante nos encontros e atividades desenvolvidos nos PPSE, os jovens praticamente tiveram consenso em identificar que seria o futebol. Apenas um dos jovens, entre todos os participantes da pesquisa não tinha a mesma opinião, tendo para ele o hóquei na grama essa importância. Mas além do futebol, os jovens comentaram sobre outros aspectos que para eles são importantes também nestes espaços.

> O mais interessante aqui é o futebol e as amizades. Por que sem o futebol eu não teria conhecido quase ninguém (C3, 2017).

> Fazer amizades e jogar futebol. Tenho uns amigos aqui que antes eu não tinha. A gente não se dava bem, mas aqui fizemos amizade e viramos amigos (C7, 2017).

Percebe-se então como o futebol pode servir como ferramenta/agente de socialização e sociabilidade, quando um dos jovens apresenta um depoimento, até com certo grau de dramaticidade, onde indica que se não fosse por intermédio deste esporte, não conheceria quase ninguém. O outro jovem também destaca a importância das amizades feitas por meio do futebol no PPSE, mas vai além, afirmando que, graças ao futebol, outros jovens com os quais ele não tinha bom relacionamento (fora dos PPSE) passaram a ser também amigos.

> Eu sempre vou ter relação com o futebol. Porque é uma coisa que gosto de fazer. E se mais para frente eu parar, vou saber que no futebol sempre vou ter amigos. Qualquer momento eu posso chamar meus amigos para jogar futebol (B5, 2017).

"No futebol sempre vou ter amigos!": A fala de B5 mostra como uma relação de proximidade e afeto pelo futebol, pelo visto, comum a grande parte dos jovens adolescentes, pode fazer com que por meio dele não se percam as afinidades e amizades.

Ao falar da interação de indivíduos na sociedade, lembro que ela surge a partir de determinados impulsos ou busca de certas finalidades, como interesses e objetivos, por exemplo, fazendo com que os seres humanos "com" ou "entre" os outros, passem a ter uma relação de convívio e atuação que diz respeito aos outros, com os outros ou ainda contra

os outros, formando um estado de correlação com os outros. Desse modo, se percebe e evidencia a importância do futebol nesse processo de interação e socialização entre os jovens adolescentes (SIMMEL, 2006, p.59-60)

Michel Maffesoli, ao tratar sobre a sociedade urbana, pós-moderna, afirma que esta não está se transformando em um modelo onde as pessoas estão se tornando cada vez mais individualistas, conforme outros teóricos têm afirmado. Para Maffesoli, as ideias semelhantes e compartilhadas por diferentes sujeitos, vividas diariamente nas comunidades ou instituições, demonstra a necessidade de um "estar junto" das pessoas.

Rigo (2010, p. 171) aponta para outro aspecto que merece destaque quando discutidas questões relativas às sociabilidades e o futebol. Ao tratar sobre eventos que acontecem no futebol de várzea, por exemplo, este autor relata que existe um grande número de pessoas que terminam se envolvendo nestes eventos sem estarem envolvidas diretamente no jogo propriamente dito, estão lá apenas para se encontrar com seus grupos de amigos, fazer novas amizades, se divertir, socializar. Não diferentemente, nos PPSE visitados, ocorrem atividades festivais ou encontros com outras equipes de futebol onde este mesmo processo termina acontecendo.

Assim, seja durante as atividades habituais realizadas nos PPSE ou em programações diferenciadas e festivas, como intercâmbios, torneios ou festivais, fica evidenciado o caráter socializador desencadeado pelo futebol com os jovens adolescentes.

Maffesoli (2005, p. 7), ao comentar sobre a socialidade e atividades espontâneas como o esporte afirma:

> O laço social não é mais unicamente contratual, racional, simplesmente utilitário ou funcional, mas contém uma boa parte de não-racional, de não lógico, algo que se exprime na efervescência de todas as formas ritualizadas [esporte, música (...)] ou, em geral, totalmente espontâneas.

Mas como afirmam Cortês Neto, Dantas e Maia (2015, p. 110) há uma evidência sobre como a prática de esportes pode servir para o desenvolvimento e formação das pessoas, tanto no que se refere à aquisição dos valores morais, psicológicos e sociais, como favorecendo a prevenção de doenças e desagregação familiar, bem como afastando de hábitos nocivos como as drogas, o álcool e a marginalização.

Os relatos e discussões realizadas nos PPSE evidenciaram de modo significativo tal premissa e surpreenderam pelo modo com que os jovens adolescentes percebem como os PPSE e o futebol podem lhes servir também para outros aspectos de suas vidas, além daqueles já comentados anteriormente e ligados às aspirações que estes possuem em desenvolverem-se nesta modalidade esportiva até tornarem-se jogadores profissionais.

O jovem B5, ao iniciar seu depoimento, relata que gostaria de ser jogador de futebol para esquecer seus problemas. Ao receber abertura para continuar dando sua opinião, deixou o seguinte relato:

> Hoje em dia o futebol é muito bom para mim, pois eu consigo esquecer meus problemas. Lá dentro da minha casa tem problemas com meu pai, que é dependente químico. Quando eu tô irritado, daí eu consigo esquecer de tudo jogando futebol. A gente não foca muito nisso, em se abrir para o professor, mas garanto que a maioria das pessoas consegue esquecer os problemas

> jogando futebol ali também, sem ficar falando o que tá acontecendo (B5, 2017).

O desejo de fuga ou a negação dos problemas enfrentados pelo jovem dentro da sua própria casa parecem passar pela bola, se envolvem com o futebol. Não há claramente, neste depoimento, uma preocupação com a resolução do problema que atinge diretamente o jovem, mas este apresenta, em contrapartida, um caminho por onde o problema pode ser esquecido, e a direção apontada passa pelo futebol. Surpreende o fato de que o jovem compartilhou parte de sua história de vida nos grupos de discussão, pois, como ele mesmo falou, não há intenção dos jovens em revelar seus problemas pessoais para professores do PPSE. No final de sua fala, o jovem indica que histórias como a sua se repetem com outros jovens, fato comprovado a partir do depoimento de outro jovem adolescente pertencente a outro PPSE:

> Quando acabam os treinos aqui a gente fica nervoso para marcar um horário para jogar bola, porque parece que precisa. Eu acho que também é uma terapia sabe, estar dentro de uma quadra faz esquecer dos teus problemas. Esquece o que está acontecendo em casa, do que tá acontecendo na família. Às vezes tá cheio de problema assim, aí pensa... Bah, vou lá jogar uma bola! Parece ser uma coisa idiota, mas por algum momento, por uma hora, você esquece dos seus problemas assim, isso que influencia bastante (C6, 2017).

O jovem adolescente, ao afirmar que precisa do futebol em sua vida, indica o tamanho da importância deste esporte para ele, reafirmando o que Valentin e Coelho (2005, p. 185) já escreveram, ao dizer que o futebol se constitui em um fenômeno de grande relevância sociocultural e é amplamente vivenciado pelo brasileiro em seu dia a dia, ressignificado a partir de sua institucionalização e do modo com que é apropriado pelos diferentes grupos sociais.

Wisnik (2008) que trata em seus escritos sobre a abrangência do futebol para a sociedade brasileira, dialogando com profundidade em questões políticas, socioeconômicas e comportamentais, em seu livro trata esta modalidade como remédio, mas, ao mesmo tempo, como veneno. Nesse sentido, ao falar do futebol como um suposto mecanismo de fuga, também o apresenta como um bem valioso, capaz de ampliar nossa humanidade.

Contudo, ao adentrar um pouco mais na realidade que cerca estes jovens que participaram da pesquisa, foi possível identificar o quanto suas vidas estão expostas a riscos sociais, principalmente porque eles passam boa parte do dia na rua. Pavione (2017, p. 81) relata que a casa passa ser um lugar chato e de pouca permanência para os jovens, que também terminam se distanciando dos pais e, em contrapartida, passam a se inserir em grupos ou tribos da sociedade, marcando um momento em que buscam seus espaços, novos saberes e novas experiências.

Ao fazer uma comparação sobre os riscos sociais entre pessoas de diferentes faixas etárias, concordo com o que Abramovay e autores afirmaram:

> Na contemporaneidade, são múltiplos e singulares os desafios e vulnerabilidades sociais enfrentadas pelos jovens, ainda mais quando os considera em comparação com outros períodos históricos e pessoas de outros grupos etários. Sobrepõem-se um momento econômico de crise

> mundial, com demandas de um modelo de desenvolvimento com ênfase em habilidades, experiência e socialização com a sociedade do conhecimento e da informação (ABRAMOVAY et al., 2015, p. 23).

Em razão dessa vulnerabilidade, as chances de fracasso ou evasão escolar, do envolvimento com drogas, do envolvimento com delinquentes ou tantas outras situações que podem fazer mal aos jovens adolescentes, são significativamente aumentadas, fato comprovado a partir das palavras de um dos professores entrevistados nesta pesquisa.

> De 2012 ate hoje eu perdi oito crianças só aqui neste bairro, foram assassinados. O caso que me deixou mais triste foi de um menino que tinha acabado de sair do projeto, deu uma semana ele foi encontrado morto, pelo tráfico. Quando eu falei para ti em salvar essas crianças, eu entendo que a gente podendo ajudar, que seja uma criança ou jovem, que consiga estudar, que consiga se livrar dos vícios e tal... Eu já acho importante. Se nós largar com 15 anos, o traficante, o bandido vai pegar ali por um tênis. Como eu tenho lá em outro bairro, crianças que são financiadas pelo tráfico (CP1, 2017).

O relato do professor CP1 deixa bem claro o tipo de ambiente onde os jovens adolescentes participantes deste estudo estão envolvidos. Vidas que estão em risco, que convivem em espaços de drogadição, roubos, violência e assassinatos. A sensibilidade e envolvimento do professor com os jovens e o PPSE está marcada em sua fala, retratando sua preocupação em permanecer mais tempo com os jovens no projeto social a fim de que estes não sejam seduzidos pelas falsas ilusões do tráfico.

> ...tem muitos aqui que nós acabamos sendo o segundo pai deles. Muitos não têm pai, muitos estão com o pai preso, a mãe é viciada, a mãe presa, diversos problemas sociais que eles passam e a gente acaba sendo uma base para eles. Somos uma corrente que eles se apegam muito e daí quando acaba o projeto, quando eles tem 15 anos, eles se sentem jogados, largados e tal. É bem na idade que nós vamos largar aqui e na esquina estão pegando eles para coisa pior né! (CP1, 2017).

Ao comentar sobre o que pode acontecer com os jovens quando estes não podem mais permanecer no PPSE por conta de suas idades, o professor aponta como seria importante se o projeto possibilitasse que os jovens continuassem participando das atividades até completarem 18 anos[19].

O professor DP2, que trabalha em outro PPSE, ao comentar sobre aspectos presentes no meio em que os jovens estão inseridos, disse:

> ...às vezes eles estão em um ambiente ruim, eles veem drogadição perto deles, é tráfico, é tiro... O que eu me assusto às vezes é que aluno de 11 anos sabe de arma, sabe de tudo, sabe de boca, sabe como funcionam as coisas né, e são crianças né! Pouco tempo atrás a polícia teve que assumir o bairro (DP2, 2018).

Importante destacar que a constatação e reconhecimento desse cenário, presente na vida dos jovens, não é de exclusividade dos professores e gestores dos PPSE, já que os próprios jovens percebem com clareza o ambiente no qual estão inseridos em suas

19. O referido projeto atende crianças e jovens adolescentes que possuem até 15 anos de idade.

comunidades e conseguem identificar opções e diferentes caminhos que diariamente se oferecem para eles.

> Eu tô aqui porque eu gosto e também porque é melhor estar aqui do que ficar em casa sem fazer nada ou ir para a rua fazer o que não deve, tipo roubar, assaltar ou ser assaltado. Aqui a gente está sempre junto, o grupo é bem unido, eu gosto disso (B6, 2017).

Interessante observar na fala de B6 que a opção de estar junto aos seus amigos nos PPSE se apresenta melhor do que estar na rua, seja para estar no papel de vítima ou, pelo contrário, no de contraventor. Ao que parece, não está claro e dimensionado para este jovem os riscos e perdas existentes quando escolhidos caminhos que levam à delinquência. A rotina de violência e crime está presente em sua vida, parecendo não ter tanta diferença ser "o causador" ou a "vítima da violência". Ao falarem sobre seus amigos da vizinhança ou pessoas que faziam ou fazem parte de seus grupos sociais, os jovens adolescentes fizeram os seguintes relatos:

> [...] eles preferem ficar na rua fumando ao invés de vir para cá e se divertir (C2, 2017).

> Eu tinha vários amigos ali, só que muitos se perderam por droga (B5, 2017).

> Tem um amigo meu, que tem a minha idade, mas prefere ficar fumando maconha, essas coisas (C7, 2017)

A proximidade com conhecidos, por vezes até familiares, envolvidos principalmente com o mundo das drogas é uma realidade para os jovens adolescentes. Felizmente, se percebe que os que estão inseridos nestes PPSE identificam e valorizam as ações e atividades desenvolvidas nos PPSE como alternativas que os direcionam a outros caminhos, e, por que não dizer, outros destinos para suas vidas.

> Acho que todo mundo tem amigos ou parentes que ao invés de estar jogando bola está fumando ou fazendo alguma coisa ilícita. E a gente tá aqui, jogando uma bola, se divertindo um pouco. A gente tá aqui e aprende que não pode fazer isso (C6, 2017)

Fica claro para o jovem que o estar presente no PPSE não é apenas para jogar bola ou se divertir, mas para estar afastado de coisas ilícitas ou do meio das drogas, aprendizagens, como ele mesmo indicou, desenvolvidas por meio do convívio com os professores e com os ensinamentos do projeto social ligado ao futebol. Como Dayrell afirmou, é fundamental que se reflita sobre o território no contexto formativo dos jovens. A partir disso é que as ações educativas poderão ser encampadas com maior efetividade dentro dos PPSE.

> Eu soube de alguns casos, que alguns guris estavam aqui para não se envolver com drogas, essas coisas. Daí, eles sempre tem um suporte em questão a isso. É uma questão de disciplina, eles impõem regras, eles impõem responsabilidades e daí conforme tu vai entrando neste esquema de regras e responsabilidades tu vai se tornando um cidadão. Quem não entra nas regras é chamada atenção ou é mandado embora (D7, 2018).

O jovem D7, pertencente a um PPSE onde, através da Secretaria Municipal de Educação, ocorrem indicações de jovens para integrarem o projeto, desde que estes estejam vinculados a rede municipal de ensino daquela cidade, apresenta um novo elemento para a discussão. Neste caso, ao invés do futebol se apresentar como elemento atrativo para "captar" jovens adolescentes para os PPSE, os jovens são indicados em decorrência de suas atitudes e condutas nos ambientes escolares. O futebol, única modalidade esportiva desenvolvida neste PPSE, passa a ser a ferramenta para serem trabalhadas questões relacionadas à disciplina, cumprimento de regras e responsabilidades, segundo o jovem D7, deveres e comportamentos que levam à cidadania.

Exatamente isso que Olga Nirenberg descreve, ao afirmar que:

> Existe un supuesto generalmente aceptado aunque sin bastantes evidencias de respaldo (...) acerca de la influencia positiva que tiene la participación de adolescentes y jóvenes1 en proyectos sociales, para su desarrollo integral y su constitución como actores sociales. La hipótesis generalizada es que su involucramiento protagónico en los diferentes momentos de la gestión de proyectos tendrá efectos positivos – inmediatos y de largo plazo – en la adquisición de hábitos y comportamientos saludables, así como en su "empoderamiento" y formación ciudadana (NIRENBERG, 2011, p. 135, grifo da autora).

O que significa dizer que a partir do envolvimento dos jovens adolescentes com as ações e atividades dos PPSE ocorrerão hábitos e comportamentos que levarão para uma educação cidadã.

Wisnik (2008, p. 243) afirma que o futebol "é o fármacon prodigioso, o veneno remédio que converte a violência, a desagregação social, o primarismo, o oportunismo vicioso e estéril, em arte e em perspectiva de afirmação no país".

Ao finalizar esta linha de análise, creio que é a partir das relações sociais, das redes de convivência e aprendizagens que partem dos estímulos recebidos nos PPSE, combinados com o interesse dos jovens pelo futebol, que estes poderão se apropriar desta modalidade esportiva não somente como meio de fuga, esquecendo dramas pessoais e dificuldades em suas vidas, mas adquirindo aprendizagens que poderão levá-los a um viver melhor consigo mesmo e em sociedade.

Ao presenciar os depoimentos dos jovens, professores e gestores, entendi a dimensão que o futebol alcança na vida destes jovens adolescentes, que vai além dos ganhos de saúde e bem-estar, sendo fundamental para o processo de socialização e para descobrir e ensinar novos caminhos rumo à cidadania. Conforme o jovem C4 salientou, *"as vidas tem caminhos diferentes, mas quem escolhe o caminho é tu mesmo."*

4.4 ESPAÇOS PARA APRENDIZAGENS, VALORIZAÇÃO DA ESCOLA, INCLUSÃO E RECONHECIMENTO

Dado o interesse desproporcional que o futebol desperta em crianças e jovens adolescentes, principalmente se comparado com outras modalidades esportivas, os espaços para a aprendizagem e desenvolvimento de sua prática se alastraram pelo

país[20]. As chamadas escolinhas de futebol na atualidade estão presentes em um número incontável de municípios, vendendo, a maioria delas, a ideia de ensinar crianças e jovens a jogar bem este esporte. Mas nem sempre tais espaços são concebidos com os mesmos propósitos ou criados para o mesmo tipo de público. Para uma melhor compreensão, optei em classificar as escolinhas de futebol em quatro diferentes grupos:

a) Escolinhas de futebol vinculadas a PPSE: seus objetivos apontam principalmente para a socialização ou inclusão social de crianças e/ou jovens adolescentes que vivem em situação de vulnerabilidade social;

b) Escolinhas de futebol em instituições educacionais: podendo ser tanto públicas ou privadas, estes espaços buscam formar equipes para representar a instituição em competições com outras instituições de mesmo perfil;

c) Escolinhas esportivas em clubes sociais: criadas para oferecer esporte e lazer para os filhos dos associados, principalmente da classe média e alta;

d) Escolinhas particulares ou franquias de clubes profissionais de futebol: espaços criados com o interesse de auferir lucros ou formar jogadores para o mercado do futebol.

Pimenta (2006), ao tratar sobre os novos modos para captação ou formação de crianças e jovens adolescentes para o mercado do futebol, enfatiza que, nas escolinhas pagas, aquelas relacionadas aos grandes clubes de futebol, os jovens são estimulados para se tornarem jogadores de futebol.

> A quantidade de jovens na busca pelo sonho de ter uma carreira esportiva, via futebol profissional, é muito grande. Aumenta sobremaneira, diante das transformações administrativas e empresariais. As escolinhas, os centros de treinamento, os clubes-empresa, enfim, os novos mecanismos de reposição de mão-de-obra ou de organização do lazer da classe média instigam nos jovens a expectativa de tomar parte de um mundo visivelmente seleto (PIMENTA, 2006, P. 179).

Carvalho, Gonçalves e Alcântara (2005, p. 9) ao falarem sobre a formação de jogadores de futebol para o esporte de alto rendimento lembram que, ao contrário de antigamente, onde os futuros jogadores profissionais surgiam nos terrenos baldios e campos de várzea, atualmente estes são oriundos das escolinhas de futebol, vinculadas ou não a clubes, onde os pais pagam mensalidades e os jovens começam a ser testados como mercadorias para os clubes, passando a serem patrocinados por empresários do ramo.

Mesmo não tendo sido criados para formarem atletas para o futebol profissional, pensamento de certo modo não compartilhado pelos jovens adolescentes que integram estes espaços, os PPSE que desenvolvem suas atividades com esse esporte tem atraído um número expressivo de interessados por constituírem-se em espaços onde diferentes práticas com este esporte são desenvolvidas. Como um dos gestores entrevistados

20. A partir dos processos de urbanização e desenvolvimento de diferentes regiões do Brasil, espaços vazios, áreas descampadas, onde existiam campinhos de futebol provisórios reduziram significativamente. Ao falar do aumento dos espaços para a prática do futebol, o estudo faz referência ao aumento das escolinhas de futebol públicas ou privadas que estão espalhadas pelo país.

afirmou, o futebol sempre foi o grande atrativo para o projeto social esportivo onde atua. Para esse gestor, o futebol tem papel fundamental no projeto, pois os alunos passaram a participar de suas atividades apenas por causa dele (AG1, 2017). Um dos professores deu a seguinte declaração ao falar sobre a importância do futebol para os jovens adolescentes que buscam informações sobre aquele PPSE onde trabalha:

> Muitos educandos vêm aqui somente por causa do futebol. Porque tem o futebol, então eu vou ir! Isso o que eles falam. É a primeira pergunta que eles fazem (AP1, 2017).

Cabe, porém, ficar atento ao que outro gestor falou sobre a importância do futebol para o PPSE em que atua.

> Precisávamos de algo com apelo, precisávamos de algo que trouxesse esse público para perto da gente. E a gente sabe que o futebol e o futsal são os esportes de maior gosto popular do país. A gente sabia que tinha tudo para dar certo. Foi proposto um projeto para a periferia com o futebol, por que a gente sabia que o menino, a criança, o adolescente e a menina iam se encantar e iriam estar próximos da gente. O futebol, a bola é uma isca, para trazer as crianças para perto da nossa equipe, e a partir deste vínculo, desta proximidade, deste afeto que se cria, a gente poder interferir nas escolhas, e na formação pessoal, integral deles. O futebol, o desenvolvimento das questões de competição, questões técnicas, físicas, táticas e de entendimento do jogo, e quem vai ou não buscar uma carreira profissional depois, é uma consequência do trabalho. O foco não é a competição. A bola é usada para que eles venham para perto da gente e se mantenham perto da gente por um, dois ou três anos e possamos interferir nas escolhas deles (DG1, 2018).

Por meio deste depoimento bem articulado, há claramente um entendimento sobre as inúmeras possibilidades que o futebol pode oferecer nos PPSE, podendo inclusive servir para a aprendizagem de técnicas úteis para uma posterior carreira, mas, antes disso, pode aproximar os jovens adolescentes dos professores e do próprio projeto, proporcionando diferentes aprendizagens que poderão surtir efeitos positivos em suas vidas e contribuir para orientar suas escolhas.

Damatta (1994, p. 12) define o futebol como uma ferramenta para diferentes situações, onde variados caminhos podem ser traçados, pois o futebol é um jogo e esporte, espetáculo e ao mesmo tempo ritual, instrumento de disciplina das massas e também evento prazeroso. Talvez por possuir essa vocação para tantas coisas diferentes e, ao mesmo tempo, ser uma paixão de um número sem precedente de brasileiros, que Wisnik afirma: "É surpreender a singularidade do lugar que o futebol veio a ocupar no Brasil, afirmar a sua potência desalienadora e arriscar a proposição de que essa disposição teria o poder de contaminar positivamente outras esferas da vida" (WISNIK, 2008, p. 177).

Para Valentin e Coelho (2005, p. 185), o futebol, seja em formato de competição, praticado apenas como brincadeira, utilizado pelo Estado ou ainda atuando na coesão social, acaba desempenhando um papel central na cultura do Brasil.

Ao tratar do futebol nos PPSE, lembro o que Dotto (2016, p. 5) teceu sobre o modo como os esportes são trabalhados no contexto de um PPSE. Para este professor, com atuação direta em programas e projetos sociais esportivos, todas as atividades esportivas

devem ser apoiadas no conceito de Esporte Social, onde se entenda que o esporte e o lazer são direitos sociais e ao mesmo tempo fatores que promovem a saúde, a cidadania e o desenvolvimento humano. Esse esporte, segundo ele, está alicerçado em princípios básicos relativos ao ser humano, onde aparecem a inclusão e a participação de todos nas atividades e, ainda, deve ocorrer à difusão e multiplicação dos valores, onde a moral e a ética servem como pontos de referência.

Neto, Dantas e Maia (2015, p. 109) salientam que o esporte pode servir como motivador para ações educativas, pois as atividades em torno dele oferecem oportunidades ímpares para educar ao mesmo tempo em que promovem alegria e prazer.

Ao serem perguntados sobre o que estariam aprendendo nos PPSE, em paralelo às questões específicas da modalidade do futebol, os jovens adolescentes trouxeram à tona diferentes e importantes opiniões.

> Aqui temos aprendizagens para a vida. Por exemplo: antes quando a gente começou no programa a gente era bem fominha mesmo, não gostava de jogar com guria. Agora jogo bola com minhas irmãs, tipo a convivência. Antes eu não gostava de ficar perto das gurias. Claro, dava uns beijinhos numa, noutra, mas não gostava de ficar junto, agora já conversa tudo junto, não tem essa desigualdade por ser mais ou menos habilidoso (A2, 2017).

A partir do que foi exposto pelo jovem, é possível identificar como o contexto esportivo, principalmente no futebol, ainda hoje é permeado por valores masculinos, com valorização do mais forte, mais rápido, mais alto, o que faz com que as mulheres que se envolvem com o esporte, normalmente sejam vítimas de questionamentos, preconceitos e discriminações, seja de outros esportistas, da própria família ou da sociedade de um modo geral (PAIM; STREY, 2006).

Ora, não seria então nesses espaços, como os PPSE, um dos locais mais propícios para serem discutidas questões de gênero? Como Daolio (1997) destacou, os homens têm mais acesso ao futebol do que as mulheres. Muito frequentemente os meninos nascidos no Brasil, junto com o nome que recebem, também recebem um time de futebol que seguem por toda sua vida. Logo ao aprenderem a caminhar, os meninos brincam de chutar uma bola, o que acaba tornando-os mais habilidosos neste esporte se comparados às meninas.

Quando analisadas as finalidades que estão interligadas ao futebol nos PPSE, acredito serem estes espaços um dos poucos onde se torna possível dar condições de acesso iguais a todos jovens adolescentes, independente de gênero, raça e classe social. Assim, mais que promover a participação de todos, pode ser trabalhada a aceitação destes, independente de suas diferenças. Portanto, evidencia-se a importância de ações direcionadas a estas questões, a partir do momento que se percebe que a exclusão e preconceito revelam o traço de masculinidade tão presente na sociedade brasileira.

Destacado também por outros jovens, a boa convivência e a resolução de conflitos, parece serem aprendizagens importantes para eles.

> Aprendo a conviver com as pessoas. Tipo como convívio social. Por isso é um projeto social, pra gente aprender a conviver em comunidade, ajudar um ao outro, por exemplo. De vez em quando rola discussão, mas no final fica tudo certo. Principalmente no jogo assim, quando perdemos, a gente bota

> culpa um no outro. Mas no outro dia, já tá todo mundo bem, ninguém mais tá brigado. Serve muito para aprender a conviver mesmo (B8, 2017).

Mesmo quando indagados sobre suas aprendizagens, além daquelas específicas para o futebol (técnicas ou táticas), ou seja, quando perguntados sobre aprendizagens "extrafutebol" que teriam nos PPSE, o esporte acabou não deixando de aparecer nas opiniões dos jovens. Neste caso, os jovens falaram de competências ou saberes que poderiam ser importantes para suas vidas, mas principalmente utilizadas em uma eventual carreira neste esporte.

Lembro novamente a expressão que Wisnik (2008) utilizou para descrever essa força que o futebol parece exercer sobre os jovens adolescentes, chegando a fazer com que eles só pensem nesta modalidade esportiva e fiquem cegos a outras possibilidades, em uma espécie de hipnose.

> Estar aqui serve para mim aprender a ter disciplina, não me machucar. Aprendo a ter respeito pelo professor, com os mais velhos. Porque caso a gente tenha oportunidade de jogar em algum time, tenho que aprender a respeitar eles também (C5, 2017).

Outro jovem, ao ser perguntado também sobre quais aprendizagens (sem relação direta com o futebol) ele poderia estar desenvolvendo no PPSE, acabou da mesma forma lembrando-se do futebol em sua resposta.

> Aqui a gente aprendeu a ter mais responsabilidade, a ter mais amigos, união, convívio com as outras pessoas. Aqui nos ajuda também no futebol, a ter melhor desempenho, a melhorar a vida todos os dias, manter o físico, manter o ritmo pra jogar bola. Tudo isso vem mudando, ainda mais para quem está há anos (B4, 2017).

Por sua vez, o jovem C2, em seu depoimento, mostra claramente como para ele tudo parece girar em torno do futebol e das possibilidades de alcance de uma carreira futura nesse esporte. Para ele, todas as aprendizagens que recebeu junto ao programa servem para que tenha mais oportunidades no futuro dentro do futebol. Como dito por ele, as aprendizagens poderão fazer com que tenha mais chance de ser notado quando participa de torneios, onde representantes de clubes podem estar eventualmente observando os jogos.

Mas ao falar sobre as diferentes aprendizagens que os jovens adolescentes podem desenvolver por meio dos PPSE, e, diante isso, por intermédio do futebol e das atividades relacionadas a esse esporte em tais programas, não poderia ficar de fora da discussão aspectos relacionados ao envolvimento dos jovens adolescentes com os estudos e a escola. Poderia o futebol contribuir para que os jovens se desenvolvam mais com os estudos e obtenham melhores desempenhos escolares? Ou ao contrário, em decorrência do tempo que ocupa na vida dos jovens adolescentes, poderia ser o futebol um inimigo da escola?

Thierry Henry[21], ao falar da refinada técnica dos jogadores brasileiros em comparação

21. Thierry Henry foi um jogador de futebol francês que obteve sucesso tanto nos clubes que atuou como na seleção daquele país, onde inclusive foi campeão mundial em 1998. Duas vezes foi eleito o 2º melhor jogador de futebol do mundo. A entrevista em destaque foi realizada antes da partida entre França e Brasil válida pelas quartas-de-final da Copa de 2006. Na referida partida, o Brasil foi derrotado pela França justamente por conta de um gol marcado por Thierry

com os franceses, afirmou que no Brasil as crianças jogam bola o tempo todo, enquanto na França, as crianças são impedidas de jogar mais tempo porque precisam ir à escola. Ao falar sobre os brasileiros, este jogador de destaque da França comentou:

> Eles jogam na praia, na rua, até na estrada eles param para jogar... Eles nascem jogando futebol. Quando eu era pequeno, ia à escola das 8h às 17h, e minha mãe não me deixava descer para jogar. Eles jogam das 8h às 18h! Então, a técnica acaba vindo por isso. (VICTOR, 2006, p. 1).

Não irei me deter aqui se esta seria ou não a explicação para o surgimento de um número maior de talentos para o futebol no Brasil do que na França, mas creio ser interessante pensar sobre a questão do interesse dos jovens adolescentes nas atividades escolares em detrimento ao tempo que os jovens adolescentes investem para jogar futebol. Conforme A4 destacou, o que mais gosta no PPSE são os campeonatos, torneios e o futebol. Sobre a quantidade de tempo que destina para este esporte, afirmou: *"É o que a gente mais faz, é todo dia (futebol), aqui, fora daqui...". (A4, 2017)*

Outro jovem também comentou sobre seu envolvimento com o futebol no dia-a-dia, afirmando que joga futebol pelas manhãs, na hora do recreio, na hora da entrada da escola e na hora da saída (A6, 2017).

Acredito que se o tempo que os jovens destinam ao futebol fosse dedicado aos estudos, realização de deveres escolares e ainda para um preparo melhor para as avaliações, seus rendimentos na escola poderiam ser diferentes. Em um dos grupos de discussão onde a pesquisa foi realizada, todos os jovens adolescentes participantes já haviam reprovado ao menos uma vez de série. A partir desta informação e com base nas discussões realizadas com os jovens, percebi que, entre eles, as preocupações relacionadas ao futebol e ao tempo disponibilizado para esta prática eram maiores do que suas preocupações com suas responsabilidades escolares. Ao estabelecer uma relação entre o sentido que os jovens de hoje dão à escola e seus projetos de vida e futuro, é interessante observar o que estes autores afirmaram:

> [...] estudos no âmbito da Sociologia da Juventude têm apontado as dificuldades de muitos jovens em atribuir sentido à escola no presente. Aliado a isso há, ainda, um possível esvaziamento de sentido também no futuro, já que a escola pública não consegue garantir uma inserção qualificada no mercado de trabalho ou mesmo o ingresso no vestibular. Outro ponto importante diz respeito ao fato de que a escola tem contribuído pouco para a construção de projetos de vida dos jovens (MELO; SOUZA; DAYRELL, 2012, p. 162).

E, de fato, ao serem questionados sobre projetos de vida futuros relacionados às opções profissionais que eventualmente gostariam de exercer, foi possível identificar que a maioria dos projetos dos jovens não tinha relação com uma carreira que exigia formação escolar e nível superior. Como visto anteriormente, a profissão de jogador de futebol se constituiu como principal projeto para as vidas, portanto, os jovens manifestaram outras preocupações antes daquelas vinculadas ao rendimento escolar.

Quando indagados sobre a continuidade e envolvimento com os estudos, os jovens

---

Henry. Até hoje este jogador detém a marca de maior goleador da seleção francesa.

adolescentes responderam, quase em sua totalidade, que estes terminavam sendo como uma segunda opção para suas vidas.

> O futebol torna-se para os membros das camadas populares e médias uma aposta que pode mudar o destino econômico do indivíduo e de sua família. Aduzido aos argumentos anteriores, a escola para as camadas populares está longe de ser o caminho da ascensão social para a maioria daqueles que completam o ensino fundamental (SEGNINI, 2000 apud SOARES et al. 2011, p. 912).

Diferentemente do que foi apontado na pesquisa coordenada por Miriam Abramovay (2015, p. 184) com jovens brasileiros, onde, ao serem escutados sobre suas opiniões e motivações para estudar, deixaram evidenciar que suas perspectivas de futuro profissional passam diretamente pela necessidade de cursar o Ensino Médio, para os jovens adolescentes participantes da pesquisa, tal opinião não foi compartilhada. Imagino que isso decorra porque eles, afinal de contas, não desejam vir a exercer um trabalho que necessite de estudo, uma vez que querem ser jogadores de futebol. O desejo de ser uma pessoa bem-sucedida ficou evidenciado em algumas declarações. Convém lembrar, como Rocha (2017) manifestou, que a concorrência por uma vaga nas categorias de base de algum dos principais clubes de futebol do país é bem mais acirrada do que uma vaga para qualquer curso universitário no Brasil, o que certamente não é do conhecimento dos jovens adolescentes.

Ainda assim é importante que se perceba o que os próprios jovens adolescentes relataram sobre seu envolvimento com os estudos em detrimento ao futebol.

> Queria ser jogador de futebol no futuro, mas se por acaso não der, eu vou me esforçar no estudo para ser engenheiro civil. No meu caso, eu aprendo muita coisa com meu pai, muita coisa eu sei. No caso, se eu não for jogador de futebol eu vou ficar nisso aí entendeu, mas eu queria mesmo ser jogador de futebol, é meu sonho desde pequeno. Sempre sonhei em ser jogador de futebol, desde pequeninho (B1, 2017).

B1, filho de pedreiro, ao se referir que aprende muitas coisas com o seu pai, relatava de situações onde auxilia seu pai em obras onde este estava envolvido. Percebe-se na fala do jovem como seu principal projeto de carreira passa pelo futebol, tendo ele, em seu curto depoimento, repetido isso várias vezes. Somente no caso de serem esgotadas todas as possibilidades de B1 se tornar jogador de futebol, que ele passará a pensar em sua segunda opção de carreira, aí sim, com um envolvimento maior nos estudos.

Em outro PPSE, o jovem D4 também relatou seu plano de futuro principal voltado ao futebol, porém, identifica interesse também, mesmo caso venha a se transformar em um jogador, em buscar uma formação acadêmica ligada ao futebol ou esportes.

> Para o meu futuro profissional eu vejo duas coisas. A primeira que quero ser jogador de futebol. Eu me vejo jogando profissionalmente. A segunda, estudando. Tenho vontade de fazer Educação Física e mesmo que eu venha a ser jogador, eu quero continuar estudando. Pensando para o futuro, eu tenho esse sonho de ser doutor, fazer minha graduação, meu pós, mestrado e doutorado também. Essa parte de estudos ligados ao futebol, aos esportes em geral (D4, 2018)

A partir do depoimento de D4 se percebe outro olhar sobre a importância destinada aos estudos e formação, tendo este jovem relatado que, mesmo que venha a ser um jogador de futebol, buscará continuar estudando, e mais, buscará uma trajetória acadêmica. Mesmo assim, em primeiro plano aparece novamente o "querer ser jogador de futebol".

D7 (2018) também manifestou seu desejo de ser jogador profissional de futebol, comentando que caso isso não venha a acontecer, buscará ter uma "vida resolvida", referindo-se a viver sem dívidas, com equilíbrio financeiro. Relatou também que poderia ter um negócio próprio ou emprego fixo, vivendo em boas condições e feliz. Ao analisar as informações contidas na fala de D7, se percebe como não há claramente em sua mente uma direção ou caminho a ser traçado com vistas à outra formação que não seja a de jogador de futebol.

Considerando a idade dos jovens participantes da pesquisa, penso ser preocupante tal fato, principalmente por entender que as chances de um futuro de sucesso no futebol para este jovem serem muito pequenas. Fica nítido, com este exemplo, que não há uma preocupação no desenvolvimento de outros conhecimentos ou competências que poderão, posteriormente, ajudar para uma colocação profissional ou início de carreira em outra área. Torna-se mais preocupante isso, a partir da constatação de que os jovens adolescentes vivem um período de suas vidas onde escolhas precisam ser feitas, caminhos escolhidos para seus futuros, principalmente voltados a uma eventual carreira profissional ou continuidade nos estudos.

Leccardi (2005), ao falar da importância de viver o presente em função do futuro aponta que, por vezes, podem ser necessários sacrifícios para que mais tarde possam vir as recompensas.

> O futuro é o espaço para a construção de um projeto de vida e, ao mesmo tempo, para a definição de si: projetando que coisa se fará no futuro, projeta-se também, paralelamente, quem se será. Em suma, a perspectiva biográfica à qual remete o diferimento das recompensas implica a presença de um horizonte temporal estendido, uma grande capacidade de autocontrole, uma conduta de vida para a qual a programação do tempo se torna crucial (LECCARDI, 2005, p. 36).

Recorro a Dias (2009) para lembrar que, ao construírem projetos de vida, os jovens pensam em caminhos a partir de suas possibilidades e metas, e, como destacado, quando suas motivações levam somente para o futebol, parece que os estudos não ganham muita importância e não fazem parte de suas preocupações.

Pais (1990, p. 141) destaca que um dos maiores problemas que afeta a juventude na contemporaneidade, gerando um problema social, passa pela dificuldade que os jovens encontram para entrar no mundo do trabalho. A partir do que venho argumentando, creio que a dificuldade encontrada normalmente pelos jovens passa, no caso destes jovens adolescentes, a ser maior ainda. A partir de uma escolarização precária, onde na maioria das vezes existiu pouco interesse dos jovens nos estudos e, consequentemente, poucos conhecimentos foram adquiridos, dificultando a aprendizagem de futuras habilidades, os jovens, além de desmotivados pelo insucesso no futebol, necessitam entrar no mercado de trabalho despreparados, sem nem mesmo saberem em que área gostariam de atuar ou que

profissões acabarão exercendo.

Peregrino (2011, p. 88) afirma que uma escolarização precária abrange alunos com média de anos na escola muito acima da quantidade de séries cursadas, onde ocorrem a descontinuidade e fragmentação dos estudos e repetências. A autora ainda destaca que normalmente os alunos que estão inseridos nesse processo acabam abandonando a escola. Alunos que estão inseridos nesse processo de escolarização precária terminam tendo trajetórias diferentes do que os demais alunos, e mais, passam a ter possibilidades desiguais de apropriação dos conhecimentos, o que posteriormente poderá ser determinante para o início de suas experiências no mercado de trabalho.

> Se nas turmas de trajetória plena o fluxo contínuo pelas séries permite a acumulação paulatina de conjuntos de conhecimentos, nos modos de escolarização precária as repetências e abandonos, entrecortados pelo ingresso em projetos diferentes e às vezes incomunicáveis de aceleração da aprendizagem, criam uma situação em que o acúmulo de conhecimentos torna-se impossível, mesmo numa situação de multiplicação do tempo de habitação da escola (PEREGRINO, 2011, p. 88)

Leccardi (2005) comenta que a identidade pessoal dos jovens é construída sobre uma projeção que eles fazem sobre si mesmos, refletindo o que querem ser e, a partir disso, o passado ganha sentido, onde passam a ser toleradas eventuais frustrações que irão acompanhar as experiências do presente.

É preciso lembrar que os processos e espaços educativos onde os jovens adolescentes estão inseridos vão além da escola, adentrando os programas e projetos sociais esportivos, por exemplo. Nesse sentido, não poderia ser o futebol, que tanto mobiliza os jovens, além de uma ferramenta para novas aprendizagens, um caminho para despertar a consciência sobre a importância dos estudos para o futuro destes? Não poderia ser o futebol, ao menos para estes jovens adolescentes, a vacina procurada contra a "alergia à escola"? Os jovens parecem não gostar da escola e a relação existente entre eles e esta, como se sabe, não é tranquila. Mesmo sabendo que o caminho que passa pela escola não necessariamente leva a uma futura carreira profissional de sucesso, e que também por meio dela, nem sempre, se promove a mobilidade social, imagino ainda ser consenso que a escola, se apresenta como um espaço fundamental para o desenvolvimento, socialização e preparo dos jovens adolescentes para o mundo adulto.

A partir disso, afirmo que o futebol pode ajudar nesse sentido, (re) aproximando os jovens da escola e, consequentemente, fazendo com que estes se envolvam mais nos processos de ensino e aprendizagem, adquirindo mais conhecimentos, e, ao mesmo tempo, diminuindo os riscos de repetências e evasão. Em um dos PPSE onde desenvolvi a pesquisa, algumas estratégias parecem caminhar nesse sentido. Aproprio-me do que o jovem D5 destacou sobre o envolvimento dos profissionais que atuam naquele projeto com os jovens, acompanhando seus desempenhos na escola.

> Quando o pessoal não está indo bem na escola, o pessoal do PPSE tenta dar uma assistência. Eles vão e conversam com o aluno para melhorar o rendimento escolar. Aqueles que não têm um bom rendimento na escola, não ganham o kit com camiseta, meião e tênis. Então, é meio que um acordo assim: Se tu vai bem na escola, tu ganha o kit, se tu não vai bem, tu não

> ganha. Muitas vezes o pessoal não tem dinheiro para comprar um tênis, aí é um incentivo para a criança ou adolescente ir bem na escola, para ganhar o kit e ir bem fardado. Eu lembro bem de um pessoal que não ia bem na escola, aí quando a gente ganhava o kit eles ficavam perguntando... "Bah professor, quando eu vou ganhar o meu?" Aí o professor explicava que eles tinham que melhorar na escola. Por vezes os professores também conversavam com os pais destes alunos. Querendo ou não, isso motiva a criança a ir bem na escola. Acontece mais uma coisa ainda, a cada trimestre tem que levar o boletim para mostrar no PPSE (D5, 2018).

As informações prestadas pelo jovem mostram que neste projeto social há um engajamento dos profissionais envolvidos que ultrapassa a dimensão do ensinar o futebol e criar mecanismos de socialização. Por meio do futebol e da estruturação de um time, onde os jovens mais habilidosos poderão ser aproveitados para ingressarem posteriormente nas categorias competitivas ligadas ao mesmo projeto, há todo um regulamento, controle e mecanismo que exige dos jovens adolescentes algumas contrapartidas. Entre elas, os cuidados e responsabilidades escolares. Por meio do rendimento escolar, os jovens passam a receber ou não materiais esportivos (uniformes), e até mesmo tênis para a prática do futebol, o que certamente é um incentivo e estímulo para que estes se comprometam com os estudos. O fato de terem que apresentar os boletins, ao final de cada trimestre, revela como existe um controle regular do rendimento escolar de cada jovem, onde há uma preocupação em realizar orientações, quando necessário, seja para o jovem adolescente ou até mesmo para seus pais.

Após participar ativamente de variadas atividades do PPSE ao longo de cinco anos, o jovem D5, a partir de 2017, começou a assumir responsabilidades dentro do programa, ajudando seus professores nas atividades e programações, atuando como uma espécie de estagiário ou monitor. Talvez por essa razão conheça bem a estrutura de funcionamento daquele PPSE, bem como as possibilidades e aprendizagens possíveis para os jovens. De acordo com o que vivenciou no programa (D5, 2018), ainda relatou que o trabalho dos professores recebe auxílio de uma assistente social, que realiza visitas nas casas dos jovens para falar sobre o desenvolvimento destes no programa e na escola. Comentou também sobre uma situação em que um jovem adolescente foi encaminhado por meio do PPSE para um emprego e outro para uma vaga no Jovem Aprendiz[22].

Interessante observar a fala de um dos professores deste mesmo PPSE, referente ao acompanhamento dos jovens adolescentes na escola.

> Às vezes tem aquele aluno que tá lá perturbando na escola e o professor não tem tempo para tirar de lado e conversar para ver o que está acontecendo, daí aqui pelo projeto a gente consegue encaminhar com coordenação, direção e até mesmo por aqui ver onde está o problema (DP2).

Para que isso possa ocorrer, certamente existe um trabalho de parceria e um canal de comunicação forte entre as escolas onde os jovens adolescentes estudam e o PPSE. Por meio da fala do professor entende-se que problemas ocorridos até mesmo no ambiente escolar, podem ocasionar uma ou outra intervenção dos profissionais do programa social,

22. Por meio da Lei 10.097/2000, as empresas de médio e grande porte precisam contratar jovens com idade entre 14 e 24 anos para atuar como aprendizes. O programa Jovem Aprendiz ou Aprendiz Legal é voltado para a preparação e inserção dos jovens no mundo do trabalho. Disponível em: <http://site.aprendizlegal.org.br/>. Acesso em: 16 out. 2018.

visando um acompanhamento maior do jovem, seja na própria escola ou nos espaços e oportunidades que o PPSE oferece.

Como Leccardi (2005) comentou, a fase juvenil é uma fase biográfica de "preparação" para a vida adulta, e para tanto, convém lembrar que é importante que a escola:

> [...] tenha sentido no presente dos jovens e não somente como promessa de um futuro melhor. Por fim, a escola também deve contribuir para a construção dos projetos de vida dos jovens, ajudando-os a se conhecerem melhor, ampliando o leque de possibilidades, auxiliando-os no conhecimento da realidade e propiciando-lhes oportunidades para que aprendam a fazer escolhas (MELO; SOUZA; DAYRELL, 2012, p. 183).

Atuando o futebol como um elo entre os jovens adolescentes e a escola, talvez essa realidade marcada por uma ausência de sentido dada a escola e o distanciamento destes jovens para com essa, possa diminuir. Nesse sentido que baseio meu argumento, entendendo que a partir da paixão que os jovens adolescentes possuem pelo futebol e um maior reconhecimento de si e de suas preferências, é que a escola poderá contribuir para que estes deem mais sentido aos conhecimentos trabalhados em sala de aula, despertando seus interesses e favorecendo suas escolhas futuras no que se refere a ocupações e profissões. Como Leão lembra,

> [...] compreender as trajetórias juvenis, suas práticas sociais e culturais, sua relação com o mundo do trabalho, com os amigos e com o lazer é fundamental para compreender sentidos, motivações, atitudes e práticas que desenvolvem na sua inserção em processos educativos (LEÃO, 2011, p. 102)

Claro que o desempenho escolar de um aluno está relacionado principalmente ao nível de conhecimento adquirido durante as aulas, tempo destinado aos estudos e ainda à qualidade de suas avaliações, ou seja, existem diferentes fatores que podem gerar o sucesso ou fracasso dos jovens adolescentes na escola. Independente disso, imagino que o futebol, nos PPSE, possa ajudar a manter os jovens adolescentes na escola e até contribuir para seu rendimento escolar.

A partir de uma pesquisa realizada com professores, crianças e jovens adolescentes sobre a eventual influência dos esportes para o desempenho escolar, Oliveira (2012) apresentou as seguintes conclusões:

> Verificamos bons aspectos da prática regular de esportes, e a relação da prática de esporte com a necessidade de um bom desempenho escolar. (...) há uma melhora no relacionamento entre os alunos, melhorando também a disciplina, a disposição para realizar as tarefas, concentração, responsabilidade e organização. Consideramos então que a melhora destas características representa boa influencia para o desempenho escolar. Constatamos que os adolescentes nesta fase passam por diversos desafios e conflitos sendo muito importante para ele o desenvolvimento destes elementos pelo esporte (OLIVEIRA, 2012, p. 45).

A prática do futebol nos PPSE mais do que trabalhar o desenvolvimento psicomotor, sociabilidade e o desenvolvimento cognitivo, poderá ajudar a trabalhar, com os jovens, questões relacionadas à disciplina, trabalho em equipe, concentração e proatividade,

ensinando comportamentos e valorizando condutas. Tais aprendizagens e vivências são importantes não somente para a prática esportiva como poderão contribuir positivamente para o desempenho escolar dos jovens. Como visto, o futebol nos PPSE pode servir como "prêmio" ou dar recompensas para aqueles que estão tendo um desenvolvimento escolar satisfatório, servindo também como fonte de inspiração para aqueles que precisam melhorar seus desempenhos escolares. E mais, o futebol pode favorecer aprendizagens diversas que poderão gerar maior responsabilidade por parte dos jovens e, quem sabe, gerar reflexos positivos para as suas aprendizagens e desempenho escolar.

Neto, Dantas e Maia (2015, p. 109) ao darem em seus escritos ênfase nos diversos benefícios que os projetos sociais esportivos podem oferecer aos jovens, afirmam que a prática esportiva nestes espaços vai além da promoção do bem-estar psicológico e da promoção da saúde. Para eles, diferentes estudos têm mostrado que a inclusão social, as mudanças positivas de comportamento, a ocupação do tempo livre, a melhora do desempenho escolar e o aperfeiçoamento do desempenho motor são também benefícios importantes dos projetos sociais esportivos.

A partir do que foi exposto, passa a ser fundamental reconhecer a importância da atuação e preparo de gestores, professores e monitores dos PPSE para que esse processo de aprendizagens significativas possa ocorrer. Na investigação realizada não houve a intenção de avaliar a ação destes personagens, que, na verdade, são responsáveis diretos pelo desenvolvimento das ações e atividades ligadas ao futebol dentro dos PPSE. Cabe ressaltar, no entanto, que alguns aspectos, de uma forma ou outra, manifestaram-se naturalmente nos grupos de discussão ou entrevistas, e terminaram sendo considerados importantes e por isso serão lembrados aqui.

Antes de apresentar alguns depoimentos dos jovens adolescentes em relação a seus professores e monitores, lembro o que Bandeira falou sobre o futebol, afirmando que ele é um fenômeno muito mais significativo do que um simples jogo,

> [...] ele é um artefato cultural que ensina comportamentos, valores, modos de ser e estar no mundo. Esses comportamentos são representados e experimentados de forma diversa em função do contexto em que estiverem sendo vividos. Falar do futebol (...) é falar de um específico jeito de entender futebol, de representá-lo e, ainda, é falar de um modo de se constituir como gente ou como homem por meio dele (BANDEIRA, 2009, p, 49).

A partir disso que se percebe como é importante o papel dos professores e monitores com os jovens adolescentes, pois eles que irão fazer todas as mediações em torno do futebol e poderão, a partir disso, fazer com que os jovens adolescentes aprendam comportamentos e modos de ser, favorecendo seu desenvolvimento e atuando na formação de suas subjetividades.

Ao falarem de seus professores, estagiários ou monitores dos PPSE, o sentimento mais citado pelos jovens adolescentes foi a amizade.

> O que mais gosto no projeto são das amizades e dos professores. Os professores, maioria estagiários, de dois em dois anos trocam. Às vezes criamos laços com o professor e daí ele tem que sair, aí vem outro, a gente cria laço também. Tem professores que saíram do projeto há três anos e eles

> continuam tendo amizade com a gente, continuam vindo visitar a gente (A2, 2017).

Outros dois jovens têm opinião semelhante, destacando a importância da amizade com os professores. Um deles ainda comenta que a boa relação com os professores, inclusive, o motiva a participar regularmente das atividades do PPSE.

> Deixam o cara com mais vontade de vir sabe, tipo o professor foi embora assim, mas não esqueceu da gente sabe, isso que dá mais vontade de vir (A1, 2017) .

Ao relatarem os professores como sendo pessoas próximas e de sua confiança, os jovens adolescentes mostram como se sentem valorizados e reconhecidos por eles. Os termos "família" e "diferença" também apareceram com frequência nos relatos, mostrando que a relação estabelecida entre os jovens e os professores é regida tanto pela amizade e confiança, como pelo afeto e proximidade.

> Sobre os professores... Eu acho tri o jeito que eles tratam a gente. Aqui eles tratam a gente diferente. Aqui eles tratam a gente diferente. Tipo amigo, família e tal (A7, 2017).

Cabe refletir um pouco mais sobre esse "tratar diferente" a que o jovem A7 se referiu. Ao falar que no PPSE ele recebe um tratamento diferenciado, sendo este um tipo de tratamento que valoriza, sendo reconhecido e amado, é preciso refletir sobre quais seriam os outros espaços (todos?) que ele estaria se referindo, principalmente por dar a entender que, nesses, não recebe um tratamento próximo, permeado por uma relação de amizade ou familiar.

> Eles não tratam a gente diferente, por outros serem melhores que você, por exemplo. Para eles não tem isso aí, tudo é igual para todo mundo. Caso tenha alguma deficiência, pra eles não tem, é a mesma coisa. Todos são iguais. Geralmente na escola, quando alguém tem alguma deficiência, alguma dificuldade, geralmente o professor senta e fica ali com ele. Aqui, todo mundo aprende da mesma maneira, ninguém é melhor. Aqui no projeto ninguém é melhor do que ninguém, todos são iguais (A2, 2017).

Cabe mais uma vez lembrar o que Simmel explica em seus estudos sobre o que chama do princípio da sociabilidade. Para ele, este princípio acontece quando cada pessoa garante ao outro o máximo de valores sociáveis, como alegria, liberação e vivacidade, de mesmo modo com que ele próprio tenha recebido ou vivido (SIMMEL, 2006, p. 69).

O depoimento revela uma informação que até então era desconhecida na pesquisa, o fato de poderem participar das atividades de futebol deste PPSE inclusive jovens adolescentes portadores de deficiência. Ressalto que, entre os jovens que participaram do estudo deste PPSE, nenhum era portador de deficiência, porém, o jovem A2, ao trazer para o contexto da discussão sua opinião sobre inclusão e diferença, mostrou como se sente acolhido, independente de suas qualidades, habilidades ou limitações. Aqui talvez se manifeste (ou deveria se manifestar[23]) uma das maiores diferenças entre os PPSE que

23. Considerando os PPSE participantes da pesquisa e ainda alguns outros que visitei, apenas em um deles existiam jovens portadores de deficiência.

desenvolvem atividades com o futebol e as escolinhas de futebol, sendo estas privadas, franquias ou até mesmo ligadas a clubes sociais. É sabido que, na maior parte destes espaços, a performance termina classificando os alunos e abrindo ou fechando portas, de modo que, raramente, crianças ou jovens adolescentes portadores de deficiência conseguem se inserir e fazer parte das aulas ou treinamentos desses locais.

Baseados nesta relação de amizade, respeito e reconhecimento dos professores para com os jovens, estes se sentem mais seguros e, a partir disso, são desenvolvidas relações de confiança.

> Se alguém tiver um problema, se precisar falar com alguém, dá pra ir lá falar com os professores. Eu até tinha certo problema que eu comentei com a professora, eu fui pedir ajuda para ela (A6, 2017).

Lembro, a partir de Honneth (2003), que cada uma das esferas do reconhecimento, quando bem direcionada, desencadeia um tipo de autorrelação prática. Nesse sentido, do amor ocorre à autoconfiança, do direito, o autorrespeito e, da estima social, é desenvolvida a autoestima (SPINELLI, p. 381, 2018).

Em outro PPSE, os profissionais envolvidos na gestão ou desenvolvimento das atividades ligadas ao futebol também foram lembrados pelo engajamento com as propostas e objetivos do projeto, bem como por suas atitudes e postura profissional adequada, condizente com o que se propõe e espera de sujeitos que estão à frente de jovens, na maioria das vezes carentes, seja economicamente ou afetivamente, e que vivem em situação de vulnerabilidade social.

> Todas as pessoas que trabalham aqui são incríveis, te tratam bem e se preocupam mesmo com a gente (D1, 2018).

O jovem D7 destaca os aspectos que mais valoriza no PPSE, indicando o modo com que os jovens adolescentes são tratados pelos gestores e professores do projeto. Seu depoimento deixa revelar como acontece essa relação e como ela pode ser importante para os jovens.

> Gosto muito do suporte que eles têm para cada um, o jeito que eles tratam cada pessoa. No dia a dia tratam com respeito, tratam com humildade. Eles cobram, mas sabem a hora certa de cobrar e como cobrar, nunca faltando com respeito. (...) eles ajudam até em situações familiares, dependendo da situação, e esse suporte que eu acho bem importante, porque às vezes um guri da nossa idade talvez não tenha a cabeça tão desenvolvida pela sua família né? O que não é muito raro. Os exemplos que se tem dentro de casa podem não ser bons e aí o cara acaba se perdendo. Aí eles dão bastante ajuda aqui dentro (D7, 2018).

Contudo, é preciso ressaltar que, infelizmente, não foi em todos os PPSE que esse tipo de relação foi identificado. Não que tenham sido observadas situações graves de desrespeito ou ocasiões de enfrentamentos, mas, no meu entender, posturas inadequadas em virtude da indiferença, falta de paciência e certamente despreparo de alguns colaboradores ou profissionais que atuam nos PPSE.

Após observar momentos de conflito entre alguns alunos durante uma partida de

futebol em um dos projetos visitados, propus que falássemos sobre desentendimentos, acordos, regras e outros aspectos ligados a esse contexto.

> Quando dá briga, o professor termina o jogo e manda todo mundo embora. Todo mundo! Aí os dois que brigaram são suspensos pelo professor e não podem vir nos próximos jogos (C2, 2017).

Por meio das discussões e observações no PPSE que o jovem C2 participa, percebi que as atividades daquele programa ficam restritas aos jogos de futebol propriamente ditos, não existindo outro tipo de atividades paralelas, como dinâmicas recreativas ou talvez outras atividades que poderiam ser adaptadas a partir do jogo tradicional ou o uso dos fundamentos deste esporte. Também pude observar que não eram trabalhados outros esportes ou tipo de atividades lúdicas que pudessem servir como lazer ou para fins educacionais e, quem sabe, inclusivos. Chama atenção o fato de que, ao ocorrem esses conflitos, todos os alunos são mandados embora e os responsáveis pelo problema, suspensos. O modo com que C2 relata, repetindo a expressão "todo mundo" é mandado embora, mostra sua inconformidade com a decisão tomada pelo professor.

Alcântara Jr. (2005, p. 8), baseado em Simmel, lembra que os conflitos são socialmente importantes: "quando considerado enquanto uma forma social, o conflito pode possibilitar momentos de construções e destruições, quer sob as instituições, estruturas, arranjos, processos, relações e interações sociais". Imagino como devem se repetir situações de conflito na vida destes jovens adolescentes, dentro e fora dos PPSE. Quando ocorrem nos momentos de atividades do PPSE, no entanto, são oferecidas oportunidades para construção de aprendizagens, avaliação de condutas, resolução de problemas e questionamento de atitudes, podendo se transformar em momentos de crescimento pessoal, amadurecimento e formação de vínculos sociais. Os jovens deste PPSE reconhecem que o modo com que os conflitos são resolvidos durantes estes momentos não é adequado, como é possível de ver:

> Quando a gente briga, o professor não chama a gente para tentar fazer os alunos se entender. Ele pega e suspende. Isso, tipo, não é bom. Acho que melhor seria o professor parar o jogo e fazer as pessoas se acertarem. Mas em vez dele fazer isso, ele suspende (C3, 2017).

Até mesmo o jovem C3 percebe que esse tipo de abordagem utilizada na resolução de brigas ou conflitos não é o mais indicado, quando outras atitudes poderiam ser tomadas partindo do professor ou de um dos gestores do projeto.

Cabe lembrar o que Spinelli (2018) sinalizou a partir de Honneth quanto escreveu que no âmbito do reconhecimento, o autorrespeito é promovido a partir da consideração recíproca de pessoas enquanto parceiras de interação, bem como de direitos, "em vista da qual se sentem seguros quanto à satisfação de suas pretensões e ao seu valor enquanto agente imputável' (SPINELLI, 2018, p. 387). A autora complementa dizendo que limitar a interatividade das pessoas, nessa circunstância, significaria atentar contra seu autorrespeito, já que ocorreria a retirada desta do domínio de igualdade.

Ora, a descontinuidade das aulas a partir dos episódios de desentendimento e brigas entre alguns alunos nos PPSE e o impedimento de que alunos que não estavam

envolvidos nestas situações pudessem continuar participando das aulas e das atividades normalmente, poderá gerar outros conflitos sociais, uma vez que os alunos sentiram-se no direito de continuar a realizar as atividades e praticar o futebol e foram impedidos, tendo seus direitos privados e seu reconhecimento recusado (HONNETH, 2003).

A partir dessas exposições, questionei mais sobre o tipo das atividades que eram realizadas naquele projeto em torno do futebol. Os alunos, em consenso, relataram que não eram trabalhadas questões que envolvessem valores éticos e morais e tampouco que tratassem de melhorar o relacionamento entre os próprios alunos do projeto.

> O professor nunca, por exemplo, coloca a gente sentado para falar o que é, e o que não é! Só acontece que ele suspende e era isso! (C6, 2017).

Tendo em vista o que foi exposto ao longo desta linha de análise, acredito ter sido revelada uma gama de diferentes aprendizagens e vivências que os jovens adolescentes podem, a partir do futebol nos PPSE, adquirir e desenvolver. Foi possível entender também que, por meio de estratégias, é possível inclusive fazer com que os jovens, por meio do futebol, possam dar mais valor à escola, conscientizando-os sobre a importância de seu envolvimento, assiduidade e desempenho.

Infelizmente, como relatado pelos próprios jovens, foi possível identificar que, mesmo em meio a tantas alternativas e possibilidades de aprendizagens e ações que se oferecem por meio do futebol nos PPSE, em alguns projetos, sua prática continua acontecendo vazia, onde certamente ao invés de serem conquistados importantes passos para a cidadania, são comemorados apenas os gols em meio às tantas "peladas" quase sem sentido.

4.5 FUTEBOL: SÍMBOLO NACIONAL, PAIXÃO, HERANÇA E SUBJETIVIDADES

Como destacado no marco teórico preliminar deste estudo, o futebol se configura como uma das principais paixões de crianças, jovens e adultos brasileiros. Não diferentemente, os jovens adolescentes participantes da pesquisa reafirmaram essa paixão, manifestando amor e ligação com este esporte sem igual. Nesta linha de análise, que também encerra a seção das análises da pesquisa, procurei identificar quando e como esta modalidade esportiva foi apresentada para estes jovens, decifrando e entendendo em que momento da vida deles a paixão pelo futebol começou a se processar. Por meio das informações colhidas nos grupos de discussão, foi possível estabelecer relações sobre o sentimento dos jovens pelo futebol com o que este significa para seus familiares, principalmente seus pais. Ainda procurei discutir com os jovens o que poderia significar ser o Brasil o país do futebol, discurso tão recorrente em todos os tipos de mídias.

Lembro que Helal (1998) indicou que mídia e a sociedade moderna não devem ser entendidas como departamentos autônomos, que são independentes entre si. Para esse autor, a sociedade moderna é uma sociedade midiatizada. Ao falar da mídia, comenta que esta é "um espaço privilegiado de produção de discursos sociais e os espetáculos esportivos modernos um dos emblemas mais visíveis deste processo de "midiatização" de eventos culturais" (HELAL, 1998, p. 3).

Cabe destacar que os discursos possuem legitimidade própria, e os jovens adolescentes, assim como outros sujeitos, compartilham suas ideias e também o que

pensam sobre as coisas através do discurso, onde passam inclusive a atribuir significados para as coisas. Fischer (2001, p. 200), a partir dos estudos de Foucault, salienta que

> [...] o discurso ultrapassa a simples referência a "coisas", existe para além da mera utilização de letras, palavras e frases, não pode ser entendido como um fenômeno de mera "expressão" de algo: apresenta regularidades intrínsecas a si mesmo, através das quais é possível definir uma rede conceitual que lhe é própria.

A fim de entender como o futebol começa a fazer parte da rotina de muitos meninos e jovens brasileiros, destaco o que Daolio (1998) sugeriu, quando menciona que o futebol já entra na vida dos meninos a partir do momento em que nascem, principalmente em decorrência do sentimento de pertença e fidelidade de seus pais ou familiares por um time de futebol do coração.

> No Brasil, essa fidelidade vem desde o dia do nascimento, quando o garoto recebe um nome, uma religião e um time de futebol para o qual vai torcer a vida toda. Fidelidade que está expressa na porta do quarto da maternidade, quando os pais penduram um par de chuteiras e um uniforme em miniaturas, representando o time de futebol da família. Ao longo da infância, há um contínuo processo de inculcação de valores e hábitos positivos sobre o time da família (DAOLIO, 1998, p. 1).

Koch (2012) em sua pesquisa sobre o futebol também dá destaque à rápida ligação ocorrida entre crianças recém-nascidas com clubes de futebol, lembrando que é fácil enxergar em hospitais e maternidades cartazes ou artefatos que sinalizam para o nascimento de mais um gremista, corintiano ou colorado. Aliás, é conveniente lembrar que a quantidade de produtos com motivos de futebol para bebês e crianças de todas as idades é enorme, sejam fraldas descartáveis, *tip top*, chupetas, etc.

Wisnik (2008, p. 59) comenta que a atração pelos jogos de bola é uma marca da infância, onde há uma fixação infantil por esse objeto, dada sua participação e ligação precoce no processo identificatório dos sujeitos. Para ilustrar o quanto as crianças se apegam prematuramente a bola, passando a desenvolver certa atração por ela, Wisnik faz um comparativo inusitado, porém verdadeiro, alegando que as crianças entendem perfeitamente a bola antes de começarem a entender as palavras.

> A bola magnetiza a atenção por meio de uma completude vivaz (...) ela liga o eu e o outro em laços instáveis e atrativos. A sua presença hipnotiza e coreografa o grupo, que, à volta dela, dança um sociograma caleidoscópico, um psicodrama irresistível (WISNIK, 2008, p. 58-59).

Pimenta (2006, p. 268), da mesma forma, sinaliza que a relação das crianças com o futebol começa bem cedo. Para ele, as crianças experimentam os primeiros contatos com o universo do futebol já ao darem seus primeiros passos. Lembrando que os meninos normalmente são presenteados com uma bola, afirma que as brincadeiras com ela ou com objetos que possam ser chutados acontece nas ruas, escolas, em todos os espaços que possam ser possíveis de brincar. A partir desta referência, lembrei-me de minha infância, onde realmente em vários momentos com amigos ou colegas da escola, antes das aulas ou no recreio, sem termos uma bola para jogar, brincávamos de futebol com qualquer

objeto que se oferecia. Lembro bem que, normalmente, uma simples tampinha de garrafa de refrigerante acabava satisfazendo nossos anseios para aquele momento de diversão.

Mostrarei que não poderia ser diferente com os jovens adolescentes participantes da pesquisa, já que as histórias narradas por eles se assemelham muito com o que estes autores relataram sobre o início da relação e paixão das crianças pelo futebol.

> O primeiro presente da criança é uma bola de futebol. O primeiro incentivo, a primeira coisa que a criança gosta de fazer é jogar futebol (D5, 2018).

> Como eu disse, o primeiro presente que eu ganhei, eu pelo menos, e acho que qualquer brasileiro, é uma bola. O cara se apaixona a partir dali né (D9, 2018).

Professores e gestores também relataram que o futebol entrou cedo em suas vidas. Para ilustrar a precocidade de seu envolvimento com o futebol, BP1 (2017) compartilhou uma história contada por sua mãe, quando perguntada sobre as primeiras experiências que ele tivera com esse esporte. Conforme a mãe do professor, antes mesmo que seu filho caminhasse, já brincava de chutar uma bola.

Como foi possível de identificar, o futebol parece quase nascer com os meninos que, ao longo de sua infância e juventude, parecem se identificar cada vez mais com esse esporte, seja praticando-o em variados espaços ou por meio de suas identificações com jogadores ou clubes, como descrito nas análises anteriores.

A paixão pelo futebol, nestes casos onde os pais presenteiam os filhos recém-nascidos com artefatos ligados a esta modalidade esportiva, e anos depois passam a assistir jogos na televisão ou frequentar partidas nos estádios com sua companhia, funciona como espécie de herança.

> Aprender a jogar futebol no Brasil sempre esteve respaldado no significado cultural de sua prática. Desde a infância os brasileiros são influenciados por esse significado. Recebem bolas e uniformes dos clubes preferidos dos pais ou parentes. Torcem por determinados times. Assistem aos jogos pela televisão ou nos estádios, são incentivados a praticar o esporte (GIGLIO et al., 2008, p. 1).

Os pais, desta forma, passam para seus filhos esse sentimento de amor pelo futebol, ensinando modos de ser e viver vinculados a esse esporte, mostrando uma relação de proximidade e envolvimento. Pimenta (2006) destaca que, na maioria das vezes, a afinidade com o futebol acontece no seio da família ou entre os amigos da infância.

Muitos jovens com os quais conversei comentaram que seus pais ou outros familiares haviam tido no passado envolvimento com o futebol, seja no esporte amador ou até, em alguns casos, em situações onde "quase" teria ocorrido a profissionalização. Houve relatos sobre uma ou outra situação onde familiares dos jovens haviam conseguido se profissionalizar, porém, sem ter ocorrido uma trajetória longa nos campos, devido às dificuldades na renovação de contratos ou pela falta de oportunidades em diversos clubes. Como se sabe, não são poucas as pessoas que dedicam anos de suas vidas em busca do sonho de ser jogador de futebol profissional, participando ativamente das categorias de base de clubes e investindo seu tempo e dinheiro em busca desta realização. Para

isso, abdicam muitas vezes de uma vida "normal" na adolescência e juventude para só se dedicaram as remotas chances de conseguir vencer no futebol. Neto e Santos (2015, p. 13) ao pesquisarem sobre o processo de formação de atletas de futebol relataram que "para vencer por essa dura estrada, há que se expender muito trabalho, dedicação, passando-se por muitas privações e, sobretudo, ter muita sorte".

Até mesmo depois de firmado o primeiro contrato profissional, muitos jovens, por vezes inclusive promessas do futebol, podem passar por dificuldades para renová-lo, não conseguindo ingresso em equipes profissionais, sejam estas até mesmo da segunda ou terceira divisão.

> A ideia que se tem (ou que se vende) sobre a vida tranquila e saudável que leva um jogador de futebol profissional, independentemente do clube em que está inscrito, não é verdadeira. Na verdade, a instabilidade econômica da maioria dos atletas é frequente, pois os contratos são, salvo no caso dos jogadores bem sucedidos, curtos e pouco constantes (PIMENTA, 2006, p. 231).

É interessante observar que as histórias de insucesso ou carreira fracassada de pessoas próximas aos jovens parecem não gerar consequências ou reflexos em suas tentativas de serem jogadores de futebol. São dispensas, frustrações, fracassos e ilusões de entes próximos, normalmente de gerações anteriores, mas, por vezes, até da mesma, que parecem não desanimar os jovens adolescentes na busca deste sonho.

> Meu pai foi jogador de futebol e parou por causa de problema nas costas. Ele foi jogar e deu uma dor nas costas e aí ele parou. Agora meu irmão tá nessa de jogar bola. Ele ate jogou no Inter e não deu certo (A3, 2017).

> Meu pai quando era mais novo jogava futebol no Inter, profissional (...). Depois ele voltou porque tinha filho. Ficou sabendo que minha mãe estava grávida de nós dois, aí ele voltou. Trabalha de... não sei, atende umas lojas lá (A7, 2017)

Como visto, o relato mostrou que o sonho de ser jogador de futebol não ficou restrito a apenas uma pessoa da família, e mesmo após as histórias de insucesso dos familiares, os jovens continuam querendo ser jogador de futebol e são ainda incentivados por aqueles que não tiveram sucesso. Parece haver uma crença de que a sorte para eles poderá ser diferente.

Um dos jovens relatou com entusiasmo que toda sua família é ligada ao futebol, sendo que seus irmãos jogam em times amadores e seu pai, em tempos passados, havia sido inclusive técnico de uma equipe (D5, 2018). Ao ser questionado sobre um possível apoio dos pais e outros familiares para continuar jogando futebol e correr em busca de ser um jogador profissional, este jovem disse que tem a torcida e apoio de toda família.

Em outro depoimento é possível perceber uma história semelhante como estas compartilhadas, porém com novos personagens. Ao ser perguntado se recebia apoio de casa para jogar futebol e buscar uma carreira neste esporte, D4 respondeu:

> Minha família apoia, meu primo, meus dindos, todos tentaram ser jogadores de futebol e não conseguiram. Minha mãe não gosta muito de futebol, mas me apoia o máximo que ela pode (D4, 2018).

A partir das narrativas dos jovens adolescentes sobre as histórias de vida de seus familiares ligadas ao futebol, afirmo que o sonho destes em uma carreira nesse esporte, quase em sua totalidade, tem o apoio da família e se relaciona aos desejos ou frustrações de seus pais ou outros familiares.

Neto e Santos (2015, p. 25) enfatizam que os pais, ao terem suas expectativas de jogar futebol frustradas, transferem para seus filhos essa responsabilidade e desejo, sempre acompanhadas da expectativa de uma carreira de sucesso.

Souza et al. (2008, p. 106) também ao falarem de projetos de vida de meninos brasileiros, afirmam que o encaminhamento para a carreira no futebol, principalmente nas camadas populares, é decorrente de um projeto familiar, onde o sucesso de um poderá significar o sucesso de toda família. A reportagem sobre a transferência do jovem Augusto Galván para o futebol espanhol confirma o que os autores afirmaram.

> Um projeto familiar fez Augusto Galván, 17, meia das categorias de base do São Paulo, se transferir para o Real Madrid por cerca de R$ 10 milhões. (...) Outro ponto que pesou para o jovem ir para a Europa precocemente foi a vontade dos pais de morar no exterior devido a um problema familiar (CORREIO, 2017, p. 1).

Outro caso emblemático recente ganhou destaque no programa Esporte Espetacular, exibido no dia 8 de abril de 2018. A matéria jornalística realizada durante uma competição de futebol para crianças, falava entre outras coisas, dos sonhos de muitos meninos em se tornar jogador de futebol. Entrevistas feitas com alguns pais de crianças que competiam nesse torneio revelaram que eles vivem de modo intenso o sonho de sucesso no futebol dos filhos, talvez mais ainda que os próprios filhos. Ao tratar sobre um dos destaques do evento, um menino com apenas dez anos de idade, também o jogador mais novo brasileiro a conseguir um contrato com uma empresa multinacional, a reportagem anunciou que ele já tinha empresário e agente. Sua família, meses antes, havia abandonado sua cidade de origem, Franca, cidade do interior de São Paulo, para morar em Belo Horizonte e se concentrar no projeto de tornar Estevão[24] um grande jogador de futebol.

Lembrando-se das contribuições de Maffesoli, Anaz (2014, p. 9) comenta que existe uma interface entre real e o imaginário, sendo que mesmo que não se possa ver o imaginário, é possível senti-lo. O imaginário, assim, é caracterizado por uma energia, uma força, um catalisador e ao mesmo um patrimônio de grupo, "uma fonte comum de emoções, de lembranças, de afetos e de estilos de vida; um patrimônio compartilhado que o autor também chama como 'cimento social'" (ANAZ, et al. 2014, p. 9).

Como o jovem D9 comentou, por vezes,

> [...] o sonho de ser jogador de futebol vem da família. Muitas vezes a criança quando começa a jogar bola não tem noção nenhuma do dinheiro, do que é o valor das coisas (D9, 2017).

As famílias, principalmente aquelas de baixo poder aquisitivo, apostam no futuro

24. Estevão Willian é considerado uma promessa no futebol brasileiro. Tendo chamado a atenção de profissionais do futebol nas proximidades onde morava, seus pais foram motivados a gravar um DVD para mostrar as habilidades do garoto com a bola. Após a avaliação do DVD e avaliação dentro de campo, Estevão foi convidado para se transferir para Belo Horizonte e jogar no Cruzeiro, apenas com nove anos de idade.

profissional de jovens no futebol, enxergando esse caminho como única alternativa para uma nova vida. Ao tratar sobre o envolvimento dos pais nas competições de futebol de seus filhos, principalmente naquelas em que eles estão sendo observados por "olheiros", Santos et. al. (2008) lembram que, em razão de o futebol movimentar multidões e por vezes trazer fama e dinheiro, os pais geram verdadeiros transtornos, tamanha preocupação e nervosismo destes para que seus filhos joguem bem e sejam notados. Para estes autores, essas possibilidades enchem os olhos dos pais, que sonham junto com os jovens com uma carreira de sucesso no futebol, trazendo estabilidade financeira para a família, atingindo melhores condições sociais e culturais (SANTOS et. al, 2008).

Exatamente isso que é possível identificar no relato de um dos jovens:

> Eu nasci num meio que, minha família inteira tentou ser jogador de futebol, sabe... Meu padrinho, meu avô, meu pai, todos tentaram. E sempre vem essa palavra do dinheiro relacionado ao futebol, sabe. No futebol, nossa, os caras ganham bem, ganham bastante (D4, 2018).

A influência da família também foi determinante nas escolhas de alguns professores, como no caso de DP1 (2018) que revelou que começou a jogar futebol por incentivo de sua família. Reafirmando que esses sonhos são vividos por toda família, onde todos os esforços são realizados para que os jovens possam ter mais chances de conseguir se desenvolver no futebol, registro também o que um dos jovens falou, reconhecendo todo apoio que recebe.

> Tenho apoio de casa para jogar futebol. Apoiam-me para vir treinar. Querem que eu venha, que eu melhore sempre. Procuram me ajudar a melhorar. Tenho incentivo muito grande do pai, mãe, irmão, avós e primos. Eles compartilham comigo esse sonho. A maioria diz que tem como, que eu posso, e me incentivam a seguir (D6, 2018).

Mas certamente o que um dos professores entrevistados relatou sobre a influência de seu pai sobre sua "escolha" de jogar futebol foi o que mais impressionou, principalmente pela maneira com que aconteceu e a idade que ele tinha naquela época. Quando perguntado sobre como e quando teria começado sua relação com o futebol, este professor, responsável por um dos PPSE onde a pesquisa foi desenvolvida, respondeu:

> Comecei meu envolvimento com o futebol com meu pai me obrigando a jogar. Meu pai foi atleta profissional e ele que me levou para a escolinha de futebol, eu tinha cinco anos. Eu fui empurrado. Pô, com cinco anos o cara não pensa em jogar bola! Aí dos cinco aos oito anos eu tinha que ir obrigado, eu não queria, mas era obrigado. Aí depois, dos oito anos para cima, a paixão nacional fala mais alto. Mas fui obrigado! (CP1, 2017).

A partir da fala de CP1 creio ser importante destacar dois aspectos. O primeiro se refere ao modo como o futebol entrou na vida desse professor, quando tinha apenas cinco anos de idade. Segundo ele, o futebol entrou em sua vida por meio de uma imposição de seu pai, ex-jogador de futebol, de modo forçado, ou seja, ocorreu sem que ele possuísse o desejo de jogar ou fazer parte de uma escolinha. Mesmo que esse sujeito, hoje professor, tenha vivido posteriormente um envolvimento de muitos anos com atividades profissionais no futebol, como jogador, técnico ou professor, o modo com que ele expressa essa experiência

inicial no esporte mostra claramente que foi uma experiência traumática. Observa-se que não foi o sonho de uma criança em ser jogador de futebol que foi compartilhado pelo pai, pelo contrário, as aspirações e desejos do pai, provavelmente decorrente de suas frustrações como jogador (ou quem sabe suas pretensões como "pai de um jogador de sucesso", que desencadearam essa tentativa de formação de carreira no futebol precoce), mesmo tendo o "futuro craque" apenas cinco anos de idade.

O segundo aspecto chama a atenção para o fato de CP1 argumentar que, depois dos oito anos de idade, "a paixão nacional falou mais alto". Penso que o professor, ao falar isso, procurou expressar que por ter o futebol a significância que tem no Brasil, naturalmente ele se rendeu também a esse esporte. Como abordado no referencial teórico, o futebol no Brasil faz parte de sua identidade, não somente para os brasileiros, mas para boa parte do mundo, uma vez que o Brasil é considerado o país do futebol.

Bellos (2014) faz uma contribuição importante ao afirmar que se o futebol é o esporte mais popular do mundo, e o Brasil o país mais bem-sucedido neste esporte, as consequências disso são particulares, porém podem ter longo alcance. Este autor ainda lembra que não se tem notícia de algum outro país onde exista uma referência tamanha a um único esporte. Sobretudo como acontece com o Brasil e o futebol.

Como disse Damatta,

> Essa relação entre povo e futebol tem sido tão profunda e produtiva que muitos brasileiros se esquecem de que o futebol foi inventado na Inglaterra e pensam que ele é, como mulata, o samba, a feijoada e a saudade, um produto brasileiro. Tal ousadia em mudar uma história recente e bem documentada apenas indica o quanto o "futebol" mobiliza e apaixona as massas. Provavelmente, conforme muitos tem acentuado, porque é uma atividade que indubitavelmente promove sentimentos básicos de identidade individual e coletiva entre nós (DAMATTA, 1994, p. 12).

O futebol passou por inúmeras transformações com o tempo, tanto em território nacional, como internacional. Nesse sentido, estariam os jovens adolescentes ainda envolvidos com esse sentimento de identidade nacional ligado ao futebol? Pergunto isso lembrando que os jovens participantes do estudo apontaram, quase em sua totalidade, atletas estrangeiros como seus ídolos. Muitos deles ainda afirmaram que preferem acompanhar o futebol europeu que o futebol brasileiro, justificando que aquele, ao contrário do futebol brasileiro, é mais bem praticado, mais técnico, bonito e rico.

Apresento algumas opiniões que foram dadas quando o tema dos diálogos e discussões com os jovens apontou para 'ser o Brasil o país do futebol ou não'.

> É uma coisa que vem do brasileiro eu acho, gostar do futebol (...) Eu acho que cada brasileiro que nasce, nasce um pouco com o futebol nos pés, nasce com essa missão de jogar bola desde pequenininho, acho que vem de todo mundo, mulher ou homem. Acho que brasileiro gosta de jogar bola, acho que é uma coisa assim, um jeito, uma mania que vem de muitas gerações e gerações passadas. Os gringos falam que no Brasil se nasce jogando bola (C6, 2017).

O jovem C6, ao identificar tamanha afeição que os brasileiros possuem pelo

futebol, sugere que tal ligação com esta modalidade esportiva é inata, como uma espécie de herança genética que os nascidos no Brasil recebem. Giglio et. al. (2008) ao tratar sobre esse assunto lembram que pessoas espalhadas pelo mundo todo acreditam que os brasileiros têm um dom para jogar futebol. Ao invés de justificar que o sucesso brasileiro nesse esporte seria decorrente da quantidade de horas que crianças e jovens praticam o esporte no país, por exemplo, há quem diga que os brasileiros seriam indivíduos que, a partir de uma mutação genética[25] ou herança divina, nasceriam sabendo jogar futebol. Esse mesmo autor em sua dissertação de mestrado estabelece uma relação entre o dom de jogar bem futebol com habilidade e talento, qualidades que também viriam no nascimento segundo o senso comum, por isso, dádivas divinas. Não é necessário aqui afirmar que tais dádivas ou dons inatos não são possíveis de comprovar, ou seja, são acontecimentos inexplicáveis.

Explicáveis ou não, parece que os discursos midiáticos e os jovens adolescentes acreditam nisso, afinal, como repetidas vezes anunciado na televisão, "o brasileiro tem todas as chances de ser um jogador de futebol, de realizar seus sonhos na Europa, de subir e vencer na vida, de conquistar o mundo, o brasileiro sempre chega" (https://sportingbet.tv/).

> Eu acho que as pessoas que nascem aqui no Brasil tem mais talento que as pessoas de fora quando se trata de futebol. Eu conheço e acompanho um cara que foi para a Albânia. Ele não entende nada que os caras falam lá, mas, jogando lá, ele é muito diferente dos outros. Ele até já ganhou título lá na primeira temporada que ele foi para lá. Ele tá conseguindo resolver a vida dele lá, mesmo não entendendo o idioma, ele tá conseguindo se dar bem na profissão, e é o que conta (D7, 2017).

Não por acaso, identifica-se que os discursos midiáticos que tratam o Brasil como país do futebol são reproduzidos pelos jovens adolescentes, que até mesmo reconhecendo e identificando a origem destes, parecem contribuir para sua circulação e para que eles se firmem cada vez mais como regimes de verdade. Como alertou Falcon (2000, p. 102) a partir das ideias de Castoriadis, "o homem é um ser que busca o sentido e ao mesmo tempo cria este sentido, o qual nada mais é do que a 'significação imaginária social'".

Para Camozzato e Garbin (2006, p. 1), as formas de pensar são construídas a partir dos significados que chegam com mais ou menos força às pessoas, e os discursos, por sua vez, são construídos, legitimados e disseminados, tornando-se regimes de verdade. Ao entender como os jovens adolescentes acompanham o futebol nas mídias, não pode ser desprezado como tais significados se estabelecem facilmente entre os jovens e terminam impondo sentidos às suas práticas.

> Escutamos que o Brasil é o país do futebol na TV, em músicas, o Galvão Bueno, nas chamadas dos jogos sempre tem (A4, 2017).

> A mídia trata os jogadores de futebol como diferenciados perante jogadores de outros países, jogadores que tem alegria nas pernas e que não tem medo de se arriscar (D8, 2018).

25. É sabido que fatores genéticos podem ajudar ou não o desempenho nos esportes, porém, neste caso, não é possível afirmar que uma pessoa possa nascer com qualidades no domínio de bola e uma visão de jogo apurada (GIGLIO et al. 2008).

Esse gostar do futebol se identifica de modo mais intenso ainda quando são realizadas as Copas do Mundo. Lembra bem Daolio (2000) que, quando irá acontecer uma Copa do Mundo de Futebol, o Brasil prepara-se para o evento de modo mais intenso do que para qualquer outro evento esportivo, independente de que modalidade esportiva possa ser. Para o autor, exatamente em momentos como esse que é possível identificar a importância que o futebol tem no país, constituindo-se como o esporte número um, a paixão nacional, que movimenta massas e faz com que cada sujeito nascido aqui seja um torcedor.

> O futebol é a maneira privilegiada pela qual a nação ritualiza um acerto de contas consigo mesma – acerto cíclico, e sob certos aspectos ***ciclomítico***, do qual as Copas do Mundo se tornaram, a cada quatro anos, a cena principal. Nesses confrontos com o mundo e consigo mesmo, o futebol brasileiro, e por extensão o país, se experimenta como um ***fármacon***, um veneno remédio, uma droga inebriante e potencialmente legal que oscila com uma facilidade excessiva entre a plenitude e o vazio (WISNIK, 2008, p. 182, grifo do autor).

Mesmo os jovens adolescentes tendo manifestado suas paixões pelo futebol e preferências por equipes ou clubes, um fato curioso, talvez novo, se apresentou. No que se refere à seleção, a maior parte dos jovens admitiu que acompanha e torce durante os jogos, principalmente durante a realização da Copa do Mundo, porém, alguns jovens manifestaram que não tinham interesse em acompanhar os jogos e pouco se preocupavam com os resultados obtidos na Copa.

> Pra mim tanto faz se o Brasil ganha ou se perde (A6, 2017).

> Pra mim não muda nada se o Brasil ganha. Eu não assisto muito os jogos, nem mesmo na Copa (A7, 2017).

Seria esse um movimento mais recente entre os jovens? Outros depoimentos mostraram também certo desinteresse pela seleção e interesse maior pelos times do coração. O jovem B5 chegou a comentar que não sabia nada sobre a seleção. Outro jovem revelou que seu interesse era maior para o Internacional.

> Pra mim não tem importância a Seleção. Eu acompanho os jogos, é legal ver eles ganhando, mas para mim é mais importante o Inter que a seleção (B1, 2017).

Como destacado na introdução deste estudo, antes da Copa do Mundo de 2018, foi possível observar certo desinteresse dos brasileiros com o evento, bem diferente do que normalmente se observava antes do início de eventos futebolísticos deste porte. As razões para isso poderiam estariam "lincadas" ao momento de instabilidade do cenário político e econômico do país? Ou, quem sabe, as marcas deixadas pela derrota para a Alemanha por 7x1 na Copa de 2014 ainda estariam assombrando os brasileiros? Essas são novas reflexões que, para poderem ser mais bem compreendidas, precisariam ser investigadas. Um fato, porém, não pode ser desprezado: Os jovens de hoje, mesmo que envolvidos pelo futebol, possuem novos gostos, hábitos e valores. A importância dada pelas juventudes para a Internet e as redes sociais, por exemplo, evidencia que há diferentes formas de divertimento que podem estar concorrendo com os jogos de futebol do selecionado brasileiro na televisão. Abramovay (2015, p. 149) revela números de uma pesquisa realizada pelo

IBGE que informam que o público juvenil foi o que teve crescimento mais expressivo no uso e acesso à Internet. Entre os jovens com 15 a 17 anos, nos últimos seis anos, o aumento foi de 74,1%. Ainda segundo esta autora, os jovens preferem ficar plugados que se divertirem fazendo outros tipos de atividades.

Mas, a maior parte dos jovens participantes da pesquisa revelou ainda um alto grau de interesse pela seleção e principalmente pelos jogos na Copa do Mundo. Para ilustrar melhor a dimensão que alguns jovens dão a Copa, aproprio-me do depoimento do jovem D7, que ao falar do desempenho das equipes brasileiras em Copas do Mundo, destacou aspectos e nomes das equipes brasileiras da Copa de 1998 e 2002. Considerando que, em 2002, o Brasil foi campeão mundial, não surpreende o fato de esse jovem saber os nomes dos jogadores que lá estiveram, mas, surpreendente o fato de que quando estas Copas aconteceram, ele não era nascido ainda. Saber parte da história da seleção daquelas Copas, lembrando até nomes de jogadores que não foram convocados para aqueles mundiais, mostra o interesse e curiosidade do jovem com essa competição, também mostra como a participação brasileira é acompanhada de perto, com torcida e expectativa[26].

> O Brasil é sim o país do futebol. Vou dar um exemplo: Na copa do mundo, a torcida que fizeram para o Brasil foi fora do comum, os times brasileiros são os que mais tem torcida, a torcida mais apaixonada (B4, 2017).

Convém lembrar que a magia da seleção não é natural, ela faz parte de um processo de mediação, sendo culturalmente constituída principalmente pelos profissionais da mídia. Por meio desta mediação que é despertado o interesse das pessoas pelas competições, como a Copa do Mundo, por exemplo, onde tanto as equipes como os atletas são dotados de um poder de representação (DAMO, 2006, p. 87).

Como identificado, o futebol, se localiza em uma posição central na cultura do país. Para parte dos jovens adolescentes participantes da pesquisa, talvez mais que isso, já que conforme o jovem D7, o futebol é *"uma coisa que a gente gosta, é uma coisa que tá no nosso DNA, é a vontade de respirar futebol que move a gente"* (D7, 2018). Mais do que o esporte preferido, o futebol aqui se apresenta como fonte de energia, inspiração, quase se constituindo como parte integrante dos jovens adolescentes, ordenando e coordenando escolhas, e ainda atuando diretamente sobre suas subjetividades.

Honneth (2003) afirma que a identidade dos sujeitos é construída através do reconhecimento intersubjetivo, meio por onde os indivíduos passam a garantir a realização total de suas capacidades e desenvolvem uma boa relação consigo mesmos. Para esse autor, as pessoas passam a construir suas identidades e são reconhecidas quando são aceitas nas relações com o próximo, nas práticas institucionais e relações jurídicas e, ainda, nas relações comunitárias. Honneth também afirma que o processo da individuação, no que se refere ao plano da história da espécie, está ligado ao pressuposto do aumento simultâneo das relações de reconhecimento mútuo (HONNETH, 2003, p. 156). Em outras

26. Quando abordado nos grupos de discussão questões relativas ao interesse dos jovens adolescentes pelos jogos da seleção, bem como suas expectativas com a realização de eventos como a Copa do Mundo, por exemplo, foi constatado que a maioria deles acompanhava a equipe representativa do Brasil e que a designava como seu primeiro ou segundo time. É preciso apontar, no entanto, que cinco dos jovens participantes da pesquisa informaram que não tinham interesse nos jogos da seleção e que os resultados obtidos por esta não iriam refletir em nada em suas vidas.

palavras, é possível apontar que, para Honneth, só é possível entender e dar sentido a subjetividade quando esta passa a ser compreendida como intersubjetividade, ou seja, no modo com que os indivíduos se produzem na relação com os outros, bem como por meio dos discursos. Citando Hegel em sua obra, Honneth pontua que a autonomia subjetiva de uma pessoa passa a aumentar a cada etapa de respeito recíproco (HONNETH, 2003, p. 157-158).

Essa concepção existente na teoria do reconhecimento honnethiana também é lembrada por outro autor, Censi (2013), ao afirmar que a premissa fundamental da teoria é que a identidade pessoal é constituída por uma estrutura fundamentalmente intersubjetiva, ou seja, as pessoas somente constituem suas identidades a partir do momento que são reconhecidas intersubjetivamente.

Destaco que, ao falar de subjetividade, é preciso lembrar que ela não se dá a partir do nada, é por meio da dimensão social e cultural que são estabelecidas diferentes condições para seu surgimento. A partir disso aproprio-me de Dayrell (2016, p. 255), que, ao falar dos jovens, sinaliza que são seres humanos que se divertem, amam, sofrem e que também pensam a respeito das suas condições e experiências de vida, posicionando-se perante ela, em um processo aonde se constroem, e ao mesmo tempo, são construídos como sujeitos. Como seres singulares, se apropriam do social e o transformam em representações, práticas e aspirações que, além de serem interpretadas, passam a dar sentido aos seus mundos e às relações que mantém.

De acordo com Castoriadis, as pessoas, bem como suas produções e criações, inclusive as produções de uma sociedade, suas técnicas, culturas, artes e linguagens, por exemplo, se sedimentam nos imaginários sociais, que, por sua vez, instituem e problematizam todos os tipos de operações no interior de uma sociedade (PRATES, 2016, p. 8). Ainda ao falar da obra de Castoriadis, este autor afirma que o ser é sempre um movimento constante de autocriação, que não é determinado pela causalidade ou por algum tipo de relação encadeada. Com base nisso, escreve que:

> Castoriadis busca afirmar com isto que a sociedade se autocria e se desdobra sem um eixo delineador, correndo "livremente" dentro de um fluxo de significações sociais. Além do mais, para ele a indeterminação dos produtos da psique está sempre associada aos modos de sublimação/socialização do sujeito, que são sempre indeterminados. A institucionalização do sujeito é vista pelas significações sociais produzidas em seu conflito e em sua relação com o imaginário e a sociedade instituída, não estando de nenhum modo previamente estabelecida. (PRATES, 2016, p. 7).

Sendo os jovens participantes do estudo oriundos das camadas populares, onde muitas vezes não são reconhecidos, pelo contrário, por vezes são negados e discriminados, a construção de suas identidades podem ser fortemente marcadas por aspectos negativos. Talvez aqui se apresente um ponto chave da pesquisa, pois, nesse contexto, ganha importância demasiada os processos educativos e formativos que são, ou que pelo menos deveriam ser, desenvolvidos nos PPSE. Como descrito anteriormente, os sujeitos nesses espaços se produzem e também são produzidos, onde as relações sociais estabelecidas passam a ter papel fundamental nessa construção.

Também creio ser interessante destacar o que Maffesoli desenvolveu em seus

estudos sobre "subjetividade". Nogueira (1997), baseada neste autor, relata que a subjetividade não se vincula ao individualismo, sendo algo construído tanto de forma pessoal como social ao mesmo tempo.

> Maffesoli vai mais além: o que está em causa é o vaivém constante entre uma intersubjetividade e uma intrasubjetividade. O subjetivo se transcende na fusão com o coletivo, que gera o intra-subjetivo: a geração simultânea e espontânea do processo pluralista, processo de construção das diferenças (NOGUEIRA, 1997, p. 55).

Ao analisar os jovens adolescentes no contexto de PPSE, em se tratando da formação de suas subjetividades, lembro que ser jovem na atualidade é diferente do que era ser jovem em tempos atrás. Hoje, as juventudes constroem seus espaços e também seu modo de vida a partir de novas formas de pensar e agir, nesse sentido que as subjetividades ganham importância, assim como as relações dos jovens com si mesmos e com os outros (ABRAMOVAY, 2015).

Considerando o tempo de hoje, marcado pela ausência das antigas referências estáveis que outrora existiam para a vida dos jovens, como a família, a igreja e a escola, que ensinavam e, de certo modo, moldavam seus modos de ser e viver em sociedade, é possível perceber como inexistem bases sólidas e estruturas para a construção de suas identidades na atualidade. Hoje, pelo contrário, existe uma multiplicidade de referências.

Bauman (2007) em virtude destas transformações que ocorreram no nosso tempo fala de mudanças e criação de um ambiente novo.

> A passagem da fase "sólida" da modernidade para a "líquida" - ou seja, para uma condição em que as organizações sociais (estruturas que limitam as escolhas individuais, instituições que asseguram a repetição de rotinas, padrões de comportamento aceitável) não podem mais manter sua forma por muito tempo (nem se espera que o façam), pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las e, uma vez reorganizadas, para que se estabeleçam (BAUMAN, 2007, p. 7, grifo do autor).

Quem sabe por isso que Maffesoli (1996), ao afirmar sobre a construção do "eu", fala de uma frágil construção (sem bases sólidas), já que esta acontece por meio de situações e experiências que ora se apresentam, ora não.

Mezan (1997 apud PIMENTA, 2006, p.239) estrutura seu entendimento sobre subjetividade alegando que o sujeito se encontra entre várias linhas de força, sendo capaz de determinar algumas delas, mas, em contrapartida, outras o determinam. Isso quer dizer que a subjetividade, nos dias de hoje, não é do "eu" para o mundo, mas, ao contrário, do mundo para o "eu". A partir disso se entende que a subjetividade não se procede no "nada", mas na dimensão do social e do cultural que se formam as condições para seu surgimento.

Ao articular "subjetividade" e "esportes", concordo com Moreno e Machado (2004) que escrevem que o esporte, como atividade humana, além de modificar o mundo, também modifica o homem que o executa. O esporte, dessa maneira, é um modo das pessoas existirem, objetivarem-se e construírem suas identidades. Ainda conforme estes autores, as pessoas produzem significados, e, para compreendê-las, o melhor caminho passa a ser identificando a forma como estas produzem sua própria vida. A partir desta percepção, é

possível afirmar que as práticas esportivas são significativas para os jovens adolescentes, pois nelas são estruturadas significações, representações e relações com tudo que as cercam, estabelecidos vínculos e conquistados espaços que terminam contribuindo para a construção das identidades (MORENO; MACHADO, 2004).

Com base no que foi descrito até aqui, no que tange ao envolvimento dos jovens adolescentes em PPSE por meio do futebol e as análises sobre a formação de suas subjetividades, ressalto mais uma vez a importância da promoção de experiências sociais, educativas e formativas nestes espaços, que bem além de trabalhar gestos técnicos ou habilidades específicas do esporte, exercendo tamanho fascínio para estes jovens, possam favorecer outros modos de ser, sentir, estar e viver no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhecido como um dos maiores fenômenos mundiais, o futebol, praticado em quase todos os países do mundo, é reconhecidamente a manifestação esportiva que mais movimenta e mobiliza os brasileiros. Após mergulhar na história desse esporte, entendendo onde e como aconteceu seu surgimento até chegar ao Brasil, a presente pesquisa identificou as transformações ocorridas no futebol no país, onde se consolidou como um símbolo nacional. O problema que norteou o desenvolvimento da tese foi identificar quais as possíveis interferências do imaginário acerca do futebol no país, sobre modos de viver, projetos de vida e futuro de jovens adolescentes praticantes desta modalidade no contexto de três Programas/Projetos Sociais Esportivos (PPSE) da Grande Porto Alegre.

No transcorrer do trabalho identifiquei como ocorre o forte apelo dos jovens adolescentes pelo futebol, razão pela qual pude concluir que existem centenas de programas e projetos sociais que são desenvolvidos tendo esta modalidade esportiva como pano de fundo. A partir de observações não sistemáticas, mas também pesquisas e levantamentos realizados, principalmente por conta da investigação realizada, percebi que o futebol está presente de modo significativo na vida dos jovens adolescentes brasileiros.

Praticado além dos PPSE, compreendi que o futebol está presente na vida dos jovens adolescentes em diferentes espaços e momentos do seu dia a dia, seja em lugares públicos destinados ao lazer, onde se encontram para bater uma bola, nas escolas, tanto nas aulas de educação física, como no recreio, período em que os jovens se organizam sozinhos para jogar e ainda em diferentes campos de futebol espalhados pelos bairros, alguns ligados a sociedades comunitárias e outros privados, onde os jovens dividem entre si o valor da locação da quadra ou campo.

Além de praticarem o futebol repetidas vezes durante a semana, o interesses dos jovens adolescentes por esta modalidade se manifestou também no modo como acompanham esse esporte, equipes de preferência e ídolos por meio das mídias. Assim, percebi que os jovens adolescentes assistem programas de televisão que falam sobre o futebol, acompanham jogos e usam principalmente a Internet para buscar notícias e informações sobre esse esporte. Usuários das novas tecnologias e das redes sociais, os jovens afirmaram que o futebol se constitui como o principal assunto de suas buscas e compartilhamentos nas mídias digitais. Além disso, para se conectar mais ainda ao mundo do futebol, boa parte dos jovens afirmou que se conecta a aplicativos e sites esportivos que destinam a maior parte de seus espaços para falar ou mostrar temas relacionados a esse esporte.

Ao entender tamanho envolvimento dos jovens adolescentes com o futebol não foi difícil perceber que, naturalmente, esse esporte se encontraria presente fortemente em seus cotidianos, constituindo e sendo constituídos por um imaginário social bastante peculiar. Tal presença marcante evidenciou que, no imaginário dos jovens adolescentes, uma série de representações ligadas a este esporte é criada, como também são instituídas uma variedade de significações, sejam elas ligadas ao futebol propriamente dito, seus craques e ídolos, tão presentes nas mídias, ou ainda combinadas com projeções de vida e futuro dos jovens adolescentes.

Ignorando ou desconhecendo as dificuldades existentes em se tornar um jogador

de futebol profissional bem-sucedido, os jovens adolescentes enfatizaram que a carreira no futebol significa mais do que uma escolha profissional, seria o principal objetivo de suas vidas. Considera-se o fato de que durante a realização da pesquisa um número significativo de jovens ainda vivia essa expectativa. Cientes de que esta meta é compartilhada por milhões de brasileiros espalhados por todas as regiões do Brasil, os jovens pareceram não enxergar as dificuldades enormes e as baixíssimas chances de que isso possa vir realmente a acontecer em suas vidas. Ao contrário do desânimo, os jovens adolescentes procuram caminhos que acreditam poder facilitar ou tornar suas chances aumentadas nessa busca. Nesse contexto que os PPSE ganham importância para os jovens, que, passam a servir como espaços para a prática, aprendizagem e desenvolvimento das habilidades não apenas relacionadas ao futebol.

As investigações sobre quais seriam as principais justificativas e motivações para que os jovens almejassem tanto uma carreira no futebol trouxeram à tona argumentos ligados ao amor por este esporte, felicidade, satisfação e prazer. A ideia de receber dinheiro para fazer aquilo que mais gostam pareceu ser comum aos jovens. Mas, presente ao longo de muitas discussões nos encontros, argumentos relacionados a altos ganhos financeiros, fama e sucesso foram certamente aqueles que mais surgiram nos diálogos, mesmo que por vezes de maneira velada. Dessa forma, passa pelo imaginário dos jovens adolescentes que o futebol lhes pode oferecer tudo isso, mais além, que o futebol seria, muitas vezes, o único caminho para tanto.

Sem dificuldade, foi possível perceber que a representação que os jovens possuem sobre os jogadores de futebol profissionais foi influenciada pelos significados discursivos que as mídias, no dia a dia, atribuem a eles. Reportagens, entrevistas, fotos e debates que acontecem na televisão, rádio, jornais e sites, por exemplo, falando dos altos salários dos jogadores, carros esportivos que compram, festas luxuosas que participam ou quaisquer outros tipos de aquisições ou viagem a paraísos que fazem, influenciam os jovens, que constroem uma ideia naturalizada de que o futuro no futebol significa garantia de ascensão social e riqueza.

Muito lembrados durante os grupos de discussão, craques do futebol, ídolos dos principais clubes do mundo, mostraram ter tamanha importância para os jovens adolescentes que alcançaram a alcunha de heróis. Não surpreendentemente, em decorrência da facilidade de acesso às informações e imagens do futebol mundial por intermédio das tecnologias digitais e grande abrangência das mídias na atualidade, os jogadores mais lembrados como ícones e heróis foram jogadores estrangeiros que despontam como craques no momento. Mesmo com milhares de brasileiros atuando nos principais clubes do mundo e conquistando títulos importantes para seus clubes, é preciso considerar o fato de que a última vez que um brasileiro foi escolhido como o melhor jogador do ano no mundo ocorreu em 2007, quando Kaká[1] recebeu a Bola de Ouro.

Dada à exposição midiática de jogadores consagrados como Cristiano Ronaldo e Lionel Messi que, mesmo não sendo brasileiros, terminam colecionando milhares, talvez

1. Ricardo Izecson dos Santos Leite, o Kaká, foi um jogador de futebol brasileiro que obteve sucesso atuando por clubes e pela Seleção. Após sua profissionalização no Clube São Paulo Futebol Clube, rapidamente foi reconhecido como um grande jogador devido a suas atuações consistentes. Anos depois foi contratado pelo clube italiano Milan (Associazione Calcio Milan) onde também teve destaque em competições daquele país e internacionais.

milhões de fãs no Brasil também. A partir da percepção de que os jovens adolescentes conhecem as histórias de vida e passado daqueles que hoje são seus ídolos-heróis do futebol, talvez o aspecto mais importante desta relação de admiração, projeção futura e sonhos foi possível identificar. Os jovens, ao descobrirem que alguns dos atletas mundialmente conhecidos, hoje milionários, tiveram em seu passado trajetórias de vida difíceis, por vezes marcadas por extrema pobreza e necessidade de superação diária e árdua para vencerem em suas vidas, terminam reconhecendo-se nestas biografias.

Lembro que a construção do imaginário individual acontece fundamentalmente por meio da identificação de si no outro, onde ocorre o desejo de que aquilo que aconteceu com o outro possa acontecer também na própria vida. Como Laplantine e Trindade (1997), reitero que o imaginário está presente nos projetos, fantasias e idealizações dos indivíduos e por meio de tais histórias dos ídolos do futebol, tornadas públicas pelas mídias, os jovens adolescentes vislumbram coisas que até podem tornar-se realidade, mas certamente com possibilidades remotas.

Esse processo de identificação com os ídolos pode constituir-se como positivo, uma vez que serve como motivação e força para a construção de projetos futuros e busca de realização de desejos importantes, sejam pessoais ou profissionais. Por meio deles, são criadas expectativas de sucesso e uma carreira bem-sucedida no futebol, mas não só. Porém, há um grande risco em jogo caso os jovens adolescentes passem a se identificar com estes ídolos apenas na ordem de um imaginário social hegemonicamente instituído, encobrindo a realidade que cerca suas vidas, suas próprias histórias, passado e possibilidades. O fascínio enorme pode levar a sensação de perfeição, de certeza de um final feliz, quando, na verdade, se percebidas as limitações e realidade de cada um destes jovens adolescentes, os caminhos que estes terão que percorrer, não lhes garante o sucesso no futebol.

Mesmo sendo usuários das tecnologias digitais, seja para se informar ou acompanhar aspectos ligados ao futebol, os jovens reconhecem que os encontros para jogar futebol tanto nos PPSE como em outros espaços são importantes para sua socialização e para conhecer outros jovens. O envolvimento dos jovens e a paixão em comum pelo futebol mostraram servir para estreitar laços e formar novas sociabilidades. A partir disso, variados depoimentos mostraram que, por meio do futebol, se constituíram novas redes de relacionamentos, e estas são valorizadas pelos jovens e também justificam seus interesses na prática deste esporte.

Tendo o poder de facilitar e promover a formação de amizades, o futebol também foi apontado pelos jovens como um meio de fuga. Criados por vezes em ambientes familiares conturbados e moradores de bairros ou vilas onde há violência exacerbada e riscos sociais latentes, os jovens manifestaram a importância do futebol nas suas vidas para "esquecer" problemas que enfrentam diariamente, por vezes até dentro de casa, e como forma de buscarem um caminho futuro diferente daquele ligado ao crime.

Ressalto que houve certa contradição em alguns depoimentos dos jovens no que se refere às suas motivações para participarem dos PPSE e a importância que dão aos encontros e atividades ligadas ao futebol. Se, primeiramente, os argumentos justificavam a presença dos jovens em razão do apelo que o futebol tem em suas vidas, no sentido de

buscarem ali alternativas para se prepararem para serem jogadores profissionais de futebol, posteriormente, reconheceram que, por meio do futebol nos PPSE, estariam na verdade fazendo escolhas boas para suas vidas e abdicando dos caminhos da "marginalidade". Nesse sentido, as atividades e ações dos PPSE foram valorizadas e reconhecidas pelos jovens. Nota-se aqui a importância do território de circulação dos jovens adolescentes para sua formação e possibilidades educativas, aspecto já destacado por Dayrell como fundamental para efetivar ações em prol das juventudes.

Em outras palavras, é possível afirmar que, por meio da procura acentuada dos jovens pelos PPSE em razão de suas atividades ligadas ao futebol, é aberto um leque de possibilidades para que professores, monitores e demais colaboradores desses espaços possam intervir positivamente em suas vidas. Destaco que Simmel (2006) lembra que a vida na sociedade acontece em um fluxo incessante, onde as pessoas estão ligadas umas às outras através da influência mútua que exercem sobre si, assim como pela determinação recíproca que exercem umas sobre as outras. Dada a importância e interesse que os jovens dão ao futebol, bem como o prazer que este proporciona a eles, as atividades e dinâmicas com esse esporte, além de treinarem habilidades específicas, se mostraram como propícias para o desenvolvimento humano, inclusão, cidadania, socialização e, inclusive, para a recriação do próprio imaginário instituído. Assim, por meio do futebol, é possível acreditar na construção de um ambiente que favorece diferentes aprendizagens, levando os jovens a refletirem sobre si mesmos, bem como sobre seus modos de agir, viver e relacionar-se consigo e com os outros, abrindo espaço para experimentações.

Assim como a escola, as práticas educativas em PPSE podem, tanto reproduzir o imaginário hegemônico acerca do futebol – o que equivale a apenas transmitir valores instituídos – quanto criar espaços para a radicalidade da imaginação de outras formas de viver e nos relacionarmos, inclusive com o próprio futebol.

Como tão bem aponta Oliveira (2014, p.29)

> A educação escolar tem trazido para o seu âmbito a socialização do indivíduo, no sentido da interiorização das instituições sociais legitimadas. Pode, entretanto, também conduzir o seu trabalho na radicalidade da imaginação, seu fluxo representativo-afetivo-intencional. É um espaço propício para o confronto de dois imaginários: a imaginação da psique-soma e o imaginário social como "magma de significações imaginárias". Nessa direção, a educação movimenta imaginários e pode produzir outros sentidos e significados.

A partir da construção de projetos de vida ligados ao desejo de serem jogadores de futebol, os jovens não identificam a formação escolar como um caminho que lhes dê garantia de um futuro melhor para suas vidas. Alguns deles demonstraram ter pessimismo em relação às suas possibilidades futuras decorrentes da escolarização.

Avaliando o tempo que destinam de suas vidas para a prática do futebol, estabeleci uma relação com a importância e tempo que os jovens adolescentes destinam para os estudos, realização de tarefas e demais atividades escolares. Ficou evidenciada que há entre eles uma preocupação maior em jogar futebol e tentar viabilizar uma futura carreira neste esporte do que em estudar. Os estudos constituem-se em um plano "B", apenas encampado a partir de esgotadas todas as possibilidades de sucesso no plano principal,

ser jogador de futebol profissional.

Se por um lado o futebol parece tirar o interesse dos jovens das atividades e responsabilidades escolares, por outro, como observado na realização da pesquisa, os PPSE podem ser aliados da escola, buscando reaproximá-los desta e ainda conscientizá-los sobre sua importância e sentido. Por meio de ações e estratégias dos PPSE há possibilidades de fazer com que os jovens valorizem mais as experiências escolares.

Envolvidos e apaixonados desde cedo pelo futebol, os jovens adolescentes compartilham com seus familiares os desejos de se transformarem em jogadores profissionais nesse esporte. Mais do que sonhos individuais, a ideia de sucesso no futebol chega a estruturar projetos de famílias inteiras, onde os planos de um futuro melhor não ficam restritos aos jovens, mas a todos seus familiares. Por vezes, os pais dos jovens são os maiores incentivadores destes projetos, mesmo que, em épocas passadas, tenham fracassado e colecionado histórias de frustrações no futebol. No entanto, nem os pais dos jovens e tampouco eles, parecem se abater com os insucessos nesta busca, pelo contrário, concentram-se na caminhada e continuam nutrindo esse sonho, principalmente tendo como fonte de inspiração e energia os seus imaginários.

Quando tratado o futebol como "esporte nacional" junto aos jovens, é preciso realizar algumas ponderações, pois algumas constatações mostraram um cenário diferente do que parte de referenciais da área tem destacado ao longo de décadas. Entre os jovens adolescentes participantes da pesquisa, o gosto e apelo do futebol em suas vidas foram notórios, porém o sentimento de identificação e representatividade da "seleção", não foi manifestado por todos. Mesmo que a maioria dos jovens tenha afirmado que acompanha os jogos do Brasil e se entusiasma com suas conquistas, para alguns jovens, isso não acontece. Para estes, os resultados das partidas e títulos alcançados pela seleção não exerce nenhum tipo de impacto em suas vidas, tendo sido possível de observar inclusive uma postura de indiferença em relação a isso. Dadas as considerações feitas ao longo do marco teórico referencial sobre o envolvimento dos brasileiros com o futebol e sua relação de paixão declarada há mais de um século por este esporte, tais constatações podem estar apresentando um cenário novo, diferente. Acredito serem estas informações relevantes para novas investigações, servindo de ponto de partida para outras discussões em futuros estudos.

Torcedores ou não da seleção, fato é que a pesquisa identificou que os jovens adolescentes se constroem como sujeitos, exercendo o futebol papel importante em suas vidas. Como relatado por alguns, o futebol alcança uma dimensão maior do que um esporte para eles, passando a ser tratado como parte da própria constituição dos jovens adolescentes, servindo como combustível para suas vidas. Dessa maneira, fica fácil entender como o futebol passa a coordenar suas escolhas, atuando diretamente sobre suas subjetividades.

Os jovens, ao se reunirem nos PPSE para jogar futebol e compartilharem seus projetos de vida ligados a esse esporte, assim como nos momentos que se encontram em outros espaços para jogar bola ou conversar sobre assuntos relacionados a essa modalidade esportiva, estabelecem relações sociais. Tais relações sociais contribuem significativamente para a produção de suas subjetividades. Entendendo que as subjetividades não surgem

apenas dos condicionantes biológicos, mas que a dimensão social e cultural oferece condições para o seu surgimento e seus múltiplos arranjos, lembro que é por meio dos imaginários que os jovens adolescentes se agrupam, dando significados a suas práticas, construindo assim seus jeitos de viver e estabelecendo formas de pensar e agir, e também transformando-as, quando encontram possibilidades para isso.

O futebol e os imaginários que os jovens adolescentes criam em torno dele, principalmente alimentados pela exposição de jogadores consagrados, expostos diariamente nas mídias, modificam os jovens, que, por sua vez, dão objetivos as suas vidas, estabelecem vínculos e se constroem intersubjetivamente, recriando esses mesmos imaginários, inclusive. Para isso deveriam contribuir as mediações das práticas educativas.

No transcorrer da pesquisa, principalmente a partir das reflexões realizadas nas linhas de análise, foi possível confirmar a Tese, segundo a qual, as narrativas dos jovens adolescentes que praticam futebol, no contexto de Programas/Projetos Sociais Esportivos, expressam, em grande medida, o imaginário do futebol no país - construído hegemonicamente por discursos e representações midiáticas - sobre o qual as práticas educativas desempenham um papel de mediação que pode interferir positivamente nos modos de ser e viver, nos projetos de vida e futuro dos jovens adolescentes e na reconstrução de tal imaginário.

Partilho do diagnóstico de que "desperdiçamos o potencial imaginativo e a fantasia com os quais a criança e o jovem estão envolvidos. A preocupação da escola com o processo de disciplinarização do comportamento, das atividades mentais e corporais, empobrece o material que se apresenta propício para uma pedagogia da imaginação." (OLIVEIRA, 2014, p.29)

É nesse sentido que o fascínio, às vezes hipnótico, pelo futebol, não deve ser desperdiçado, pela "demonização" crítica ou pela simples "celebração" ufanista. O fascínio dos nossos jovens pode ser indício da singularidade das forças vitais que estão "em jogo" no estar-junto em torno de uma bola e de tudo que gira em torno dela.

Mais do que justificada a sua escolha para agrupar, “capturar” e trabalhar com as juventudes em posição de vulnerabilidade social, o futebol mostrou ser uma excepcional ferramenta para o desenvolvimento de ações educativas que visem à autonomia e cidadania dos jovens frequentadores dos PPSE. Por constituir-se no esporte de maior importância e identificação entre os jovens brasileiros, cabe aos professores se apropriarem deste forte apelo para desenvolver mais do que o ensino de técnicas específicas; atividades, planos e ações pedagógicas inteligentes que possam abrir para experimentações éticas e estéticas, a experimentação de outros jeitos de ser-com-os-outros. Mediações educativas que auxiliem os jovens a não sucumbirem às identificações que existem apenas na ordem do imaginário hegemônico instituído, favorecendo, isso sim, sua imaginação criadora de outros e novos projetos de vida e futuro.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam (Coord.); CASTRO, Mary Garcia; WAISELFISZ, Júlio Jacobo. **Juventudes na escola, sentidos e buscas:** Por que frequentam? Brasília-DF: Flacso – Brasil, OEI, MEC, 2015.

ALCANTARA, Hélio. Negócios, transações e personagens. **Revista Estudos Avançados**. Universidade de São Paulo. São Paulo, v. 20, nº 57. 2006. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10162/11748>. Acesso em: 10 abr. 2016.

ALCANTARA JR, José O. Georg Simmel e o conflito social. **Caderno Pós Ciências Sociais** - São Luís, v. 2, n. 3, jan./jun. 2005.

ALEXANDRE, Marcos. O papel da mídia na difusão das representações sociais. **Comum**. Rio de Janeiro, v. 6, nº 17, p. 111-125, jul./dez. 2001. Disponível em: <http://www.sinpro-rio.org.br/imagens/espaco-do-professor/sala-de-aula/marcos-alexandre/opapel.pdf>. Acesso em: 25 out. 2016.

ALMEIDA, Marco A. B. Discussão sobre as mudanças na legislação desportiva brasileira: caso do futebol e a Lei do Passe. **Revista Digital EFdeportes.com/**. Buenos Aires, Ano 12, n° 111, Agosto de 2007. Disponível em: <http://www.efde portes.com/efd111/legislacao-desportiva-brasileira-caso-do-futebol-e-a-lei-do-passe. htm>. Acesso em: 31 jan. 2016.

ALVES, Marcus. Globo divide R$ 300 milhões de pay-per-view com clubes: saiba quanto cada um ganhará. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/notici a/480999_globo-divide-r-300-milhoes-de-pay-per-view-com-clubes-saiba-quan to-cada-um-ganha>. Acesso em: 29 jun. 2016.

ANAZ, Sílvio Antonio Luiz; AGUIAR, Grazyella;LEMOS, Lúcia; FREIRE, Norma; COSTA, Edwaldo. Noções do imaginário: perspectivas de Bachelard, Durand, Maffesoli e Corbin. **Revista Nexi**. São Paulo: PEPGECOS – PUC, nº 2, p. 1-16, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/nexi/article/view/16760/15660>. Acesso em: 7 nov. 2018.

ANDRE, Marli. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. São Paulo: **Cadernos de Pesquisa,** nº 113, Jul. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n113/a03n113.pdf. Acesso em: 10 mar. 2016.

ANDRÉ, Marli. **Estudo de Caso em Pesquisa e avaliação educacional.** Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

ANDRE, Marli. O que é um Estudo de Caso Qualitativo em Educacão? **Revista da FAEEBA** – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br/index.php/ faeeba/article/view/753/526>. Acesso em: 26 out. 2016.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando:** introdução à filosofia. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2002.

ASPIS, Abrão. **Futebol Brasileiro:** Do início amador à paixão nacional. Porto Alegre/RS: Evangraf, 2006.

BACKES, Dirce S.; COLOMÉ, Juliana S.; ERDMANN, Rolf H.; LUNARDI Valéria L. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. **Revista O Mundo da Saúde.** São Paulo: 2011; 35 (4): 438-442. Disponível em: <http://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo_saude/88/10_GrupoFo cal.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2016.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. **"Eu canto bebo e brigo... alegria do meu coração":** currículo de masculinidades nos estádios de futebol. 2009. 128f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2009.

BALZANO, Otávio Nogueira; MORAIS, Jannaina Sousa. A formação do jogador de futebol e sua relação com a escola. **Revista EFDeportes**. Buenos Aires, Ano 17, nº 172, set. 2012. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd172/a-formacao-do-jogador-de-futebol.htm>. Acesso em: 12 ago. 2016.

BARBIER, Rene. Pontos de Vista: O que pensam outros especialistas? Sobre o imaginário. Trad. Márcia Lippincott Ferreira da Costa; Vera de Paula. **Em Aberto.** Brasília, Ano 14, nº 61, p. 15-23, jan./ mar. 1994.

BASEI, Ana Paula; VIEIRA, Marcos Araújo. O futebol como conteúdo de ensino da Educação Física escolar: possibilidades a partir da concepção crítico-emancipatória. **Revista Digital EFdeportes**. Buenos Aires, Ano 12, nº 115, Dez 2007. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd115/o-futebol-como-conteudo-de-ensino-da-educacao-fisica-escolar.htm>. Acesso em: 13 Abr. 2016.

BAQUERO, Rute; BAQUERO, Marcello. Educação, capital social e democracia – buscando pontos de convergência. **Educação Unisinos**. São Leopoldo: v. 9, nº 2, p. 77-83, maio/ago 2005.

BARBIERI, Fabio Augusto; BENITES, Larissa Cerignoni; NETO, Samuel Souza. Os sistemas de jogo e as regras do futebol: considerações sobre suas modificações. **Motriz**, Rio Claro, v.15, n.2, p.427-435, abr./jun. 2009. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/20833/WOS000270450900024.pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em: 14 jan. 2017.

BARBOUR, Rosaline; KITZINGER, Jenny. **Developing focus group research**. London: Sage, 1999. 225p.

BATTISTUZZI, Valéria Maciel. **O esporte enquanto conteúdo conceitual, procedimental e atitudinal nas aulas de educação física escolar**. 2005. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, Rio Claro. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/169061>. Acesso em: 19 mar. 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BECHI, Diego. Luta por reconhecimento e a formação da identidade na teoria crítica de Axel Honneth. **Revista Espaço Acadêmico**. Maringá/PR, nº 165, fev. 2015.

BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASCH, Scott. **Modernização reflexiva: Política, tradição e estética na ordem social moderna.** São Paulo: UNESP, 1995.

BELLOS, Alex. **Futebol:** O Brasil em Campo. 2ª ed. Trad. Jorge Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BETTI, Mauro. **A janela de vidro:** esporte, televisão e educação física. Campinas, SP: Papirus, 1998.

BETTI, Mauro. Esporte na Mídia ou Esporte da Mídia? In: **Revista Motrivivência.** Universidade Federação de Santa Catarina. Florianópolis SC, Ano XII, N° 17, p. 1 – 3, set. 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/5929/5441>. Acesso em: 29 mai. 2016.

BOMFIM, Leny A. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis**. Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 19 [3]:

777-796, 2009.

BOM DIA BRASIL. Programa de televisão exibido pela Rede Globo. Nome da reportagem: Pais fazem homenagem e dão nomes de ídolos do futebol a seus filhos. Programa exibido em 3 jul. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2014/07/pais-fazem-homenagem-e-dao-nomes-de-idolos-do-futebol-seus-filhos.html>. Acesso em: 30 set. 2018.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. In: **Em Tese**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Florianópolis SC, vol. 2, nº 1 (3), p. 68 -70, jan/jul, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>. Acesso em: 20 fev. 2017.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física.**Caderno Cedes**, ano XIX, nº 48, p.69-89, agosto 1999.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental.Brasília: MEC / SEF, 1998. 114 p. Disponível em: <http://cptstatic.s3.amazona ws.com/pdf/cpt/pcn/volume-08-educacao-fisica.pdf>. Acesso em: 24 mai. 2016.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. **Práticas de esporte e atividade física.** Rio de Janeiro: IBGE, 2017. 80p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100364.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais Terceiros ■ Quartos Ciclos do Ensino Fundamental Educação Física**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/fisica.pdf>. Acesso em: 23 de mai. 2015.

BRASIL. **A prática de esporte no Brasil.** Ministério do Esporte, 2013. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/diesporte/2.html>. Acesso em: 14 jul. 2016.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília**: Senado Federal, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituiçãocompilado.htm>.Acesso em: 14 nov. 2016.

BRASIL. **Portal da Câmara dos Deputados**, 2010. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/ADMINISTRACAO-PUBLICA/149638-P EC-DA-JUVENTUDE-INICIA-MARCO-LEGAL-DE-POLITICAS-PARA-PESSAO S-ENTRE-15-E-29-ANOS.html>. Acesso em: 14 jul. 2016.

BRASIL. **Lei no 9.615**, de 24 de março de 1998. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. Brasília, 1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9615consol.htm>. Acesso em: 17 nov. 2016.

BRASIL. **Ministério do Esporte.** Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/>. Acesso em: 24 dez. 2016.

BRASIL. **Comitê Olímpico do Brasil– COB**. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/jogos-escolares>. Acesso em: 6 jun. 2017.

BRASIL. **Ministério do Esporte**. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/index.php/sistema-nacional-do-esporte>. Acesso em: 6 jun. 2017.

BRENNER, Ana Karina; DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: **Retratos da Juventude Brasileira:** Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2005.

BUENO, Luciano. **Políticas Públicas do esporte no Brasil:** razões para o predomínio do alto rendimento. 2008. 200f. Tese (Doutorado) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/2493/72040100444.pdf?sequence=2>. Acesso em: 25 dez. 2016.

BUENO, Rodrigo. Censo diz que 265 milhões de pessoas jogam bola no mundo. **Jornal Folha de São Paulo**, 1° jun. 2007. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ ult92u301271.shtml>. Acesso em: 8ago, 2016.

CAMOZZATO, Viviane Castro; GARBIN, Elisabete Maria. Narrativas sobre os sujeitos com corpos outros. In: **II Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação** (2° SBECE), 2006, Canoas/RS. p. 01-10. Disponível em: <http://principo.org/histrias-sobre-os-sujeitos-com-corpos-outros.html>. Acesso em: 27 ago. 2018.

CAMPBELL, Joseph. **Mito e transformação**. Trad. Frederico N. Ramos. São Paulo: Ágora, 2008.

CAMPBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CANÁRIO, Rui. A escola: das "promessas" às "incertezas". **Revista Educação Unisinos**. São Leopoldo, vol. 12, n° 2, mai/ago, p. 73-81, 2008. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/issue/view/60>. Acesso em: 12 ago, 2016.

CARDOSO, Ana Lúcia. **O futebol da escola:** uma proposta co-educativa sob a ótica da pedagogia crítico-emancipatória. 2003. 124f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Curso de Pós-Graduação em Educação Física, Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina, Criciúma, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/85579/190853.pdf;jsessionid=FD049BAA4F406E44855F74F25D05E479?sequence=1>. Acesso em: 12 abr. 2016.

CARRANO, Paulo Cesar R. (Org.). **Futebol:** paixão e política. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

CARRAVETTA, Elio S. Praia. **Modernização de gestão no futebol brasileiro:** perspectivas para a qualificação do rendimento competitivo. Porto Alegre/RS: AGE, 2006.

CARVALHO, Cristina A; GONÇALVES, Julio Cesar de Santana; ALCÂNTARA, Bruno César Santos de. Transformações no contexto do futebol brasileiro: o Estado como agente da mudança. **Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**. Recife/PE: Volume 3, n° 1, Jan/Abr 2005.

CARVALHO, Adriano de. Multa rescisória para Luan deixar o Grêmio é de 60 milhões de euros. **Jornal Zero Hora**. Porto Alegre, 6 nov. 2015. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/gremio/noticia/2015/11/multa-rescisoria-pa ra-luan-deixar-o-gremio-e-de-60-milhoes-de-euros-4896107.html>. Acesso em: 29 jun. 2016.

CASTELLS, Manuel. **The Rise of the Network Society,** The Information Age: economy, society and culture, vol. 1, Oxford: Blackwell, 1996.

CASTELLS, Manuel. **The Power of Identity,** The Information Age: economy, society and culture, vol. 2, Oxford: Blackwell, 1997.

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição imaginária da sociedade**. Trad. Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CASTORIADIS, Cornelius. **As encruzilhadas do labirinto** I. Trad. Carmem S. Guedes e Rosa Maria Boaventura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

CASTORIADIS, Cornelius. **Sujeito e verdade no mundo social-histórico: seminários 1986-1987: a criação humana I**. Editora Record, 2007.

CENCI, Ângelo V. Reconhecimento, conflito e formação na teoria crítica de Axel Honneth. **Educação e Filosofia**. Uberlândia, v. 27, n. 53, p. 323-342, jan./jun. 2013.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Raio-X do futebol**: salário dos jogadores. Assessoria CBF, 23 fev. 2016. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/raio-x-do-futebol-salario-dos-jogadores>. Acesso em: 25 ago. 2018.

CHAIM, Aníbal R. M. **A Bola e o Chumbo**: Futebol e Política nos anos de chumbo da Ditadura Militar Brasileira. 2014. 163f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Ciência e Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/Gert/Downloads/2014_AnibalRenan MartinotChaim_VCorr.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2016.

CHARTIER, Roger. **A história cultural:** entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 2002.

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de Representação. **Fronteiras**. v. 13, n° 24. p. 169-183, 2011.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, vol.5, n°11, Jan./Abr. 1991.

CHOULIARAKI, Lilie. & FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in late modernity**: rethinking Critical Discourse Analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

CLEZAR, Mateus de Souza. **Futebol e Fascismo:** como o fascismo italiano se manifestou no *Calcio*. Trabalho de Conclusão de Curso de Historia. 63 f. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/132868/000984142.pdf?sequence=1>. Acesso em: 5 jul. 2018.

CORREIO. São Paulo vende joia da base para o Real Madrid. 25 fev, 2017. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/sao-paulo-vende-joia-da-base-para-o-real-madrid/>. Acesso em: 23 jun. 2017.

COSTA, Felipe Rodrigues. **Mitos construídos III:** detecção de talentos no futebol e a relação com o imaginário acerca do jogador brasileiro. Universidade do Futebol. Dez. 2009. Disponível em:<https://universidadedofutebol.com.br/mitos-construidos-iii-deteccao-de-talentos-no-futebol-e-a-relacao-com-o-imaginario-acerca-do-jogador-brasileiro/>. Acesso em: 27 ago. 2018.

COSTA, Luciene H.; SANTOS, Marysol de Souza; JUNIOR, Edivaldo Góis. O discurso médico e a Educação Física nas escolas (Brasil, século XIX). **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte.** São Paulo, vol 28, n° 2, abr / jun, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-55092014000200273>. Acesso em: 9 abr. 2016.

COSTA, Marcia Regina da. **Futebol:** Espetáculo do Século. São Paulo: Musa, 1999.

CUNHA, Edite da Penha; CUNHA, Eleonora Schettini Martins. Políticas públicas sociais. In: CARVALHO, Alysson Carvalho (Org.). **Políticas Públicas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, Proex, 2002. p.11-26.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da.**Cultura visual e infância**. Artigo apresentado na 31 Reunião da ANPED, na mesa Cultura visual, gênero, educação e arte, em outubro de 2008, em Caxambu, MG. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/gein/wp-content/uploads/2016/10/Cultura-visual-e-infancia.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2018.

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio. Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP,** n° 22, 1994. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/issue/view/2026>. Acesso em: 11 mai. 2018.

DAMO, Arlei S. A Magia da Seleção. **Revisa Brasileira Ciência Esporte**. Campinas/SP, v.28, n° 1, p.73 – 90, setembro, 2006.

DAOLIO, Jocimar. **Cultura, Educação Física e Futebol.** Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

DAOLIO, Jocimar. As contradições do futebol brasileiro. **Educación Física y Deportes**. Ano 3, n° 10. Buenos Aires. Mayo 1998. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd10/daolio.htm>. Aceso em: 8 out. 2018.

DAOLIO, Jocimar. As contradições do futebol brasileiro. In: **Futebol, paixão e política**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, dez. 2003.

DAYRELL, Juarez. Por uma pedagogia da juventude. **Revista Onda Jovem**. São Paulo: Simples Consultoria, 1ª ed., p. 34- 37, 2011. Disponível em: <http://www. ondajovem.com.br/acervo/1>. Acesso em: 20 jul. 2016.

DAYRELL, Juarez. (Org.). **Por uma pedagogia das juventudes:** experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG. Belo horizonte: Mazza Edições, 2016.

DAYRELL, Juarez; MOREIRA, Maria Ignez Costa; STENGEL, Márcia. **Juventudes contemporâneas:** Um mosaico de possibilidades. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2011.

DE ROSE, Regina F. **A influência da imigração italiana no desenvolvimento do esporte no Estado do Rio Grande do Sul**. 1996. 106 f. Dissertação (Ciências do Movimento Humano) – Curso de Mestrado em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 1996.

DEBUS, Ionice da Silva; OLIVEIRA, Valeska Fortes de. Cirandas do imaginário: movimentando diferentes temáticas na universidade. **Educere et educare**. Vol. 8, n° 16, p. 357-368,jul./dez. 2013.

DIAS, Maria Sara de Lima. **Sentidos do trabalho e sua relação com o projeto de vida de universitários.** 2009. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/106654>. Acesso em: 02 ago. 2016.

DIENSTMANN, Claudio; DENARDIN, Pedro Ernesto. **Brasil de todas Copas**. Porto Alegre/RS: Ed. Brasul, 2002.

DITTRICH, Maria Glória; LEOPARDI, Maria Tereza. Hermenêutica fenomenológica: um método de compreensão das vivências com pessoas. **Discursos fotográficos**, Londrina, v.11, n.18, p.97-117, jan./ jun. 2015.

DOTTO, Augusto. **Entrevista concedida a Hans Gert Rottmann**. 10 de novembro de 2016 (não publicada).

DOTTO, Augusto. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos: Programa Esporte Integral. **Top Cidadania 2016**. Disponível em: <http://www.abrhrs.org.br/sites/default/files/artigos/case_programa_esporte_integral_-_unisinos.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2017.

DRUMMOND, Lucas Rios et al. Participação em aulas de Educação Física e preferência de modalidades esportivas de alunos do ensino fundamental em Viçosa, MG. **Revista EFDeportes**. Revista Digital. Buenos Aires, Ano 15, nº 153, Fev, 2011. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/>. Acesso em: 20 mar. 2016.

DURAND, Gilbert. **O imaginário** - Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Trad. René EveLevié. 2ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 2001.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ESPORTE ESPETACULAR. Reportagem exibida pela jornalista Fernanda Gentil sobre o jogador de futebol Ederson. Exibida na Rede Globo de Telecomunicações no dia 8 de abril de 2018.

FAIRCLOUGH, Norman. The discourse of new labour: Critical Discourse Analysis. In: **Discourse as data: a guide for analysis**. M. WETHERELL, M; YATES, S & TAYLOR, S. (eds.) London: Sage, 2001, p. 229-266.

FAIRCLOUGH, Norman. Critical Discourse Analysis as a Method in Social Scientific Research. In: **Methods of critical discourse analysis**. Orgs.Wodak e Meyer, 2 ed. Londres: Sage, 2005. p. 121-138. Versão para o português: Iran Ferreira de Melo. Disponível em: <www.revistas.usp.br/linhadagua/article/download/47728/51460>. Acesso em: 20 fev. 2017.

FALCON, Francisco J. Calazans. História e Representação. **Revista de História das Ideias**. Vol. 21, p. 87-126, 2000.

FELTES, Alessandra F. **Os processos de apropriação no cotidiano das juventudes em relação ao olimpiano Neymar.** 2017. 116f. Dissertação (Mestrado em Diversidade e Inclusão Social) – Programa de Pós-Graduação de Mestrado em Diversidade e Inclusão Social. Universidade FEEVALE, Novo Hamburgo, 2017.

FELTES, Alessandra F.; SANFELICE, Gustavo Roese. As juventudes e seus processos de construção de identidades em relação ao olimpiano Neymar. **Revista Contribuciones a lãs Ciencias Sociales.** Jul-Set. 2017. Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/cccss/2017/03/index.htm>. Acesso em: 3 jul. 2018.

FEIXA, Carles; NILAN, Pam. Uma juventude global? Identidades híbridas, mundos plurais. **Revista de Ciências Sociais. Política & Trabalho**. João Pessoa, nº 31, p. 13-28, set. 2009.

FERREIRA, Fernando da Costa. Futebol de classe: a importância dos times de fábrica nos primeiros anos do século XX. **Revista Digital EFdeportes**. Buenos Aires, Ano 10, nº 90, Nov. 2005. Disponível em: <http://www.efdeportes.com /efd90/times.htm>. Acessoem: 27 set. 2015.

FIFA Big Count 2006: **270 million people active in football.** FIFA Communications Division, Information Services.31 mai. 2007.Disponível em: <https://www.fifa.com/mm/document/fifafacts/bcoffsurv/bigcount.statspackage_7024.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2017.

FIGUEIRAS, Isabel P. et al. Concepções e preferências sobre as aulas de educação física escolar: Uma análise da perspectiva discente. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** – 2007,6 (3): 23-31.

FISCHER, Rosa Maria B. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**. Campinas/SP, nº 114, p. 197 – 223, nov, 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a09n114.pdf>. Acesso em: 4 mai. 2015.

FISCHER, Rosa Maria B. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. **Revista Educação e realidade**. Porto Alegre/RS, nº 22, p. 59 – 80, jul – dez 1997.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Adolescência em discurso**: mídia e produção de subjetividade. 1996. 297p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

FLORES, Gil J. La metodología de investigación mediante grupos de discusión. **Enseñanza**, vol 10-11,p. 199-214, 1993.

FONSECA, Venilson Luciano B. **Lugares e territórios na cultura do futebol brasileiro**. 2014. 314f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

GALLEGO, Javier Callejo. Observación, entrevista y grupo de discusión: el silencio de trespráctícas de investigación. **Revista Espanhola de Saúde Pública**, vol. 76, núm. 5, set. – out., 2002.

GAMBETA, Wilson. **A bola rolou:** o velódromo paulista e os espetáculos de futebol 1895-1916. São Paulo: SESI- SP editora, 2015. 432 p. (Memória e sociedade).

GARBIN, Elizabete M. Culturas juvenis, identidades e internet: questões atuais. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro/RJ, nº 23, p. 119 – 135. Maio/Ago. 2003.

GASTALDO, Édison Luis. O país do futebol mediatizado: mídia e Copa do Mundo no Brasil. **Revista Sociologias**. Porto Alegre/RS, ano 11, nº 22, jul./dez, p. 352 – 369, 2009.

GASTALDO, Édison Luis. "Os campeões do século": Notas sobre definição da realidade no futebol espetáculo. **Revista Brasileira Cienc. Esporte**, v. 22, p. 105-124, set. 2000.

GASTALDO, Édison Luis. Futebol e sociabilidade: apontamentos sobre as relações jocosas futebolísticas. **Esporte e Sociedade**, nº 3, jul. 2006.

GATTI, Bernadete. Pesquisar em Educação: considerações sobre alguns pontos-chave. **Revista Diálogo Educacional**. Curitiba/PR, v. 6, nº 19, set/dez, p. 25-35, 2006.

GAUCHAZH. **Imprensa espanhola se rende a Arthur:** "Mostrou ter o DNA do Barça".
Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2018/07/imprensa-espanhola-se-rende-a-arthur-mostrou-ter-o-dna-do-barca-cjk7cvnim02ak01qcswwf92z0.html>. Acesso em: 19 ago. 2018.

GEBARA, Ademir. História do Esporte - Novas Abordagens. In: PRONI, M; LUCENA, R. **Esporte história e sociedade.** Campinas: Autores Associados, 2002.

GIGLIO, Sergio Settani. **Futebol: mitos, ídolos e heróis**. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. Dissertação de mestrado. 160 f. Campinas, SP: 2007.

GIGLIO, Sérgio Settani; MORATO, Márcio Pereira; STUCCHI, Sérgio; ALMEIDA, José Julio Gavião de. O dom de jogar bola. **Horizontes Antropológicos.** Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 67-84, jul./dez. 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Estudo de Caso**. Fundamentação científica. Subsídios para coleta e análise de dados. Como redigir o relatório. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

GIOSEFFI. Maria Cristina da Silva. Michel Maffesoli, estilística... imagens... comunicação e sociedade. **Logos: Comunicação e Universidade**. Ano 4, nº 6, p. 48- 53, 1997.

GLOBO.COM. **Brasil sofre o maior vexame de sua história em Copas**. Disponível em: <http://epoca.globo.com/vida/copa-do-mundo-2014/noticia/2014/07/bbrasil-sofre-o-mai or-vexameb-da-sua-historia-em-copas.html>. Acesso em: 10 jan. 2017.

GLOBOESPORTE.COM. FIFA divulga números de audiência da Copa de 2014: mais de 1 bi na final. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2015/12/fifa-divulga-numeros-de-audiencia-da-copa-de-2014-mais-de-1-bi-na-final.html>. Acesso em: 07 jun. 2016.

GLOBOESPORTE.COM. Bolaños brilha com gol, Grêmio dá show e atropela LDU com direito a "olé" na Arena. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/rs/futebol/libertadores/jogo/02-03-2016/gremio-ldu-quito/>. Acesso em: 08 jun. 2016.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

GONDIM, Sônia M. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, nº 12 (24), p. 149-161, 2003.

GRESSLER, Lori A. Introdução à pesquisa: projeto e relatórios. 2º ed. São Paulo: Loyola, 2004. 295 p.

GUATTARI, Felix. **Caosmose**. São Paulo: Editora 34, 1992.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. Futebol em tempos de ditadura: o Rio Grande contra o Brasil. **Revista de arte, mídia e política Aurora**. São Paulo/SP; nº 9, p. 84 – 103, 2010. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/37 56/2456>. Acesso em: 24 nov. 2015.

GUEDES, Simone Lahud. O Brasil nas Copas do Mundo: tempo suspenso e história. **23ª Reunião Brasileira de Antropologia.** 2002. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/214440_Guedes%20%20O%20Brasil%20nas%20Co opas,%20tempo%20suspenso%20e%20historia.pdf.>Acesso em: 31 dez. 2015.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil:** Uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2010.

GUTIERREZ , Cláudio A. S. DOTTO, Augusto; ALLET, Andressa. Futebol callejero, juventude e cidadania. **Lúdica pedagógica**. Revista da Faculdade de Educação Física da Universidade Pedagógica Nacional. Bogotá, Colômbia: nº 23, p. 19-29, 2016.

HALL, Stuart. The Work of Representation. In: HALL, Stuart.(Org.) **Representation.** Cultural Representations and Signifying Practices.Sage/Open University: London/Thousand Oaks/New Delhi, 1997.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação e Realidade,** Porto Alegre: UFRGS, v. 22, n° 22, p. 15-46, 1997.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2007.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis/RJ, 2000.

HALL, Stuart. O espetáculo do outro. In: HALL, Stuart.(Org.) **Representation.** Cultural Representations and Signifying Practices.Sage/Open University: London/Thousand Oaks/New Delhi, 1997.

HALL, Stuart; MELLINO, Miguel. **La Cultura y el poder**. Conversaciones sobre los cultural studies. Buenos Aires: Amorrortu, 2011. Disponível em: <http://www.ram-wan.net/restrepo/politicas/cultura%20y%20poder-hall.pdf>. Acesso em: 15 set. 2016.

HECKTHEUER, Luiz Felipe Alcantara. **Projetos sociais esportivos:** ensaios sobre uma proliferação na cidade do Rio Grande-RS. 2012. 154f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Universidade Federal do Rio Grande/FURG, Rio Grande, 2012.

HELAL, Ronaldo. As idealizações de sucesso no imaginário brasileiro: um estudo de caso. **Revista Logos:** Comunicação e universidade. *Revista* do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ. Rio de Janeiro, v. 6, n° 1, 1999. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/14657/11131>. Acesso em: 2 set. 2018.

HELAL, Ronaldo. Mídia, Construção da Derrota e O Mito do Herói. **Motus Corporis** (UGF), Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 141-155, 1998. Disponível em: <https://comunicacaoeesporte.files.wordpress.com/2010/10/mc3addia-construc3a7c3a3o-da-derrota-e-o-mito-do-herc3b3i1.pdf>. Acesso em: 2 set. 2018.

HÖFLING, Eloisa de Mattos. Estado e Políticas (Públicas) Sociais. **Cadernos Cedes**, ano XXI, n° 55, nov. 2001. Disponível em: < http://www.scielo.br/ pdf/ccedes/v21n55/5539.pdf>. Acesso em: 24 dez. 2016.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento:** a gramática moral dos conflitos sociais. Tradução de Luiz Repa. São Paulo: Editora 34, 2003.

IBÁÑEZ, Jesus. Cómo se realiza una investigación mediante grupos de discusión. In: GARCÍA FERRANDO, M.; IBÁÑEZ, J.; ALVIRA, F.. **El análisis de la realidad social.** Madrid. Alianza Editorial, 1989. p. 489-501.

LERVOLINO, Solange A.; PELICIONI, Maria Cecilia F. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. São Paulo, v. 35, n° 2, p.115-121, jun. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v35n2/v35n2a03>. Acesso em: 20 fev. 2017.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Várzeas, operários e futebol: uma outra geografia. **Geographia,** Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense. Vol. 4, n° 8, p. 84 – 92, 2002.

JORNAL ESTADÃO: **Brasil sofre a maior derrota em sua história de 100 anos no futebol**. Disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,brasil-sofre-a-maior-derrota-em-sua-historia-de-100-anos-no-futebol,1525640>. Acesso em: 10 jan. 2017.

JORNAL GAZETA DO POVO. **Final da Copa do Mundo foi vista por mais de 1 bilhão de pessoas.** Publicado no dia 23 de setembro de 2014. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/esportes/futebol/final-da-copa-do-mundo-foi-vista-por-mais-de-1-bilhao-de-pessoas-edzjwnnhzworaep9pqgwc0kem>. Acesso em: 21 out. 2015.

JORNAL GAZETA ONLINE. **Proposta do Real Madrid pode tornar Neymar o mais caro da história**. Disponível em: <http://www.gazetaonline.com.br/_conteudo/2016/01/esportes/futebol/3925750-proposta-do-real-madrid-pode-tornar-neymar-o-mais-caro-da-historia.html>. Acesso em: 10 mar. 2016.

KELLNER. Douglas. Cultura da mídia e triunfo do espetáculo. In: MORAES, Dênis (org). **Sociedade midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

KESKE, Humberto Ivan; PRODANOV, Cleber Cristiano; MOSER, Vinícius. O "maior espetáculo da terra": o futebol e a sua capacidade de transgredir os níveis de cultura de massa. **Revista Intexto**: Porto Alegre, UFRGS, n.26, p. 245-259, jul. 2012.

KOCH, Rodrigo. **Marcas da futebolização na cultura e na educação brasileira.** 2012. 213f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2012. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/Marcas-da-futeboliza%C3%A7%C3%A3o-na-cultura-e-na-educa%C3%A7%C3%A3o-brasileira-R-KOCH.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2017.

KRAVCHYCHYN, Claudio. **Projetos e programas sociais esportivos no Brasil:** histórico, estado da arte e contribuições do programa segundo tempo. 2014. 177f. Tese (Doutorado) –Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física, Departamento de Educação Física, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.

LACLAU, Ernesto. A Política e os limites da modernidade. In: HOLLANDA, H. B.(org.). **Pós-Modernismo e política.** Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 127-150. Disponível em: <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/pos-modernismo-e-politica/>. Acesso em: 07 out. 2016.

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1997.

LEÃO, Geraldo. Entre sonhos e projetos de jovens, a escola... In: DAYRELL, Juarez; MOREIRA, Maria Ignez Costa; STENGEL, Márcia (Orgs.). **Juventudes contemporâneas:** um mosaico de possibilidades. Belo Horizonte: Ed. PUC. Minas, 2011.

LECCARDI, Carmen. Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. **Revista de Sociologia da USP** Tempo Social. São Paulo: v. 17, nº 2, p. 33-57, 2005.

LEITE, Almir; BARSETTI, Silvio. Atletas da seleção brasileira faturam alto com publicidade. **Jornal O Estado de São Paulo**, 7 jun. 2014. Disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,copa-do-mundo,atletas-da-sele cao-brasileira-faturam-alto-com-publicidade,1507438>. Acesso em: 01 jul. 2016.

LEMOS, André. Ciber-socialidade: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. In: **Logos**: Comunicação e Universidade. Rio de Janeiro: Vol. 4, n. 1. 1997.

LEONCINE, Marvio Pereira; SILVA, Márcia Terra da. Entendendo o futebol como um negócio: um estudo exploratório. **Revista Gestão e Produção**: São Carlos/SP, v.12, nº1, p.11-23, jan.-abr. 2005. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/gp/v12n1/ a03v12n1>. Acesso em: 08 mar. 2016.

LIMA, Maurício. **Dono de um jatinho Citation**, Neymar compra mansão com aeroporto. Revista Veja. 8 fev. 2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/radar/dono-de-um-jatinho-citation-neymar-compra-mansao-com-aeroporto/>. Acesso em: 12 jun. 2018.

MACNEILL, Margaret. Estudos de Mídia do Esporte e a (Re) Produção de Identidades. **Revista Brasileira de Ciências e Esporte**. Campinas/SP, v.28, nº 1, p. 9 - 38, setembro, 2006.

MAFFESOLI, Michel. **O mistério da conjunção:** ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005. 104p.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos:** o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. **Revista Famecos**. Porto Alegre: nº 15, p. 74-82, ago. 2001. Entrevista concedida a J.M. da Silva.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MAGALHÃES, Ywry Cristiano da S. **De antena ligada na "Atenas brasileira":** um estudo de recepção midiática em torno da copa do mundo de 2014 sob olhares de jovens escolares em São Luís – MA. 2015. 113 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, da Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/19475>. Acesso em: 28 dez. 2016.

MALFITANO, Ana Paula Serrata. Juventudes e contemporaneidade: entre a autonomia e a tutela. Revista **Etnográfica** [Online], vol. 15 (3) I 2011. Disponível em: <https://etnografica.revues.org/1060>. Acesso em: 26 dez. 2016.

MALIGHETTI, Roberto. Etnografia e trabalho de campo: autor, autoridade e autorização de discursos. **Caderno Pós Ciências Sociais.** São Luís, v. 1, n. 1, jan-jul. 2004.

MASCARENHAS, Gilmar. A febre do futebol: gênese e difusão planetária de uma inovação. In: **A Bola nas Redes e o Enredo do Lugar**: por uma Geografia do Futebol e seu Advento no Rio Grande do Sul. São Paulo: USP, 2001, p. 12-52.

MAUCH, Claudia et al. **Porto Alegre na virada do século 19:** cultura e sociedade. Porto Alegre: Ed. Universidades UFRGS/ULBRA/UNISINOS, 1994.

MEINERZ, Carla Beatriz. Grupos de Discussão: uma opção metodológica na pesquisa em educação. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 485-504, maio/ago. 2011.

MELO, Mariana. **O futebol e o surgimento dos mitos:** a mídia e a análise dos discursos. Disponível em: < http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/O%20 futebol%20e%20o%20surgimento%20dos%20mitos.pdf>. Acesso em: 3 maio. 2015.

MELO, Luciana Cezário Milagres de; SOUZA, Gilmara Silva; DAYRELL, Juarez Tarcísio. Escola e juventude: uma relação possível? **Revista Paidéia**. Belo Horizonte, Ano 9, nº12, p. 161-186, jan./jun. 2012.

MELO, Victor Andrade de; NASCIMENTO, Randeantony C. O papel dos militares no desenvolvimento da formação profissional na Educação Física brasileira. Apresentação de trabalho e palestra, **I Congresso Brasileiro de História da Educação**. Rio de Janeiro, 6 a 9 de novembro de 2000. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/162 _vitor. pdf>. Acesso em: 10 abr. 2016.

MEYER, Dagmar Estermann. Etnia, raça e nação: o currículo e a construção de fronteiras e posições sociais. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.) **O currículo nos limiares do contemporâneo.** Rio de Janeiro/RJ: DP&A, p.69-83, 1999.

MILLS, John. **Charles Miller** – o pai do futebol brasileiro. São Paulo: Ed. Panda Books, 2005.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: Ed. Unijuí, 224 p. Coleção Educação em Ciências, 2011.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise Textual Discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

MORATO, Márcio P.; GIGLIO, Sérgio S.; GOMES, Mariana S. P. A construção do ídolo no fenômeno futebol. **Revista Motriz**. Rio Claro, nº 1, p. 1-10, jan./mar. 2011.

MORENO, Bruno Stramandinoli; MACHADO, Afonso Antonio. Esporte e a sociedade global: as subjetividades na contemporaneidade. **Revista da Educação Física.** UEM. Maringá, V. 15, n. 1, p. 81 – 87, 2004.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Seculo XX**: neurose. Tradução de Maura Ribeiro Sardinha. 9ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. 208p.

MORIN, Edgar. **As estrelas de cinema**. Lisboa: Horizonte, 1980.

MOSCOVICI, Serge. On social representations. In: FORGAS, J. P. (Ed.). **Social cognition:** perspective on everyday undertanding. London: Academic Press, 1981.

MOURA, Eduardo. **Meia de 9 anos aprova em 20 minutos e já ganha status de "joia" no Grêmio**. Reportagem do Globo Esporte. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/rs/futebol/times/gremio/noticia/2015/05/meia-de-9-anos-aprova-em-20-minutos-e-ja-ganha-status-de-joia-no-gremio.html.> Aceso em: 8 jul. 2018.

MÜLLER, Lutz. **O herói:** A verdadeira jornada do herói e o caminho da individuação. Trad. Erlon José Paschoal. 2ª ed. São Paulo: Ed. Cultrix, 2017.

MURAD, Maurício. **A violência no futebol.** São Paulo: Saraiva, 2012.

NETO, Ewerton Dantas Cortês; DANTAS, Maihana Maira Cruz; MAIA, Eulália Maria Chaves. Benefícios dos projetos sociais esportivos e crianças e adolescentes. **Saúde e Transformação social.** Florianópolis, v.6, n.3, p.109.-117, 2015.

NETO, Honor de Almeida; SANTOS, Everton Rodrigo. Futebol e Infância: Formação de crianças e adolescentes das categorias de base do Sport Club Internacional. **Revista Prâksis**. Novo Hamburgo, v. 12, nº 2, p. 12-29, ago. 2015.

NETO, João Schimanski; TASSA, Khaled O. Mohamad. O futebol como fator de inclusão social no Programa Segundo Tempo. **Revista EFDeportes.** Buenos Aires. Ano 19, nº194, jul. 2014.

NETO, Lauro. "Com bens bloqueados, Neymar compra avião de US$ 9 milhões." Jornal o Globo. Rio de Janeiro. 28 abr. 2016. Disponível em: <http://blogs.oglobo.globo.com/panorama-esportivo/post/com-bens-bloqueados-neym ar-compra-aviao-de-us-9-milhoes-das-casas-bahia.html>Acesso em: 9 jun. 2016.

NICOLA, Jorge. "Vitória sobre São Paulo valeu dois carros 0km para cada jogador corintiano." São Paulo. Portal Yahoo Esportes. 20 fev. 2015. Disponível em: <https://esportes.yahoo.com/blogs/jorge-nicola/vitoria-sobre-sao-paulo-val eu-dois-carros-0km-para-110103906.html>. Acesso em: 9 jun. 2016.

NIRENBERG, Olga. Participación en proyectos y desarrollo integral de adolescentes y jóvenes . In: **Juventudes contemporâneas:** um mosaico de possibilidades. Org.: Juarez Dayrell, Maria Ignez Costa Moreira, Márcia Stengel. Belo Horizonte: Ed. PUC, 2011.

NOGUEIRA, Heloisa G. P. A construção do sujeito em Maffesoli e Guattari. **LOGOS**: Comunicação e Universidade. Rio de Janeiro, Ano 4, nº 6, 1º sem. p. 54-58, 1997.

NOGUEIRA, Quéfren W. C. Esporte educacional: entre rendimento e participação. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 13, nº 1, p. 12-26, ago. 2014.

OLIVEIRA, Edileusa S; CASIMIRO, Ana P.B S. "Re (a) presentando" as face de uma palavra: breve estudo sobre o conceito "representação". **Educação em Revista**. Marília/SP: v. 11, nº 1, p. 53-64, jan-jun, 2010.

OLIVEIRA, Antonio Ribeiro de. **A influência do esporte no rendimento escolar na opinião de alunos e professores da Escola Estadual Cora Coralina da cidade de Ariquemes-RO.** Monografia, 52f. Curso de Licenciatura em Educação Física. Universidade de Brasília. Ariquemes/RO, 2012. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/4562/1/2012_AntonioRibeirodeOliveira.pdf>. Acesso em: 17 out. 2018.

OLIVEIRA, Valeska F. Imaginário, cotidiano e educação: por uma ética do instante. **Cadernos de Educação**. Pelotas: v. 14, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/4751/3536>. Acesso em: 13 out. 2016.

OMETTO Ana Maria H; FURTUOSO, Maria Cristina O; SILVA, Marina Vieira da. Economia brasileira na década de oitenta e seus reflexos nas condições de vida da população. **Revista Saúde Pública**. São Paulo, nº 29, p. 403-414, 1995.

PAIM, Maria Cristina Chimelo; STREY, Marlene Neves. Marcas da violência de gênero contra a mulher no contexto esportivo. **Revista EFDeportes.com**. Buenos Aires, Ano 11, nº 103. Dez., 2006. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/ Revista Digital>. Acesso em 11 out. 2018

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude - alguns contributos**. Revista Análise Social.** Lisboa, Portugal: ICS. Vol. XXV, 1990 (1.°, 2.°), 139-165. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>. Acesso em: 26 dez. 2016.

PAVIONE, Maxwell dos Santos. Juventudes e concepção de felicidade. **Revista Educação, Meio Ambiente e Saúde**. Manhuaçu/MG: Vol. 7, nº 3, 2017.

PEREGRINO, Mônica. Juventude e escola – elementos para a construção de duas abordagens. In: **Juventudes contemporâneas**: um mosaico de possibilidades / Org.: Juarez Dayrell, Maria Ignez Costa Moreira, Márcia Stengel. Belo Horizonte: Ed. PUC. Minas, 2011.

PEREIRA, Carlos Eduardo; BIZELLI, José Luís. Futebol juvenil: entre o imaginário e a materialidade da vida nas categorias de base no Brasil. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 9, nº 2, p. 219-235, 2014. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/7032/50 41>. Acesso em: 12 ago, 2016.

PEREIRA, Heloisa C.; STENGEL, Márcia. Projetos de vida na Pós-Modernidade: possibilidades e limites aos jovens. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 21, n.3, p. 582-598, dez. 2015.

PEREIRA, Potyara A.P. Questão social, serviço social e direitos de cidadania. **Revista Temporalis**, n.03, ano II, p.51-62. jan. a jun., 2001.

PESQUISA DIZ QUE 78% DOS BRASILEIROS ACREDITA NA SELEÇÃO CAMPEÃ NA COPA. **Jornal Nacional**. Rio de Janeiro, Rede Globo, 25 Mai. 2014. Programa de TV. Também disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/05/pequisa-diz-que-78-dos-brasileiros-acredita-na-selecao-campea-na-copa.html>. Acesso em: 9 Jan. 2016.

PIANA, Maria Cristina. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 233 p. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/vwc8g/pdf/ piana-9788579830389-02.pdf>. Acesso em: 24 dez. 2016.

PILOTTO, Fátima M. **A pedagogia esportiva da mídia**. 2000. 81 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

PILOTTO, Fátima M. Diferentes tipos de corpos para diferentes tipos de esportes. In: **Ensaios em Estudos Culturais Educação e Ciência**. Porto Alegre/RS: Ed. UFRGS, 2007.

PILOTTO, Fátima M. A fabricação dos ídolos esportivos. **23ª reunião anual da ANPED**; Caxambu, BR. Caxambu: ANPED; 2000. Disponível em: <http://23reu niao.anped.org.br/textos/1613t.PDF>. Acesso em: 9 jun. 2016.

PIMENTA, Carlos Alberto M. **Sociologia da Juventude. Futebol, paixão, sonho, frustração, violência**. Taubaté SP: Cabral Editora, 2006.

PINTO, Tiago Filipe Santos. **O futebol nos circuitos juvenis:** Redes para a construção de um serviço educativo de mediação numa instituição desportiva. 2013. 227f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, 2013. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/71260/2/91025.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2016.

PIZZOL, Silvia J. S. de. Combinação de Grupos Focais e Análise Discriminante: um Método para Tipificação de Sistemas de Produção Agropecuária. **RER**, Rio de Janeiro, vol. 42, nº 03, p. 451-468, jul/set, 2004.

POLI, Gustavo; CARMONA, Lédi. **Almanaque do futebol**. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2006.

PRATES, Marcos Tavares. Cornelius Castoriadis: criatividade e autonomia na formação social-histórica. **Revista diferencia**(s). Nº2. Ano 2, p. 70-96, Argentina. Mai. 2016.

RATTO, Cleber Gibbon. Educação e Cultura Contemporânea - pesquisa das novas sociabilidades urbanas. **La Salle** (Canoas), v. 16, p. 25-38, 2011.

REDE GLOBO. Reportagem exibida no programa de televisão Esporte Espetacular exibido no dia 8 de abril de 2018.

RESES, Erlando da Silva. Do conhecimento sociológico à teoria das representações sociais. **Sociedade e Cultura**, v. 6, nº 2, Jul-Dez, 2003. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/920>. Acesso em: 10 set. 2016.

REGUILLO, Rossana. **Emergencia de Culturas Juveniles.** Buenos Aires: Norma, 2001.

REGUILLO, Rossana. Las culturas juveniles: un campo de estudio; breve agenda para ladiscusión. **Revista Brasileira de Educação**. Nº 23, Maio/Jun/Jul/Ago, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a07>. Acesso em: 13 out. 2018.

REGUILLO, Rossana. **Emergencia de Culturas Juveniles** – Estrategias del desencanto. Enciclopedia Latinoamericana de Sociocultura e Comunicacion. Bogotá, Colômbia: Norma, 2007. Disponível em: <http://www.iberopuebla.mx/microSitios/catedraTouraine/articulos/Rossana%20Reguillo%20EMERGENCIA%20DE%20CULTURAS%20JUVENILES%20estrategias%20del%20desencanto.pdf>. Acesso em: 26 dez. 2016.

RIAL, Carmen. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Revista Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre/RS, Ano 14, nº 30, p. 21 – 65, Julho/Dezembro, 2008.

RIBEIRO, Luís Carlos. Brasil: futebol e identidade nacional. Buenos Aires/Argentina: **Revista Digital Efdeportes**, Ano 8, nº 56, 2003. Disponível em: <www.efdeportes.com/efd56/futebol.htm>. Acesso em: 02 mai. 2015.

RIBEIRO, Sinara Dantas Neves. **Crenças e representações nos ritos de iniciação ao futebol:** um estudo psicossocial. 2005. 199 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20052283300 2029030P1>. Acesso em: 02 mai. 2015.

RIGO, Luiz Carlos; JAHNECKA, Luciano; SILVA, Inácio C. da. Notas etnográficas sobre o futebol de várzea. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v. 16, nº 3, p. 155-179, jul./set. 2010.

ROCHA, Hugo Paula Almeida da. **O futebol como carreira, a escola como opção:** o dilema do jovem atleta em formação. Rio de Janeiro, 2017. 289 f. Tese. Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

ROHRER, Cleber Vanderlei. **O futebol:** Cultura e convergência das Mídias. Tese de doutorado em Comunicação e Semiótica. 172 f. Pontifica Universidade Católica de São Paulo, 2016. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/19612/2/Cleber%20Vanderlei%20Rohrer.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2018.

ROSSETTO, Rafael. A tribalização do mundo: um estudo propedêutico sobre o Estado a partir de Michel Maffesoli. **IV Jornada Internacional de Políticas Públicas**. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIV/eixos/5_estado-identidade/a-tribalizacao-do-mundo-um-estudo-propedeutico-sobre-o-estado-a-partir-de-michel-maffesoli.pdf>. Acessoem: 21 set. 2018.

ROTTMANN, Hans Gert. Der brasilianischeFussballer: Die PressealsAntrieb des Erfolgs. **Revista Karlsruher Pädagogischebeiträge**. Karlsruhe, Alemanha, nº 82, p. 37 – 61. Ano 2013.

ROTTMANN, Hans Gert. **Mídia e a produção do sucesso no mundo do futebol:** Uma abordagem a partir dos Estudos Culturais. 2012. 125f. Dissertação (Mestrado em Educação – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil, 2012.

RUBIO, Katia. Do olimpo ao pós-olimpismo: elementos para uma reflexão sobre o esporte atual. **Revista Paulista Educação Física**, nº 16 (2), p. 130-143, jul./dez, 2002. Disponível em: <http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/v16%20n2%20artigo2.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2016.

RUBIO, Katia. O trabalho do atleta e a produção do espetáculo esportivo. **Scripta Nova**. Revista electrónica de geografía y ciências sociales. Universidad de Barcelona. Vol. VI, núm. 119 (95), ago. 2002. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn119-95.htm>. Acesso em: 14 set. 2018.

SALÁRIO.COM.BR. Salário de Caminhoneiro 2018. Disponível em: <https://www.salario.com.br/profissao/caminhoneiro-cbo-782505/ >. Aceso em: 3 set. 2018.

SANFELICE, Gustavo Roese. **Futebol, espetáculo e mídia:** reflexões, relações e implicações. Centro Universitário Feevale, Novo Hamburgo/RS/Brasil. s/d. Disponível em: <http://vsites.unb.br/fef/midia/downloads/futebol _espataculo_e_midia_ reflexoes _relacoes_e_implicacoes.pdf>. Acesso em: 10 Dez.

2016.

SANTO, Alexandre do E. Delineamentos de metodologia científica. São Paulo: Loyola, 1992. 85 p.

SANTOS, Geórgia Patrícia Guimarães dos. **A (s) juventude (s) e a construção das políticas públicas no Brasil:** avanços e perspectivas. 2011. 178f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

SANTOS, Juliana de Abreu Pereira. **Esporte e Juventude:** um olhar acerca da relação do Jovem com o Esporte. 2010. 26 f. Monografia – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <http://www.eeffto.ufmg.br/biblioteca/1828.pdf>. Acesso em: 26 dez. 2016.

SANTOS, Mª Francieli P. Projeto Sócio-Esportivo Futsal Social: articulando ações com as dinâmicas sociais de jovens em situação de vulnerabilidade social. **Revista de Projetos Comunitários e Extensão: Congrega Urcamp**. Bagé: Ed. Ediurcamp, 2016. Disponível em: <http://trabalhos.congrega.urcamp.edu.br/index.php/mpce/article/view/387>. Acesso em: 20 jun. 2018.

SANTOS, Sérgio Ribeiro. **Esporte e lazer:** uma reflexão sociológica em Norbert Elias. Disponível em: <http://www.ccs.ufpb.br/gepaie/lib/exe/fetch.php?id=home%3Apublica%C3%A7%C3%B5es&cache=cache&media=home:esporte_e_lazer_uma_reflex%C3%A3o_sociol%C3%B3gica.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2015.

SANTOS, Jorge Bispo dos; WINTERSTEIN, Pedro José; VENDITTI, Rubens Júnior; BANDEIRA, Tânia. **Projeção dos pais no processo de iniciação esportiva**. Universidade do Futebol – Transformação pelo conhecimento. 15 jul. 2008. Disponível em: <https://universidadedofutebol.com.br/projecao-dos-pais-no-processo-de-iniciacao-esportiva/>. Acesso em: 25 out. 2018.

SEBRELI, Juan José. **La era del Fútbol**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1998.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. **Revista Tempo Social**, v. 17, nº 2, p. 335-350, nov. 2005.

SCHMIDT, Sarai Patrícia. **Ter Atitude:** escolhas da juventude líquida: um estudo sobre mídia, educação e cultura jovem global. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Tese de doutorado. 167 f. Porto Alegre, 2006.

SILVA, Alexsander Batista e; CHAVEIRO, Eguimar F. Jogo de Bola: Uma análise socioespacial dos territórios dos peladeiros. **Revista Pensar a prática**. Goiânia, v. 10, nº 1, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/ article/view/202/1322>. Acesso em: 4 nov. 2016.

SILVA, Juremir Machado. **As tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SILVA, Lucas V. L. **Empoderamento de Afro-Brasileiros no Futebol: o Projeto Atleta Cidadão do Futuro como espaço de inclusão social.** 2013. 322 f. Tese (Doutorado em Educação) – Instituição de Ensino, Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: <http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/4724/1/Ar quivoTotalLucas.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2016.

SILVA, Monique da; OLIVEIRA, Valeska Fortes de. A escola como instituição imaginária social: desafios da educação contemporânea. **Educere et educare**. Vol. 11, nº 21, p. 055 – 069, jan./jul., 2016.

SILVA, Silvia Gama da. **Juventudes: o projeto social como um dos espaços para a construção da socialidade juvenil.** 2015. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/7338>. Acesso em: 27 dez. 2016.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais de sociologia**: indivíduo e sociedade. Tradutor Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SIMMEL, G. The Sociology of Sociability. In: FRISBY, David.; FEATHERSTONE, Mike. Simmel on culture. London: Sage Publications, 1997, p. 120-130.

SIMMEL. Georg. A Metrópole e a Vida Mental. In: VELHO, Otávio G (org.). **O Fenômeno Urbano.** Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1967. Disponível em: <http://www.marcoaureliosc.com.br/03velho_completo.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2018.

SOARES, Antônio J. Gonçalves; MELO, Leonardo B. Silva de; COSTA, Felipe Rodrigues da; BARTHOLO, Tiago L. BENTO, Jorge O. Jogadores de futebol no Brasil: Mercado, formação de atletas e escola. **Revista Brasileira Ciênc. Esporte.** Florianópolis/SC, v. 33, n. 4, p. 905-921, out./dez. 2011.

SOARES, Antonio J. Gonçalves; SALVADOR, Marco A. Santoro; BARTHOLO, Tiago Lisboa. O "futebol arte" e o "planejamento México" na copa de 70: as memórias de Lamartine Pereira da Costa. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v. 10, n. 3, p.113-130, setembro/dezembro de 2004. Disponível em: <https://comunicacaoeesporte.files.wordpress.com/2010/10/o-futebol-arte-e-o-planejamento-mexico-na-copa-de-70-as-memorias-de-lamartine-pereira-da-costa.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2017.

SOUZA, Camilo Araújo Máximo de; VAZ, Alexandre Fernandez; BARTHOLO, Tiago Lisboa; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 85-111, jul./dez. 2008.

SPINELLI, Letícia Machado. Luta por reconhecimento: a contribuição de Axel Honneth para a análise dos conflitos sociais. **Revista de Ciências Sociais**. Fortaleza, v. 49, nº 2, p. 379-417, jul./out., 2018.

STEFENON, Daniel Luiz. Espaço e tribalismo: uma discussão a partir do universo escolar. **Revista geografar**. Curitiba, v.6, n.2, p.118-129, dez.2011. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/273170576_ESPACO_E_TRIBALISMO_UMA_DISCUSSAO_A_PARTIR_DO_UNIVERSO_ESCOLAR>. Acesso em: 21 set. 2018.

TEIXEIRA, Solange Maria. Políticas Sociais no Brasil: A histórica (e atual) relação entre o "público" e o "privado" no sistema brasileiro de proteção social. **Revista Sociedade em Debate**. Pelotas, 13 (2): 45-64, jul.-dez./2007. Disponível em: <http://www.revistas.ucpel.tche.br/index.php/rsd/article/view File/400/354>. Acesso em: 23 dez. 2016.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade:** uma teoria social da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

TILIO, Rogerio. Revisitando a Análise Crítica do Discurso: um instrumental teórico-metodológico. **E-scrita**. Revista do Curso de Letras da UNIABEU. Nilópolis, v. I, nº 2, p. 86-102, Mai/Ago. 2010. Disponível em: <http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RE/article/download/21/pdf_19>. Acesso em: 20 fev. 2017.

TOLEDO, Luiz H. **Torcidas organizadas de futebol.** Campinas: Autores Associados, 1996.

TOSTÃO. Baixinhos e Altinhos. **Folha de São Paulo**. São Paulo: 7 fev. 2007. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk0702200721.htm>. Acesso em: 23 jun. 2018.

TRANSFERMARKT. **Transferências de topo em todo o mundo na atual temporada**. Disponível em: <https://www.transfermarkt.com/statistik/saisontransfers>. Acesso em: 20 ago. 2018.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Estudos brasileiros sobre o esporte**: ênfase no esporte-educação. Maringá/PR, Eduem, 2010. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/123456789/130/

livro%2520tubino.Pdf?sequence=5>. Acesso em: 29 mar. 2016.

TUTTOILMONDO, Theo Chacon. Fifa promete destinar R$ 15,8 mi a projetos sociais ligados ao futebol. Portal de notícias Terra. 6 abr. 2016. Disponível em: <https://esportes.terra.com.br/ futebol/fifa-promete-destinar-r-158-mi-a-projetos-sociais-ligados-ao-futebol,6184a535b350b13ce13380d5bfe4c4aesky 24gh7.html>. Acesso em: 19 nov. 2016.

UOL Esportes. 10 crianças que já estão valorizadas no mundo da bola. Disponível em: <http:// uolesporte.blogosfera.uol.com.br/2016/10/12/10-criancas-que-ja-estao-valo rizadas-no-mundo-da-bola/>. Acesso em: 31 out. 2016.

UOL. **Final entre Brasil e Espanha bate recorde de audiência na TV**. Disponível em: <http:// uolesportevetv.blogosfera.uol.com.br/2013/07/04/final-entre-brasil-e-espan ha-bate-recorde-de-audiencia-na-tv/>. Acesso em: 6 mai. 2015.

UOL. Maior vexame da história do futebol brasileiro coloca Alemanha na decisão. Disponível em: <http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/07/08/brasil-x-alemanha.htm>. Acesso em: 10 jan. 2017

VALENTIN, Renato B; COELHO, Marília. Sobre as escolinhas de futebol: processo civilizador e práticas pedagógicas. **Revista Motriz**, Rio Claro, v.11, n.3, p.185-197, set./dez. 2005.

VALLE, Lílian do. A educação impossível. **Revista Educação,** Santa Maria, v. 34, n. 3, p. 473-486, set./ dez. 2009. Disponível em: <http://ufsm.br/revistaeducacao>. Acesso em: 20 nov. 2018.

VARGAS, Emiliana. **Os discursos de Vargas e as Políticas Sociais no Brasil de 1930 a 1940**. 2007. 307p. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30370689.pdf>. Acesso em: 10 out. 2018.

VARGAS, Zilka; NETO, Honor de Almeida. O preço da bola: processo de formação de crianças e adolescentes das categorias de base do Sport Club Internacional. Canoas/RS. **Revista de iniciação Científica da ULBRA**, p. 219-229, 2009/2010.

VARTULI, Silvia Rachi; SIMAN, Lana Mara de Castro. **Conceito de Representações**: contribuições para a pesquisa sobre o ensino de história. Disponível em: <http://ojs.fe.unicamp.br/ged/FEH/article/ viewFile/5301/4236>. Acesso em: 16 set. 2016.

VICTOR, Fábio. Eles jogam das 8h às 18h, diz Henry. **Folha de São Paulo**. 30 jun. 2006. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk3006200622.htm>. Acesso em: 11 out. 2018.

VOSER, Rogério da Cunha; GUIMARÃES, Marcos G. V; RIBEIRO, Everton R. **Futebol:** história, técnica e treino de goleiro. Porto Alegre/RS: EDIPUC, 2010.

WARD, Victoria. M.; BERTRAND, Jane.T.; BROWN, Lisanne F.The comparability of focus group and survey results. **Sage Journals**, 15 (2), p. 266-283, 1991.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 241-260, maio/ago. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n2/a03v32n2.pdf> Acesso em: 4 jun. 2028.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio:** o futebol e o Brasil. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

WORTMANN, Maria Lúcia C. O uso do termo representação na Educação em Ciências e nos Estudos Culturais. Campinas/SP. **Revista Pro-Posições**, vol.12, nº 1, março, 2001.

WORTMANN, Maria Lúcia C. **Dos riscos e ganhos de transitar nas fronteiras dos saberes**. In: COSTA, Marisa V; BUJES, Maria I.D. **Caminhos Investigativos III:** Riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: Ed. DP&A. 2005.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e método. 2ªed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

ZIMMERMANN, Clóvis R. Os programas sociais sob a ótica dos direitos humanos: o caso do Bolsa Família do governo Lula no Brasil. Sur Revista Internacional de Direitos Humanos. São Paulo: vol.3, nº 4, Jun. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-64452006000100009>. Acesso em: 10 nov. 2016.

ANEXOS

ANEXO A

United Nations
Educational, Scientific and
Cultural Organization

Organisation
des Nations Unies
pour l'éducation,
la science et la culture

Organización
de las Naciones Unidas
para la Educación,
la Ciencia y la Cultura

Организация
Объединенных Наций по
вопросам образования,
науки и культуры

Carta Internacional da Educação Física e do Esporte da UNESCO

21 de novembrode1978

SHS/2012/PI/H/1

Preâmbulo

A Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, reunida em Paris para sua 20° sessão, no dia 21 de novembro de 1978,

Recordando que na Carta das Nações Unidas os povos proclamaram sua fé nos direitos humanos fundamentais, bem como na dignidade e no valor da pessoa humana, e afirmaram sua determinação de promover o progresso social e melhores condições de vida,

Recordando que pelos termos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, todas as pessoas são titulares de todos os direitos e liberdades nela estabelecidos, sem qualquer tipo de discriminação com base em raça, cor, sexo, língua, religião, convicção política ou opinião, origem nacional ou social, situação econômica, nascimento ou qualquer outra,

Consciente de que uma das condições essenciais para o exercício efetivo dos direitos humanos consiste em que as pessoas sejam livres para desenvolver e preservar suas aptidões físicas, intelectuais e morais, e que, consequentemente, o acesso à educação física e ao esporte deve ser assegurado e garantido a todos,

Consciente de que preservar e desenvolver as aptidões físicas, intelectuais e morais do ser humano melhora a qualidade de vida nos âmbitos nacional e internacional,

Acreditando que a educação física e o esporte devem contribuir de forma mais efetiva para inculcar os valores humanos fundamentais subjacentes ao pleno desenvolvimento dos povos,

Ressaltando que, nesse sentido, a educação física e o esporte devem buscar promover uma maior comunhão entre os povos e entre as pessoas, juntamente com a competição saudável, a solidariedade e a fraternidade, o respeito mútuo e o entendimento, e o respeito total pela integridade e pela dignidade dos seres humanos,

Considerando que tanto os países industrializados como os países em desenvolvimento têm responsabilidades e obrigações para reduzir as disparidades que continuam a existir entre eles, com relação ao acesso universal e gratuito à educação física e ao esporte,

Considerando que integrar a educação física e o esporte ao meio ambiente natural

significa enriquecê-los e inspirar respeito quanto aos recursos do planeta, e uma preocupação com sua conservação e utilização para o bem maior da humanidade como um todo,

Levando em consideração a diversidade dos meios de treinamento e de educação existentes no mundo, mas constatando que, não obstante as diferenças entre as estruturas esportivas nacionais, é evidente que a educação física e o esporte não se limitam somente ao bem-estar físico e à saúde, mas também contribuem para o pleno e equilibrado desenvolvimento do ser humano,

Levando em consideração, ademais, os enormes esforços que devem ser realizados antes que o direito à educação física e ao esporte possa se tornar uma realidade para todos os seres humanos,

Ressaltando a importância da paz e da amizade entre os povos, e a cooperação entre organizações internacionais, governamentais e não governamentais, responsáveis pela educação física e pelo esporte,

Proclama esta Carta Internacional com o propósito de colocar o desenvolvimento da educação física e do esporte a serviço do progresso humano, promovendo seu desenvolvimento e instando governos, organizações não governamentais competentes, educadores, famílias e as pessoas em geral a se guiarem por ela, a disseminá-la e a colocá-la em prática.

Artigo 1. A prática da educação física e do esporte é um direito fundamental de todos

1,1 Todo ser humano tem o direito fundamental de acesso à educação física e ao esporte, que são essenciais para o pleno desenvolvimento da sua personalidade. A liberdade de desenvolver aptidões físicas, intelectuais e morais, por meio da educação física e do esporte, deve ser garantido dentro do sistema educacional, assim como em outros aspectos da vida social.

1.2 Todas as pessoas devem ter oportunidades plenas, de acordo com as tradições nacionais de esporte, de praticar a educação física e o esporte, com isso melhorando sua forma física e atingindo um nível de realização no esporte que corresponda ao seu talento.

1.3 Oportunidades especiais devem ser disponibilizadas aos jovens, incluindo crianças em idade pré-escolar, idosos e pessoas portadoras de deficiências, a fim de possibilitar o desenvolvimento pleno de sua personalidade, por meio de programas de educação física e de esportes adequados às suas necessidades.

Artigo 2. A educação física e o esporte constituem um elemento essencial da educação ao longo da vida no sistema educacional como um todo

2.1 A educação física e o esporte, como dimensões essenciais da educação e da cultura, devem desenvolver habilidades, força de vontade e autodisciplina em todos os seres humanos, como membros plenamente integrados à sociedade. A continuidade da atividade física e a prática de esportes devem ser asseguradas por toda a vida, por meio de uma educação ao longo da vida, integral e democrática.

2.2 No âmbito individual, a educação e o esporte contribuem para a manutenção e a

melhora da saúde, proporcionam uma atividade saudável de lazer e permitem que as pessoas superem os inconvenientes da vida moderna. No âmbito da comunidade, eles enriquecem as relações sociais e desenvolvem o jogo limpo (*fair play*) que é essencial não apenas para o esporte em si, mas também para a vida em sociedade.

2.3 Os sistemas de educação como um todo devem considerar o devido lugar e importância da educação física e do esporte, para estabelecer um equilíbrio e fortalecer vínculos entre as atividades físicas e outros componentes da educação.

Artigo 3. Os programas de educação física e de esporte devem satisfazer as necessidades individuais e sociais

3.1 Os programas de educação física e de esporte devem ser elaborados de forma a satisfazerem as necessidades e as características pessoais de seus praticantes, assim como as condições institucionais, culturais, socioeconômicas e climáticas de cada país. Deve ser dada prioridade às necessidades de grupos sociais desfavorecidos.

3.2 No processo da educação em geral, os programas de educação física e de esporte devem, por meio de seus conteúdos e horários, auxiliar a criar hábitos e padrões de comportamento condizentes ao pleno desenvolvimento da pessoa humana.

3.3 De acordo com o ideal olímpico, o esporte competitivo, mesmo quando na forma de espetáculo, deve cumprir o propósito do esporte educacional, do qual representa o ápice. Não deve, de forma alguma, ser influenciado por interesses comerciais que visam ao lucro.

Artigo 4. O ensino, o treinamento e a gestão da educação física e do esporte devem ser realizados por pessoal qualificado

4.1 Todas as pessoas que assumem a responsabilidade profissional pela educação física e pelo esporte devem ter a formação e as qualificações adequadas. Elas devem ser cuidadosamente selecionadas em número suficiente e devem receber formação, preliminar e avançada, para assegurar que atinjam níveis adequados de especialização.

4.2 "Pessoal voluntário", com treinamento e supervisão adequados, podem fornecer uma contribuição valiosa para o desenvolvimento integral do esporte e incentivar a participação da população na prática e na organização de atividades físicas e esportivas.

4.3 Devem ser estabelecidos sistemas adequados para a formação de pessoal de educação física e de esporte. Profissionais que receberam tal treinamento devem ocupar posições em conformidade com as tarefas por eles realizadas.

Artigo 5. Equipamentos e instalações adequadas são essenciais para a educação física e o esporte

5.1 Devem ser disponibilizados equipamentos e instalações suficientes e adequados, para possibilitar a participação intensiva e segura, dentro e fora da escola, em programas de educação física e de esporte.

5.2 Governos, autoridades públicas, escolas e agências privadas pertinentes, em todos os

âmbitos, são responsáveis por unirem forças e planejarem, em conjunto, a disponibilização e o melhor uso das instalações, locais e equipamentos para a educação física e o esporte.

5.3 É essencial que planos de desenvolvimento, urbano e rural, incluam as necessidades de longo prazo, no que diz respeito a instalações, locais e equipamentos para a educação física e o esporte, levando em consideração as oportunidades oferecidas pelo meio ambiente natural.

Artigo 6. Pesquisa e avaliação são componentes indispensáveis para o desenvolvimento da educação física e do esporte

6.1 A pesquisa e a avaliação na educação física e no esporte devem ter em vista o progresso de todas as modalidades esportivas, auxiliando-as a propiciar melhoras na saúde e na segurança de seus praticantes, bem como nos métodos de treinamento e nos procedimentos de organização e de gestão. Assim, o sistema educacional será beneficiado com as inovações pensadas para desenvolver melhores métodos de ensino e padrões de desempenho.

6.1 As implicações sociais da pesquisa científica neste campo não devem ser ignoradas, mas orientadas de forma a não permitirem aplicações inadequadas dentro da educação física e do esporte.

Artigo 7. Informações e documentação auxiliam na promoção da educação física e do esporte

7.1. A coleta, o fornecimento e a disseminação de informações e de documentação sobre a educação física e o esporte constituem uma importante necessidade. Em especial, existe a necessidade de fazer circular informação sobre os resultados de pesquisas e de estudos de avaliação de programas, experiências e atividades.

Artigo 8. Os meios de comunicação de massa devem exercer uma influência positiva sobre a educação física e o esporte

8.1 Sem prejuízo ao direito de liberdade de informação, é essencial que todas as pessoas envolvidas com os meios de comunicação de massa tenham plena consciência de suas responsabilidades quanto à importância social, ao propósito humanístico e aos valores morais presentes na educação física e no esporte.

8.2 As relações entre os profissionais dos meios de comunicação de massa e os especialistas em educação física e esporte devem ser próximas e baseadas na confiança mútua, para exercer uma influência positiva na educação física e no esporte e, assim, assegurar informações objetivas e bem fundamentadas. O treinamento dos profissionais de mídia pode incluir elementos relacionados à educação física e ao esporte.

Artigo 9. Instituições nacionais desempenham um papel fundamental na educação física e no esporte

9.1 É fundamental que autoridades públicas de todos os níveis, bem como órgãos não governamentais especializados, incentivem as atividades esportivas e de educação física que tenham valor educacional mais evidente. Suas ações devem consistir no fortalecimento da legislação e da regulamentação, de modo a fornecer assistência material e a adoção

de todas as outras medidas que visem a incentivar, estimular e controlar. As autoridades públicas também devem assegurar que sejam adotadas medidas fiscais que incentivem tais atividades.

9.2 É atribuição de todas as instituições responsáveis pela educação física e pelo esporte promover um plano de ação consistente, geral e descentralizado, dentro do marco da educação ao longo da vida, para permitir a continuidade e a coordenação entre as atividades físicas compulsórias e as praticadas de forma espontânea.

Artigo 10. A cooperação internacional é um pré-requisito para a promoção universal e equilibrada da educação física e do esporte

10.1 É essencial que os Estados e as organizações (não governamentais, intergovernamentais, internacionais e regionais) responsáveis pela educação física e pelo esporte, e nas quais os países interessados são representados, assegurem um lugar de maior destaque para a educação física e o esporte na cooperação internacional bilateral e multilateral.

10.2 A cooperação internacional deve ser incentivada, por partes completamente desinteressadas, a promover e estimular o desenvolvimento endógeno neste campo.

10.3 Por meio da cooperação e da busca de interesses mútuos na linguagem universal da educação física e do esporte, todos os povos contribuirão para a preservação da paz duradoura, do respeito mútuo e da amizade e, consequentemente, para a criação de um ambiente propício para a solução de problemas internacionais. A estreita colaboração entre todas as agências (governamentais e não governamentais, nacionais e internacionais) interessadas, baseada no respeito pelas competências específicas de cada uma, certamente incentivará o desenvolvimento da educação física e do esporte ao redor do mundo.

A tradução para o português deste documento foi produzida pelo setor de Ciências Humanas e Sociais da Representação da UNESCO no Brasil.

Tradução: Christiano Robalinho Lima

Revisão: Unidade de Publicações da Representação da UNESCO no Brasil. Brasília, 2013.

ANEXO B

Temas e questões para as entrevistas com gestores e educadores

a) Identificar qual o vínculo de cada integrante da equipe com o PPSE – contrato ou cargos de confiança (CCs);

b) Dados de identificação: Nome, idade, escolaridade e formação;

c) Verificar a experiência na gestão, experiência profissional e relação com o esporte.

Questões

1) De que modo esse projeto pode ser importante para as crianças?

2) Por qual razão a modalidade do futebol foi escolhida para fazer parte do PPSE?

3) Como o futebol entrou na sua vida?

4) Ao pensar na profissão de jogador de futebol, quais imagens e características vem em sua mente?

5) Quais aspectos positivos estariam ligados a isso?

6) E teriam aspectos negativos? Quais seriam?

7) Poderia destacar dois jogadores que seriam bons exemplos e dois que seriam maus exemplos?

8) Por quais meios você se informa cotidianamente sobre o futebol?

ANEXO C

Roteiro para mobilização do grupo de discussão

1) O que vocês fazem aqui?
2) Para que serve estar aqui?
3) O que é mais interessante no PPSE?
4) O que mais gosta e o que menos gosta?
5) O que imagina do futuro?
6) Qual a profissão que você gostaria de exercer?
7) Qual o seu maior projeto de vida?
8) Como você enxerga a profissão de jogador de futebol?
9) Qual seria um bom exemplo de jogador de futebol para você? Por qual razão?
10) Qual exemplo de mau jogador para você? Por qual razão?

ANEXO D

NOTAS DE CAMPO – PARTE I

Os impasses ocorridos em três Programas/Projetos Sociais situados em Porto Alegre, Canoas e Novo Hamburgo e a decisão de substituição destes para o desenvolvimento da pesquisa.

Ao longo do mês de agosto de 2017 realizei uma série de telefonemas para o departamento de esportes da Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, antiga Secretaria de Esportes deste município, para articular os contatos necessários para o desenvolvimento da pesquisa em um dos PPSE daquele município. A ideia inicial foi tentar marcar uma reunião para que fosse possível um diálogo mais efetivo para apresentar meu projeto de pesquisa e verificar as possibilidades de seu desenvolvimento naquele município. Após os contatos iniciais e orientações recebidas, também fui solicitado que encaminhasse por meio de e-mail maiores informações sobre o que eu realmente estaria pretendendo realizar nos PPSE. Tudo parecia que se encaminharia bem, já que é preciso ressaltar que todas às vezes fui muito bem atendido por gestores e professores do município.

Dia 17 de agosto me dirigi a Porto Alegre para me encontrar com o coordenador do departamento de esportes daquele município para encaminhar os papéis e colher sua assinatura, autorizando o desenvolvimento do estudo em um dos PPSE desenvolvidos naquela cidade. Acabei não sendo recebido pela pessoa responsável na data e hora marcada, já que este profissional estava envolvido em outro compromisso profissional. Assim não foi possível de imediato obter a autorização para o desenvolvimento da pesquisa. A solução foi retornar em outra data novamente. Uma semana depois tive êxito e consegui as assinaturas necessárias.

Com a autorização em mãos, fui encaminhado então para um segundo departamento, em outra região da capital, este responsável pela gestão do projeto social esportivo "Em Cada Campo uma Escolinha" - ECCE. Após novos contatos telefônicos me dirigi outro dia para Porto Alegre a fim de realizar a reunião com dois gestores do referido projeto. Na oportunidade, além da apresentação de meu projeto de pesquisa, muito se discutiu sobre questões que envolvem o futebol, projetos sociais e pesquisas e investigações nestas áreas. Houve um interesse muito grande dos gestores na pesquisa que eu estava desenvolvendo.

Conforme explicado pelos gestores do projeto ECCE, o envolvimento da comunidade com o projeto é grande. No município existem mais de 30 núcleos espalhados onde as atividades acontecem regularmente com o futebol. Talvez em virtude do número elevado de núcleos daquele PPSE, os gestores tiveram certa dificuldade em eleger um deles para o desenvolvimento de minha pesquisa. Assim, foi sugerido que em um final de semana eu retornasse para um encontro com um dos responsáveis por um dos núcleos do projeto ECCE.

Logo naquele primeiro encontro com o professor voluntário por aquele núcleo do

PPSE, expliquei os motivos de minha visita e procurei falar de todos os aspectos que giravam em torno da pesquisa. A partir disso, marcamos uma data para eu poder conversar com os jovens adolescentes, onde eu também entregaria os termos de consentimento e assentimento exigidos pelo comitê de ética da universidade.

Assim, no dia 18 de setembro, dia anterior à data marcada para o encontro com o professor e o primeiro contato com os jovens, por telefone entrei em contato com o professor do núcleo do PPSE para lembra-lo do nosso encontro. Fui então informado que em razão da quantidade de chuva que havia caído nos últimos dias, todas as aulas e treinos que estavam previstas para acontecer no ECCE haviam sido canceladas. Foi programada então a visita para uma semana depois.

Chegada a data, cheguei cedo ao local, já que sua localização era de acesso desconhecido por mim e por isso havia me programado para sair com boa antecedência. De imediato, minha presença despertou curiosidade em um dos funcionários daquele lugar - um centro comunitário, que ao conversar comigo perguntou se eu estaria ali para observar algum dos meninos. Ficou nítida a impressão de que aquele funcionário imaginava ser eu um "olheiro" de algum grande clube de futebol.

Aos poucos alguns meninos apareceram, porém apenas dois jovens adolescentes com idade dentro da faixa etária escolhida para o desenvolvimento da pesquisa compareceram. Entre os 12 meninos que compareceram, apenas um tinha 15 anos e outro 16. Todos demais eram mais novos. Conforme combinado anteriormente, naquele dia eu conversaria com oito jovens adolescentes daquele núcleo do PPSE que já estariam avisados sobre minha presença e cientes da realização da pesquisa. Aquele encontro serviria apenas para eu entregar os termos de consentimento e assentimento, falar um pouco para eles da pesquisa e ainda para marcar a data para o primeiro encontro e grupo de discussão. Logo percebi que nenhum dos jovens integrantes do PPSE havia sido selecionado para fazer parte da pesquisa e conclui que provavelmente minha ida até lá teria sido em vão.

Após perceber minha presença, um dos monitores do PPSE (não aquele que conversou comigo semanas antes) veio ao meu encontro e se mostrou disposto a auxiliar na organização do grupo para a realização da pesquisa. Expliquei, porém, que eu necessitava de oito jovens adolescentes, conforme já havia informado ao responsável pelas atividades daquele núcleo. Resolvi então aguardar mais alguns minutos, principalmente por durante meses organizado e pensado naquele momento, que seria afinal de contas, o primeiro encontro com os jovens adolescentes e início dos grupos de discussão previstos na pesquisa. Passados mais 20 minutos, já me causava estranheza a demora para iniciarem as atividades com os jovens. Nada acontecia, não havia aula, treino ou atividade previamente prevista para ser realizada com os presentes.

Eu continuava ali, ao lado de um enorme campo de futebol, quase todo de terra, enquanto aquelas crianças e alguns poucos jovens adolescentes brincavam com uma bola juntamente com o monitor, porém se percebia que estavam ali apenas passando o tempo, chutando de modo desordenado a bola um para os outros. De repente, fui surpreendido pelo monitor que até então, parecia ser o responsável pela aula. O rapaz saiu do campo e veio caminhando até onde eu estava observando a movimentação de todos. Foi então que comentou comigo que não havia preparado nada para aquele momento, em suas palavras,

"não havia estudado para aquela aula". Assim, sem qualquer constrangimento, o monitor solicitou que eu criasse uma atividade ou exercício para que ele pudesse ministrar para os presentes.

Muito surpreso com o ocorrido, porém disposto a ajudar, tirei uma folha de papel da minha pasta e rabisquei rapidamente uma atividade de futebol que serviria de aquecimento para uma aula. Para melhor compreensão do monitor, fiz até mesmo um desenho da atividade, explicando para ele como seria cada uma das partes e etapas, sugerindo ainda algumas progressões para a mesma.

Aquele encontro que estava previsto para eu entregar os termos de consentimento e assentimento acabou se transformando em uma aula de futebol desenvolvida por mim, já que passados alguns minutos iniciais, novamente o monitor me procurou querendo saber quais outras atividades ele poderia realizar naquele momento. Naquele dia, acabei conversando um bom tempo com o monitor, realizei alguns registros sobre a nossa conversa e depois disso, sugeri outras atividades que poderiam ser realizadas ali. Durante as atividades permaneci lá observando o que acontecia.

No bate papo com o monitor do PPSE chamou-me atenção em seus relatos as dificuldades que ele tinha em manter os jovens adolescentes participando regularmente dos encontros do projeto social. De acordo com ele, a maioria dos jovens adolescentes daquela região são seduzidos a trabalhar com o tráfico de drogas. Para ilustrar essa situação, o monitor falou detalhadamente sobre algumas situações e casos de jovens adolescentes e seus envolvimentos com a marginalidade. Falou sobre o destino de três irmãos que tiveram passagens pelo PPSE, todos haviam sido assassinados. Segundo o monitor, este índice elevado de violência naquela região, principalmente com sujeitos desta faixa etária, estaria afastando jovens adolescentes do projeto, já que muitas mães tem medo de deixar seus filhos circular pela região, mesmo que seja para ir participar das atividades daquele projeto social.

No dia seguinte entrei em contato com o responsável pelo núcleo para saber se os jovens adolescentes teriam ido até o local combinado no dia anterior depois que eu havia ido embora. Em caso afirmativo, se haviam se comprometido em participar da pesquisa. Fui informado que alguns deles haviam chegado ao local com duas horas de atraso e que apenas três tinham confirmado interesse e se prontificado a contribuir para a pesquisa.

A partir disso, tomei a decisão de novamente contatar com outros municípios, a fim de escolher outro PPSE para realizar a pesquisa.

Uma situação um pouco diferente aconteceu no projeto "Atleta Cidadão do Futuro" em Canoas. Após realizar alguns telefonemas, onde comentei um pouco sobre meus interesses, fui direcionado para um dos núcleos daquele projeto, já levando uma autorização prévia para a realização da pesquisa. Fui direcionado para um núcleo específico do projeto em virtude de ser ele, segundo a Secretaria de Esportes de Canoas, um dos pontos de maior adesão de crianças e jovens adolescentes naquele projeto.

Com o endereço em mãos e o nome do professor responsável, no final de novembro procurei então o local que funcionava o projeto. Escolhi um dia da semana em que aconteciam atividades do projeto no local. Ao chegar percebi que o projeto acontecia em um centro comunitário, e parecia que as coisas funcionavam muito bem. Local com recepção,

organizado, limpo e com uma grande área construída. Continham vários ambientes e uma quadra de esportes de ótima qualidade, inclusive com arquibancadas grandes. O centro comunitário fica localizado em um bairro com grande densidade populacional de Canoas, principalmente local de residência de pessoas de baixa renda.

Naquele primeiro dia, pude presenciar parte de uma aula ligada ao futebol com alunos provavelmente com 11 a 12 anos de idade. Fiquei impressionado com o perfil daqueles alunos, pois durante a atividade (jogo), mais pareciam se preocupar em gritar um com os outros, inclusive com o professor, do que jogar. Enquanto a atividade acontecia, no meu ponto de vista, muito livre, de modo que seguidamente conflitos aconteciam, foi possível perceber que as crianças eram extremamente desbocadas, competitivas e individualistas. Aquela partida de futebol ocorria sem interferência do professor e total indiferença deste com alguns episódios que pareciam se apresentar como oportunidades importantes para diferentes aprendizagens. Mesmo com aquele ambiente hostil, fiquei impressionado com a habilidade de alguns meninos no futebol, sem dúvida nenhuma ali existiam garotos com ótimo desenvolvimento motor e habilidades não tão comuns.

Ao término daquela aula, antes do momento destinado aos alunos com a faixa etária de meu interesse para a pesquisa, me dirigi ao professor responsável para conversar, explicando aspectos do meu estudo e solicitando seu auxílio para que naquele dia mesmo os jovens adolescentes já pudessem receber informações sobre meus interesses de pesquisa e, preferencialmente, já levassem para casa os termos de assentimento e consentimento para participar da pesquisa.

Sem que eu tivesse comentado qualquer coisa sobre o que havia acompanhado naquela aula que recentemente havia terminado, o professor, talvez pressentindo que eu tivesse tido uma percepção ruim, logo avisou que aquela turma que realizava a aula, era considerada por ele a pior, pois eram alunos novos no projeto, diferentemente da turma dos mais velhos, que frequentavam as aulas há pelo menos 3 ou 4 anos.

Depois de breve diálogo com o professor, este reuniu alguns alunos que estavam presentes e comentou sobre a importância da pesquisa que eu desenvolvia, verificando quais alunos tinham interesse em participar. Após a escolha dos alunos, fui surpreendido por um deles que se prontificou a organizar um grupo no *Whats* com todos os participantes para facilitar a organização para os encontros posteriores.

No dia 7 de dezembro, data marcada para o primeiro encontro com os jovens para o grupo de discussão naquele PPSE, fui cedo ao centro comunitário para organizar um espaço para atender bem aos interesses da pesquisa. Após reunir o pessoal no ambiente que havia sido indicado para realizar o encontro percebi que não seria conveniente realizar o grupo de discussão ali. O espaço sem janelas e provavelmente há muito tempo sem ser limpo, cheirava mal, havia muito mofo nas paredes e vários pontos de infiltração de água. O cheiro forte e o péssimo estado de conservação e limpeza certamente trariam prejuízos para o primeiro encontro, não havia como se sentir bem ali. A partir disso solicitei outro local e prontamente fui atendido. Apenas foi necessário uma nova organização de cadeiras. Foi cedido então um ambiente limpo e agradável.

O encontro e grupo de discussão realizado com os jovens adolescentes naquele dia foi um sucesso. Passada a timidez inicial, o momento foi muito rico em depoimentos e com

boa participação dos presentes. Após realizados os registros do primeiro encontro, seja por meio da gravação realizada com vídeo e ainda algumas anotações que fiz, tudo parecia que iria se encaminhar muito bem para a sequencia da pesquisa naquele PPSE.

Na data marcada para o segundo encontro, porém, apenas quatro jovens adolescentes apareceram no local. Soube naquele dia então, por meio dos próprios participantes da pesquisa, que o PPSE estaria naquela semana tendo suas atividades suspensas, principalmente em decorrência da proximidade com o final do ano. Estávamos na segunda semana de dezembro.

Ao chegar ao local, o professor responsável pelas aulas comentou para mim que a nova gestão municipal não estaria disposta a continuar com aquele projeto social esportivo. Pelo modo com que o professor falava, parecia que aquela notícia havia chegado para ele naquele mesmo dia, de modo que até ele parecia que não estava sabendo de nada anteriormente. Percebi grande insatisfação daquele professor com esta informação, já que este comentara que fazia anos que tinha envolvimento direto com aquelas crianças e jovens.

Mais tarde, neste mesmo dia, tomei conhecimento que o professor apenas compareceu no local para conversar comigo e com preocupação com o andamento da pesquisa, já que este possuía horas extras e não tinha mais necessidade de estar presente para exercer suas funções no local. Tal atitude foi valorizada por mim, agradecendo seu envolvimento e responsabilidade. Na oportunidade, realizei também a entrevista com este professor e o material certamente enriqueceu o estudo.

A partir do ocorrido, tentei mobilizar ainda os jovens adolescentes para se deslocarem naquele mesmo dia, conforme estava marcado para o nosso encontro, mas foi em vão. Surpreendi-me ainda com uma mensagem recebida de um dos jovens, aquele que parecia mais intransigente, dizendo que "já estava indo". Esperamos durante mais ou menos uma hora e meia com a esperança de que mais jovens aparecessem, mas foi em vão.

Como já havia sido realizado um encontro com os jovens adolescentes e as informações obtidas eram de riqueza singular, decidi tentar remarcar o segundo encontro com aqueles que estavam presentes e ainda mobilizar os ausentes para uma nova data. Na semana seguinte, novamente me desloquei para Canoas, sempre lembrando todos os participantes do nosso encontro por meio de mensagens no *Whats*. Pela segunda vez acabei não tendo um número de jovens adolescentes suficientes para realizar o grupo de discussão, já que apareceram somente três.

Para valorizar a presença daqueles três jovens presentes, realizei um momento onde discutimos questões relativas à pesquisa e falamos sobre os temas que o estudo aborda. Ficou claro para mim que, com o encerramento das atividades ligadas ao futebol naquele ano e a incerteza da continuidade daquele PPSE, seria difícil conseguir mobilizar os jovens adolescentes para comparecerem ao centro comunitário apenas em razão da pesquisa. Lembro que o primeiro encontro naquele PPSE havia acontecido antes das atividades relacionadas ao futebol naquele mesmo dia, ou seja, independente da pesquisa os jovens iriam se deslocar para aquele local.

A partir disso, optei mais uma vez em buscar outro PPSE a fim de que a pesquisa não fosse prejudicada, principalmente porque o projeto previa a realização de três encontros

para a realização dos grupos de discussão em três PPSE diferentes.

Assim, me propus a buscar um programa ou projeto social em Novo Hamburgo, cidade que vivia um período de euforia no futebol, já que a equipe de futebol profissional daquele município havia conquistado recentemente o seu primeiro título estadual, desbancando os favoritos Internacional e Grêmio. Refiro-me ao clube Novo Hamburgo, que leva o nome da cidade.

Para buscar um PPSE em Novo Hamburgo, voltei a entrar em contato com a Secretaria de Esportes daquele município. A partir deste novo contato recebi a indicação de dois locais onde eu poderia realizar a pesquisa. Desse modo, com o contato dos coordenadores destes outros projetos sociais esportivos, marquei um horário com cada um deles para falar um pouco sobre a pesquisa e minhas intenções de realização dos grupos de discussão com os jovens adolescentes.

Percebi então que existiam algumas informações desencontradas no que se referia à faixa etária que um dos PPSE contemplava, já que logo no primeiro encontro fui informado que ali eu não encontraria jovens adolescentes para a realização de meu estudo.

No outro local, também naquela cidade, parecia que a sorte iria mudar, já que eu fora muito bem recebido por dois professores dentro do próprio campo de futebol onde as atividades aconteciam. A partir disso, uma longa conversa aconteceu, principalmente sobre o futebol e algumas questões que eu contemplo no estudo. Tomei conhecimento de imediato que aquele PPSE era mantido por um ex-jogador profissional de futebol que havia iniciado seus passos no futebol em um programa social.

Naquela mesma tarde, dia 14 de dezembro, fui apresentado para um grupo de jovens adolescentes que fariam aula mais tarde. Após conversar um tempo com os jovens, entreguei os temos de assentimento e consentimento para que na semana seguinte pudéssemos realizar o primeiro encontro e grupo de discussão. Conforme realizado em outros PPSE envolvidos com a pesquisa, também me preocupei em fazer um grupo de contatos no *Whats* para facilitar a transmissão de recados e principalmente, lembra-los da data e horários marcados para nosso primeiro encontro.

No primeiro encontro então, dia 19 de dezembro de 2017, no horário e local marcado, infelizmente somente um dos jovens compareceu. Aguardei ainda mais 30 min. e apenas outro jovem compareceu. A partir da constatação da falta de compromisso daqueles jovens que anteriormente haviam se comprometido para fazer parte do estudo, optei em conversar novamente com o professor responsável pelo projeto e buscar alternativas para a realização do estudo naquele projeto social. Foi então que, em comum acordo, decidimos que outro projeto social da mesma cidade poderia ser consultado para a realização da pesquisa, já que naquele que eu obtivera recente insucesso, a quantidade de jovens adolescentes não era grande, e pelo que foi constatado, o voluntariado destes para a realização do estudo não se confirmou. Como estávamos já quase no período de festas de final de ano, resolvi aguardar 2018 para então estruturar novos contatos para finalmente realizar aquele que seria o terceiro PPSE participante da pesquisa.

NOTAS DE CAMPO – PARTE II

Primeiros encontros com os jovens adolescentes para a realização do grupo de discussão em um PPSE na cidade de São Leopoldo.

Movido por um entusiasmo enorme, por aquele momento se constituir no primeiro encontro que eu estava realizando para começar os grupos de discussão previstos na pesquisa, me dirigi naquele dia para o local combinado com o coordenador daquele PPSE para receber os jovens adolescentes com grande antecedência. Após as tentativas frustradas em Porto Alegre, o início da pesquisa acabou acontecendo em um PPSE em São Leopoldo.

Para deixar os participantes à vontade, escolhi como local para o encontro um ambiente fechado, porém ao lado de um campo oficial de futebol de campo. A grande janela existente naquele ambiente fazia parecer que estávamos dentro do campo. Achei que ali seria um lugar perfeito para concentrar nosso encontro para discutir questões que envolvessem o futebol.

Chegada a hora prevista para a atividade que eu tinha planejado, tive a impressão de que o monitor que acompanhava os jovens adolescentes parecia não estar disposto a liberar os alunos para a realização das atividades por conta de uma partida de futebol que havia sido marcada também para aquele dia. Logo percebi que a pessoa que me atendeu anteriormente e marcou a data, hora e local para o primeiro encontro com os jovens parecia não ter comunicado os professores e monitores sobre a pesquisa.

Quando os alunos chegaram, mais ou menos 30 minutos depois do horário marcado (importante salientar que estes já estavam na sede onde funciona o PPSE na hora combinada, porém por todo esse tempo permaneceram com o professor conversando), pareciam desconfiados, mesmo entre eles quase não se falavam. Mas bastou a nossa atividade inicial começar, com uma breve apresentação minha seguida de uma dinâmica de grupo que o bate papo tomou conta mais naturalmente e todos passaram a se sentir à vontade.

A ideia de realizar o encontro ao lado do campo de futebol foi com o propósito de deixar os participantes em um espaço conhecido e frequentado por eles seguidamente. Outra preocupação minha para aquele dia, já que era o primeiro, foi de identificar o melhor local para deixar a câmera filmadora. Por ficar um pouco preocupado com o volume das gravações, optei em retirar a filmador do tripé e segurá-la na mão, direcionando e aproximando mais dos participantes do grupo de discussão a fim de não perder qualidade nos registros.

Todo transcorrer daquele primeiro encontro com os jovens adolescentes foi ótimo, com boa participação destes e ainda em um clima bem descontraído após os minutos iniciais.

Para a realização do segundo encontro neste município, também me pareceu que os professores e monitores não estavam informados sobre a continuidade da pesquisa. Mesmo estando marcado o grupo de discussão para o mesmo local que havia acontecido

o primeiro encontro, tomei conhecimento que as atividades com os jovens naquele dia aconteceriam em outro ponto da cidade, bastante distante daquele local onde estive no outro dia. Felizmente como eu sempre estava atento e preocupado com questões que poderiam vir à tona, mesmo aquelas não programadas, no dia anterior ao segundo encontro consegui me organizar para conhecer o local onde os jovens estariam para verificar a possibilidade de realizar lá o grupo de discussão.

Assim, mesmo não tendo sido avisado da programação diferente que os jovens teriam naquele dia, consegui realizar a visita ao outro local antes e definir um espaço para o grupo de discussão, tendo a preocupação de avisar os professores e monitores, bem como os jovens, que o segundo encontro aconteceria no local onde eles estariam fazendo as atividades do PPSE daquele dia.

Chegado o dia para o segundo encontro, 21 de novembro de 2017, acabei tendo uma ajuda grande do pessoal que trabalha naquele PPSE e logo o espaço para a realização do encontro foi organizado. Recebi também naquele dia uma informação por intermédio do coordenador daquele projeto que me deixou feliz. Segundo ele, os participantes do grupo de discussão haviam gostado do primeiro encontro e que estavam motivados para participar dos outros dois.

Para o terceiro e último encontro marcado para aquele PPSE, eu havia recebido um recado para que eu fosse pontual já que depois de realizadas as minhas atividades com os jovens, eles teriam uma atividade especial naquela tarde. Preferi não comentar nada com os professores do PPSE que nas duas vezes anteriores, os atrasos que haviam acontecido foram ocasionados por eles próprios, por certa falta de organização, informação e pontualidade dos próprios professores do programa. Nos dois primeiros encontros eu estava pronto para as atividades com praticamente 1h de antecedência, procurei assim apenas manter minha dinâmica e organização para a sequencia das atividades.

Logo ao chegar fiquei sabendo que naquele dia a programação especial para os jovens envolvia atividades em uma piscina da Associação Atlética Banco do Brasil, local onde aquele PPSE realizava algumas atividades semanais. Com certeza seria um dia especial para os jovens adolescentes, por isso já previa que a motivação do grupo poderia ser diferente naquele dia.

Ao organizar meu material no local para o encontro, ainda antes da chegada dos jovens, um alarme soava forte, podendo ser um impedimento para a realização de uma gravação de áudio e vídeo com qualidade. Por conta deste imprevisto, procurei outro espaço que fosse possível organizar uma roda com as cadeiras para aquele momento.

Mesmo tendo sido feita para mim aquela solicitação de pontualidade, os jovens adolescentes chegaram com 30 minutos de atraso naquele dia. Ainda, um dos jovens que participava do grupo de discussão havia sido solicitado para ajudar um dos professores do projeto na colocação de uma corda dentro da piscina. Valorizei muito o fato deste jovem, depois de ajudar o professor, mesmo com a roupa toda molhada, ter feito questão de participar da realização do nosso ultimo encontro.

O terceiro encontro ocorreu normalmente com os jovens, porém neste dia achei que eles estavam falando menos, talvez preocupados com o tempo que teriam para utilizar a piscina depois do nosso momento. Ainda naquele dia, durante o grupo de discussão, fui

surpreendido por uma pessoa do projeto (profissional), a qual não se apresentou nem antes e tampouco depois daquele momento, e ficou durante bons minutos ao lado dos jovens acompanhando seus depoimentos no grupo de discussão. Após sua chegada, com educação perguntei se gostaria de falar com um dos jovens ou comigo, mostrando que, de certo modo, sua presença poderia estar inibindo os jovens. Então ela sinalizou que não era nada e permaneceu ali acompanhando o grupo de discussão. Passados alguns minutos, desliguei a câmera e olhando para ela questionei novamente se ela gostaria de dar algum recado ou falar comigo. Ela comentou que talvez os jovens estivessem falando pouco em virtude de estarem ansiosos para ir para a piscina. Acredito que naquele momento ela percebeu que estaria talvez constrangendo os jovens e se retirou. Após este ocorrido, o grupo de discussão seguiu normalmente acontecendo e sem interrupção.

NOTAS DE CAMPO – PARTE III

Encontros com os jovens adolescentes de Sapucaia do Sul para a realização dos grupos de discussão.

Para os acertos da pesquisa em Sapucaia do Sul as coisas não foram inicialmente fáceis. Um dos fatores que dificultou o processo foi o fato de que não era permitido fazer um contato direto com a Secretaria Municipal de Esportes para este tipo de solicitação. Para tanto eu deveria encaminhar toda documentação para outro órgão municipal que após apreciação iria encaminhar ou não para as pessoas lotadas em departamentos de esportes ou educação daquele município.

Passadas algumas semanas e após muita insistência de minha parte, as coisas começaram a andar e assim foi possível dar o encaminhamento para a realização dos grupos de discussão em um dos PPSE daquele município.

Fui encaminhando inicialmente para um núcleo da periferia de Sapucaia do Sul onde ocorriam atividades daquele projeto com crianças e jovens com o futebol. Assim, conforme solicitado, me encaminhei para lá em uma data marcada para primeiramente assistir as atividades desenvolvidas e poder conversar com os monitores para dar andamento a pesquisa e já selecionar os jovens adolescentes que fariam parte.

Aquela tarde naquele campo de futebol de várzea, porém, acabou servindo apenas para conhecer um pouco mais do PPSE, já que naquele núcleo existiam apenas dois alunos com a faixa etária que eu necessitava para realizar a pesquisa de campo. Assim, agradeci ao professor e monitor e novamente voltei a me comunicar com a Secretaria Municipal de Esportes de Sapucaia do Sul para identificar outro núcleo onde tivessem jovens adolescentes em quantidade suficiente para a realização dos grupos de discussão.

Fui encaminhado então para outro bairro da cidade ao encontro de outro núcleo que também realiza atividades com o futebol dentro daquele PPSE. Já preocupado com a necessidade de localizar um núcleo com jovens adolescentes para dar prosseguimento para a pesquisa, naquele primeiro momento esta já foi uma de minhas indagações para o professor responsável por aquele lugar e atividades.

Muito solícito, tanto no dia de nossa primeira conversa, bem como no dia do

primeiro encontro com os jovens, naquele núcleo do PPSE tudo se encaminhou bem para a escolha dos jovens adolescentes e a definição das datas para a realização dos grupos de discussão. De imediato percebi um perfil um pouco diferente daqueles jovens adolescentes, se comparados com o grupo de São Leopoldo onde eu já havia encerrado a pesquisa. No bate papo inicial identifiquei, sem ter certeza, que talvez aqueles jovens não fossem de uma comunidade tão carente como o grupo de jovens de são Leopoldo, mesmo que todos eram alunos de escolas públicas e participavam ativamente do programa social oferecido pelo município.

Para organizar o encontro, me instalei em um quiosque ao lado de um ginásio de esportes e um campo de futebol de campo, local ótimo e com estrutura boa para poder fazer os encontros e os registros. O único trabalho que tive foi organizar as cadeiras corretamente.

Na data marcada para o primeiro encontro, 22 de novembro de 2017, seis jovens adolescentes compareceram no horário marcado e solicitei para que aguardássemos um pouco para ver se os dois alunos ausentes ainda chegariam. Com alguns minutos de atraso iniciamos então o grupo de discussão, todos estavam presentes. Diferentemente de São Leopoldo, ali de imediato se instalou um clima descontraído, desde a chegada dos jovens. Fui premiado já no primeiro encontro com depoimentos emocionantes e que trouxeram informações ricas para o estudo.

No segundo encontro em Sapucaia do Sul foi possível identificar que todos levaram a serio as atividades relacionadas à pesquisa. Novamente um clima de descontração se instaurou de imediato, com todos os presentes se sentindo muito à vontade. Para puxar o papo inicial, narrei um acidente que aconteceu bem próximo a mim quando eu recém havia saído do primeiro encontro que havíamos feito na semana anterior. Percebi que os jovens estavam bem a vontade e não havia qualquer tipo de estranhamento.

Outro fator que ajudou bastante naquele dia foi o fato de que, mais tarde, no mesmo dia, aconteceria a partida final da Taça Libertadores da América, competição importante do futebol. Naquela edição um clube importante do futebol gaúcho estava envolvido. Assim, pude também falar um pouco sobre isso.

Também como no PPSE visitado em São Leopoldo, em Sapucaia também ficou aparente como dois jovens tinham muita naturalidade para se expressar e outros dois pareciam ser mais fechados, com certa dificuldade em manifestar suas ideias.

Para o terceiro e último encontro com aqueles jovens de Sapucaia, também pude me apropriar do momento especial em que o futebol gaúcho se encontrava, já que a conquista do Grêmio na Taça Libertadores da América havia contagiado os jovens que torciam para esse time. Nesse clima de descontração e de “flauta” dos gremistas sobre os colorados que iniciamos o último dia de discussões sobre o futebol.

Ao término dos nossos encontros, fiz questão de elogiar o envolvimento dos jovens e o interesse que estes demonstraram durante todos os nossos encontros. Também procurei elogiar o trabalho realizado naquele PPSE pelos professores.

NOTAS DE CAMPO – PARTE IV

Encontros com os jovens adolescentes de Novo Hamburgo para a realização dos grupos de discussão.

A partir dos insucessos com os dois primeiros projetos sociais escolhidos anteriormente para a pesquisa na cidade de Novo Hamburgo, busquei por meio de outros contatos telefônicos, identificar outros PPSE que poderiam viabilizar a continuidade do estudo. Por meio de informações com profissionais atuantes, tanto no futebol, como em outros programas sociais, localizei mais um projeto ligado ao futebol.

Logo no primeiro contato, em março de 2018, ainda por telefone, foi possível identificar que aquela escolha havia sido acertada. Fui muito bem atendido e no dia marcado para eu apresentar um pouco do estudo que vinha realizando e verificar a possibilidade da realização da pesquisa naquele espaço, outro profissional havia sido indicado para me receber. De imediato me impressionei pela qualidade das instalações e aparência de organização e profissionalismo existentes.

Ao longo de mais de uma hora de diálogo, soube que o professor que me recebia tinha longa experiência acadêmica, tendo realizado inclusive seu curso de doutorado fora do país. Naquele ambiente, fui bem recebido e ficou nítida a sensação de que os profissionais de lá reconheciam a importância da realização de pesquisas, tanto para o meio acadêmico, como para o próprio projeto em que estavam inseridos.

A partir daquele momento foi solicitado a mim que retornasse em cinco dias para colher os nomes dos alunos do PPSE escolhidos para fazerem parte da pesquisa, e assim poder ter o primeiro contato com estes e entregar os termos de assentimento e consentimento.

Na semana seguinte então, compareci no horário marcado para poder conversar com os alunos selecionados e marcar a data para o primeiro encontro. Já na chegada, percebi que o professor responsável pela aula ainda não tinha conhecimento sobre a realização da pesquisa, e os alunos não haviam sido também indicados para a pesquisa. Naquela tarde, permaneci durante duas horas naquele ginásio de esportes aguardando apenas a indicação dos alunos e seus contatos telefônicos ou de *Whats* para que eu pudesse agendar com maior segurança os três encontros posteriores.

A partir disso, alguns alunos foram selecionados, porém alguns não estavam presentes naquele dia. O professor responsável pela turma pareceu não estar muito disposto a ceder alguns minutos de sua aula para que eu conversasse com os jovens adolescentes, e por isso, a espera foi enorme para que eu conseguisse o contato de todos. Tendo percebido nos encontros realizados anteriormente em outros municípios que a assiduidade dos jovens escolhidos para a pesquisa dificilmente era igual a 100%, já que normalmente um ou outro jovem acabava não comparecendo nos encontros, para esta última etapa da pesquisa no campo prático, resolvi convidar nove jovens. Ao final dos encontros pude perceber que a decisão em realizar o grupo de discussão com esta quantidade de jovens foi acertada, já que nos dois últimos encontros naquele local, apenas sete jovens se fizeram presentes.

Para a realização dos encontros naquele PPSE, uma sala ampla, arejada e com um espelho enorme foi cedida. No primeiro encontro, todos os jovens compareceram com pontualidade, porém alguns, como o grupo de discussão aconteceu antes das atividades com o futebol, preferiram ainda ir se trocar para depois poderem ir direto para as atividades práticas do PPSE.

Após algumas palavras iniciais, o encontro transcorreu bem, tendo nitidamente, como nos outros PPSE visitados, um ou dois alunos que tomavam frente nos depoimentos e contribuições. Chamou-me atenção com aquele grupo, diferentemente dos outros, uma postura mais séria de imediato, tanto na postura dos participantes, como mais tarde pude perceber, na forma destes abordarem os temas e suas opiniões.

Para o segundo encontro, foi utilizada a mesma estratégia para facilitar o envolvimento dos participantes, sendo escolhido um horário anterior as atividades regulares daquele PPSE para aquela turma. Também naquele dia senti um envolvimento grande dos jovens com os temas, um olhar mais maduro e sério tanto na forma de se posicionarem, como no modo de pensar. Infelizmente, dois alunos não se fizeram presentes naquela data, porém a discussão ocorreu normalmente e os depoimentos foram todos gravados e depois transcritos para as análises posteriores.

Na data marcada para o último encontro com os jovens adolescentes de Novo Hamburgo, fui informado que o PPSE faria uma atividade diferenciada em outro local, por isso, foi sugerido que eu mudasse minha programação, já que seria provável que os jovens não iriam comparecer em bom número, pois estariam envolvidos com as atividades do projeto em local diferente. A partir disso, marquei com todos os alunos envolvidos uma nova data, na semana seguinte para poder fazer o último encontro.

Quem sabe pela razão dos encontros neste PPSE terem se desenvolvido em um ambiente não tão descontraído como os demais, dada a postura dos alunos, mais sérios, diferentemente dos encontros nos outros PPSE, naquele dia o roteiro e temas discutidos terminaram encerrando mais cedo. Esse fato fez com que fosse possível revisitar questões levantadas nos encontros anteriores, buscando novos depoimentos sobre aspectos que eu julguei importantes e que já estavam sinalizados no meu material de apoio, caso surgisse a possibilidade para tanto.

O término daquele terceiro encontro foi interessante, já que os alunos, também de modo diferente dos outros PPSE, permaneceram um tempo maior sentados no local onde o grupo de discussão havia sido realizado, após seu encerramento. Naquele momento aproveitaram para conversar comigo sobre alguns temas da pesquisa e ainda sobre questões relativas à minha experiência profissional. Ressalto, porém, que os diálogos que seguiram após o encerramento do grupo de discussão não foram aproveitados para a pesquisa. Já era o segundo dia do mês de abril de 2018, estavam sendo encerrados naqueles dias os grupos de discussão para a pesquisa e as entrevistas com educadores.

SOBRE O AUTOR

HANS GERT ROTTMANN - Profissional com ampla experiência na Educação Física e nos Esportes, atua como gestor, professor e técnico esportivo. Ao longo dos anos, traçou e percorreu um caminho vitorioso dentro das quadras, campos e pistas, mas nunca deixou de estar engajado com o Ensino, Pesquisa e Extensão junto a universidades e clubes. Doutor em educação, tendo sido sua pesquisa indicação pela universidade ao Prêmio Capes de Tese, GERT também possui Mestrado, especialização em Esportes e Educação Física e é graduado em Licenciatura Plena em Educação Física. Foi bolsista na University of Education, Alemanha, onde desenvolveu importantes estudos e apresentou uma de suas pesquisas. Realizou cursos complementares na Staatliche Sportakademie für Lehrerfortbildung, na cidade de Ludwigsburg, também Alemanha. Possui experiência como docente na educação básica e superior, tendo atuado em Cursos de Graduação no Sul, Norte e Nordeste do Brasil. Em universidades, além da docência, exerceu funções como: Coordenador de Curso; Gerente de Esportes; Técnico de Voleibol e Professor no EAD. Enquanto gestor esportivo criou e realizou projetos no esporte de rendimento, universitário, educacional e amador. Foi responsável pela formação de parcerias com a iniciativa privada e púbica para a formação de Programas e Projetos ligados ao esporte de lazer e inclusão social. Criou e organizou projetos voltados à qualidade de vida e saúde dos colaboradores das instituições onde estava inserido e comunidade. Foi técnico de voleibol de diferentes equipes, chefiando delegações em campeonatos estaduais e nacionais. Em seu currículo esportivo, coleciona mais de 150 títulos, onde se destacam as conquistas de Campeonatos Estaduais e os títulos universitários. Em 2020, durante a pandemia, se destacou criando uma série de desafios esportivos para esportistas que estavam em isolamento social. Tais desafios tiveram grande adesão entre esportivas e repercussão nas mídias, refletindo positivamente para a saúde mental e física de centenas de pessoas. Ainda no período de pandemia, foi convidado pela Confederação Brasileira de Voleibol - CBV para ministrar palestra no Dia do Profissional da Educação Física no canal Vôlei Brasil. Com diferentes publicações e eventos organizados em torno do esporte, atualmente tem se dedicado na gestão de um programa de esportes que atende diferentes municípios e preparado palestras e cursos. Os seguintes temas têm sido recorrentes em seus estudos e falas: Esportes na pandemia; Saúde mental e física nos esportes; Iniciação esportiva; Educação Física na atualidade: Necessidades e desafios; Futebol e projetos de vida; O imaginário sobre o futebol; Futebol em Programas Sociais; Voleibol: Iniciação ao alto rendimento; Lazer digital x Esportes: Reflexões e diretrizes.

O IMAGINÁRIO DO FUTEBOL NO BRASIL:

Interferências nos Modos de Viver, Projetos de Vida e Futuro de Jovens Adolescentes Vinculados a Programas Sociais Esportivos

www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
@atenaeditora
www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena Editora
Ano 2021

O IMAGINÁRIO DO FUTEBOL NO BRASIL:

Interferências nos Modos de Viver, Projetos de Vida e Futuro de Jovens Adolescentes Vinculados a Programas Sociais Esportivos

www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
@atenaeditora
www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena Editora
Ano 2021